

TARDE DEMAIS

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

O THRILLER ROMÂNTICO MAIS SOMBRIO DESDE *VERITY*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

TARDE DEMAIS

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

O THRILLER ROMÂNTICO MAIS SOMBRIO DESDE *VERITY*

**COLLEEN
HOOVER**

**TARDE
DEMAIS**



os livros em primeiro lugar



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Edição em formato digital: maio de 2024

TARDE DEMAIS

Título original: *Too Late*

© 2023, Colleen Hoover

Publicado originalmente em 2016 por Colleen Hoover.

Edição revista publicada em 2023 por Grand Central Publishing, uma chancela de Hachette Book Group, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Esta edição foi publicada por acordo com Dystel, Goderich & Bourret LLC., através de International Editors and Yañez' Co.

Topseller é uma chancela de Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*. Sem a prévia autorização por escrito do editor, esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por meio de gravação ou por qualquer processo mecânico, fotográfico ou eletrónico, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas.

Editora: Ana Beatriz Manso

Coordenação editorial: Vanessa Domingos

Tradução: Fernanda Semedo

Revisão: Daniela Maciel

Capa: Murphy Rae Fennell

© 2023 Hachette Book Group, Inc.

Adaptação da capa: Wonder Studio / Ana Teixeira

ISBN: 978-989-787-999-9

Composição digital: leerendigital.com

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [topseller.editora](https://facebook.com/topseller.editora)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

Tarde Demais

Créditos

Dedicatória

Carta aos Leitores

Tarde Demais

Epílogo

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre Colleen Hoover

Este livro é dedicado a todos os membros do grupo de Facebook Too Late.

Obrigada por fazerem desta uma das minhas experiências favoritas de escrita.

Especialmente a ti, Ella Brusa.

Caros leitores,

Este livro foi iniciado em 2012 como um projeto no qual trabalhar enquanto atravessava um bloqueio de escrita. Nunca pensei publicá-lo, porque é muito diferente das outras histórias que escrevo. É mórbido e vulgar, mas foi um escape divertido num momento em que dei por mim emperrada nas outras coisas mais doces que andava a escrever.

Quando, há alguns anos, mencionei este projeto inacabado, vários leitores pediram para ler o que tinha escrito. Coloquei os capítulos num website gratuito e, ao longo dos anos seguintes, fui ocasionalmente acrescentando conteúdo. O que começou por ser algo que não se destinava a ser lido por ninguém transformou-se em algo que estava ansiosa por concluir, graças àqueles que me liam enquanto ia escrevendo. Escrevia e atualizava os capítulos frequentemente, pelo que a história foi escrita em tempo real, ao contrário dos meus outros romances. A publicação e o *feedback* imediato de cada capítulo acabaram por se tornar um vício para mim e para os leitores que eram fãs da história. Quando finalmente chegou ao fim, publiquei o livro completo, gratuitamente, através da Amazon Kindle, mas nunca foi publicado oficialmente.

Agora que o livro chega às prateleiras das livrarias com a ajuda da Grand Central Publishing, quis revisitá-lo e reformular parte do conteúdo. Devido à forma como o livro foi escrito e publicado, há coisas que teria alterado caso tivesse passado por um processo de edição profissional. Fiz o meu melhor para manter intactas as personagens e a história original, mas tomei a liberdade de ajustar algumas cenas e apagar outras, e até acrescentei algumas coisas.

Se ainda não conhece este livro, espero que desfrute dele, apesar de ser completamente diferente dos meus outros romances. Para

alguns de vós, será uma leitura de entretenimento. Para outros, pode ser difícil de digerir. Quer pertençam a um grupo quer a outro, agradeço-vos por fazerem parte de cada um dos meus livros, sejam romances a que dediquei meses ou anos, sejam histórias como esta, escritas no impulso do momento, para serem lidas, de preferência, só por adultos. Este livro não é, de todo, apropriado para crianças ou jovens adolescentes. Recomenda-se cautela na leitura.

Com afeto,
Colleen Hoover

Aviso: este livro inclui linguagem suja, cenas sexuais gráficas, homicídio, violação e consumo de drogas.

SLOAN

Dedos quentes entrelaçam-se nos meus, enterrando as minhas mãos no colchão. As minhas pálpebras estão demasiado pesadas para abrirem, devido à falta de sono que tive esta semana. A falta de sono que tive todo o mês, na verdade.

Raios, todo este maldito *ano*!

Gemo e tento fechar as pernas, mas não consigo. Sinto pressão em todo o lado. No peito, de encontro à bochecha, entre as pernas. Demoro alguns segundos a arrancar a minha mente deste torpor sonolento, mas estou suficientemente acordada para perceber o que ele está a fazer.

— Asa — resmungo, irritada. — Sai de cima de mim.

Ele atira o seu peso de encontro a mim repetidamente, gemendo no meu ouvido, a sua barba matinal arranhando-me a bochecha.

— Estou quase a acabar, amor — resfolega de encontro ao meu pescoço.

Tento soltar as mãos, mas ele aperta-as com mais força, recordando-me de que não sou mais do que uma prisioneira na minha própria cama, e ele é o guarda do quarto. O Asa sempre conseguiu fazer-me sentir que o meu corpo estava à sua disposição. Nunca é mau nem violento em relação a isso — é apenas carente, o que eu acho deveras inconveniente.

Como agora.

Às seis horas da maldita manhã.

Adivinho as horas pela luz do sol que espreita através da fenda sob a porta, e pelo facto de o Asa estar a chegar agora à cama depois da festa da noite passada. Eu, porém, tenho de estar nas aulas daqui a menos de duas horas. Não era assim que escolheria ser arrancada do sono depois de dormir apenas três horas.

Enrolo as pernas na cintura dele e espero que pense que estou a alinhar. Quando me mostro meio interessada, ele despacha-se mais depressa.

Segura-me o seio direito na palma da mão e eu solto o gemido esperado, exatamente quando ele começa a estremecer.

— *Foda-se* — geme, enquanto enterra a cara no meu cabelo, meneando-se vagarosamente de encontro a mim. Após alguns segundos, tomba em cima de mim e suspira pesadamente, depois beija-me a bochecha e rola para o seu lado da cama. Levanta-se, tira o preservativo e lança-o para o balde do lixo e em seguida pega numa garrafa de água que está na mesa de cabeceira. Leva a garrafa aos lábios, varrendo com os olhos o meu corpo nu. Os seus lábios abrem um sorriso vagaroso. Está confiantemente nu ao lado da cama, bebendo o resto da água.

Apesar da sua boa aparência, tem os seus defeitos. Na verdade, a sua aparência pode ser a única coisa em que *não* encontro defeitos. É arrogante, impulsivo, e, por vezes, é difícil lidar com ele. Mas ama-me. Ama-me como o caraças! E estaria a mentir se dissesse que não o amo também. Há tantas coisas que mudaria nele se pudesse, mas neste momento ele é tudo o que tenho, pelo que lido com isso. Ele acolheu-me quando eu não tinha mais nenhum sítio para onde ir. Mais ninguém a quem recorrer. É apenas por essa razão que o aturo.

Não tenho outra escolha.

Ele levanta a mão e limpa a boca, depois atira a garrafa vazia para a lata do lixo. Passa a mão pelo espesso cabelo castanho e pisca-me o olho, depois volta a deitar-se na cama e inclina-se para mim, beijando-me suavemente nos lábios.

— Boa noite, amor — diz, rolando para ficar deitado de costas.

— Queres dizer bom dia — respondo, levantando-me relutantemente da cama. A minha t-shirt está enrolada em volta da cintura, por isso puxo-a para baixo, pego numas cuecas e noutra t-

shirt. Atravesso o corredor até à banheira, aliviada por nenhum dos nossos inúmeros colegas de casa estar a ocupar a casa de banho do primeiro andar.

Vejo as horas no telemóvel e estremeço quando percebo que não terei tempo sequer para tomar um café. É a primeira aula do semestre e já planeio usá-la para pôr o sono em dia. Não é um bom augúrio.

Não há hipótese de manter as coisas assim. O Asa nunca vai às aulas com regularidade, mas passa sempre com notas quase perfeitas. Eu esforço-me só para me manter à tona e não faltei um único dia no semestre passado. Bem, fisicamente. Infelizmente, vivemos com tanta gente que nunca há um momento de silêncio em casa. Dou por mim a adormecer nas aulas com muita frequência; são os únicos momentos em que tenho paz e sossego. As festas parecem acontecer a todas as horas do dia e da noite, sem respeitar quem tem aulas no dia seguinte. Em nossa casa, não há distinção entre fins de semana e dias de semana, e a renda não tem influência em quem vive aqui.

Durante metade do tempo, nem sequer sei quem cá vive. O Asa é o dono da casa, mas adora estar rodeado de pessoas. Aprecia as permanentes portas giratórias, abertas para toda a gente. Se eu tivesse recursos, arranjava um lugar para mim num ápice. Mas não tenho. Isso significa mais um ano de puro inferno antes de me licenciar.

Mais um ano e estarei livre.

Dispo a t-shirt e atiro-a para o chão, depois abro as cortinas da banheira. Quando estou prestes a pegar no chuveiro, grito a plenos pulmões. Desmaiado na banheira, completamente vestido, está o nosso mais recente colega de casa a tempo inteiro, o Dalton.

Ele acorda, sobressaltado, bate com a cabeça na torneira e grita. Baixo-me e apanho a t-shirt no momento em que a porta se abre e o Asa entra a correr.

— Sloan, estás bem? — diz freneticamente, virando-me para ele, verificando se tenho ferimentos. Abano a cabeça febrilmente e aponto para o Dalton na banheira.

O Dalton geme.

— Eu não estou bem. — Apalpa a cabeça acabada de magoar e tenta arrastar-se para fora da banheira.

O Asa olha para o meu corpo nu, até onde o tapo com a t-shirt nas mãos, e depois para o Dalton. Receio que fique com uma ideia errada

e começo a explicar, mas ele interrompe-me com um sonoro e inesperado ataque de riso.

— Foste tu que lhe fizeste aquilo? — Está a apontar para a cabeça do Dalton.

Abano a cabeça.

— Ele bateu com a cabeça na torneira quando eu gritei.

O Asa ri-se ainda mais e estende uma mão para o Dalton, depois puxa o que falta do corpo dele para fora da banheira.

— Anda lá, meu. Precisas de uma cerveja. A cura para as ressacas. — Empurra o Dalton para fora da casa de banho e segue atrás dele, fechando a porta quando sai.

Fico ali imóvel, ainda a segurar a t-shirt junto do peito. A parte triste é que esta é a terceira vez que isto acontece. Um idiota diferente de cada vez, desmaiado na banheira. Faço uma nota mental para, de agora em diante, verificar a banheira antes de me despir.

CARTER

Tiro o horário do bolso e desdobro-o para procurar o número da sala.

— Isto é uma treta — digo para o telemóvel. — Licenciiei-me já há três anos. Não me inscrevi nesta merda para andar a fazer trabalhos de casa.

O Dalton ri-se sonoramente, obrigando-me a afastar o telefone da orelha alguns centímetros.

— Coitadinho — diz. — Eu tive de dormir numa maldita banheira na noite passada. Aguenta, mano. Desempenhar o papel faz parte da tarefa.

— Para ti é fácil falar. Estás inscrito numa aula por semana. Eu tenho três. Porque é que o Young só te deu uma?

— Talvez eu faça melhores broches — diz o Dalton.

Baixo o olhar para o meu horário e volto a erguê-lo para o número na porta diante de mim, descobrindo que bate certo.

— Tenho de ir. *La clase de Español*.

— Carter, espera. — O tom dele é mais sério. O Dalton pigarreia e prepara-se para o seu «discurso motivacional de parceiro». Tenho sofrido com estes discursos diariamente desde que começámos a trabalhar juntos. Ele não tem de me lembrar do motivo para estarmos aqui. Eu percebo que tenho um dever. O meu dever é concluir o trabalho pelo qual sou pago... que é desmascarar o maior cartel de droga num *campus* em toda a história universitária. O problema da

droga na universidade local multiplicou-se dez vezes, só nos últimos três anos. Diz-se que o Asa Jackson é a única razão para isso. O Asa e toda a gente no seu círculo. É por isso que eu e o Dalton estamos aqui, para identificar os atores principais. Eu e o Dalton somos apenas uma pequena parte desta operação, mas são as pequenas partes que compõem um grande todo, e cada um dos nossos papéis é vital. Até o papel de fingir ser um estudante universitário. *Outra vez.* Só gostava de ter começado o semestre na semana passada, como toda a gente da turma, mas o departamento demorou uma eternidade para me inserir no sistema.

— Tenta tornar isso divertido, meu — diz o Dalton. — Estamos tão perto de obter tudo o que precisamos... estarás aí dois meses, no máximo. Arranja um belo rabo de saias e senta-te ao lado dela. Fará os dias passarem mais depressa.

Olho através da janela da porta. A sala está praticamente cheia, apenas com três lugares vagos. O meu olhar recai imediatamente numa rapariga ao fundo da sala, ao lado de uma das cadeiras vazias. Os seus cabelos negros estão espalhados sobre a cara enquanto ela repousa a cabeça nos braços. Está a dormir. Consigo sentar-me junto dos adormecidos; são os faladores incessantes que não tolero.

— Olha, olha. Já arranjei um rabo de saias ao lado de quem me sentar. Falo contigo depois do almoço.

Termino a chamada e abro a porta da sala enquanto tiro o som do telemóvel. Puxo a alça da mochila para o ombro enquanto subo os degraus para o fundo da sala. Espremo-me para passar por ela até ao lugar vazio, atirando a mochila para o chão e o telefone para cima da mesa. O som que o telefone faz ao embater na madeira sólida arranca a rapariga do sono. Ela endireita-se imediatamente, com os olhos muito abertos. Olha em volta da sala, frenética e confusa, depois baixa o olhar para o caderno na sua mesa. Puxo a cadeira e sento-me ao lado dela. Ela fita o meu telemóvel em cima da mesa diante de nós, e depois olha para mim.

O cabelo dela está uma confusão e há um rasto brilhante de baba a escorrer-lhe do canto do lábio até ao queixo. Fita-me intensamente, como se eu tivesse interrompido o único minuto de sono de toda a sua vida.

— Noite longa? — pergunto. Inclino-me e abro a mochila,

retirando o manual de Espanhol, que poderia, muito provavelmente, recitar de memória.

— A aula já acabou? — pergunta ela, semicerrando os olhos para o livro que estou a pousar em cima da mesa diante de mim.

— Depende.

— De quê?

— De há quanto tempo ficaste inconsciente — respondo. — Não sei bem para que aula estás aqui, mas esta é a de Espanhol das dez horas.

Ela põe os cotovelos em cima da mesa e geme, passando as mãos pela cara.

— Dormi cinco minutos? Foi só isso? — Recosta-se na cadeira e afunda-se, apoiando a cabeça nas costas da cadeira. — Acorda-me quando acabar, está bem?

Está a olhar para mim, esperando que eu concorde. Bato com o dedo no queixo.

— Tens aqui uma coisa.

Ela limpa a boca e afasta a mão para a inspecionar. Espero que fique embaraçada pelo facto de ter baba a escorrer pela cara, mas apenas revira os olhos e enfia o polegar debaixo da manga da camisola. Limpa a poça de baba em cima da mesa com a manga, depois volta a reclinar-se na cadeira e fecha os olhos.

Já estive na faculdade antes. Sei como são as noitadas, as festas, o estudo e nunca ter tempo para tudo. Mas esta rapariga parece stressada ao máximo. Sinto-me curioso se é por ter feito um turno da noite no trabalho ou por ir a demasiadas festas.

Procurro na mochila e tiro a bebida energética que comprei a caminho daqui. Acho que ela precisa mais do que eu.

— Toma. — Pousa-a na secretária em frente dela. — Bebe isto.

Ela abre vagarosamente os olhos, como se cada pálpebra pesasse quinhentos quilos. Olha para a bebida, pega-lhe rapidamente e abre a tampa. Engole o conteúdo freneticamente, como se não bebesse há dias.

— De nada. — Rio-me.

Termina a bebida e pousa-a em cima da mesa, limpando a boca com a mesma manga com que momentos antes limpara a baba. Não vou mentir, a sua atitude sexy e desleixada é muito excitante, de uma

forma esquisita.

— Obrigada — diz ela, afastando o cabelo dos olhos. Olha para mim e sorri, depois estica os braços atrás das costas e boceja. A porta da sala abre-se e todos se remexem nos seus lugares, indicando a entrada do professor, mas eu não consigo tirar os olhos dela tempo suficiente para sequer reconhecer a sua presença.

Ela penteia madeixas de cabelo com os dedos. O cabelo ainda está ligeiramente húmido e sinto o aroma floral do seu champô quando o atira por cima dos ombros. É comprido, negro e volumoso, tal como as pestanas que lhe emolduram os olhos. Olha para a frente da sala e abre o caderno, e eu imito os seus gestos.

O professor saúda-nos em espanhol e nós devolvemos a saudação em respostas coletivas e entrecortadas. Ele começa a dar instruções sobre uma tarefa quando o meu telemóvel se ilumina em cima da mesa entre nós. Baixo os olhos para a mensagem do Dalton que entra.

Dalton: O belo rabo de saias ao lado de quem te sentas tem nome?

Viro imediatamente o telemóvel, esperando que ela não tenha lido. Ela leva a mão à boca, escondendo o riso.

Merda. Leu.

— Belo rabo de saias, hem? — diz ela.

— Desculpa. O meu amigo... acha-se engraçado. Também gosta de transformar a minha vida num inferno.

Ela arqueia uma sobrancelha e vira-se para mim.

— Então tu *não* achas que sou um belo rabo de saias?

Como ela me olha diretamente, é a minha primeira oportunidade de a ver bem. Digamos apenas que estou agora oficialmente apaixonado por esta aula. Encolho os ombros.

— Com o devido respeito, tens estado sentada desde que cheguei. Ainda nem te vi o rabo.

Ela ri-se de novo.

— Sloan — diz, estendendo a mão. Seguro na mão dela. Tem uma pequena cicatriz em forma de crescente no polegar. Passo o polegar por cima dela e torço-lhe a mão de um lado para o outro, examinando

a cicatriz.

— Sloan — repito, deixando o nome dela rolar-me pela ponta da língua.

— Este costuma ser o momento durante as apresentações em que a pessoa responde com o seu *próprio* nome — diz ela.

Olho-a e ela retira a mão, olhando-me com curiosidade.

— Carter — respondo, mantendo-me no papel de quem supostamente sou. Tem sido bastante difícil referir-me ao Ryan como Dalton nas últimas seis semanas, mas estou a habituar-me. Chamar-me a mim próprio Carter é outra história. Tive mais do que um deslize em que quase usei o meu nome verdadeiro.

— *Mucho gusto* — diz ela, com um sotaque quase perfeito, voltando a sua atenção para a frente da sala.

Não, o prazer é todo meu. Acredita.

O professor instrui a turma para observar o colega mais próximo e afirmar três factos em espanhol sobre essa pessoa. É o meu quarto ano de Espanhol, por isso decido deixar a Sloan fazê-lo primeiro, para não a intimidar. Viramo-nos um para o outro e abano a cabeça para ela.

— *Las señoras primero.*

— Não, fazemos à vez — diz ela. — Vá. Começa tu. Diz um facto acerca de mim.

— Está bem — anuo, rindo-me da forma como ela assumiu o controlo. — *Usted es mandona.*

— Isso é uma opinião, não um facto — declara ela. — Mas admito que sim.

Inclino a cabeça na direção dela.

— Compreendeste o que acabei de dizer?

Ela acena com a cabeça.

— Se querias dizer que sou mandona, sim. — Semicerra os olhos, mas um pequeníssimo sorriso consegue abrir caminho. — É a minha vez. *Su compañera de clase es bella.*

Rio-me. Acabou de se elogiar a si mesma dizendo que a minha colega de turma é linda? Aceno numa concordância inabalável.

— *Mi compañera de clase está correcta.*

Consigo ver o rubor subir-lhe às faces, apesar da pele bronzeada.

— Que idade tens? — pergunta ela.

— Isso é uma pergunta, não um facto. E, para mais, em inglês.

— Preciso de fazer uma pergunta para chegar ao facto. Pareces um pouco mais velho do que a maioria dos estudantes do segundo ano de Espanhol.

— Que idade pensas que tenho?

— Talvez 23, 24?

Não está muito longe da verdade. Tenho 25, mas ela não precisa de saber.

— Tenho 22 — respondo.

— *Tiene veintidós años* — diz ela, enunciando o seu segundo facto acerca de mim.

— És batoteira — respondo.

— Tens de o dizer em espanhol, se é o teu segundo facto acerca de mim.

— *Usted engaña.*

Posso ver pelo arco da sua sobrancelha que ela não esperava que eu soubesse esta em espanhol.

— E já tens três.

— A ti ainda falta uma.

— *Usted es un perro.*

Rio-me.

— Acabaste de me chamar cão sem querer.

Ela abana a cabeça.

— Não foi sem querer.

O telefone dela vibra e ela tira-o do bolso e dedica-lhe toda a atenção. Recosto-me na cadeira e pego também no meu, fingindo fazer o mesmo. Ficamos em silêncio enquanto o resto da turma termina a tarefa. Pelo canto do olho observo-a a escrever uma mensagem, os seus dedos voando sobre o ecrã. É gira. Agrada-me que agora esteja desejoso de vir a esta aula. De repente, três dias por semana já não me parecem suficientes.

Faltam cerca de quinze minutos para a aula terminar e estou a fazer um esforço enorme para não a fitar. Ela não disse nada desde que me chamou cão. Vejo-a a escrevinhar no caderno, sem prestar atenção a uma única palavra do professor. Ou está extremamente entediada, ou está num sítio totalmente diferente. Inclino-me para a frente, tentando ver melhor o que está a escrever. Sinto-me coscuvilheiro, mas, afinal, ela também leu a minha mensagem, por

isso sinto-me justificado.

A caneta dela move-se freneticamente sobre o papel, provavelmente em resultado da bebida energética que emborcou. Leio as frases à medida que as escreve. Não fazem sentido absolutamente nenhum, por mais vezes que as leia.

Comboios e autocarros roubaram-me os sapatos e agora tenho de comer lulas cruas.

Rio-me das frases à toa espalhadas pela página e ela ergue os olhos para mim. Encontro o seu olhar e ela ri maliciosamente.

Olha para o caderno e bate-lhe com a caneta.

— Aborreço-me — sussurra. — Não tenho muita capacidade de atenção.

Normalmente tenho grande capacidade de atenção, mas isso parece não acontecer quando estou sentado ao lado dela.

— Por vezes eu também não — digo. Estendo o braço sobre a mesa e aponto para as suas palavras. — O que é isso? Um código secreto?

Ela encolhe os ombros e deixa cair a caneta, depois empurra o caderno para mais perto de mim.

— É só uma coisa estúpida que faço quando estou entediada. Gosto de ver em quantas coisas aleatórias consigo pensar sem, realmente, *pensar*. Quanto menos sentido fizerem, mais eu ganho.

— Mais ganhas? — pergunto, procurando uma explicação. Esta rapariga é um enigma. — Como é que podes perder, se és a única a jogar o teu jogo?

O seu sorriso desaparece e ela desvia o olhar, fitando o caderno à sua frente. Passa delicadamente o dedo sobre uma das palavras. Pergunto-me que raio disse para a fazer mudar de atitude tão rápida e drasticamente. Ela pega na caneta e entrega-ma, dispersando quaisquer pensamentos que lhe tivessem escurecido a mente.

— Experimenta — diz ela. — É extremamente viciante.

Tiro-lhe a caneta da mão e procuro um espaço em branco na folha.

— Então escrevo qualquer coisa? O que me vier à cabeça?

— Não — diz ela. — É exatamente o contrário. Tenta não pensar. Tenta que não te venha *nada* à cabeça. Limita-te a escrever.

Encosto a caneta ao papel e faço exatamente como ela diz. Limito-

me a escrever.

Despejei uma lata de milho pelo cano da lavandaria, agora a minha mãe chora arco-íris.

Pouso a caneta, sentindo-me ligeiramente estúpido. Ela tapa a boca com a mão, para abafar uma gargalhada depois de ler. Vira para uma página em branco e escreve: *Nascestes para isto*. Depois entrega-me outra vez a caneta.

Obrigado. O sumo de unicórnio ajuda-me a respirar quando ouço música disco.

Ela ri-se outra vez e tira-me a caneta da mão no momento em que o professor dispensa a turma. Toda a gente atira os livros para dentro das mochilas e desliza para fora dos assentos apressadamente.

Toda a gente menos nós. Estamos ambos a olhar para a folha, sorrindo, sem nos mexermos.

Ela pousa a mão no caderno e fecha-o vagarosamente, depois desliza-o pela mesa, para dentro da mochila. Volta a olhar para mim.

— Não te levantes ainda — diz, levantando-se.

— Porquê?

— Porque sim. Tens de ficar sentado enquanto eu me vou embora, para poderes decidir se sou um belo rabo de saias ou não. — Pisca-me o olho e dá meia-volta.

Oh, meu Deus. Faço exatamente o que ela diz, plantando os olhos diretamente no seu rabo. E, para minha sorte, é perfeito. Cada pedacinho do corpo dela é perfeito. Fico sentado, totalmente imóvel, vendo-a descer as escadas.

De onde raio veio esta rapariga? E onde raio estive durante toda a minha vida? Amaldiçoo o facto de que, seja o que for que tenha acabado de acontecer entre nós, é a única coisa que pode acontecer. As relações nunca começam bem com mentiras. Sobretudo mentiras como a minha.

Ela olha por cima do ombro antes de atravessar a porta e eu levanto o olhar para o dela. Levanto-lhe o polegar. Ela ri-se e depois desaparece para fora da sala.

Pego nas minhas coisas e tento tirá-la da cabeça. Preciso de estar no ponto esta noite. Há demasiado a acontecer para me deixar distrair por um rabo tão bonito e perfeito.

SLOAN

Termino os trabalhos de casa na biblioteca, sabendo que não conseguirei concentrar-me assim que puser um pé em casa. Quando fui viver com o Asa, só me restava uma noite antes de ser expulsa do sofá onde andava a dormir... para não falar de todos os outros problemas financeiros com que me debatia. Só namorávamos há dois meses, mas eu não tinha mais para onde ir.

Isso foi há mais de dois anos.

Sabia, com base nos carros que conduzia e no tamanho da sua casa, que ele tinha dinheiro. Não sabia, contudo, se se tratava de dinheiro antigo ou se ele estava envolvido em algo que não devia. Esperava que fosse a primeira hipótese, mas eu e a esperança nunca nos demos bem. Durante os primeiros dois meses, ele escondeu muito bem que vendia droga, justificando os seus hábitos de gastar dinheiro com a ilusão de que recebera uma grande herança. Acreditei nele por algum tempo. Não tinha outra escolha senão acreditar.

Quando pessoas que eu não conhecia começaram a aparecer a estranhas horas da noite e o Asa só falava com elas por trás de portas fechadas, tornou-se cada vez mais óbvio. Ele tentou explicar os seus motivos e jurou que só vendia drogas «inofensivas» a pessoas que, de qualquer forma, haviam de as encontrar noutros sítios. Eu não queria fazer parte daquilo, de maneira nenhuma, por isso, quando ele se recusou a parar, fui-me embora.

O único problema era que não tinha para onde ir. Fiquei nos sofás de alguns amigos, mas nenhum deles tinha espaço ou dinheiro para continuar a sustentar-me. Teria recorrido a um alojamento para sem-abrigo antes de voltar para casa do Asa, mas não era a minha vida que me preocupava, era a do meu irmão mais novo.

As coisas nunca tinham sido fáceis para o Stephen. Ele nasceu com uma série de problemas, tanto mentais como físicos. Eu estava a receber ajuda estatal para o seu cuidado e ele tinha sido finalmente colocado numa boa instituição na qual eu podia confiar, mas, quando o financiamento foi interrompido, não podia arriscar que ele fosse novamente enviado para a minha mãe. Não queria vê-lo de volta àquela vida e faria de tudo para garantir que ele nunca mais voltasse a fazer parte daquilo.

Tinha partido há duas semanas quando o financiamento que o meu irmão recebia do Estado foi cancelado. Eu não estava em situação de receber o Stephen e, se o tivesse retirado da instituição onde fora tão difícil colocá-lo, ele perderia todo o acesso aos cuidados que lhe são tão necessários. Não tinha mais ninguém a quem recorrer além do Asa, porque ele era o único que estava disposto a ajudar-nos. Voltar a atravessar a sua porta e pedir-lhe ajuda foi a coisa mais difícil que alguma vez fiz. Era como se correr de volta para os seus braços equivallesse a abdicar do meu respeito por mim mesma. Ele deixou-me voltar para casa, mas não sem consequências. Agora que sabia exatamente o quanto eu dependia dele para pagar os cuidados do Stephen, deixou de esconder o seu estilo de vida. Iam cada vez mais pessoas lá a casa, e as transações passaram a fazer-se às claras, e não por trás de portas fechadas.

Agora, há sempre tanta gente a entrar e a sair de casa, que é difícil distinguir os que vivem lá, os que só vão dormir e os completos estranhos. Todas as noites há festa, e todas as festas são o meu pesadelo.

A cada semana que passa, a atmosfera torna-se mais perigosa, e quero sair dali mais do que nunca. Trabalhei a tempo parcial na biblioteca do *campus*, mas não há uma vaga de trabalhador-estudante para mim neste semestre. Estou numa lista de espera e tenho-me candidatado a outros empregos, tentando desesperadamente aumentar o meu dinheiro para a fuga. Não seria tão difícil se apenas tivesse de

tomar conta de mim, mas com o Stephen em cena, é necessário dinheiro que não tenho. Dinheiro que não terei por algum tempo.

Entretanto, tenho de manter as aparências, agindo como se ainda devesse a minha vida ao Asa quando, na verdade, sinto que ele está a arruiná-la. Não me interpretem mal. Eu amo-o.

Amo quem eu sei que ele podia ser um dia, mas também não sou ingénua. Por mais promessas que me faça de que está a reduzir o negócio, preparando-se para sair, sei que não o fará. Tenho tentado inculcar-lhe algum juízo, mas quando tens o poder nas mãos e o dinheiro no bolso, é difícil virar costas. Ele nunca o fará. Continuará a fazer isto até ir para a prisão... ou estar morto. E não quero estar por perto em nenhuma das situações.

Já nem sequer tento identificar os veículos na rampa de entrada. Todos os dias há um novo. Estaciono o carro do Asa e pego nas minhas coisas. Depois vou para dentro, para mais uma noite de pesadelo.

Quando entro, a casa está estranhamente silenciosa. Fecho a porta atrás de mim e sorrio, apreciando o facto de estarem todos lá fora, na piscina. Nunca tenho uma oportunidade de solidão, pelo que aproveito, ponho os auscultadores e começo a limpar. Sei que não parece divertido, mas é a minha única possibilidade de escape.

Para não dizer que a casa está constantemente um chiqueiro.

Começo na sala de estar e deito fora garrafas de cerveja suficientes para encher um saco de lixo de cem litros. Quando chego à cozinha e avisto a montanha de pratos empilhados no lava-loiça, chego mesmo a sorrir. Devo gastar aqui pelo menos uma hora. Organizo os pratos sujos à esquerda do lava-loiça e começo a encher a bacia com água. Começo a menear-me ao som da música que me entra nos ouvidos pelos auscultadores. Não me sentia tão em paz nesta casa desde os primeiros dois meses que vivi aqui. Na altura em que o Asa *bom* estava cá. O Asa que me dizia coisas doces, que me levava a sair e me punha antes de tudo e de todos.

Lembro-me de um tempo em que ocasionalmente conseguíamos estar os dois sozinhos nesta casa. Em que ele mandava vir o jantar e nos aninhávamos no sofá para uma noite de filmes.

Assim que as memórias do Asa pelo qual me apaixonei me inundam a mente, sinto os seus braços enlaçarem-me por trás. Ao

princípio, sobressalto-me. Mas depois sinto o cheiro da sua água-de-colônia, o mesmo aroma *Dior* que usava no nosso primeiro encontro. Começa a menear-se comigo ao som da música, segurando-me gentilmente. Sorrio e mantenho os olhos fechados, pondo as mãos sobre as dele, e depois encosto-me ao seu peito.

Ele beija-me a orelha, depois entrelaça os dedos nos meus e vira-me para o olhar. Quando abro os olhos, está a sorrir-me com uma expressão genuinamente doce. Há tanto tempo que não via esta expressão no seu olhar que me faz doer o coração, percebendo a falta que tinha sentido.

Talvez ele esteja mesmo a tentar. Talvez também já esteja farto desta vida.

Segura-me a cara nas mãos e beija-me — um beijo longo e apaixonado, como eu esquecera que ele era capaz de dar. Ultimamente só sou beijada quando ele está em cima de mim na nossa cama. Enrolo os braços no seu pescoço e correspondo ao beijo. Beijo-o desesperadamente. Beijo o Asa antigo, sem saber quanto tempo o terei aqui comigo assim.

Ele recua e tira-me os auscultadores dos ouvidos.

— Alguém quer uma continuação desta manhã, hem?

Beijo-o novamente e sorrio, acenando com a cabeça. Quero. Se este é o Asa que vou ter na minha cama, quero mesmo.

Ele põe-me as mãos nos ombros e ri-se.

— Não diante de companhia, Sloan.

Companhia?

Fecho os olhos, com medo de olhar naquela direção, ignorando que estávamos a ser observados.

— Há uma pessoa que quero que conheças — diz ele. Vira-me e eu abro um olho, depois o outro, esperando que o choque que sinto na barriga não se espalhe visivelmente no meu rosto. Encostado à ombreira da porta, com os braços cruzados diante do peito e um olhar duro, está todo o metro e oitenta do Carter.

O rapaz com quem namorisei na aula ainda há algumas horas.

Arquejo, sobretudo porque é a última pessoa que esperava ver aqui. Estar diante dele, agora, é de repente mais intimidante do que estar sentada ao lado dele na aula esta manhã. Ele é muito mais alto do que eu esperava — mais alto até do que o próprio Asa. Não é tão

definido como ele, mas, afinal, o Asa exercita-se todos os dias e, a julgar pelo tamanho dos seus bíceps, provavelmente mete-se nos esteroides. O Carter tem uma constituição mais natural e uma pele mais escura, assim como o cabelo — e, de momento, olhos muito escuros e zangados.

— Olá — diz o Carter, adoçando a sua expressão com um sorriso, estendendo-me a mão sem o menor indício de me reconhecer. Percebo que está a fingir que não me conhece para meu benefício, ou talvez para o *seu*, por isso aperto-lhe a mão, apresentando-me a ele pela segunda vez hoje.

— Sou a Sloan — digo tremulamente, esperando que ele não consiga sentir a minha pulsação acelerada através da palma da mão. Interrompo rapidamente o aperto de mão e afasto-me. — Então, como é que tu e o Asa se conhecem? — Não estou certa de querer saber a resposta, mas a pergunta escapa-se-me da boca.

O Asa enlaça-me pela cintura e vira-me de costas para o Carter.

— É o meu novo sócio, e neste momento temos um negócio para concretizar. Vai fazer limpezas noutro sítio. — Dá-me uma palmada no rabo, tentando enxotar-me como a um cão. Dou meia-volta e olho-o furiosamente, mas a minha fúria é muito menos intensa do que o ódio que escorre dos olhos do Carter ao observar o Asa.

Normalmente não censuro o Asa, sobretudo diante de outras pessoas, mas não consigo controlar o meu mau feitio agora. Estou danada com a sua falta de respeito ao envolver mais alguém, apesar de me ter prometido que ia sair do negócio. Também não posso negar o facto de estar irritada por ser o Carter. Estou zangada comigo mesma por ter desenvolvido uma falsa primeira impressão dele hoje na aula. Julgava-me melhor a ler as pessoas, mas o facto de ele estar envolvido com o Asa mostra-me que não faço ideia de como ler ninguém. Ele é igual aos outros, e nesta altura eu já devia estar à espera. Por mais que tente — por mais difícil que tenha sido sair da casa da minha infância para escapar precisamente a este estilo de vida, apenas para voltar a ele —, isto faz-me sentir ignorante. Os meus pais consumiam, e eu jurei que assim que pudesse fugir aos seus estilos de vida perigosos haveria de ir-me embora sem nunca olhar para trás. Mas aqui estou eu, aos 21 anos, já a viver uma vida que não é melhor do que aquela em que cresci. Como posso aspirar e trabalhar

tanto no sentido de uma vida normal e, mesmo assim, continuar a cair exatamente no meio desta merda? É uma maldição.

— Asa, tu prometeste-me. — Gesticulo na direção do Carter.
— Contratar pessoas novas não é sair... é enterrares-te mais.

Sinto-me hipócrita ao pedir-lhe que pare de fazer o que faz. Todos os meses o deixo mandar um cheque para a instituição do Stephen com o mesmo dinheiro sujo que gostava que ele não ganhasse. Mas é mais fácil permitir isso, visto não ser para mim. Aceitaria o dinheiro mais sujo do mundo se isso significasse que o meu irmão seria cuidado.

Os olhos do Asa escurecem e ele dá um passo para mim. Pousa gentilmente as mãos sobre os meus braços, esfregando-os para cima e para baixo. Inclina a boca para o meu ouvido e aumenta o aperto nos braços, espremendo-os com tanta força que estremeço de dor.

— Não me envergonhes — sussurra tão baixinho que só eu o ouço. Alivia o aperto e baixa as mãos para os meus cotovelos, depois beija-me amorosamente a bochecha, só para o mostrar. — Vai pôr aquele vestido vermelho sexy. Esta noite vamos dar uma festa para celebrar.

Recua e solta-me completamente. Relanceio o Carter, que ainda está sob a ombreira da porta, fitando o Asa como se quisesse arrancar-lhe a cabeça a qualquer instante. Vira os olhos para mim e por um segundo estes ficam mais doces, mas não espero o tempo suficiente para ter a certeza. Viro-me e corro pelas escadas acima até ao quarto. Bato com a porta e tombo na cama. Os músculos dos meus braços estão a latejar de dor, que tento aliviar massajando-os. É a primeira vez que ele me magoa fisicamente em frente de alguém, mas o meu orgulho ferido dói muito mais. Nunca devia tê-lo questionado na presença de outros. Já o devia saber.

Provavelmente, amanhã terei nódoas negras nos braços, mas pelo menos não ficarão para sempre, como as cicatrizes que os meus pais me deixaram. Olho para a cicatriz em forma de crescente no polegar, recordando a vez em que a minha mãe tentou queimar-me com o isqueiro do carro, tinha eu 12 anos. Não faço ideia porque é que estava furiosa comigo, mas retirei a mão assim que percebi o que ela ia fazer, embora não com rapidez suficiente. Agora, sempre que olho para a cicatriz, lembro-me da minha vida com ela.

Pelo menos as nódoas negras desvanecem-se, mas quanto tempo

faltará até o Asa começar a deixar-me marcas mais permanentes? Sei que não mereço o que ele acabou de me fazer. Ninguém merece. Mas, se não me for embora rapidamente, as coisas só piorarão. Situações como esta raramente mudam para melhor. Tenho vontade de pegar nos meus sacos e guardar tudo o que tenho. Quero ir-me embora e nunca mais voltar. Quero sair daqui. Quero sair daqui, quero sair daqui, quero sair daqui.

Mas não posso sair ainda. Não seria só eu a afetada.

CARTER

— Peço desculpa por ela — diz o Asa, virando-se para mim.

Descerro os punhos e tento esconder o meu desprezo. Conheço-o há três horas e nunca desprezei tanto uma pessoa em toda a minha vida.

— Está tudo bem — respondo. Aproximo-me da ilha e sento-me descontraidamente num dos bancos, apesar de querer correr lá para cima e certificar-me de que a Sloan está bem. A minha mente ainda está a recuperar do facto de ela estar envolvida nisto. O Dalton nunca me falou em pormenor da namorada do Asa, só me disse que ele tinha uma. E ainda menos me disse que eu teria uma aula com ela.

A Sloan era a última pessoa que eu esperava encontrar ao vir a esta casa. Ver o Asa beijá-la como beijou, e vê-la corresponder daquela forma, fez-me ficar oficialmente arrependido por estar nesta missão. Isto acabou de se tornar muito mais complicado.

— Ela vive contigo? — pergunto.

O Asa dá-me uma cerveja que tira do frigorífico e eu abro-a e levo-a à boca.

— Sim — responde ele. — E corto-te a pila se ousares olhar para ela da maneira errada.

Fixo o seu olhar, mas ele não vacila. Fecha a porta do frigorífico e senta-se do outro lado da ilha, como se a frase nunca lhe tivesse saído da boca. Incomoda-me que ele seja capaz de a magoar fisicamente

como acabou de fazer e depois se comporte como se não se ralasse nada com isso. Tenho vontade de lhe atirar a maldita garrafa de cerveja à cabeça, mas em vez disso seguro-a com mais força, mantendo a fúria controlada.

Ele abre a sua cerveja e ergue a garrafa.

— Ao dinheiro — diz, batendo a garrafa na minha.

— Ao dinheiro. — *E a ver filhos da mãe receberem o que merecem.*

O Dalton entra, interrompendo-nos no momento perfeito. Olha para mim e acena, depois atenta no Asa.

— Ei, meu. O Jon quer saber o que fazer acerca da questão do álcool esta noite. Cada um traz a sua garrafa, ou és tu que forneces? É que não temos nada.

O Asa bate com a cerveja na bancada e empurra a cadeira para trás, pondo-se de pé.

— Disse ontem a essa besta para repor o *stock*. — Sai disparado da cozinha.

O Dalton aponta para a porta da frente com a cabeça e eu levanto-me e sigo-o lá para fora. Quando estamos sozinhos a meio do pátio, vira-se para mim e dá um gole na sua cerveja, mais para mostrar aos outros. O Dalton detesta cerveja.

— Como é que correu? Achas que estás dentro? — pergunta.

Encolho os ombros.

— Acho que sim. Ele está desesperado por alguém que saiba falar espanhol. Eu disse-lhe que era bom, mas não fluente.

O Dalton olha-me, boquiaberto.

— Só isso? Não fez perguntas? — Abana a cabeça, incrédulo.

— Caramba, ele é tão estúpido. Porque é que os novatos se julgam tão intocáveis? Cabrão pretensioso.

— Pois — digo, completamente de acordo.

— Eu já te tinha avisado acerca desta missão, Luke. Vai mexer com a tua cabeça teres de viver assim. Tens a certeza de que te queres meter nisto?

Não há hipótese alguma de eu poder recuar agora, sabendo como o Dalton e os outros estão perto de o apanhar.

— Acabaste de me chamar Luke.

— Merda. — O Dalton pontapeia o chão com o sapato. — Desculpa, meu. O nosso encontro para amanhã mantém-se? O Young

quer um relatório completo, agora que estás dentro.

— Há quem tenha aulas amanhã — respondo, salientando mais uma vez que fiquei com a parte chata da missão. — Mas estarei livre ao meio-dia.

O Dalton acena com a cabeça e vira-se para a casa.

— Convidaste o rabo de saias da aula de Espanhol para a festa?

— Não é o estilo dela. — *Para não mencionar que ela não precisa de convite. Está enterrada até ao pescoço nisto.*

Ele assente com a cabeça, sabendo que convidar alguém para este estilo de vida é algo que eu nunca faria. O Dalton consegue absorver o seu papel como nunca vi. Tem tido relações duradouras enquanto encoberto, tendo chegado uma vez a ponto de um pedido de casamento, só para manter as aparências. Obviamente, quando a missão termina, não tem problema em desaparecer. Existe ainda uma grande parte de mim que sabe que cada pessoa que conheço enquanto Carter continua a ser... uma *pessoa*. Não quero enganar ninguém desnecessariamente, por isso faço questão de estar alerta e não deixar aprofundar as situações.

Ele fecha a porta atrás de si e eu fico sozinho no pátio, fitando a casa que acabou de se tornar a minha missão para os próximos dois meses. Não fora, de facto, para fazer trabalho encoberto que me juntara à polícia, mas é nisto que sou bom. Infelizmente, tenho uma sensação muito má acerca deste caso... e só estou aqui há um dia.

Passo as duas horas seguintes a ser escoltado pelo Asa para dentro e para fora de salas, apertando a mão de mais pessoas do que as que consigo contar. Ao princípio tento manter notas mentais acerca de toda a gente que vou conhecendo e a forma como interagem com o Asa, mas à quarta cerveja que me enfiam nas mãos, desisto de tentar. Haverá muito tempo para conhecer toda a gente; não preciso de estar demasiado concentrado neste momento. Ainda sou tão recente nesta multidão que não lhes quero dar nenhuma razão para desconfiarem.

Finalmente, afasto-me o tempo suficiente para procurar uma casa de banho. Quando encontro uma, vejo lá dentro o rapaz que agora conheço como Jon e duas raparigas que não podem ter mais de 19 anos. Fecho a porta mais depressa do que a abri, depois subo as escadas, na esperança de encontrar uma que não esteja a ser usada como bordel.

Permaneço na casa de banho uns bons dez minutos mais do que precisava. Despejo a cerveja no lavatório e encho a garrafa com água da torneira, porque esta noite já ultrapassei em muito a minha quota habitual. Preciso de passar as próximas semanas completamente sóbrio.

Fito-me no espelho, esperando levar isto a bom termo. Não sou desta zona, por isso não receio que me reconheçam. O que me preocupa é o facto de não ser como o Dalton. Não posso simplesmente ligar e desligar como ele faz. As coisas que vejo aqui são as coisas que vejo quando fecho os olhos à noite. E, com base no que vi hoje entre o Asa e a Sloan, não hei de dormir muito.

Passo uma toalha por baixo da torneira e molho a cara, procurando ficar sóbrio antes de sair da casa de banho. Atiro a toalha para o cesto da roupa. Olho para o cesto, cheio até ao cimo de roupa suja, e pergunto-me se a Sloan será a única rapariga que vive aqui. Parto do princípio de que é ela que tem de tratar de toda a roupa suja. Para não falar do resto da casa.

Quando eu e o Asa deparámos com ela a limpar a cozinha esta tarde, ele parou à entrada e observou-a a limpar por um momento. Fiquei a olhar por cima do ombro dele, abalado pelo facto de ser a mesma rapariga da aula desta manhã... mas ainda mais por ela ser tão bonita, meneando-se ao som da música. A letra da canção icónica de Rick Springfield *Jessie's Girl* veio-me à ideia enquanto, por trás do Asa, o observava a observá-la. Queria ser eu a olhá-la assim.

Como se ela fosse minha.

Inspiro profundamente e abro a porta da casa de banho. Os meus olhos são atraídos para a visão que está sob a ombreira da porta do outro lado do corredor. Ela dá meia-volta quando ouve abrir a porta da casa de banho, e o seu vestido justo gira com ela. Quando ela para, não consigo tirar os olhos do vestido. Abraça-a em todos os pontos certos, as tiras muito finas segurando a parte de cima mínima que lhe junta os seios, não deixando espaço para qualquer género de sutiã. Irrita-me estar a agradecer mentalmente ao Asa por tê-la mandado usar este vestido.

Respira, Luke. Respira.

Por fim, levo os olhos ao encontro dos dela, e a expressão do seu rosto não condiz com a roupa sexy e confiante que exhibe. Parece que

esteve a chorar.

— Estás bem? — pergunto, dando um passo na sua direção. Ela olha para as escadas com uma expressão de medo no rosto, depois volta a olhar para mim. Acena com a cabeça e dirige-se às escadas, por isso estendo o braço e seguro-lhe a mão, puxando-a de volta. — Sloan, espera.

Ela vira-se para mim. A rapariga para quem estou a olhar não é a mesma que conheci na aula. Esta rapariga é frágil. Assustada. Destroçada.

Ela dá um passo para mim, cruzando os braços diante do peito. Olha para o chão entre nós, mordendo o lábio.

— Porque é que estás aqui, Carter?

Não sei como lhe responder. Não quero mentir, mas também não lhe posso dizer a verdade. De certeza que não seria bem visto eu contar à namorada do tipo que pretendo apanhar a verdadeira razão para estar aqui.

— Fui convidado — digo.

Ela levanta repentinamente a cabeça.

— Tu percebeste-me. Porque é que estás envolvido nisto?

— Tu namoras com a razão de eu estar aqui — respondo, referindo-me ao nosso envolvimento mútuo com o Asa. — É só um trabalho.

Ela revira os olhos, como se já tivesse ouvido essa desculpa antes. Provavelmente do Asa. Mas a diferença entre a minha desculpa e a do Asa é que a minha é verdade. Ela não tem noção de quanto isto é mesmo um trabalho.

Suspiro e tento aliviar alguma da tensão entre nós.

— Sloan, acho que posso dizer que ambos omitimos alguns factos importantes na nossa tarefa da aula de hoje.

Ela solta uma gargalhada magoada.

— Pois. Ele devia ter-nos pedido mais de três. Acho que cinco teriam abrangido tudo.

— Sim — respondo. — Cinco factos provavelmente teriam sido suficientes para me darem uma pista de que tens namorado.

Ela olha para mim com o queixo empinado.

— Desculpa — diz baixinho.

— Pelo quê?

Ela deixa descair os ombros e baixa ainda mais a voz.

— Pela maneira como me comportei hoje na aula. Por namoriscar contigo. Não devia ter dito algumas das coisas que disse. Juro que não sou esse género de rapariga. Eu nunca teria...

— Sloan — interrompo, pondo-lhe um dedo por baixo do queixo. Fito-a, sabendo perfeitamente que devo retirar a mão e afastar-me dela. — Não penso nada disso acerca de ti. Foi só uma diversão inofensiva, mais nada.

A palavra *inofensiva* agiganta-se no ar como uma nuvem negra e agoirenta. Ambos sabemos que o Asa é tudo menos inofensivo. Falar com ela na aula, estar com ela neste corredor... são momentos inofensivos como estes que, se ocorrerem vezes suficientes, acabam por ser muitíssimo mais do que apenas inofensivos. A ameaça anterior do Asa repete-se na minha mente. Tudo em relação a esta rapariga está fora dos meus limites. O Asa deixou isso claro. A minha *carreira* deixa isso claro. Por que motivo não consigo vê-lo claramente?

Começo a baixar a mão quando uma voz atrás de nós nos faz saltar.

— Estás a perder a festa, meu.

Dou meia-volta e o Dalton está no cimo das escadas, olhando-me como se tivesse vontade de me bater. Tem todo o direito de o fazer, tendo em conta a confusão em que acabei de me meter.

— Pois. — Respiro fundo e viro-me novamente para ela. — Falamos na aula — sussurro.

Ela assente com a cabeça e respira de alívio por a voz no cimo das escadas pertencer ao Dalton e não ao Asa. Não é a única aliviada por isso.

Ela vira-se e dirige-se ao seu quarto, não ao andar de baixo. Posso ver agora, ao perceber o seu ambiente, porque é que não dorme.

Assim que ela fecha a porta, dou meia-volta e fico de frente para o Dalton. Tem as narinas dilatadas, um indício seguro de que está prestes a bater-me. Empurra-me de encontro à parede e põe o braço entre o meu peito e a garganta.

— Não lixes isto tudo — diz, fervilhante. Dá-me uma palmada de um lado da cabeça. — Põe-te fino.

ASA

Espero que a Jess acabe e limpe o nariz e depois debruço-me e tapo uma narina, inalando a segunda linha. Assim que sinto o ardor, recosto-me na cabeceira da cama e permito-me um momento.

— Tens razão — digo para o Jon, que está sob a ombreira da porta. — É da boa.

A Jess deita-se de costas fitando o teto. É a miúda mais recente do Jon, mas nunca perdi tempo a olhar realmente para ela. É gira. Não da liga da Sloan, mas gira o suficiente para que eu sinta as calças de ganga a apertarem em redor dos genitais.

Faço um gesto ao Jon para vir buscar o tabuleiro, por isso ele aproxima-se da cama e pega nele.

— Queres que feche o negócio? — pergunta.

Ainda estou a olhar para a namorada dele quando respondo.

— Sim. Vai fazer isso.

O Jon vai pegar na mão da Jess, mas eu interrompo-o.

— Vai sozinho. Eu faço companhia à Jess.

O Jon olha-me como se não compreendesse instruções. A Jess olha de um para o outro.

— Vai. Fechar. O negócio. Ela estará aqui quando voltares.

O Jon vai, mas bate com a porta ao sair. Salto da cama e tranco-a. A Jess senta-se no colchão, olhando-me com dois olhos cheios de preocupação. Ou talvez seja expectativa. Sorrio gentilmente, querendo

que ela se sinta à vontade comigo. Sento-me novamente na cama e recosto-me, avaliando-a.

— Tira o vestido.

A Jess fita-me por um instante, parecendo não conseguir decidir entre fugir ou montar-se em mim. Mas percebo que a coca está a bater, porque os olhos dela estão a vidrar e a escurecer. Pego-lhe na mão e incentivo-a a aproximar-se, até que, por fim, ela está a montar-me e não a fugir.

Subo uma mão pela sua coxa até esta desaparecer sob o vestido.

Trinta segundos depois, o vestido está no chão ao lado da minha camisa. Ela está sentada em cima de mim, uma perna para cada lado, a sua língua praticamente a escavar o caminho em direção à minha garganta.

Esta miúda sabe o que está a fazer. Isso tanto pode ser bom como mau. Gosto de uma miúda que saiba foder, mas isso também me faz pensar quantos gajos teve de foder para ficar tão boa. Estendo o braço para a mesa de cabeceira e pego num preservativo, que lhe entrego.

— Coloca-o — exijo. Ela mantém os olhos fixos nos meus enquanto o abre, depois põe as mãos nos botões das minhas calças. Seguro-lhe os pulsos e abano a cabeça. — Com a boca.

Ela sorri e começa a baixar a cabeça quando ouço passos. Depois a maçaneta da porta do quarto gira sem resultado.

Merda.

— Asa, abre a porta! — diz a Sloan do outro lado.

— Merda! — Empurro a Jess, que fica deitada de costas. Levanto-me, pego nas calças e visto-as, enquanto a Jess olha de mim para a porta. Pego no vestido dela e atiro-o na direção do *closet*, indicando-lhe que se vá esconder.

Ela levanta-se e mostra-se insultada, abanando a cabeça.

Se ela pensa que vai sair deste quarto com a Sloan do outro lado da porta, está muito enganada. Seguro-a pelos ombros e empurro-a para o *closet*.

— Só alguns segundos — sussurro. Tento soar doce, mas não há nada que seja doce neste momento. Ela sabe disso, pelo que começa a objetar, silvando o meu nome. Se esta cabra deixar a Sloan saber que está aqui, vai-me estragar tudo. Sinto a raiva começar a borbulhar. Desisto da atitude doce e inclino-me para ela, segurando-lhe o queixo.

— Se fizeres algum ruído, vais arrepender-te, minha querida. — Aperto-lhe o queixo até os seus olhos ficarem esbugalhados e ela finalmente assentir, exatamente quando a Sloan bate à porta uma segunda vez.

Quando tenho a certeza de que ela compreende, forço um sorriso falso.

— Dois minutos, Jess — sussurro. — Eu livro-me dela.

Fecho a porta do *closet*, apanho uma t-shirt do chão e limpo o cheiro da Jess das mãos e da boca. Vou abrir a porta do quarto.

— São quatro da tarde, porque é que estás a dormir? — A Sloan entra no quarto. Vai direta ao *closet*, por isso seguro-a pela cintura e puxo-a para a cama. Ela suspira com relutância quando lhe sorrio, pedindo-lhe silenciosamente desculpa.

— Desculpa — digo. — Tive aulas o dia inteiro. Estou cansado. — Nem sequer me lembro da última vez que fui às aulas, mas espero que a mentira a acalme.

É o que acontece.

Ela relaxa e aninha-se no meu peito.

— Foste mesmo às aulas hoje?

Assinto com a cabeça e ponho as mãos na cara dela, tirando-lhe uns fios de cabelo dos olhos. Ponho-lhos atrás da orelha e deito-a de costas, inclinando-me sobre ela. As nódoas negras evidentes nos seus braços chamam-me a atenção, recordando-me de que não cheguei a pedir-lhe desculpa pelo incidente na cozinha.

— Sim, fui às aulas — minto, deslizando os dedos pelos seus braços, sobre as marcas que lhe fiz. — Estou a levar isto a sério, Sloan. Tudo o que te prometi. Quero que as coisas melhorem. — Inclino-me mais e beijo-a nas marcas dos meus dedos. — Por vezes esqueço-me de como a tua pele é frágil.

Ela cerra os lábios numa linha fina e engole em seco. Percebo que está a tentar não chorar. Isto vai dar um pouco mais de trabalho do que eu pensava. Ela ainda está chateada comigo.

— Juro-te que vou tentar que as coisas corram melhor. Para ambos, está bem? — Seguro-lhe as bochechas nas palmas das mãos e beijo-a intensamente. Sei que as raparigas gostam que os gajos lhes segurem as faces enquanto as beijam; como se beijar fosse a sua única intenção.

É uma treta. Se os gajos fizessem as coisas como queriam, as suas mãos nunca passariam acima das mamas.

— Amo-te — digo, deslizando a mão até à sua cintura. O meu pénis incha dentro das calças, ficando muito mais duro do que a puta do Jon no *closet* alguma vez conseguiria.

Por muitas raparigas com quem tenha estado, posso honestamente dizer que a Sloan me excita mais do que qualquer uma. Não sei o que é que ela tem que a torna muito mais atraente para mim do que as outras. As suas mamas não são muito grandes e ela nem tem assim tantas curvas.

Acho que é a sua inocência. Gosto de saber que fui o primeiro e o único gajo que a fodeu. Gosto de saber que serei o único gajo que alguma vez a foderá.

Deslizo a mão sob a blusa da Sloan e puxo a renda do sutiã para baixo.

— Deixa-me compensar-te. — Encosto a boca à camada fina da blusa que lhe cobre o mamilo, e tomo-o entre os lábios. Ela geme e arqueia as costas, mas depois empurra-me o peito.

— Asa, acabei de sair do ginásio. Estou toda suada. Deixa-me tomar um duche primeiro.

Solto-lhe o mamilo da boca quando ela sugere sair do quarto. Isso dar-me-á tempo para me livrar da não sei quantas.

— Vai tomar duche. Esta noite vamos sair.

Ela sorri.

— Nós? Como se fosse um encontro romântico?

— Não é *como se fosse*. É mesmo.

Sorrindo de novo, ela sai de cima de mim e dirige-se à porta.

— Tranca a porta quando saíres — digo.

— Porquê?

Seguro a protuberância nas minhas calças.

— Preciso de acabar o que tu começaste.

Ela franze o nariz e revira os olhos, mas tranca a porta depois de sair. Salto da cama e verifico a fechadura, depois viro-me, exatamente quando a Jess sai disparada do *closet*. Aponta-me o dedo e praticamente cospe veneno ao dizer:

— Cabrão doente!

Tapo-lhe rapidamente a boca com uma mão, depois seguro a mão

que aponta para a minha cara e viro-a, torcendo-lhe o braço atrás das costas. Olho-a de cima com um aviso silencioso para manter a boca calada.

Quando ouço o chuveiro a abrir do outro lado do corredor, tiro lentamente a mão da boca da Jess. Os olhos dela estão a ficar vermelhos. Parece assustada, o que é bom. O medo impedirá que me denuncie à Sloan. Tiro-lhe o vestido das mãos e enfio-lho pela cabeça.

— Veste-te e vai-te embora — digo. — Eu e a Sloan temos um encontro romântico esta noite.

SLOAN

Passo pela casa de banho antes da aula para verificar rapidamente o cabelo e a maquilhagem. Antes nunca me importava se parecia acabada de sair da cama, mas saber que o Carter estaria sentado a centímetros de mim durante a próxima hora tornou-me mais preocupada do que habitualmente.

As luzes fluorescentes não perdoam. Os papos debaixo dos olhos contam a sua própria verdade acerca da noite passada. Olhando para o meu reflexo, só vejo uma rapariga que esteve acordada até demasiado tarde, preocupada com o rapaz que lhe prometera um encontro romântico, mas nunca apareceu.

Ontem o Asa saiu com o seu amigo Jon enquanto eu estava no duche, a preparar-me para ele me levar a sair pela primeira vez em mais de cinco meses. Apesar de nenhum deles estar em casa, esta continuava cheia de gente. Fiquei acordada a preocupar-me com ele até já não conseguir manter os olhos abertos. Quando ele finalmente se arrastou para a cama e depois continuou a arrastar-se para cima de mim, estava tão irritada que desatei a chorar.

Ele nem sequer notou. Ou não se *importou*.

Chorei durante todo o tempo em que esteve em cima de mim, a foder-me como se não lhe interessasse nada *quem* estava debaixo dele, desde que *alguém* estivesse debaixo dele. Quando terminou, virou-se e adormeceu sem uma única palavra. Sem uma desculpa. Sem

um obrigado. Sem um *amo-te*. Virou-se e adormeceu de imediato sem uma única coisa na sua consciência. Eu virei-me e continuei a chorar.

Chorei pelo facto de lhe permitir fazer-me o que faz. Chorei pelo facto de sentir que não tenho outra escolha. Chorei pelo facto de ainda estar com ele, apesar da pessoa que se tornou. Chorei pelo facto de não ter maneira de escapar, por muito que queira. Chorei pelo facto de, apesar de todas as coisas horríveis em relação ao Asa, ainda estar morta de preocupação que ele não voltasse para casa. Chorei porque percebi que, seja quem for que ele se tenha tornado, uma parte de mim ainda sente empatia por ele... porque não sei como *não* sentir.

Viro as costas ao meu reflexo e dirijo-me para a aula, porque não quero olhar mais para mim. Tenho vergonha da pessoa que me tornei.

O Carter já está sentado na nossa mesa quando entro na aula de Espanhol. Consigo vê-lo a olhar-me pelo canto do olho, mas recuso-me a olhar para ele.

Depois de passar uma hora com ele na aula no outro dia, acho que posso dizer que desenvolvi um fraquinho. A ideia de poder passar tempo com ele três vezes por semana dá-me vertigens, uma sensação que se tornara completamente estranha para mim. Mas vê-lo em minha casa, e logo com o Asa, esmagou todas as fantasias que eu pudesse ter. Nunca tencionara que acontecesse alguma coisa com o Carter. Como seria possível? Não há hipótese de eu sair da situação em que me encontro com o Asa, e não sou de trair. Estava simplesmente ansiosa por ter uma paixoneta. Ansiosa por namoriscar um pouco. Ansiosa por me sentir desejável.

Sabendo agora que o Carter é mais parecido com o Asa do que eu podia ter imaginado, não quero ter parte alguma nisto. Qualquer parte dele. O facto de ele ser agora outra presença constante em nossa casa torna-o ainda mais proibido. Se o Asa tivesse a menor desconfiança de que outro tipo andava a falar comigo, esse tipo estaria morto. Gostava de dizer que não é uma afirmação literal, mas é. Vendo como ele parece não possuir uma consciência, acredito a cem por cento que o Asa é capaz de matar.

E é exatamente por isso que não vou pôr o Carter nessa situação. Repito a mim mesma que o Carter não passa de outro Asa, com uma roupagem diferente. Não vale a pena o risco. Trato esta situação com o Carter exatamente como é: mais um obstáculo à minha possível

fuga.

Olho em volta da sala à procura de um lugar vago que não seja ao lado dele. Devo ter passado demasiado tempo na casa de banho, porque a sala está quase cheia. Há dois lugares vagos na segunda fila, mas são exatamente em frente do Carter. Evito o olhar dele e dirijo-me para lá de cabeça baixa. Não sei se consigo manter a fachada de não o ver, mas sem dúvida vou tentar.

Escolho um lugar e sento-me, depois pego nos livros e ponho-os em cima da mesa à minha frente. Ouço uma súbita comoção na fila de cima e não posso deixar de me virar. O Carter está a saltar por cima da fila atrás de mim com a mochila na mão. Salta da mesa, empurra a cadeira vazia para o meu lado e senta-se.

— Que se passa? — pergunta, virando-se na cadeira para me olhar.

— Que se passa, o quê? — pergunto, abrindo o manual no sítio onde tínhamos interrompido na segunda-feira.

Sinto-o a olhar para mim, mas não diz nada. Continuo a fingir que leio e ele continua a fitar-me silenciosamente até eu não aguentar mais. Viro-me para ele.

— Que foi? — pergunto irritada. — O que é que queres?

Ele continua a não dizer nada. Fecho o livro com força e viro-me para ele. O facto de os nossos joelhos estarem encostados não passa despercebido. Ele olha para as nossas pernas e vejo o vestígio de um sorriso a brincar-lhe nos cantos da boca.

— Bem — diz ele. — Na verdade, gostei de estar sentado ao teu lado da outra vez, pelo que decidi fazê-lo novamente. Presumo que não seja o que tu queres, por isso...

Começa a recolher os livros e uma enorme parte de mim tem vontade de lhos tirar das mãos e fazê-lo ficar aqui, exatamente onde está. Mas uma parte ainda maior de mim está aliviada por ele perceber os sinais.

Ele enfia o caderno na mochila e eu fico calada. Se disser alguma coisa, sei que não será mais do que uma súplica patética para ele ficar.

— Estás no meu lugar — diz uma voz monótona, sem entoação.

Eu e o Carter olhamos para cima e vemos um tipo diante de nós, fitando o Carter com uma expressão indiferente.

— Ia mudar mesmo agora — diz o Carter, puxando a mochila para

cima da mesa.

— Não devias ter-te sentado aí, para começar — diz o rapaz. — *Eu* sento-me aí. — O rapaz estende o braço e aponta para mim. — E tu não te sentas aí. Na segunda-feira foi outra rapariga que se sentou aí, por isso não podes estar aí.

A expressão do rapaz é perturbada. Está terrivelmente transtornado por estarmos sentados em lugares diferentes hoje. Tenho pena dele, reconhecendo traços de um dos meus irmãos quando o observo. Começo a dizer-lhe que vamos mudar — que ele pode ficar com o seu lugar —, mas a fúria do Carter interrompe a minha resposta. Ele levanta-se.

— Tira o dedo da cara dela — diz.

— Sai do meu lugar — responde o rapaz, devolvendo a sua atenção ao Carter.

O Carter ri-se e atira a mochila para o chão.

— Meu... — diz. — Isto é a merda do jardim infantil? Vai arranjar um lugar para ti.

O rapaz baixa os braços e olha para o Carter em choque. Começa a responder, mas fecha a boca e vai para a última fila, derrotado.

— Mas esse é o meu lugar — murmura enquanto se afasta.

O Carter tira novamente o caderno da mochila e pousa-o à sua frente na mesa.

— Acho que vais ter de levar comigo — diz ele. — Nem pensar que vou mudar de lugar agora.

Abano a cabeça e inclino-me para ele.

— Carter — sussurro. — Dá-lhe um desconto. Julgo que está no espectro do autismo. Não pode evitar.

O Carter vira bruscamente a cabeça para mim.

— A sério?!

Assinto com a cabeça.

— O meu irmão tinha autismo. Reconheço os sinais.

Ele passa a mão pela cara.

— Merda — resmunga.

Levanta-se rapidamente, pegando-me na mão. Fico de pé ao lado dele.

— Pega nas tuas coisas — diz, apontando para a minha mochila e o caderno. Vira-se e atira as suas coisas para a mesa atrás de si, depois

pega na minha mochila e faz o mesmo. Olha para o rapaz e aponta para os lugares que estávamos a ocupar. — Desculpa, meu. Não tinha percebido que eram os teus lugares. Vamos mudar.

O rapaz volta rapidamente à nossa fila e reclama o seu lugar antes que o Carter mude de ideias. Mesmo percebendo que a maior parte da turma está provavelmente a assistir à confusão entre nós os três, não consigo deixar de sorrir. Adoro que ele tenha feito isto.

Regressamos aos lugares que ocupámos na segunda-feira e pomos as nossas coisas em cima da mesa.

Outra vez.

— Obrigada por teres feito isto — digo-lhe.

Ele não responde. Concede-me um meio-sorriso e fica a olhar para o telemóvel até a aula começar.

A situação está um pouco desconfortável quando a aula começa. Não querer sentar-me ao lado do Carter deixou-o a questionar-me. Sei-o porque está claramente escrito à minha frente a tinta preta quando olho para o papel que ele empurra para junto de mim.

Porque é que não te querias sentar ao meu lado?

Rio-me da simplicidade da pergunta. Pego na caneta e escrevo uma resposta.

Meu, isto é o jardim infantil?

Ele lê a minha resposta e juro que o consigo ver a franzir a testa. Estava a tentar ser engraçada, mas ele não percebeu o humor, ao que parece. Escreve algo, algo longo, e desliza o papel para junto de mim.

Estou a perguntar a sério, Sloan. Ultrapassei algum limite ontem? Peço desculpa se o fiz. Sei que estás com o Asa e respeito isso. Acho honestamente que és divertida e quero sentar-me ao teu lado. O Espanhol entedia-me muito e estar sentado ao teu lado torna a minha necessidade de arrancar os meus próprios olhos menos iminente.

Fito a nota por um pouco mais de tempo do que realmente preciso para a ler. Tem uma caligrafia verdadeiramente impressionante para

um rapaz, e uma forma ainda mais impressionante de fazer o meu coração acelerar.

Ele acha-me divertida.

É um simples elogio, mas que me afeta mais do que eu gostaria. Não faço ideia do que responder, por isso encosto a caneta ao papel e nem sequer penso quando escrevo.

As pessoas no Wyoming não existem verdadeiramente e nunca consigo acertar com a indumentária correta quando vou comprar pinguins.

Deslizo o papel para ele e, quando ele se ri alto, cubro a boca com a mão, escondendo o sorriso. Adoro que ele perceba o meu sentido de humor, mas ao mesmo tempo detesto. Cada segundo que passo com ele apenas cria *mais* dois segundos que quero passar com ele.

Ele desliza novamente o papel para mim.

Mosquitos sussurram coisinhas doces para o meu barril de macacos, que demora demasiado a trazer a piza que encomendei.

Rio-me e depois agarro-me à barriga. Ver a palavra *piza* apenas me recorda de como estou esfomeada. Estava demasiado perturbada para jantar ontem à noite, por isso há mais de vinte e quatro horas que não como.

Piza parece-me bem.

Pouso a caneta, mas não deslizo o papel para ele. Não percebo porque é que desta vez escrevi uma coisa em que estava realmente a pensar.

— Concordo — diz ele em voz alta.

Olho-o e ele está a olhar para mim com um sorriso que até magoa. Ele é tudo o que eu quero e tudo aquilo de que não preciso, e isto dói literalmente, *fisicamente*.

— Depois da aula — sussurra ele —, vou levar-te a comer piza.

As palavras saem da sua boca muito depressa, como se ele soubesse que não devia dizê-lo, muito menos *fazê-lo*.

Mas assinto com a cabeça.

Caramba, é isso mesmo que faço. Assinto.

CARTER

Depois da aula, ela caminha ao meu lado enquanto a conduzo ao parque de estacionamento. Percebo pela maneira firme como segura a mochila e como está sempre a olhar para trás, que está prestes a recuar. Quando para, virando-se para mim no passeio, nem lhe dou hipótese de falar.

— Está na hora do almoço, Sloan. Precisas de comer. Vou levar-te a comer piza. Para de tentar fazer disto mais do que é, está bem?

Os olhos dela esbugalham-se com o choque de perceber que eu sei exatamente o que está a pensar. Cerra os lábios e assente com a cabeça.

— É o almoço — diz ela, com um encolher de ombros, tentando convencer-se de forma descontraída de que é perfeitamente correto. *Eu almoço. Tu almoças.* O que é que tem de especial almoçarmos ao mesmo tempo? No mesmo restaurante?

— Exatamente — respondo.

Há sorrisos nos rostos de ambos, mas o medo nos nossos olhos diz muito.

Estamos a ultrapassar um limite, e ambos o sabemos.

Quando chegamos ao meu carro, começo naturalmente a dirigir-me à porta do passageiro para lha abrir, mas mudo de ideias e vou diretamente para o lado do condutor. Quanto menos a tratar como num encontro romântico, menos isto *parecerá* um encontro romântico.

Não quero pô-la mais nervosa acerca do nosso «almoço descontraído» do que já está. A verdade é que estou nervoso que baste pelos dois. Não sei que raio penso que estou a fazer, mas sempre que estou junto dela só consigo pensar no quanto mais quero estar junto dela.

Fechamos as portas e eu ligo o carro, depois saímos do parque de estacionamento. Afastar-me da faculdade sozinho com ela no meu carro dá quase uma sensação de jogar roleta russa. A minha pulsação está acelerada e tenho a boca seca, sabendo que estar com ela é um potencial suicídio profissional. Para não falar do que aconteceria se o Asa descobrisse.

Elimino-o da minha mente e olho para ela, decidindo que, se há grandes possibilidades de este ser o meu último dia na Terra, vou concentrar-me nela e desfrutar o mais que puder.

— Tenho uma confissão a fazer — diz ela, olhando-me com embaraço.

— O que é?

Ela põe o cinto de segurança e cruza as mãos sobre o colo.

— Não tenho dinheiro nenhum.

Tenho vontade de rir da sua confissão, mas, honestamente, fico triste por ela.

— Ofereço eu — digo, porque seria assim, de qualquer forma.

— Mas se não te levasse a almoçar hoje, como é que comias?

Ela encolhe os ombros.

— Normalmente não almoço. Os almoços custam dinheiro e o dinheiro é algo que não abunda neste momento. Estou a poupar para algo mais importante.

Ela olha pela janela, um sinal claro de não ter intenção de explicar para que é que poupa. Não pressiono. Mas pressiono para saber porque é que não tem dinheiro para comer.

— Porque é que não pedes dinheiro ao Asa? Ele tem. Aposto que, se soubesse que tu não almoçavas, te arranjaría algum.

Ela abana a cabeça.

— Não quero o seu dinheiro sujo — cospe. — Preferia morrer de fome.

Não respondo. Não quero recordá-la do facto de ela pensar que estou a trabalhar para o Asa e que, por isso, vou pagar o nosso almoço com o mesmo dinheiro sujo. Em vez disso, mudo de conversa para um

assunto mais leve.

— Fala-me do teu irmão — peço, virando o carro na direção da autoestrada.

— O meu irmão? — questiona ela. — Qual deles? Tive dois.

— O que tinha autismo? Não sei muito acerca do assunto. Tive um miúdo meu vizinho em Sacramento que era autista. Não sabia que era algo que se podia ultrapassar, mas tu disseste que o teu irmão *tinha...* no passado.

Ela baixa os olhos para o colo e entrelaça os dedos.

— Não é algo que se possa ultrapassar — responde baixinho.

Mas ela tinha-se referido a isso no passado. Ou talvez se tivesse referido a *ele* no passado. *Sou um idiota insensível. Por que raio fui levantar o assunto?*

— Lamento. — Estendo o braço e dou-lhe um aperto rápido na mão. — Lamento muito — repito.

Ela volta a pousar a mão no colo e pigarreja.

— Não faz mal — diz, forçando um sorriso. — Foi há muito tempo. Infelizmente, o autismo não era o único problema dele.

É nesse tom que chegamos ao restaurante. Estaciono no parque e desligo o carro. Nenhum de nós se mexe. Acho que ela está à minha espera para sair do carro, mas sinto que estraguei a sua boa disposição.

— Oficialmente, extingui todo o bom humor do teu lado. Tens algum remédio?

Ela ri-se com leveza e sorri.

— Podíamos levar o jogo da escrita a outro nível — responde. — Tentar aligeirar um pouco o ambiente. Em vez de escrevermos coisas aleatórias sem pensarmos, podíamos passar o almoço a *dizer* coisas aleatórias sem pensarmos.

Assinto com a cabeça e aponto para o restaurante diante de nós.

— Depois de ti — digo. — As presas das morsas turvam-me a visão como pudim de chocolate.

Ela ri-se e abre a sua porta.

— Os tubarões-tigre só com uma perna são melhores para ti do que legumes.

ASA

— Jon!

Seguro o telefone com tanta força que não me surpreenderia se este ficasse esmagado na minha mão. Inspiro pelo nariz e expiro pela boca para me acalmar, tentando dar-lhe o benefício da dúvida antes de me passar completamente.

— Jon!

Ouvi finalmente os passos dele a subir a escada. A porta abre-se e ele entra no quarto.

— Que foi? Estava a cagar!

Olho para o relatório do GPS no meu telemóvel.

— O que é que há no número 1262 de Ricker Road?

Ele olha para o teto, batendo com os dedos na ombreira da porta.

— Ricker Road — repete para si mesmo. — É quase só restaurantes, acho eu. — Escreve o endereço no seu telemóvel. — Porquê? Temos uma entrega?

Abano a cabeça.

— Não. A Sloan está em Ricker Road.

O Jon inclina a cabeça.

— O teu carro avariou? Ela precisa de boleia para algum sítio?

Reviro os olhos.

— Ela não precisa de boleia para lado nenhum, grande idiota. Está em Ricker Road quando devia estar na faculdade. Quero saber o que

está a fazer lá, e com quem.

A compreensão transparece finalmente na cara dele.

— Oh, merda. Queres ir lá ver? — Procura um pouco mais no telemóvel. — Parece italiano. Algo chamado Mi Amore.

Atiro o telemóvel para cima do colchão e levanto-me, pondo-me a andar de um lado para o outro no quarto.

— Não. É a hora de almoço, e com o trânsito demorávamos demasiado tempo a chegar lá. Ela ia-se embora antes. — Respiro fundo e aperto a cana do nariz entre os dedos, tentando permanecer calmo.

Se ela andar a saltar a cerca, hei de descobrir. E, se descobrir, ela está morta. O tipo com quem anda não terá tanta sorte.

— Vou descobrir — digo ao Jon. — Esta noite.

SLOAN

O Carter abre a porta e segura-ma. Há meses que não entrava num restaurante, tinha-me esquecido de como cheiravam bem. Estão sempre a ocorrer-me pensamentos de que o Asa vai descobrir que estou aqui, embora tente concentrar-me no facto de que vou apenas almoçar. Por mais inocente que eu possa fingir que isto é, se o Asa descobrir...

Nem quero pensar no que faria.

A empregada sorri-nos, segurando em duas ementas.

— Mesa para dois?

— Sim, por favor — diz o Carter. — As bananas gostam de água fervida no Reno — acrescenta com uma expressão séria.

Desato a rir. A empregada lança a ambos um olhar atónito, depois abana a cabeça.

— Sigam-me.

O Carter pega-me na mão, fazendo-me avançar. Não se limita a pegar-me na mão para me conduzir à nossa mesa. Entrelaça os dedos nos meus e sorri-me, fazendo o meu coração retumbar num batuque acelerado.

Oh, meu Deus, isto é errado, errado, errado.

Quando chegamos à mesa e ele me solta a mão para puxar a sua cadeira, ter de largar a mão dele faz o meu coração doer literalmente. Ambos nos sentamos e pousamos os cotovelos na mesa. Olho para as

suas mãos. Para aquela que acabou de segurar a minha... É estranho que o toque mais leve daquela simples mão possa causar tanta perturbação dentro de mim. *Que raio há de especial na mão dele?*

— Que é? — pergunta-me. O som da sua voz arranca-me do transe e ergo o olhar para ele. Tem a cabeça inclinada para um lado, e os olhos fixos nos meus. Firmes. Como se tentasse ler a minha mente.

— *O quê?* — devolvo a pergunta, fingindo que não percebo.

Ele recosta-se e cruza os braços diante do peito.

— Estava só a perguntar-me o que estarias a pensar. Olhavas para as minhas mãos como se quisesses cortá-las.

Não tinha percebido que a minha expressão me denunciava tanto. Sinto o rubor subir-me às bochechas, mas recuso-me a mostrar-me embaraçada. Recosto-me no banco e chego-me mais para a parede, de modo a não ficar mesmo à frente dele. Apoio os pés no banco ao lado dele e cruzo os tornozelos, pondo-me confortável.

— Estava só a pensar — respondo.

Ele apoia os pés no meu banco, ao meu lado. Não percebo se está apenas a pôr-se confortável ou a imitar-me.

— Sei que estavas só a pensar. Quero saber *em quê*.

— És sempre tão coscuvilheiro?

Ele sorri.

— Quando se trata da segurança dos meus membros, sim.

— Bem, não estava a pensar em cortar-te as mãos, se isso te faz sentir melhor.

Ele mantém os olhos fixos nos meus, a cabeça repousando com descontração no encosto do banco.

— Conta-me — pede.

— És chato — digo, enquanto pego na ementa. Seguro-a diante de mim, e assim não o vejo. É difícil dizer não aos seus penetrantes olhos escuros, por isso escolho não olhar para ele.

Os dedos dele deslizam sobre o topo da ementa e ele baixa-a, olhando-me, ainda à espera de uma resposta. Pouso a ementa e suspiro.

— Os pensamentos internos são internos por uma razão, Carter.

Ele semicerra os olhos e inclina-se para a frente.

— Não devia ter-te pegado na mão? Isso chateou-te?

O mero som da sua voz, sensualmente suave, faz-me cócegas

dentro da barriga como uma pena, mas tento convencer-me de que é apenas fome.

— Não me chateou — digo, ainda a esquivar-me ao seu pedido de respostas. O problema de ele me ter pegado na mão foi eu ter gostado. Muito. Mas não lhe vou dizer isso.

Afasto o olhar do dele e pego novamente na ementa. Não quero ver a sua reação. Leio as opções na ementa por um momento, muito consciente do silêncio instalado entre nós. O facto de ele não dizer nada está a enlouquecer-me. Sinto o olhar dele, desafiando-me silenciosamente para o fixar.

— Posso comer uma piza? — pergunto, interrompendo o silêncio e mudando de assunto.

— Come o que quiseses — diz ele, pegando finalmente na sua ementa.

— *Pepperoni* e cebola. — Pouso a ementa na mesa. — E água. Vou à casa de banho.

Deslizo no banco para me levantar, mas os pés do Carter ainda estão ao meu lado, bloqueando-me a saída. Sou forçada a olhar para ele, mas continua concentrado na ementa. Tira lentamente um pé do banco e depois o outro, um sorrisinho a brincar-lhe nos lábios o tempo todo. Saio do banco, vou à casa de banho e tranco a porta. Encosto-me à porta e fecho os olhos, soltando um suspiro profundo e frustrado.

Maldito seja ele.

Maldito por se sentar ao meu lado na aula.

Maldito por aparecer em minha casa.

Maldito por estar envolvido com o Asa.

Maldito por me trazer aqui.

Maldito por me ter pegado na mão.

Maldito por ser tão gentil.

Maldito por ser tudo o que eu queria que o Asa fosse, e tudo o que eu queria ter.

Lavo as mãos três vezes, mas ainda o sinto. Ainda sinto os seus dedos entrelaçados nos meus... a pele áspera da palma da sua mão nas costas da minha... a forma como me puxou atrás dele, guiando-me através do restaurante... a vibração na palma da minha mão que não desaparece, por mais que a esfregue.

Ponho mais sabonete nas mãos e lavo-as pela quarta vez, depois

arranjo finalmente coragem para sair da casa de banho e sentar-me à mesa.

— Calculei que quisesses cafeína — diz o Carter, apontando para o refrigerante diante de mim.

Calculou bem. *Maldito*. Aproximo a bebida e ponho a palhinha entre os lábios.

— Obrigada.

Ele apoia os pés ao meu lado no banco, bloqueando-me outra vez.

— De nada — responde, lançando-me um sorriso que está muito perto de ser sedutor, e até um bocadinho altivo. Dou por mim a fixar os seus lábios um pouco mais de tempo, e o sorriso abre-se.

— Não me sorrias assim — digo com maus modos, chateada por ele estar a tornar isto mais difícil para ambos com as suas subtilezas sedutoras. Encosto-me ao banco e ponho as pernas ao lado dele.

O sorriso desaparece do seu rosto quando baixa o olhar para os meus braços. A raiva regressa aos seus olhos ao notar as nódoas negras já meio desvanecidas que me cobrem a pele como se tivesse sido marcada com ferro.

Pelo menos, é assim que me fazem sentir.

Subo as mãos pelos braços para as cobrir, sentindo-me subitamente exposta.

— Não queres que te sorria? — pergunta ele com uma expressão confusa.

— Não. Não quero — respondo. — Não quero que olhes para mim como se gostasses de mim. Não quero que te sentes ao meu lado na aula. Não quero que me pegues na mão. Não quero que namoriques comigo. Nem sequer quero que me pagues o almoço, mas tenho demasiada fome para me preocupar com essa parte neste momento. — Levo a bebida à boca para me fazer calar. Odeio estar a ser tão má para ele, mas quanto mais tempo nos ponho em risco estando aqui com ele, mais zangada fico com a minha própria estupidez.

O Carter olha para o copo e sobe a mão ao longo dele, limpando a condensação.

— Então queres que seja mau para ti? — Olha-me com uma expressão tão fria que nem o reconheço. — Queres que te trate como se fosses merda? Como o Asa te trata? — Recosta-se, cruzando os braços diante do peito largo. — Não te tomei por um capacho quando

te conheci.

Devolvo o seu olhar furioso com uma fúria idêntica.

— E eu não te tomei por um traficante — riposto. Olhamo-nos fixamente, cada um recusando-se a ser o primeiro a ceder.

É ele. Um sorriso altivo espalha-se-lhe no rosto.

— Acho que tenho isso a meu favor. Traficante? *Check!* Cabrão? *Check!* Queres que te trate como merda? Parece fazer maravilhas com o Asa.

As suas palavras cruéis são como um murro no estômago, tirando-me o fôlego.

— Vai-te foder — digo por entre os dentes cerrados.

— Não, obrigado. Parece que tinha de te magoar primeiro, e não faz o meu estilo.

Contenho com sucesso as lágrimas depois daquela indireta. Passei a vida toda a ensinar-me a não chorar diante de cabrões. Aprendi.

— Leva-me de volta ao meu carro — digo.

Os olhos do Carter enchem-se subitamente de desculpas. Passa a mão pela cara, gemendo de frustração. Ou remorso.

— Levo-te depois de comeres alguma coisa.

Deslizo no banco até a minha coxa tocar nos seus pés.

— Não tenho fome. Deixa-me sair.

Ele não mexe os pés, por isso levanto-me e ponho-me de pé no banco, depois salto por cima dele. Dirijo-me à porta. Nunca, em toda a vida, tive mais vontade de me afastar de alguém.

— Sloan! — chama ele atrás de mim. — Sloan!

Abro a porta e saio, uma rajada de vento colidindo com a minha cara enquanto procuro respirar. Dobro-me e ponho as mãos nos joelhos, inalando pelo nariz e exalando pela boca várias vezes. Quando a ameaça de lágrimas diminui, endireito-me e avanço para o carro dele. O alarme toca duas vezes e a porta destranca. Viro-me, mas ele não me seguiu. Ainda está no restaurante.

Maldito. Apenas me abriu o carro.

Bato com a porta com o máximo de força que consigo depois de entrar. Espero que ele saia, mas não o faz. Passam alguns momentos e percebo que ele não tem intenção de me seguir. Vai mesmo comer primeiro. É ainda mais cabrão do que eu pensava.

Tiro o boné de basebol da consola e ponho-o na cabeça, puxando-

o sobre os olhos para bloquear o sol. Se tenho de esperar que ele almoce antes de me levar ao carro do Asa, mais vale dormir uma sesta.

CARTER

— Podemos levar isto? — pergunto, entregando as nossas duas bebidas à empregada. — E a piza?

— Vou preparar tudo — responde ela. Depois vai-se embora e eu inclino-me para a frente, repousando a cabeça nas mãos.

Não faço ideia do que é que me deu. Nunca tinha deixado uma rapariga perturbar-me assim. Muito menos uma rapariga que nem sequer é minha namorada.

Mas, diabos a levem. É tão frustrante. Não percebo como pode ser tão obstinada e confiante quando está junto de mim, mas em sua casa comporta-se como uma pessoa completamente diferente. Depois, de repente, censura-me por ser *simpático* para ela? Mas que raio? Sei que algumas mulheres são atraídas por homens como o Asa. Estou nesta carreira há tempo suficiente para o perceber. Tento ser empático e compreender, mas não faço ideia porque é que a Sloan se mantém nesta situação. É tão doloroso ficar de braços cruzados a observar, porque não sei o que a prende ali.

Embora não seja a minha função, não posso estar aqui sozinho com ela e não aproveitar a oportunidade para a convencer de que é melhor do que isto. Embora tenha muita certeza de que chamar-lhe capacho e dizer as merdas que disse não seja a melhor maneira de a convencer.

Sou um idiota de merda.

— O seu pedido está no balcão — diz a empregada, entregando-me a conta. Pago e saio com a comida da Sloan.

Quando me aproximo do carro, paro antes de abrir a porta. Ela está sentada no banco do passageiro com os pés no tabliê. Tem o meu boné de baseball puxado por cima dos olhos. Tem o cabelo negro sobre o ombro direito, espalhado em cima dos braços cruzados diante do peito.

Vê-la com o vestido vermelho na outra noite mexeu tanto com a minha cabeça que não preguei olho. Mas vê-la aqui... adormecida no meu carro... com o meu boné de baseball?

Acho que nunca mais conseguirei dormir.

Abro a porta e ela retira os pés do tabliê, mas não tira o boné de cima dos olhos. Move o corpo para mais perto da porta do passageiro, um movimento que me faz estremecer.

Magoei-a. Ela está tão destrocada, e eu magoei-a ainda mais.

— Toma — digo, estendendo-lhe o copo descartável.

Ela levanta a pala do boné e olha para mim. Fico surpreendido ao ver que os seus olhos não estão vermelhos. Parti do princípio de que o boné era para esconder que chorava, mas não verteu uma única lágrima.

Tira-me a bebida das mãos, por isso entrego-lhe a caixa da piza. Ela pega-lhe, e eu vou para o lado do condutor. Ela abre imediatamente a caixa e tira uma fatia, que mete na boca. Vira a caixa para mim, depois levanta-a e oferece-me uma fatia. Tiro uma e começo a sorrir-lhe, mas lembro-me de que ela me mandou não o fazer. Em vez disso, dou uma dentada e ligo o carro.

Não falamos durante o caminho de volta para a universidade. Ela está a terminar a sua terceira fatia quando paramos no parque ao lado do carro dela. Dá um grande gole no refrigerante, depois fecha a tampa da caixa da piza e coloca-a no banco de trás.

— Leva a piza contigo — digo eu, as minhas palavras rasgando um buraco no silêncio e na tensão que se acumulara entre nós.

Ela põe o copo no suporte do carro e tira o meu boné de baseball, puxando o cabelo para trás.

— Não posso — responde baixinho. — Ele ia querer saber onde é que a arranjei.

Vira o corpo para mim e estende o braço para tirar a mochila do

banco de trás. Vira-se outra vez para a frente e aninha a mochila debaixo dos braços.

— Agradecer-te-ia pelo almoço, mas, praticamente, isto arruinou o meu dia — diz ela. Abre a porta do carro e sai antes de eu conseguir processar as suas palavras. Quando a porta bate atrás dela, desligo o motor e saio do carro.

— Sloan! — Rapidamente, contorno o carro até chegar junto dela. Ela atira a mochila para dentro do seu carro e fecha a porta de trás. Abre a porta do condutor e usa-a como barreira entre nós.

— Não, Carter — diz ela, recusando-se a erguer os olhos para mim. — Apresentaste o teu caso, mas estou demasiado chateada para ouvir desculpas neste momento.

Ela pode dizer-me para não pedir desculpa as vezes que quiser, mas nem pensar que a deixarei entrar no carro sem ouvir o que tenho para lhe dizer.

— Desculpa — digo, apesar de tudo. — Não devia ter dito aquelas coisas. Tu não o merecias. Mas... — Abano a cabeça. — Tu és melhor do que isto, Sloan. Dá-te algum crédito e afasta-te dele.

Ela recusa-se a olhar para mim quando falo, por isso ponho-lhe a mão debaixo do queixo e levanto-lhe a cara. Ela vira os olhos para a direita, continuando obstinadamente a recusar-se a fazer contacto visual. Espremo-me entre a porta dela e o meu carro, consigo passar para o outro lado e viro-me até ela ficar mesmo à minha frente. Seguro-lhe a cara com ambas as mãos, desesperado para que me olhe. Preciso que ouça o que tenho para dizer.

— Olha para mim — suplico, continuando a segurar-lhe a cara com gentileza até ela, finalmente, me fitar. — Desculpa. Excedi-me.

Ela continua a olhar-me enquanto uma espessa e solitária lágrima lhe escorre pela bochecha. Limpa-a com as costas da mão antes de eu poder fazê-lo.

— Não fazes ideia de quantas vezes já ouvi exatamente esse pedido de desculpa padrão — sussurra ela.

— *Não* é o mesmo, Sloan. Não me podes comparar com ele.

Ela vira os olhos para o céu e ri-se, tentando conter mais lágrimas.

— Tu não és melhor do que ele. A única diferença entre os dois é que nada do que o Asa já me disse me magoou tanto como o que me disseste hoje. — Tira as minhas mãos da sua cara e entra para o carro.

Segura o puxador da porta e levanta os olhos para mim. — Tu não és diferente, Carter. Vai salvar outra pessoa qualquer.

Fecha a porta e sou forçado a dar um passo atrás. Vejo-a ir-se completamente abaixo dentro do carro. Não volta a olhar para mim, mas posso ver as lágrimas rolarem-lhe pelas faces enquanto se afasta.

— Desculpa — repito enquanto a vejo ir.

ASA

Depois de tudo o que fiz por ela — depois de tudo o que *faço* por ela —, espero que tenha uma boa desculpa para me fazer passar por isto.

Ela não seria nada se não fosse eu. Acolhi-a quando não tinha para onde ir. Se não fosse eu, teria de voltar de rabo entre as pernas para a puta da mãe viciada em *crack*. Só com base nas coisas que me contou da sua infância, está muito melhor comigo, e ela sabe-o. Uma mãe que leva para casa um novo marido sórdido de dois em dois meses? Gostava de a ver voltar para aquela merda.

Mas, se andar a saltar a cerca, é o primeiro sítio onde a deixo. Serei o primeiro a atirá-la exatamente para a porta da sua mãe que se prostitui para comprar *crack* — uma caravana cheia de padraustos rotativos que se masturbam escondidos no roupeiro enquanto ela muda de roupa.

— Queres que tente uma coisa diferente? — diz a Jess, trazendo a minha atenção de volta para o momento. Está de joelhos na ponta da cama. — Não está a endurecer.

Levanto-me apoiado nos cotovelos e olho para ela.

— Se o soubesses fazer como deve ser — digo. Levanto-me, arrasto-a alguns centímetros pelo chão e encosto as mãos à parede. Fecho os olhos e imagino que é a Sloan que está ajoelhada à minha frente. Só que a imagino a chorar, suplicando-me que fique com ela.

Implorando-me que a salve outra vez, tal como a salvei da última vez que ela fez uma coisa tão estúpida.

Quem, no seu juízo perfeito, levaria a Sloan a um restaurante sabendo que ela me pertence? Que pertence ao Asa Jackson? Seja ele quem for, se soubesse as coisas que lhe posso fazer, nunca a teria levado. Ninguém tem tanto desejo de morte.

— Foda-se — digo, irritado pela forma como a borracha me impede de sentir a língua dela. Saio da boca dela, tiro o preservativo e deixo-a terminar, imaginando que é a Sloan.

Quando desço, o Jon está sentado na ilha com o Dalton e o Carter. Tiro uma cerveja do frigorífico e sento-me com eles.

— Não me disseste que ela fazia garganta funda — digo para o Jon, girando a tampa da cerveja. — Sacana sortudo.

O Jon olha-me intensamente, recostando-se na cadeira.

— Não sabia que fazia.

Rio-me.

— Bem, acho que ela também não sabia até há cinco minutos.

O Jon suspira e abana a cabeça.

— Caraças, Asa. Disse-te para ires com calma com ela.

Rio-me e dou um gole, depois pouso a cerveja na mesa.

— A única com quem vou com calma é a Sloan.

O Carter leva a cerveja aos lábios, olhando-me enquanto inclina a cabeça para trás e bebe. Este miúdo tem um grande problema com ficar a olhar espedado.

— Por falar na Sloan — começa o Jon, fazendo com que a minha atenção se desvie novamente para ele. — Quando é que me devolves o favor? — Ri-se e toma um gole de cerveja.

O cabrão está a *rir-se*? Acha que fez uma *piada*? Puxo a perna atrás e dou um pontapé na cadeira dele com toda a força que posso, levando a que ele e a sua cerveja caiam no chão de tijoleira. Levanto-me e fito-o no chão, com os punhos cerrados.

— A *Sloan* não é uma *puta* — grito.

O Jon levanta-se do chão e vira-se a mim, como o idiota que é.

— Não é? Calculo que tenhas descoberto o que ela estava a fazer na Ricker hoje. Não estava a foder com outro gajo, como pensaste?

Atiro-me a ele e esmurro a sua maldita boca suja. Ele cai ao chão e pontapeio-lhe as costelas. Caio de joelhos e tento esmurrá-lo novamente, mas o Dalton e o Carter tiram-me de cima dele antes de ter oportunidade. Ele afasta-se de mim e limpa a boca ensanguentada. Olha para a mão e de novo para mim.

— Cabrão — diz.

— Engraçado, foi isso que a tua namorada me chamou quando tirei a pila da garganta dela.

O Jon levanta-se do chão e atira-se novamente para a frente, por isso meto-me no caminho dele e deixo-o dar-me um murro no queixo. O Carter põe-se entre nós, empurrando-o de encontro ao frigorífico, enquanto o Dalton me segura os braços com mais força.

— Vai lá para cima — diz-lhe o Carter. — Vai ver como está a Jess e acalma-te, caralho.

O Jon acena com a cabeça e o Carter solta-o. O Dalton não me larga enquanto o Jon não chega ao cimo das escadas.

Levo a mão ao queixo e estalo o pescoço.

— Vou lá para fora. Avisem-me assim que a Sloan chegar.

CARTER

O Asa sai pela porta das traseiras e eu seguro a nuca e aperto.

— Merda.

— Eu sei — diz o Dalton, sem fazer realmente ideia do que me passa pela cabeça neste momento.

— Preciso de fazer um telefonema — digo-lhe. — Espera aqui e certifica-te de que não se pegam outra vez. — Saio pela porta da frente e dirijo-me ao meu carro. Tiro o telefone do bolso e vou passando os números, à procura do da Sloan. O Dalton disse que, depois de a missão me ser atribuída, tinha introduzido no meu telemóvel os números de toda a gente que vive aqui. Procuro no S, mas não vejo o nome dela. Quando estou prestes a atirar com o telemóvel, tal é a frustração, o contacto *Miúda do Asa* chama-me a atenção. Pressiono. Pressiono-o várias vezes, como se assim marcasse mais depressa.

Seguro o telefone junto do ouvido e ouço-o tocar. Ao quarto toque, por fim, ela atende.

— Estou?

— Sloan! — Digo o nome dela com desespero.

— Quem fala?

— É o Lu... o Carter. É o Carter.

Ela suspira pesadamente.

— Não, não desligues — digo, esperando que ela se mantenha em

linha tempo suficiente para ouvir que não ligo apenas para pedir novamente desculpa. — Ele sabe. Sabe que hoje foste almoçar em Ricker Road.

Ela não diz nada durante alguns silenciosos segundos.

— Contaste-lhe? — pergunta, com a voz cheia de mágoa.

— Não, não. Eu nunca... ouvi o Jon dizer algo acerca de ele descobrir com quem é que foste almoçar. Ele não sabe que foi comigo.

Olho para trás, para me certificar de que ainda estou à vontade. O Dalton está à janela a olhar para mim.

— Mas... como é que ele pode saber? — pergunta ela, com medo na voz.

— Talvez localize o teu telemóvel. Onde estás?

— Acabei de sair do ginásio. Estou a cinco minutos de distância. Carter, o que é que eu faço? Ele vai-me matar.

O medo na voz dela faz-me arrepender de todos os segundos do dia de hoje. Nunca a devia ter posto nesta situação.

— Ouve. A caixa da piza ainda está no meu banco de trás. Eu mantenho-o entretido aqui. Quando chegares, vai buscar a piza e trá-la para o pátio. Comporta-te como se não tivesses nada a esconder. Diz-lhe que tinhas fome, por isso foste almoçar a um restaurante e compraste piza, e oferece-nos uma fatia. Se fores a primeira a falar no assunto, vai correr tudo bem.

— Está bem — diz ela, respirando pesadamente. — Está bem.

— Está bem — repito.

Há vários segundos de silêncio e a minha pulsação começa lentamente a regular.

— Sloan?

— Sim? — sussurra ela.

— Não deixarei que ele te magoe.

Ela fica calada por um momento. Ouço-a suspirar, depois a chamada cai. Olho para o telefone, respiro fundo e vou para dentro.

— Quem era? — pergunta o Dalton, olhando-me com curiosidade quando entro. — A boazona da aula de Espanhol?

Aceno com a cabeça.

— Sim. Vou lá para trás. Queres ajudar-me a acalmar o Asa?

O Dalton acompanha-me.

— Parece que *tu* é que precisas de te acalmar — diz.

Abro a porta e o Asa está sentado numa espreguiçadeira junto da piscina, a fazer um batuque com os dedos nos joelhos. Sento-me ao lado dele e ponho os pés para cima, tentando parecer tão relaxado quanto os meus nervos me permitem. Não me importo que ele descubra que fui eu que estive com ela ao almoço. Não me importo se ele cumprir a sua ameaça. A única coisa que me importa é que ele não volte a tocar com um dedo na Sloan.

Eu e o Dalton mantemos o Asa ocupado com conversa acerca de um negócio futuro que ele deseja fazer. Pouco depois, ouvimos a Sloan parar o carro na rampa de entrada. Vejo o Asa ficar tenso e fechar a boca a meio de uma frase. Começa a levantar-se, suponho que para ir ao encontro dela no pátio da frente. Faço o possível para o distrair.

— E então essa tal miúda, a Jess?

Ele vira-se para mim.

— O que é que tem?

— Só estou curioso. Faz mesmo garganta funda? — O simples facto de ter de fingir que me interessa faz-me sentir um cabrão.

O Asa sorri e abre a boca para responder quando a porta das traseiras se abre. A Sloan sai com a caixa da piza na mão. Sinto a fúria a escorrer do Asa enquanto cerra os punhos.

— Olá, rapazes — diz ela, dirigindo-se a nós. — Alguém tem fome? Tenho sobras. — Mostra a caixa da piza e mantém o sorriso afivelado na cara.

O Dalton dá um salto ao encontro dela, tirando-lhe a caixa das mãos.

— Boa! — diz ele, tirando uma fatia. Passa-me a caixa, e também tiro uma. Entrego a caixa ao Asa exatamente quando a Sloan se senta na espreguiçadeira com ele. Inclina-se para o beijar, mas ele recua.

— Onde é que arranjaste isso? — pergunta ele, fechando a tampa para ler o topo.

Ela encolhe os ombros, com o cuidado de nem sequer olhar para mim.

— Num italiano qualquer. Uma das minhas aulas foi cancelada hoje e tinha fome, por isso fui buscar o almoço.

— Sozinha? — pergunta ele, pousando a caixa no cimento ao seu lado.

Ela sorri.

— Sim. Estou tão farta da comida do *campus*. — Tira uma fatia da caixa. — Prova — diz, entregando-lha. — É mesmo boa. Trouxe-a para casa para tu provares.

O Asa tira-lhe a fatia da mão e atira-a de novo para dentro da caixa. Inclina-se para a frente e puxa a Sloan pela mão, aproximando-a dele.

— Chega aqui — diz, puxando-a para o colo e segurando-lhe a nuca para a beijar.

Desvio o olhar. Tenho de o fazer.

O Asa põe-se de pé com a Sloan ainda enrolada nele. Vejo pelo canto do olho quando ele a levanta pelo rabo e lhe beija o pescoço. Dirige-se para casa e ergo os olhos, exatamente quando ela olha para mim por cima do ombro dele. Observa-me de olhos esbugalhados enquanto ele entra em casa pela porta das traseiras com ela ao colo; muito provavelmente, até à cama.

Recosto-me na cadeira e solto um suspiro bruto, passando as mãos pelo cabelo. Como é que posso ficar aqui sentado, sabendo o que se passa naquela casa?

— Gostava que o pudéssemos apanhar hoje — digo ao Dalton.

— Não gosto da maneira como ela olha para ti — diz o Dalton com a boca cheia de piza. Olho-o, e ele continua a fitar a porta das traseiras. — Ela é problemática.

Pego na caixa da piza e tiro outra fatia.

— Estás com ciúmes? — Rio-me, tentando que o comentário pareça natural. — Podes sempre ficar com a Jess. Ouvi dizer que o Jon é muito mais generoso do que o Asa.

O Dalton ri-se e abana a cabeça.

— Esta gente é tão passada.

Nem todos.

— Acho que podíamos usá-la — acrescenta o Dalton. Olho para ele e vejo as suas engrenagens todas a funcionar.

— Usá-la como?

— Ela gosta de ti — diz ele endireitando-se no assento. — Tens de usar isso como uma vantagem. Aproxima-te dela. Provavelmente, sabe mais acerca das pessoas com quem o Asa trabalha do que alguma vez conseguiremos descobrir nas nossas posições.

Merda. A última coisa que quero fazer é envolvê-la.

— Não me parece que seja boa ideia.

O Dalton levanta-se e diz:

— Tretas. É perfeito. A rapariga é a oportunidade que temos esperado neste caso. — Começa a marcar um número no telefone, encaminhando-se para a porta das traseiras.

Usar as mulheres para facilitar a resolução de um caso não é nada para ele. Fez isso praticamente em todos os trabalhos que tivemos juntos.

Mas não é algo que eu tenha vontade de fazer.

Porém, talvez não tenha escolha...

SLOAN

— O teu coração está a bater tão depressa — diz o Asa, deixando-me cair em cima do colchão.

Claro que está. Estes foram provavelmente os cinco minutos mais assustadores da minha vida, sem saber se conseguia impingir a mentira. Graças ao Carter, funcionou.

— Beijaste-me durante todo o caminho pela casa — digo. — Claro que está a bater depressa.

O Asa desliza para cima de mim e pressiona os lábios nos meus, beijando-me gentilmente. Passa a mão no meu cabelo, beijando-me até ao queixo e ao pescoço, até chegar à base da minha garganta. Detém-se e olha-me diretamente nos olhos.

— Tu amas-me, Sloan? — pergunta-me ele, de forma completamente inesperada.

Engulo em seco e faço que sim com a cabeça.

Ele soergue-se, apoiado nas palmas das mãos.

— Bem, então di-lo.

Forço um sorriso ao erguer os olhos para ele.

— Amo-te, Asa.

Ele olha-me por um momento, como se tivesse um detetor de mentiras interno e aguardasse para ver se passei. Baixa-se lentamente em cima de mim e enterra a cara no meu pescoço.

— Também te amo — diz. Rola para um lado e puxa-me para ele.

Abraça-me, massajando-me as costas com círculos suaves. Não me lembro da última vez que ele me tocou nesta cama sem isso estar diretamente relacionado com sexo. Beija-me um lado da cabeça e suspira.

— Não me deixes, Sloan — diz com firmeza. — Nunca te atrevas a deixar-me.

A expressão feroz e, contudo, desesperada dos seus olhos deixa-me paralisada. Abano a cabeça.

— Não te vou deixar, Asa.

Os seus olhos examinam cada centímetro da minha cara. Estando aqui embrulhada nos seus braços, vendo-o examinar-me com tanta intensidade, não sei se devo sentir-me amada ou aterrorizada. Acho que é um pouco de ambos.

Ele encosta a boca à minha e beija-me intensamente. Enfia a língua no fundo da minha garganta, como se tentasse reclamar cada centímetro de mim de dentro para fora. Não há nada de terno nisto, e quando afasta a boca da minha, está sem ar. Ajoelha-se e tira a t-shirt.

— Diz-me outra vez — pede, puxando-me a t-shirt e o sutiã pela cabeça. — Diz que me amas, Sloan. Que nunca me vais deixar.

— Amo-te. Nunca te vou deixar — sussurro, rezando para que a última seja em breve uma mentira.

Volta a encostar a boca à minha e percorre-me a barriga com as mãos, até chegar às calças. Beija-me com tanta intensidade que mal consigo respirar. Tenta baixar-me as calças, mas parece não conseguir despegar-se da minha boca tempo suficiente para o fazer. Ergo as ancas e tiro as calças, comportando-me como a puta em que me tornei para ele.

Porque não é esta a definição de uma puta? Alguém que compromete o respeito próprio para ter um ganho pessoal? Mesmo que o meu ganho seja algo altruísta e não tenha nada que ver comigo e tudo que ver com o meu irmão, isto não muda o facto de estar a ter sexo com ele em troca de alguma coisa. O que... por definição... faz de mim uma puta.

A puta *dele*.

E pela expressão possessiva dos seus olhos, é só isso que ele alguma vez me permitirá ser.

CARTER

Existem poucas coisas piores do que o meu sentido de oportunidade. Assim que abro a porta ouço os gemidos finais do Asa lá em cima. Detenho-me na cozinha, sem saber bem porque é que estou a ouvir o que ele lhe está a fazer. A simples ideia dá-me voltas ao estômago, especialmente sabendo o que fez à Jess apenas há duas horas.

Quando ouço passos lá em cima e a porta da casa de banho a fechar-se, saio do meu transe e encaminho-me para o frigorífico. Há um quadro magnético cheio de números de telefone preso na porta. Pego num dos marcadores, encosto-o ao quadro e escrevo. Ouço passos a descer a escada e devolvo o marcador ao seu lugar, depois viro-me mesmo a tempo de ver o Asa dobrar a esquina.

— Olá — diz ele. Está descalço e a única peça de roupa que usa são as calças de ganga desabotoadas. Está despenteado e tem um sorriso altivo no rosto.

— Como vai isso? — Encosto-me à bancada e vejo-o tirar um pacote de batatas fritas do armário. Abre-o e encosta-se à bancada à minha frente.

— Como correu a noite passada? — pergunta. — Ainda não tinha tido oportunidade de te perguntar.

— Bem — respondo. — Mas fiquei curioso. E se pudéssemos chegar diretamente a este fornecedor? De facto, já não há necessidade de um intermediário, se só precisavas dele como tradutor.

O Asa mete outra batata na boca e lambe os lábios.

— Porque é que pensas que te trouxe para cá? — Pousa o pacote na bancada e passa as mãos por água. — As minhas mãos sabem a cona — comenta, esfregando-as com detergente.

Este é um dos poucos momentos na minha carreira em que lamento não ter escolhido algo um pouco mais monótono. Algo um pouco menos esgotante emocionalmente. Devia ter sido professor de poesia.

— Há quanto tempo namoras com esta rapariga? — Parte da minha missão aqui é obter informações, mas parece que as únicas perguntas cujas respostas quero saber estão relacionadas com a Sloan.

Ele limpa as mãos a um pano, pega no pacote de batatas e senta-se num banco da ilha. Eu fico onde estou.

— Há algum tempo. Dois anos, talvez. — Enfia um punhado de batatas na boca e limpa as mãos à perna das calças.

— Parece que ela não aprova o que fazes — digo cautelosamente. — Achas que um dia poderá denunciar-te?

— Claro que não — responde ele. — Sou tudo o que ela tem. Só pode aceitar.

Aceno com a cabeça e seguro a ponta da bancada atrás de mim. Não acredito numa palavra que saia da boca dele, por isso espero sinceramente que isto de ele ser a única coisa que ela tem seja mais uma das suas mentiras.

— Só quero ter a certeza — digo. — Tenho dificuldade em confiar nas pessoas, se é que me percebes.

O Asa semicerra os olhos e inclina-se para a frente.

— Nunca confies em *ninguém*, Carter. Especialmente nas *putas*.

— Não disseste que a Sloan não é uma puta? — provoco.

Ele mantém os olhos trancados nos meus — imóvel e zangado. Por momentos, receio que me faça o que fez há pouco ao Jon. Em vez disso, leva a mão ao queixo e estala o pescoço, depois recosta-se novamente no assento. O relâmpago de fúria nos seus olhos dissipa-se quando ouve os passos da Sloan a descer as escadas. Ela entra na cozinha e detém-se quando nos vê a ambos.

O Asa tira os olhos de mim e fixa-os na Sloan. Ri-se e levanta-se para a abraçar.

— As pessoas têm de conquistar a minha confiança — afirma,

olhando-me por cima do ombro dela. — A Sloan conquistou-a.

Ela põe as mãos no peito dele e empurra-o, mas ele não a larga. Volta a sentar-se no banco da ilha e puxa-a para o meio das suas pernas, de costas para ele, de frente para mim. Põe os braços em torno da barriga dela e repousa o queixo no seu ombro, fazendo novamente contacto visual comigo.

— Gosto de ti, Carter. És muito profissional.

Forço um meio-sorriso, apertando a bancada com toda a força enquanto tento não a olhar nos olhos. Não suporto o medo que vejo neles sempre que ele tem as mãos em cima dela.

— Por falar em profissionalismo — digo. — Volto daqui a umas horas. Preciso de fazer umas coisas.

Endireito-me e caminho diante da Sloan e do Asa em direção à porta. Quando o faço, ela olha para mim com apreço.

O Asa inclina-se e beija-lhe o pescoço, depois ergue a mão para os seus seios. Ela fecha os olhos e faz uma careta, depois afasta o olhar de mim.

Continuo a andar para a porta da frente, sentindo-me totalmente impotente. Tento lembrar-me de que estou aqui por uma única razão — e não é ela.

Mando uma mensagem ao Dalton antes de sair com o carro e aviso-o de que vou à esquadra fazer alguma escrita. Começo a conduzir, sem fazer ideia de para onde vou. Ligo o rádio e tento livrar-me dos pensamentos assassinos que tenho em relação ao Asa, mas todos os meus outros pensamentos se referem à Sloan... e sempre que penso na Sloan sou conduzido de volta aos pensamentos assassinos em relação ao Asa.

O Asa está a arruinar inúmeras vidas e a da Sloan é apenas uma delas. Posso concentrar-me no que estou aqui a fazer a ajudar a derrubar todos os que estão envolvidos nesta operação, o que salvará vidas... ou posso salvar uma rapariga do namorado violento.

Ter de separar o que faço aqui do que *quero* fazer aqui torna a situação parecida com a teoria do general Patton, de como por vezes é necessário sacrificar as vidas de poucos pelo bem de muitos.

Tenho a sensação de estar a sacrificar a vida da Sloan pelo bem de

todos os outros que o Asa está a destruir. E essa ideia mata-me.

Dou por mim a duvidar de que tenha perfil para esta profissão no mínimo pela terceira vez esta semana.

Depois de uma hora às voltas, decido voltar para casa do Asa. O Dalton está lá na maior parte do tempo, mas disse ao Asa que eu vivo no *campus*, durante a conversa que tiveram há alguns meses. Assim, tive mesmo de arranjar um apartamento no *campus*, para o caso de o Asa alguma vez decidir investigar-me. Contudo, passo a maior parte do tempo em casa dele, porque é aí que posso obter mais informação. Pelo facto de estar junto da sua «equipa» e... possivelmente, da Sloan.

Sei que o Dalton tem razão. Sei que preciso de utilizar a Sloan para benefício da nossa investigação, mas isso significaria que ela teria de permanecer na situação em que está. Preferia mil vezes arranjar-lhe algum dinheiro e forçá-la a fugir para o mais longe possível do Asa.

Quando me aproximo da casa do Asa, vejo a Sloan sentada num banco de jardim a dois quarteirões de distância. Está sozinha, com os livros abertos numa mesa de piquenique. Abrando e paro na berma. Examino a área, para me certificar de que está sozinha.

Fico dentro do carro a observá-la por algum tempo, ponderando no que devo fazer. Se eu fosse mais esperto, continuaria a conduzir e concentraria a minha atenção onde ela é mais necessária. Se eu fosse mais esperto, não estaria a fechar a porta do carro, preparando-me para atravessar a estrada.

Se eu fosse mais esperto...

SLOAN

Nunca vi o Asa estudar um único dia da sua vida. Eu estudo todos os dias, por mais loucas que as coisas estejam à minha volta. Como neste momento, em que tive de sair de casa e vir para o parque, para ter paz e sossego.

Como é que ele tem uma média de 3,5 numa escala de 4? Não me admirava que estivesse a pagar aos professores.

— Olá.

Agarro as minhas chaves, que têm um *spray* de gás pimenta, e viro-me lentamente. O Carter vem na minha direção, com as mãos nos bolsos das calças de ganga. O seu cabelo escuro está despenteado, cai-lhe sobre a testa e entra-lhe nos olhos.

Para a alguns metros de mim, esperando que lhe dê permissão para se aproximar. Desta vez não está a sorrir. *Pelo menos, porta-se bem.*

— Olá — respondo sem entoação. Ponho as chaves em cima da mesa. — O Asa mandou-te chamar-me?

Ele aproxima-se da mesa de piquenique, passa uma perna para o outro lado do banco e senta-se. Está de frente para mim, com as mãos nos bolsos. Fito os meus manuais e recuso-me a olhar para ele. O ligeiro fraquinho que desenvolvi por ele na aula transformou-se no que podia ter sido uma valente tempestade de merda depois de ter almoçado com ele. Preciso de manter a distância, e olhar para ele dá-

me vontade de *não* a manter.

— Passei por acaso. Vi-te aí sentada e decidi vir ver como estavas.

— Estou bem — respondo, devolvendo a minha atenção ao trabalho de casa. Sinto que talvez devesse agradecer-lhe pelo aviso de hoje. Se ele não me tivesse telefonado, não faço ideia de como é que a situação se teria desenrolado. Mas, afinal, ele pode ter-me avisado apenas para se salvar a si mesmo.

Mas eu sei que não. Consegui ouvir a preocupação na sua voz antes de desligar o telefone. Ele estava assustado por mim. Estava assustado por mim, tal como eu estava assustada por ele.

— Estás? — pergunta ele ceticamente. — Estás mesmo bem?

Relanceio-o. Parece que não pode simplesmente deixar as coisas em paz.

Pouso o lápis na mesa e viro-me para o encarar. Está sempre a pressionar-me por mais verdades. Sempre a querer saber que raio estou a pensar. Se é isso que ele quer, mais vale despacharmos o assunto. Respiro fundo e preparo-me para responder a todas as perguntas que ele já me fez, e mesmo àquelas que ainda não fez.

— Sim, estou bem. Não estou fantástica. Não estou péssima. Estou apenas *bem*. Estou bem porque tenho um teto e um namorado que me ama, apesar de fazer escolhas erradas. Gostava que ele fosse uma pessoa melhor? Sim. Se tivesse os meios, deixava-o? Sim. Sem dúvida. Desejava que não houvesse tantas entradas e saídas constantes em minha casa, para poder arranjar um sítio calmo onde fazer os trabalhos de casa ou, se não fosse pedir muito, dormir um bocado? Caramba, sim! Queria licenciar-me mais cedo para sair desta confusão? Sim. Fico envergonhada pela forma como o Asa me trata? Sim. Gostava que não fizesses parte disto? Sim. Gostava que pudesses ser o tipo que eu julguei que eras no dia em que te conheci na aula? Sim. Queria que tu me pudesses salvar? — Solto um pequeno suspiro derrotado e olho para as mãos. — Muito, Carter — sussurro. — Gostava muito, muito, que me pudesses salvar desta merda toda. Não estou nesta vida por mim. Se estivesse, ter-me-ia ido embora há muito tempo.

Como poderia ele salvar-me desta vida? Ele é *parte* desta vida. Se eu fugir do Asa para os braços do Carter, terei exatamente o mesmo estilo de vida... apenas um par de braços diferente. E o Carter não

imagina que a única razão para ainda me encontrar nesta situação nem sequer tem que ver comigo ou com o que já senti pelo Asa.

Abano a cabeça a toda esta situação infeliz em que nos encontramos e pestanejo para conter as lágrimas.

— Uma vez deixei-o — digo ao Carter. — Foi logo ao princípio, quando descobri como é que ele ganhava o dinheiro. Não tinha para onde ir, mas deixei-o porque sabia que merecia melhor. — Faço uma pausa, procurando as palavras certas. Quando ergo os olhos para o Carter, a primeira coisa que noto é a preocupação genuína nos seus olhos. É uma sensação estranha confiar mais em alguém que mal conheço do que na pessoa com quem partilho a cama.

» Quando era pequena, tinha dois irmãos mais novos. Nasceram quando eu tinha 2 anos. Gémeos. A minha mãe era viciada em drogas, por isso nasceram ambos com complicações. O Drew morreu aos 10 anos. O outro, o Stephen, precisa de muitos cuidados. Cuidados que não lhe posso providenciar sozinha se quiser construir uma vida boa para nós. Quando ele tinha 16 anos, foi finalmente aprovada a sua entrada numa instituição onde poderia viver e ter cuidados vinte e quatro horas por dia. E eu podia ir para a universidade e construir uma vida melhor para nós. As coisas corriam muito bem até algumas semanas depois de eu decidir separar-me do Asa. O Estado retirou o financiamento ao Stephen e eu não tinha nenhum sítio para nós vivermos. Nenhum sítio para cuidar dele. A opção que me restava era pagar do meu bolso, milhares de dólares por mês. Eu não tinha possibilidades, mas a última coisa que queria era que ele fosse novamente obrigado a viver com a minha mãe. Não era seguro para ele. Ela é viciada e não tem condições para cuidar de si mesma, muito menos do Stephen. Quando percebi a posição em que nos colocara aos dois, não sabia para onde me virar. Quando o Asa se ofereceu para pagar a instituição do Stephen se eu lhe desse outra oportunidade, não podia dizer que não. Voltei a viver com ele. Agora sou obrigada a fingir que ele é suficiente para mim. Finjo fazer vista grossa às coisas horríveis que ele faz. E, em troca, ele envia um cheque todos os meses para pagar as despesas do Stephen. E é por isso que ainda estou aqui, Carter. Porque não tenho outra escolha.

O Carter fita-me, completamente silencioso. Por um momento, quase me arrependo de ser tão aberta com ele. Nunca tinha contado

isto a ninguém. Por mais que o Asa não me mereça, ainda tenho vergonha de só estar com ele por ele me ajudar. É embaraçoso admitir a verdade a alguém.

O almoço com ele hoje parece agora a um mundo de distância. Aconteceu tanta coisa entre esta manhã e este momento. Ele parece diferente agora. Não o Carter brincalhão da aula desta manhã. Não o Carter lamentoso que foi depois do almoço.

Neste momento, ele parece... não sei... uma pessoa completamente diferente. Quase como se tivesse estado a fingir ser alguém que não é e esta fosse a primeira vez que me olha com verdade nos olhos.

Ele desvia o olhar e vejo o leve oscilar da sua garganta quando engole em seco e depois fala.

— Respeito o que estás a fazer pelo teu irmão, Sloan — diz.
— Mas que utilidade terás para ele se acabares morta? Aquela casa não é segura para ti. O Asa não é seguro para ti.

Suspiro e limpo uma lágrima desgarrada.

— Faça aquilo que consigo. Não me posso dar ao luxo de me preocupar com «e ses».

Os olhos dele seguem a lágrima que me rola pela face e depois levanta uma mão para a minha cara e limpa-a. De todas as lágrimas que chorei pelo Asa, ele não tentou limpar nem uma.

— Vem cá — diz o Carter, pegando-me na mão. Puxa-me na sua direção ao mesmo tempo que se aproxima de mim. Baixo o olhar para a mão dele, segurando a minha, que tento retirar. Ele aperta-a e agarra-me o ombro com a outra mão. — Anda cá — sussurra de maneira reconfortante, aproximando-me mais. Abraça-me e guia a minha cabeça para o seu ombro. Aperta-me com força, aninhando a minha cabeça na sua mão. Encosta a bochecha quente ao cimo da minha cabeça e abraça-me.

É tudo o que faz.

Não pede desculpa. Não mente, dizendo-me que vai ficar tudo bem, porque ambos sabemos que não vai. Não me faz promessas que não será capaz de cumprir, como o Asa. Apenas me abraça, levado pelo desejo simples de me dar conforto — e é a primeira vez que sinto isto.

Aninho-me melhor e relaxo encostada a ele, ouvindo o seu

coração bater-lhe rapidamente dentro do peito. Fecho os olhos e tento imaginar um momento na minha louca vida lixada em que me senti cuidada, mas não encontro nada. Vivo nesta terra há vinte e um anos, e esta é a primeira vez que sinto que alguém realmente se importa.

Seguro a camisa dele com os punhos e volto a tentar chegar-me ainda mais para ele, desejando enrolar-me dentro dele e desfrutar desta sensação para sempre. Ele levanta a face e pressiona levemente os lábios no cimo da minha cabeça.

Permanecemos abraçados, segurando-nos um ao outro como se o destino do mundo dependesse deste abraço.

O tecido fino da sua camisa está húmido das lágrimas que me rolam pelas bochechas. Nem sequer sei porque é que estou a chorar. Talvez seja porque, até este momento, não fazia ideia do que era ser valorizada. Qual era a sensação de ser respeitada. Até este momento, não fazia ideia de qual era a sensação de ser cuidada.

Ninguém devia poder atravessar a vida sem nunca se sentir cuidado. Nem mesmo pelos pais que o criaram. Contudo, eu vivi assim vinte e um anos.

Até agora.

CARTER

Fecho os olhos e continuo a abraçá-la, enquanto ela chora silenciosamente de encontro ao meu peito. Abraço-a até o lusco-fusco se tornar escuridão, e o que resta de luz ser engolido por um cobertor de estrelas.

Abraço-a até ouvir um carro prestes a virar para esta rua. Levanto os olhos, mas o carro vira na direção oposta. Ela continua encostada à minha camisa, mas a ideia de o Asa, ou mesmo o Dalton, me verem com ela neste momento é o meu pensamento principal.

Não devia estar aqui a confortá-la. Isto pode causar-lhe mais problemas.

Ela tem razão. Não a posso salvar. Por muito que queira, estamos ambos de mãos atadas. Não posso arriscar-me a arruinar algo que é muito maior do que nós os dois. Não posso sacrificar aquilo que vim aqui fazer para a ajudar a fugir. É algo que ela tem de fazer sozinha e quando for financeiramente capaz.

E, a cada momento que a abraço, de cada vez que lhe pego na mão, sempre que me sento ao lado dela na aula, sempre que a ponho cada vez mais nestas situações inofensivas, estou a empurrá-la para mais perto da beira de um penhasco. Se não arranjar uma forma de me afastar dela... acabarei por vê-la cair.

Interrompo o abraço e recuo, mas a Sloan permanece agarrada à minha camisa. Seguro-lhe as mãos e afasto-as de mim. Ela levanta a

cabeça e olha-me, os olhos vermelhos e inchados, como eu subitamente desejo que estivessem os seus lábios.

Para de pensar assim, Luke.

Levanto-me e ela agarra-me a camisa para me puxar de volta, a confusão rápida nos seus olhos.

— Solta-me — sussurro.

As mãos dela tombam-lhe no colo e ela quebra o contacto visual. Põe as pernas em cima do banco e abraça os joelhos, chorando para os braços. Afastar-me dela vai exigir todas as forças que tenho.

— Tens razão, Sloan — digo, afastando-me dela. — Não te posso salvar.

Viro-me e começo a voltar para o meu carro, cada passo mais difícil do que o último. Não me viro quando abro a porta. Entro no carro e conduzo para a casa dela sem olhar uma única vez para trás.

Entro pela porta da frente e percebo pelo estado da sala e pelo barulho que vem do pátio que esta vai ser uma noite longa.

Atravesso a casa até ao pátio das traseiras. Há várias pessoas espalhadas por ali. Ninguém sequer ergue os olhos quando saio para o exterior. Há quatro raparigas na piscina a fazer um espetáculo. Duas delas seguram as outras duas empoleiradas nos seus ombros e tentam atirar-se umas às outras para a água. O Jon e o Dalton estão sentados ao lado da piscina, de cervejas na mão, incentivando aquelas em que apostaram.

O Asa está sentado à beira da piscina com os pés dentro de água. Não está a olhar para as raparigas. Olha diretamente para mim, com olhos duros e desconfiados. Aceno na direção dele, fingindo não compreender a sua expressão.

O Dalton vê-me e chama-me.

— Carter! — Corre em volta da piscina, com pouca estabilidade. Vem o tempo todo a rir-se, entornando metade da cerveja. Quando chega ao pé de mim, abraça-me e inclina-se para o meu ouvido.

— Não te preocupes. Não estou tão mal como pareço — diz.
— Arrancaste alguma coisa à Sloan?

Recuo e olho-o nos olhos.

— Como é que sabias que estava com ela?

Ele ri-se.

— Não sabia, mas bom trabalho — diz, apertando-me o ombro. — És rápido. Acho que ela sabe mais do que nós pensamos.

Abano a cabeça.

— Acho que não sabe porra nenhuma — digo-lhe. — Será uma perda de tempo concentrarmo-nos nela.

Espreito por cima do ombro do Dalton e vejo o Asa a observar-nos. Tira os pés da água e levanta-se.

— Ele vem para aqui — digo.

O Dalton ergue uma sobrancelha e recua, levantando a cerveja. Sorri e põe-se a andar à roda.

— Aposto cem dólares em como consigo ficar debaixo de água mais tempo do que qualquer um de vocês, palhaços.

O Jon aceita imediatamente a aposta. Largam as cervejas e mergulham na piscina.

O Asa vem na minha direção, mas passa ao meu lado e vai para casa, sem nunca me olhar.

Não sei o que é que me perturba mais. O facto de eu desconfiar de cada movimento que ele faz, ou facto de ele parecer desconfiar de *mim*.

SLOAN

Precisei de meia hora depois de o Carter se ir embora para finalmente me recompor o suficiente para pegar nas minhas coisas e voltar para casa. Há dez minutos que cheguei à rampa de entrada escura. Tenho estado a olhar para o passeio, seguindo o caminho sinuoso com os olhos. Seria tão fácil continuar a andar. Não há nada naquela casa que eu queira. Nada sequer de que precise. Podia continuar a andar ao longo da estrada até estar demasiado longe para voltar.

Gostava que fosse tão fácil como parece, mas... mais uma vez... isto não é só sobre mim. E ninguém, além de mim, pode mudar nada disto.

O Carter não me pode salvar. O Asa, claro que não me vai salvar. Só preciso de continuar a poupar dinheiro até ter o suficiente para me aguentar sozinha e trazer o meu irmão para junto de mim.

Dou um passo para a relva, em direção à casa, mas hesito. É o último sítio onde quero estar agora. Quero voltar para o parque, voltar para o banco, voltar para os braços do Carter. Quero ter novamente essa sensação, mas tenho vergonha de admitir que também quero mais do que isso. Quero saber como é ser beijada por alguém que me respeita.

Esse simples pensamento deixa-me incrivelmente culpada. Tanto quanto sei, o Asa é-me fiel. Sustenta-me. Cuida financeiramente do meu irmão... uma responsabilidade que nem sequer é dele. Fá-lo

porque me ama e sabe que quero ver o meu irmão feliz. Não lhe posso negar esse crédito. É mais do que alguém fez por mim em toda a minha vida.

Atiro a mochila com os trabalhos de casa concluídos para dentro do carro do Asa e entro pela porta da frente. Continuo a andar até chegar à cozinha. Farei o que faço todas as noites, que é levar alguma coisa para comer e beber no meu quarto. Ficarei ali sozinha a tentar dormir entre o som da música e das gargalhadas e, por vezes, de gritos abafados. Adormecerei desejando que o Asa me dê pelo menos umas boas quatro horas antes de me acordar outra vez.

Ligo o micro-ondas e encho um copo com gelo. Fecho o congelador e vou abrir a porta do frigorífico quando a caligrafia familiar no quadro magnético me chama a atenção. Sinto a minha respiração prender-se enquanto leio.

As preocupações fluem dos seus lábios como as palavras aleatórias fluem da ponta dos seus dedos. Estendo as mãos e tento apanhá-las, prendendo-as nos punhos, desejando unicamente apanhá-las todas.

Olho para as suas palavras, escritas claramente à vista de todos, mas sei que são apenas para mim. É óbvio que não cumpriu as regras do jogo. Claramente, desta vez *pensou* antes de escrever. Isto faz-me sorrir. *Batoteiro*.

Apago as palavras, mas não antes de as gravar na minha mente. Pego no marcador e encosto-o ao quadro.

ASA

As minhas mãos estão húmidas de suor. O ar condicionado está outra vez avariado e está demasiado calor para sair. Percorro com a palma transpirada o braço de couro do sofá, deixando um rasto de suor atrás do movimento da mão.

Pergunto-me de onde virá o suor.

Pergunto-me de onde virá o couro.

A minha mãe diz-me que é feito das vacas, mas ela é uma mentirosa, por isso não acredito. Como é que o couro pode ser feito das vacas? Já toquei numa vaca e elas são um bocado macias. Não me parecem couro. O couro é mais parecido com os dinossauros do que com as vacas.

Aposto que o couro é mesmo feito de dinossauros. Não sei porque é que a minha mãe me mente sempre. Também mente ao meu pai. Sei que ela lhe mente, porque arranja muitos sarilhos por causa disso.

O pai diz-me sempre para não confiar em putas. Não sei o que é uma puta, mas sei que é algo que o pai odeia.

Às vezes, quando ele se zanga com a minha mãe, chama-lhe puta. Se calhar puta é outra palavra para mentirosa e é por isso que ele as odeia tanto.

Gostava que a minha mãe não fosse puta. Gostava que ela parasse de mentir, para não se meter em tantos sarilhos. Não gosto de a ver meter-se em sarilhos.

Mas o pai diz que é bom para mim. Diz que se eu quiser crescer e ser

um homem, preciso de ver como é uma mulher quando chora. O pai diz que as lágrimas das mulheres tornam os homens fracos, e quanto mais eu vir as suas lágrimas enquanto sou pequeno, menos acreditarei nelas quando for mais velho. Às vezes, quando ele castiga a mãe por ser puta, obriga-me a vê-la chorar, para eu crescer a saber que todas as putas choram e que não me devo chatear com isso.

«Não confies em ninguém, Asa», é o que ele me diz sempre. «Especialmente nas putas.»

Seguro a tira de couro amarrada ao meu braço, aperto-a mais e bato na minha pele. Agora sei que o couro não vem dos dinossauros.

A minha mãe não mentiu acerca disso, pelo menos.

Não me lembro muito bem da luta no quarto deles nessa noite. A gritaria tornara-se uma ocorrência diária, portanto não era novidade para mim. O que essa noite teve de diferente foi o silêncio. A casa nunca tinha estado tão silenciosa. Lembro-me de estar deitado na cama, a ouvir a minha própria respiração, porque era o único som que se ouvia em toda a casa. Odiava o silêncio. *Odeio* o silêncio.

Durante alguns dias, ninguém descobriu o que ele lhe tinha feito. Encontraram o corpo embrulhado num lençol ensanguentado, enfiado debaixo da casa e meio coberto com terra. Sei-o porque me escapei lá para fora e vi-os tirarem-na de debaixo da casa.

Depois de os polícias prenderem o meu pai, fui enviado para casa da minha tia, onde vivi até fugir, aos 14 anos.

Sei que ele está na prisão algures, mas nunca o procurei. Desde aquela noite que não o vejo nem sei nada dele.

Acho que também não se pode confiar nos *homens* que casam com putas.

Encosto a ponta da agulha ao braço e aplico um pouco de pressão. Depois de picar a pele, arrasto o processo o mais que consigo. A inserção inicial e a picada são a melhor parte para mim.

Pressiono o polegar para baixo, sentindo a queimadura morna mover-se do ponto de inserção, descendo-me pelo pulso e subindo-me diretamente ao ombro.

Tiro a agulha e atiro-a para o chão, depois desamarro a tira de couro e deixo-a também cair. Enrolo o braço junto do peito e seguro-o

com a outra mão, enquanto encosto a cabeça à parede. Fecho os olhos e sorrio para mim mesmo, aliviado por não ter acabado com uma puta.

Hoje, ao pensar que a Sloan estava com outro tipo, ficou claro como água porque é que o meu pai odiava putas. Acho que não o tinha compreendido verdadeiramente até esse momento — quando senti pela Sloan o ódio que ele sentia pela minha mãe.

Estou tão aliviado por a Sloan não ser uma puta.

Deixo o braço cair frouxamente em cima do colchão.

Foda-se, isto sabe tão bem.

Ouço os passos da Sloan a subir as escadas.

Vai ficar chateada por eu estar a fazer isto no nosso quarto. Ela pensa que eu apenas vendo a cena — que não a provo.

Depois do que ela já me fez passar hoje, é melhor que não diga uma única palavra acerca disto quando entrar neste quarto.

Foda-se... tão bom.

CARTER

Ela voltou para casa há dez minutos. Vi as luzes acenderem na cozinha.

Estou sentado à beira da piscina com o Jon, o Dalton e um tipo chamado Kevin. Eles estão embrenhados num torneio de póquer ao vivo, assistindo num portátil que o Kevin apoiou na mesa. Aparentemente, têm um interesse qualquer no jogo.

Tenho noção de que o Dalton está a tomar notas mentais, seguindo as conversas como se fossem um jogo de pingue-pongue. Ele que o faça. A minha mente está demasiado exausta do dia de hoje para conseguir acompanhar, e não paro de pensar para onde terá ido o Asa e o que estará a Sloan a fazer neste momento.

Os meus olhos estão fixos na casa. Olho pelas janelas enquanto ela se move na cozinha, preparando alguma coisa para comer. Quando parece que já foi para cima, aproveito a oportunidade para relaxar. Preciso de me reorganizar — de voltar a centrar a minha atenção nas conversas à minha volta. Só preciso de alguns minutos sozinho para fazer isso. Algumas pessoas recarregam-se com a energia dos que o rodeiam.

Não sou uma dessas pessoas.

Li uma vez que a diferença entre um introvertido e um extrovertido não é a forma como se comportam em grupo, mas se a presença do grupo lhes transmite ou suga energia. Um introvertido

pode parecer extrovertido aos olhos dos outros, e vice-versa. Tudo se resume à forma como essas interações nos influenciam internamente.

Sou sem dúvida um introvertido, porque as pessoas me esgotam. E agora preciso de silêncio para recarregar.

— Queres uma cerveja? — pergunto ao Dalton. Ele abana a cabeça e eu levanto-me e vou à cozinha. Nem sequer quero uma cerveja. Só quero silêncio. É inacreditável como a Sloan vive com isto diariamente.

Entro pela porta das traseiras e a primeira coisa em que reparo ao chegar à cozinha é na nova mensagem escrita no quadro. Aproximo-me e leio.

Ele descerrou os punhos e deixou cair as preocupações dela, incapaz de as segurar em seu lugar. Mas ela pegou-lhes e limpou-lhes o pó. Quer ser capaz de ser ela a segurá-las agora.

Leio várias vezes, até a porta do quarto bater lá em cima e me arrancar do meu transe. Afasto-me do frigorífico, no momento exato em que a Sloan dobra a esquina para a cozinha. Ela para subitamente quando me vê. Leva rapidamente as mãos à cara e limpa as lágrimas. Vejo-a olhar para as suas palavras no frigorífico e depois outra vez para mim.

Ficamos ambos em silêncio, apenas a meio metro de distância, fitando-nos. Os olhos dela estão muito abertos e vejo o seu peito subir e descer a cada respiração.

Três segundos.

Cinco segundos.

Dez segundos.

Perco a conta do tempo que passa enquanto apenas nos olhamos, nenhum de nós sabendo o que fazer em relação à corda invisível entre nós, que nos puxa e atrai com uma força muito superior à nossa força de vontade.

Ela funga e põe as mãos nas ancas enquanto baixa os olhos para o chão.

— Odeio-o, Carter — sussurra ela.

Percebo pela mágoa na sua voz que algo aconteceu quando ela foi lá acima. Olho para o teto, na direção do quarto deles, perguntando-

me o que poderá ter sido. Quando volto a olhar para ela, está a fitar-me.

— Ele está inconsciente — diz. — Está outra vez a usar.

Não devia ficar aliviado por ele estar inconsciente, mas fico.

— Outra vez?

Ela dá alguns passos na minha direção e depois encosta-se à bancada, cruzando os braços. Limpa outra lágrima.

— Ele fica... — Inspira e percebo que lhe é difícil falar disto. Dirijo-me a ela e ponho-me ao seu lado.

— Ele fica paranoico — diz. — Começa a pensar que vai ser apanhado e a pressão torna-se excessiva. Ele pensa que eu não reparo nessas coisas, mas reparo. Depois começa a usar e, quando isso acontece, as coisas... as coisas ficam más para todos nós.

Neste momento, estou num combate comigo próprio. Uma parte de mim deseja confortá-la; a outra parte deseja, de modo egoísta, pressioná-la para obter mais informações.

— Todos nós?

Ela assente com a cabeça.

— Eu. O Jon. Os tipos que trabalham para ele. — Inclina a cabeça na minha direção. — *Tu.*

Diz a última palavra com uma dose de azedume. Morde o lábio inferior com os dentes e olha noutra direção. Eu continuo a fitá-la. As suas mãos retorcem-se para dentro das mangas da t-shirt enquanto ela se abraça cada vez mais estreitamente.

Já não está a chorar. Está zangada, e não tenho a certeza se é comigo ou com o Asa.

Volto a olhar para as palavras no quadro.

Ele descerrou os punhos e deixou cair as preocupações dela, incapaz de as segurar em seu lugar. Mas ela pegou-lhes e limpou-lhes o pó. Quer ser capaz de ser ela a segurá-las agora.

Reler aquelas palavras e observá-la neste momento dá-me clareza. Durante todo este tempo, tenho estado preocupado com ela. Preocupado com a possibilidade de que ela estivesse a ser manipulada e não fizesse ideia de que género de pessoa o Asa é.

— Estava enganado acerca de ti — digo-lhe.

Ela olha-me novamente. Desta vez, tem os lábios cerrados e as sobrancelhas juntas, mostrando curiosidade.

— Pensei que precisavas de proteção — esclareço. — Pensei que talvez fosses ingénua no que diz respeito ao Asa. Mas não és. Conheço-lo melhor do que qualquer outra pessoa. Pensei que ele estava a usarte... mas és tu que estás a usá-lo.

Ela cerra os maxilares e range os dentes ao ouvir as palavras.

— Eu estou a *usá-lo*?

Assinto com a cabeça.

A sua curiosidade transforma-se em fúria e ela semicerra os olhos.

— Eu também estava enganada em relação a ti — diz. — Julguei que eras diferente. Mas és um canalha, como os outros todos.

Vira-se para se ir embora, mas seguro-lhe o cotovelo e puxo-a de volta. Ela dá um gritinho quando a viro e lhe seguro os antebraços.

— Ainda não acabei.

Os olhos dela agora estão cheios de choque. Alívio a pressão nos seus braços e massajo-os com o polegar, para cima e para baixo, esperando aliviar a sua fúria.

— Ama-lo? — pergunto.

Ela inspira lentamente, mas não responde.

— Não — digo, respondendo por ela. — Não o amas. Provavelmente, amaste, mas a única coisa de que o amor depende para sobreviver é o respeito. E tu não recebes isso dele.

Ela permanece silenciosa enquanto espera que eu me explique.

— Não o amas. Ainda estás aqui, não por seres demasiado fraca para te ires embora, mas porque és demasiado *forte* para isso. Aguentas esta merda porque sabes que não é por ti. Não tem que ver com a tua própria segurança. Faze-lo pelo teu irmão. Tudo o que fazes, fazes por outras pessoas. Não são muitos os que têm esse género de coragem e força, Sloan. Isso é inspirador como o raio.

Os seus lábios entreabrem-se e ela inspira suavemente. A julgar pela sua reação, diria que não está habituada a ser elogiada. E isso é triste.

— Lamento ter-te dito aquelas coisas no restaurante — digo. — Tu não és fraca. Não és o *capacho* do Asa. Tu és...

Uma lágrima cai-lhe do olho esquerdo e rola pela face. Levanto a mão e encosto-a à sua bochecha, deixando que a lágrima me tombe no

polegar. Não a limpo. O que queria mesmo era engarrafá-la e guardá-la. Esta é provavelmente a primeira lágrima que ela já chorou em resultado de um elogio e não de um insulto.

— Sou o quê? — pergunta ela, a voz baixa e esperançosa. Olha para mim desejando, *precisando*, que eu termine a frase.

Os meus olhos descaem para a sua boca e o meu peito contrai-se ao pensar como saberiam aqueles lábios deslizando pelos meus. Engulo em seco e acabo de dizer as palavras que sei que ela precisa de ouvir.

— És uma das pessoas mais fortes que já conheci — sussurro. — És tudo o que o Asa não merece. — *E tudo o que eu desejo*, penso.

Ela suspira baixinho e estamos tão próximos que sinto a sua respiração nos meus lábios — tão próximos que já consigo sentir o seu sabor. Passo a mão pelo seu cabelo para a puxar para mim, mas no momento em que os nossos lábios quase se encontram, a porta das traseiras para a cozinha começa a abrir-se. Separamo-nos, olhando em direções opostas. Tentamos imediatamente disfarçar o que quase aconteceu. Abro o frigorífico exatamente quando o Jon entra na cozinha. Desvio o olhar dele, mas não antes de ver a sua expressão cúmplice. A desconfiança.

Merda.

Ouço a Sloan a abrir um armário atrás de mim. Procuro dentro do frigorífico.

— Queres uma cerveja? — pergunto ao Jon, estendendo-lhe uma.

Ele dá dois passos deliberados na minha direção, olhando-me com intensidade, e tira-me a cerveja da mão. Olha para a Sloan atrás de mim enquanto a abre.

— O que é que acabei de interromper?

Espero para ver se a Sloan quer responder, mas não quer. O silêncio prolonga-se. Tiro outra cerveja do frigorífico e depois fecho a porta, olhando na direção da Sloan. Ela está de costas para ambos, servindo um copo de água no lava-loiça.

Podia reagir como se o Jon estivesse a exagerar. Podia fingir ignorância. Mas o Jon perceberia. Sei o que as coisas pareciam quando ele entrou aqui — ambos a separar-nos, virando-nos em direções opostas, com expressões de culpa.

O Jon não me conhece. Pelo que sabe, sou igual a ele. Fazê-lo

pensar que não estou preocupado com as repercussões ganhar-me-á provavelmente mais respeito da parte dele do que o contrário. Olho para o Jon e pisco-lhe o olho, deixando-o pensar o que bem lhe apetecer. Caminho com confiança lá para fora e, assim que a porta se fecha atrás de mim, encosto a mão à parede e solto uma longa exalação.

Sinto o impacto em cada parte de mim — o sangue a subir-me à cabeça enquanto os meus pulmões absorvem o ar que a Sloan me roubou na cozinha. Ou melhor, roubou ao *Luke*. Porque era completamente eu naquele momento, puxando-a para mim, desejando pôr a minha boca sobre a dela. Isso não tem nada que ver com os meus motivos para estar aqui.

E recebi exatamente o que merecia por permitir que isto acontecesse. O Jon sabe que interrompeu alguma coisa, e agora tenho de perceber como corrigir isso antes que o Asa descubra.

Esta merda tornou-se muito real.

SLOAN

As minhas mãos tremem enquanto bebo um gole de água. Sei que o Jon ainda está na cozinha, algures atrás de mim, mas não me quero virar. Ele repugna-me quase tanto como o Asa, e saber que pensa que viu algo entre mim e o Carter dá-lhe uma vantagem. Sei como ele funciona. Não sou estúpida.

Pouso o copo e olho rapidamente para trás. O Jon está encostado ao frigorífico, a olhar para as palavras que escrevi. Levanta a mão e passa com o indicador sobre as palavras no quadro, depois apaga-as com o dedo.

— Que raio de merda significa isto? — pergunta, olhando para mim.

Viro-me completamente para ele, cruzando os braços diante do peito. Detesto a forma como os seus olhos me percorrem o corpo. Detesto a forma como me olha — como se eu fosse a única coisa que ele não pode ter. Só que agora, pensando que o Carter quase me teve, sente-me de alguma forma mais ao seu alcance.

O meu coração parece ter-me subido para a garganta. Sinto a minha pulsação no pescoço quando o Jon começa a dar alguns passos para mim.

— Onde está o Asa? — pergunta, os olhos perscrutando-me os seios e não a cara.

— No nosso quarto — respondo, querendo que ele saiba que o Asa

está aqui, dentro de casa. Não menciono que desmaiou e provavelmente só acordará daqui a algumas horas.

É curioso como as coisas funcionam por vezes. Temo o Asa mais do que ninguém — mas o Asa é também a minha única proteção contra as pessoas nesta casa.

O Jon olha para o teto.

— Está a dormir?

Abano a cabeça.

— Não — digo. — Vim cá abaixo arranjar-lhe uma bebida.

Vejo nos seus olhos que sabe que estou a mentir. Sabe que estou apenas a tentar proteger-me. Dá mais um passo em frente e chega ao pé de mim. Algo muda na sua expressão. Vejo o seu olhar sinistro — o ódio — e abro a boca para gritar. Quero gritar para o Carter voltar cá dentro. Quero gritar para o Asa descer. Mas não posso, porque o Jon me põe as mãos em volta do pescoço, abafando-me a voz.

— Queres saber do que é que estou mesmo farto? — pergunta, fitando-me e apertando-me com mais força. Os meus olhos estão esbugalhados, mas não consigo fazer que sim nem que não com a cabeça. Agarro a mão dele em torno da minha garganta, tentando soltar-me. — Estou farto de que o Asa obtenha tudo o que quer — diz ele. — E que não me deixe ter nada.

Fecho os olhos com força. Alguém entrará em breve — o Carter, o Dalton —, alguém vai impedir isto.

Exatamente quando o pensamento me passa pela cabeça, a porta das traseiras abre-se e o alívio inunda-me. Abro os olhos e o Jon dá meia-volta, ainda a segurar-me a garganta.

Os meus olhos encontram os do Kevin. Este detém-se junto à ombreira, fitando-nos. Mal o conheço, porque não vem muito aqui a casa, mas não me importo. Ele está aqui e o Jon foi apanhado. Será obrigado a soltar-me.

— Põe-te a andar daqui — ruge o Jon para o Kevin.

O Kevin tenta entender a cena: o Jon encostado a mim, uma das mãos a segurar-me as ancas, a outra em volta da minha garganta, a minha expressão de medo. Tento abanar a cabeça para implorar silenciosamente ao Kevin que não se vá embora, mas ele interpreta mal a situação, porque se ri. Ou... talvez não tenha interpretado mal. Talvez não se importe. Talvez seja tão perverso como o Jon. O Kevin

levanta as mãos.

— Desculpa, meu — diz, e volta lá para fora.

Mas que merda?

O Jon vira-me e empurra-me em direção à sala, para fora da cozinha. Tento gritar, mas não sai nada. A mão dele ainda está apertada na minha garganta.

A sala está escura e vazia e tento livrar-me do seu aperto, mas fico mais fraca a cada segundo, a cada gota de ar que ele se recusa a deixar-me inspirar. Sinto o pânico instalar-se, mas obrigo-o a recuar. Não posso perder o controlo de mim mesma neste momento.

Ele atira-me para o sofá e, assim que me alivia o aperto na garganta, arquejo, tusso e engasgo-me até ter ar suficiente nos pulmões para gritar. Mas antes de ser capaz de o fazer, algo frio é encostado à minha garganta. Algo afiado.

Oh, céus.

Fecho os olhos no momento em que a outra mão do Jon começa a separar-me os joelhos. Nunca senti um terror como o que sinto neste momento. Já estive em situações perigosas antes — normalmente às mãos do Asa. Mas nunca temi pela minha vida às mãos do Asa.

O Jon é diferente. O Jon é capaz de me magoar só para castigar o Asa.

A mão dele sobe-me pela coxa e instala-se entre as minhas pernas. Sinto as pernas a tremer com o medo que domina todo o meu corpo.

— O Asa pensa que as miúdas dos outros todos são para ele comer, mas é o único que come isto? — Baixa a boca para o meu ouvido. — Ele deve-me alguns favores, Sloan. E preciso que me pagues um agora.

— Jon — digo, sufocada. — Por favor, para. Por favor.

Ele encosta a boca à minha.

— Diz outra vez «por favor» — sussurra.

— Por favor — suplico mais uma vez.

— Adoro quando suplicas. — A sua boca esmaga-se de encontro à minha e sinto imediatamente o sabor da bÍlis que me sobe à garganta. Não há nada de gentil na sua boca enquanto a língua me força a abrir os lábios. Quanto mais tento lutar para me libertar, mais ele pressiona a lâmina na minha garganta.

Através de todo o medo e de todo o esforço, ainda sou

surpreendentemente capaz de ouvir o clique baixo de uma arma.

O Jon imobiliza-se em cima de mim e, quando abro os olhos, vejo a ponta metálica de uma pistola encostada à sua têmpora.

— Afasta-te dela — diz o Carter.

Oh, céus. Obrigada, Carter. Obrigada, obrigada, obrigada.

A mão do Jon sai lentamente da minha garganta. Apoia-a nas costas do sofá.

— Vais arrepender-te disto — diz ao Carter.

Olho para o Carter e, enquanto ele fita o Jon, vejo algo nos seus olhos que nunca tinha visto.

— Estás enganado — diz ele com voz firme. — A única coisa de que me arrependo é de não te ter dado um tiro há três segundos.

O Jon engole em seco e começa lentamente a afastar-se de mim. Enquanto ele se senta, o Carter nunca afasta a pistola da sua cabeça. Depois move-a para a sua testa e fica a olhar para ele.

— Pede-lhe desculpa.

O Jon não hesita.

— Desculpa — diz, com voz trémula.

Afasto as pernas dele e saio do sofá. Vou para trás do Carter. Massajo a garganta com a mão, tentando aliviar a dor do aperto do Jon.

O Carter dá um passo para longe dele, mas mantém a arma apontada.

— Acho que ambos temos segredos que gostaríamos de esconder do Asa. Tu não me viste na cozinha com a Sloan e eu não te vi a tentar violá-la. Concordas? — diz o Carter.

Não sei como me sinto em relação a isto — ser a arma de arremesso deles. Mas sei que se o Jon for falar ao Asa das suas suspeitas por me ter visto na cozinha com o Carter, o Asa vai magoar o Carter. E essa é a última coisa que quero.

O Jon assente com a cabeça.

— Não vi nada.

— Ótimo. Estamos entendidos, então. — Encosta novamente a ponta da arma à testa do Jon, encostando-lhe a cabeça ao sofá. — Mas se voltares a tocar na Sloan, nem sequer me dou ao trabalho de informar o Asa, porque eu próprio te mato. — O Carter usa toda a sua força para bater com a arma na cabeça do Jon. Este nem tem hipótese

de reagir. Cai de encontro ao braço do sofá, o corpo totalmente frouxo. Inconsciente, com um golpe na cabeça.

Estou a olhar em choque para o Jon quando sinto o Carter a segurar-me a cara. Olho-o e ele está a examinar-me, à procura de ferimentos.

— Estás bem? — pergunta-me.

Assinto. No momento em que começo a acenar, as lágrimas escorrem-me pelo rosto. O Carter puxa-me para si e todo o meu corpo começa a tremer com soluços.

Ele passa-me a mão na nuca e encosta-me os lábios ao ouvido.

— Sloan, detesto pedir-te isto, porque o último sítio onde quero que estejas neste momento é com o Asa. Mas estás mais segura lá em cima. Vai para o teu quarto e não saias mais o resto da noite, está bem?

Assinto com a cabeça porque sei que ele tem razão. O Asa por vezes é o próprio diabo, mas nunca permitiria que alguém na casa me fizesse mal. Além disso, está inconsciente. Como o Jon.

O Carter acompanha-me até ao fundo das escadas.

— Tens o teu telemóvel contigo?

— Sim.

— Liga-me se precisares de mim esta noite. Caso contrário, vemo-nos de manhã — diz ele, passando uma mão reconfortante na minha face.

Tinha-me esquecido completamente de amanhã. Tenho aulas. Aulas com o Carter. A ideia de estar com ele na faculdade — longe desta merda toda — é a única coisa pela qual anseio neste momento.

— Está bem — digo, a minha voz ainda trémula em resultado da última meia hora.

Ele inclina-se e beija-me a testa, depois solta-me. O Jon começa a remexer-se no sofá, por isso o Carter aponta para a escada, querendo que eu esteja fora daquela sala antes de o Jon acordar. Viro-me para subir as escadas, chocada por a vida ser tão diferente nesta casa do que é lá fora.

Normalmente, quando alguém é atacado, faz-se uma queixa na polícia. Dentro desta casa, o assunto é tratado internamente. É usado como moeda de troca. E, em vez de ir à polícia, subo as escadas para junto de um tipo que é dez vezes mais perigoso do que a pessoa que

quase me violou.

Esta casa não segue as mesmas regras que o mundo exterior. Esta casa é uma prisão com o seu próprio conjunto de regras.

E o Asa é o guarda. Sempre foi.

Só acho que o Asa não compreende que agora que o Carter está aqui, ele pode ser facilmente destronado.

Espero que nunca o perceba. Porque isso não seria bom para nenhum de nós.

ASA

A minha boca está seca como o raio. Parece que estive toda a noite a chupar uma maldita toalha.

Viro-me para pegar numa das garrafas de água que a Sloan mantém sempre junto da nossa cama. Não consigo abrir os olhos porque a minha cabeça parece prestes a explodir, por isso tateio na mesa de cabeceira até encontrar uma. As minhas mãos tremem. Quero sempre uma nova dose. Desta vez, vou ser esperto. Não voltarei a fazê-lo quando estiver tão encharcado em *whisky*. Desmaio e desperdiço a pedra, como aconteceu na noite passada.

Levo a garrafa de água à boca e bebo todo o seu conteúdo em dois grandes goles. Atiro a garrafa vazia para o outro lado do quarto e tombo na almofada.

Continuo com sede.

Estico os braços e toco acidentalmente no ombro da Sloan. Olho para ela, mas a minha cabeça está demasiado tonta para me focar. Ela mexe-se um pouco, mas não acorda. Procuro o relógio e semicerro os olhos. São 4h30 da manhã. Ela ainda tem duas horas antes de se levantar e preparar para as aulas.

Dou-me um minuto para me habituar à escuridão antes de conseguir vê-la bem. Depois viro-me de lado e observo-a a dormir.

Agora dorme de costas. Nunca de lado, nunca de barriga para baixo. Quando eu era miúdo, o meu pai dormia sempre de costas,

mesmo quando ficava inconsciente no sofá por causa de qualquer substância de que abusasse nesse dia. Uma vez perguntei-lhe porque é que dormia assim e ele disse: «Quando estás de costas, estás preparado para tudo. É mais fácil acordares e protegeres-te. Se te puseses demasiado confortável, ficas desprevenido.»

Isto faz-me pensar se a Sloan dorme de costas como método de proteção. Depois pergunto-me se dorme de costas para se proteger de mim.

Não. Ela não tem assim tanto medo de mim. Ela idolatra-me.

No entanto, costumava dormir de barriga para baixo. Talvez só precise de comprar um colchão novo. Talvez ela não goste desta cama.

Também costumava dormir nua, mas há mais de um ano que não o faz. Afirma que é por haver demasiadas pessoas nesta casa e não se sentir confortável. Costumava ficar chateado quando me punha em cima dela à noite e descobria que ela tinha um maldito pijama vestido e eu não conseguia deslizar para dentro dela enquanto não lho despia.

Depois de me queixar bastante, ela finalmente cedeu e agora dorme só com uma t-shirt. Acesso mais fácil, mas ainda preferia que estivesse nua.

Baixo os cobertores, com cuidado para não a acordar. Por vezes gosto, simplesmente, de a ver dormir. Gosto de pensar que está a sonhar comigo. Por vezes toco-a, suavemente para não a acordar, mas com força suficiente para a ouvir gemer no sono.

Tem a t-shirt enrolada em volta da cintura. Ergo-a lentamente, centímetro a centímetro, até expor os seus seios. E depois baixo-me, com a mão debaixo dos cobertores, para dentro dos boxers. Seguro e começo a acariciar enquanto a vejo dormir — vejo os seus seios moverem-se para cima e para baixo a cada respiração lenta.

É tão bonita, caraças. Todo aquele cabelo comprido e escuro. Aquelas pestanas. Aquela boca. Honestamente, nunca vi outra rapariga tão bonita como ela na vida real. Soube que seria minha da primeira vez que a vi. Não podia permitir que algo tão perfeito estivesse com outra pessoa.

Mas não me permiti persegui-la de imediato, porque gostava da forma como ela olhava para mim. Conseguia ver a inocência nos seus olhos enquanto me fitava na aula. Eu deixava-a curiosa. E, embora fingisse não reparar nela, ela também me deixava curioso. Percebia

que era diferente de qualquer rapariga com quem já tinha estado.

Nada me faz medo — desde criança. Mas a forma como pensava obcecadamente nela ficou muito perto de ser assustadora. A ideia de ser capaz de corromper algo tão doce fazia-me pensar mais nela do que em qualquer outra coisa na minha vida.

Antes da Sloan, eu não era o tipo de gajo que amava mulheres. Pelo menos, da forma tradicional. Usava-as para aquilo que a maioria delas serve — uma queca às tantas da noite, por vezes uma queca antes do pequeno-almoço, mas nunca nada depois das oito da manhã ou antes das oito da noite. Os gajos que permitem mulheres nas suas vidas entre as oito da manhã e as oito da noite têm merda nos cérebros.

É uma citação direta do meu pai.

Costumava lembrar-me disto sempre que olhava para a Sloan, antes de ela ser minha. Sempre que a apanhava a olhar para mim na aula. Sempre que o meu pénis se remexia nas calças quando pensava nela.

Merda no cérebro.

Quanto mais a observava, mais começava a questionar o meu pai e se ele tinha mesmo alguma ideia do que dizia quando eu era pequeno. Provavelmente nunca tinha tido uma rapariga como a Sloan. Uma rapariga que ainda não fora corrompida por outro homem. Uma rapariga que era demasiado tímida para saber como seduzir um gajo. Uma rapariga que ainda não tivera hipótese de se tornar uma puta.

Disse a mim mesmo que ia testá-la. Ver se ela era a exceção à regra. Apanhei-a um dia depois da aula e perguntei-lhe se queria ir almoçar. Era a primeira vez que eu convidava uma rapariga para sair, pensando bem. Esperava que ela sorrisse e aceitasse timidamente, mas ela olhou-me de cima a baixo, virou-me as costas e continuou a andar.

Foi quando compreendi que estava enganado em relação a ela. Ela não era tímida. Não desconhecia o quanto as pessoas podiam ser cruéis. Sabia *exatamente* o quanto o mundo era cruel e era por isso que mantinha distância de toda a gente.

Mal ela sabia que o seu desinteresse falso me faria desejá-la ainda mais. Fez-me desejar persegui-la até ela querer todas as partes de mim... até a crueldade. Fez-me querer que ela a *implorasse*.

Não foi tão difícil quanto pensei que seria. É surpreendente como

o bom humor e a boa aparência podem afetar uma pessoa.

E as boas maneiras. *Quem havia de dizer?*

Abres a merda de uma porta a uma rapariga, e ela pensa automaticamente que és um cavalheiro. Pensa que és o género de gajo que trata a mãe como uma rainha. As raparigas veem rapazes com maneiras e pensam que não há a menor hipótese de eles serem perigosos.

Abri à Sloan todas as malditas portas que consegui encontrar.

Uma vez até lhe segurei um guarda-chuva.

Mas isso foi há muito tempo. Foi quando ela dormia de barriga para baixo. *Nua.*

Por vezes pergunto-me se ela não é tão feliz como era. Uma vez deixou-me e eu odiei. Todos os segundos que ela esteve longe, senti que me tinha tornado tudo aquilo que o meu pai temia que eu fosse ao crescer. *Um pinga-amor idiota. Com merda no cérebro.*

Mas eu amava-a. Ele que se lixasse mais as suas idiotas filosofias da treta acerca do amor. Ela foi a melhor coisa que me aconteceu, e soube-o quando se foi embora.

Sabia que se ela se fosse para sempre, acabaria por encontrar outra pessoa. Não suportava a ideia da boca de outro homem na dela. As mãos dele em cima dela. O seu maldito pénis repugnante dentro dela, quando ela só me tivera a mim. Ela era minha.

E fiz o que precisava de fazer para a ter de volta — ainda que ela não percebesse que tinha tudo que ver comigo. Fi-lo para bem dela — porque a amo. E sei que ela me ama. Quando veio ter comigo e me pediu ajuda, foi o momento em que me senti mais orgulhoso de mim mesmo. Porque nessa altura sabia que o acordo estava feito. Ela seria minha para sempre.

Mas há ainda uma pequena falha na nossa relação que me faz questionar a sua permanência. Ela recusa-se a aceitar o meu estilo de vida, e obriga-me a prometer-lhe que um dia sairei. Contudo, ambos sabemos que isso nunca irá acontecer. Sou bom naquilo que faço. Mas julgo que terei de lhe provar que posso fazer ambas as coisas. Ser o que ela precisa sem comprometer o meu estilo de vida.

Preciso de garantir que ela nunca se vá embora. Que seja parte da minha vida para sempre.

Podia casar com ela. Podia comprar uma casa — uma onde

vivamos só os dois. Claro que eu estaria *nesta* casa entre as oito da manhã e as oito da noite, visto que pareço ser o único que sabe realmente gerir as coisas aqui.

Mas a Sloan podia estar na nossa casa, a criar bebés. Quando eu chegasse a casa à noite, ela dar-me-ia comida, faríamos amor e eu dormiria com ela ao meu lado. E ela dormiria de barriga para baixo.

Nunca antes tinha pensado em casamento. Não percebo porque é que esta ideia brilhante só me ocorreu agora.

Mas ela também nunca falou de casamento. Nem tenho a certeza se concordaria. No entanto, se engravidasse, não teria escolha. Infelizmente, ela usa contraceptivos com mais regularidade do que me chupam a pila. Não que os seus contraceptivos não sejam algo que eu possa sabotar. Mas, ainda por cima, obriga-me a usar um maldito preservativo sempre que faço sexo com ela.

Mas... os preservativos são algo que também posso sabotar.

Pergunto-me como seria estar dentro dela sem um preservativo. Ela deixa-me estar dentro dela alguns segundos antes — só para a preparar antes de pôr o preservativo. Mas nunca terminei dentro dela.

A sua vagina quente apertando-se em torno do meu pénis quando me alivio dentro dela, sentindo todas as sensações sem nenhuma barreira.

Gemo perante a ideia e começo a bater o punho mais depressa. Foda-se, isto é bom. Vê-la, pensando em estar dentro dela. Preciso de lhe tocar. Debruço-me e levo a boca ao seu seio exposto. Normalmente, tento não a acordar, mas não é a primeira vez que ela acorda comigo a masturbar-me em cima dela.

Deslizo a língua no seu mamilo e provoco-a, fazendo círculos lentos. Ela estica o braço de encontro à almofada e geme. Agrada-me que ainda esteja a dormir. Gosto de ver o quanto posso aproximá-la de um orgasmo antes de ela acordar.

Enrolo os lábios no seu mamilo e chupo com gentileza. Este endurece imediatamente dentro da minha boca.

— Hum — geme ela outra vez, numa voz sonolenta e sem fôlego.
— Carter.

Cerro os maxilares com o seu maldito mamilo ainda na boca.

Que raio de merda é que ela acabou de dizer?

Afasto-me imediatamente, deixando o seu mamilo saltar-me da

boca. Olho para a puta da cara dela e largo o pénis. Ficou mole ao som do nome que lhe saiu dos lábios.

Mas que merda?

Mas.

Que.

Merda?

O peito dói-me. Parece que alguém o esmagou. Que lhe deixou cair um tijolo em cima. Que lhe deixou cair a porra de um *edifício* inteiro em cima.

Algures entre gemer o nome dele e acordar completamente, a Sloan puxa a t-shirt para baixo e tapa as mamas.

Algures entre gemer o nome dele e acordar completamente, enrolo as mãos na garganta dela.

Ela está a olhar para mim. Tem os olhos esbugalhados de medo. Tenho a certeza de que é uma coisa assustadora, acordares com as mãos do teu namorado em volta da garganta, mas ela devia dar-se por feliz de não estar a sentir o que *eu* sinto neste momento.

— Andas a foder com ele?

Preciso de todo o esforço para não lhe gritar as palavras. Em vez disso, a minha voz é calma e controlada, ao contrário de todas as outras partes de mim. Não estou a apertar-lhe a garganta com muita força.

Ainda.

Apenas tenho a mão em volta dela, por isso ela *devia* estar a responder-me agora. É capaz de falar, mas não fala. A maldita puta está só a olhar-me como se tivesse sido apanhada.

— Sloan? Andas a foder o Carter? Ele esteve dentro de ti?

A Sloan começa imediatamente a abanar a cabeça. Pressiona as palmas das mãos no colchão e ergue-se até se encostar à cabeceira. A minha mão não sai da sua garganta.

— Estás a falar de quê? — diz ela. — Não. Claro que não. *Caraças*, não!

Olha-me como se eu fosse louco. É muito convincente.

A minha mãe também era convincente. Olha onde é que isso a levou.

Aperto com mais força, vendo a cara dela avermelhar um pouco. Ela estremece e agarra o lençol com os punhos ao lado do corpo. Os seus olhos começam a encher-se de lágrimas.

Ainda bem que o meu pai me ensinou a não deixar que as lágrimas de uma mulher me enganassem.

Inclino-me para ela até estar apenas a uns centímetros de distância. Examino-lhe os olhos, a boca, cada parte mentirosa da sua maldita cara.

— Acabaste de dizer o *nome* dele, Sloan. Eu tinha a merda do teu mamilo na boca, a tentar *dar-te* prazer. Mas então tu suspiraste a merda do nome dele. Disseste *Carter*.

A Sloan abana a cabeça. É tão perentória, abanando-a com tanta intensidade, que alivio um pouco a pressão na sua garganta para ela poder falar. Depois de inspirar uma golfada de ar, ela começa a falar.

— Não disse *Carter*, seu grande estúpido. Disse *harder*. Estava acordada e senti-te a beijar-me. Queria que o fizesses com mais força.

Fito-a.

Assimilo as suas palavras.

Deixo que a sua explicação massageie a dor no meu peito até poder respirar de novo.

Lentamente, deslizo a mão da garganta dela até ao pescoço.

Foda-se.

Estou a ser paranoico.

Porque é que eu havia de pensar que ela sonha com outro gajo quando dorme ao *meu* lado? Ela não me trairia. Não *pode*. Não tem mais ninguém. Era o pior erro que podia cometer, e ela sabe disso.

Preciso de a tirar desta casa. De a afastar destas pessoas todas. Tenho mais certeza do que tinha há dez minutos de que preciso de a tornar mãe. De a tornar esposa. De lhe dar um lugar que seja nosso, onde não haja sempre outros homens à volta, tornando-me tão estupidamente paranoico.

A Sloan inclina-se, pega na bainha da t-shirt e despe-a pela cabeça. Atira-a para o chão e encosta-me à cabeceira, deslizando para o meu colo.

E, só com isso, endureço outra vez.

Encosta o seio à minha boca e oferece-se a mim. Tomo-lhe outra vez o mamilo na boca e dou-lhe o que ela quer. Chupo-a com *mais* força. Tanto que a magoo. Quero que ela sinta a dor que a minha boca deixa nela até ao fim do maldito dia.

Ela enrola as mãos no meu cabelo, puxando-me para ela, gemendo

e dizendo o meu nome. Diz «Asa».

Di-lo três vezes.

O meu nome.

Seguro-lhe as ancas e ergo-a ligeiramente até estar posicionada sobre o meu pénis. Baixo-a até ficar enterrado dentro dela, quase com a certeza de nunca ter estado tão fundo. Caramba, ela sabe bem. Sabe tão bem quando não a odeio.

Não gosto da sensação quando a odeio.

— És minha, Sloan — digo, subindo os lábios pelo seu pescoço até à boca.

Ela sussurra:

— Tua, Asa.

Deslizo a língua na boca dela até ela gemer e depois afasto-me. Agarro-lhe outra vez a garganta com a mão direita e guio-lhe as ancas para cima e para baixo com a esquerda. Ela estremece um pouco quando lhe aperto a garganta, e isso faz-me pensar se lhe magoei o pescoço antes. Movo a mão e vejo uma marca. Até há uma pequena nódoa negra.

Merda. Magoei. Magoei-a mais do que pretendia.

Inclino-me e beijo-lhe suavemente o pescoço, pedindo-lhe desculpa em silêncio. Depois olho-a nos olhos enquanto ela me monta.

— Quero casar contigo, Sloan. Quero fazer-te minha para sempre.

Ela não diz nada imediatamente. Todo o seu corpo fica tenso e para de se mover de encontro a mim.

— O quê? — pergunta, com a voz trémula.

Foda-se. *Acabei de a pedir em casamento?* Surpreendentemente, a ideia não me enche de terror. Sorrio e desço-lhe as mãos pelas costas, segurando-lhe o rabo.

— Disse para te casares comigo, querida. Para seres a minha mulher.

Levanto-a de cima de mim e deito-a de costas. Volto a entrar nela, desfrutando do facto de não ter um preservativo. Entro e saio, saboreando cada sensação enquanto ela me fita, sem palavras.

— Compro-te um anel enquanto estiveres nas aulas hoje. O maior que conseguir encontrar. Só preciso que digas que sim.

Uma lágrima cai-lhe do olho e é quando tenho a certeza de que ela me ama. A ideia de ficar comigo para sempre fá-la chorar.

Caramba, amo esta rapariga.

Falo entre investidas, fixando os seus olhos cheios de lágrimas.

— Amo-te, Sloan. Tanto, tanto. Preciso de te ouvir dizer que sim.

— Gemo, sentindo o quanto estou perto de terminar. De terminar *dentro* dela. Experimentando algo com ela que nunca antes tínhamos experimentado juntos. Beijo-lhe um lado da cabeça e depois baixo a boca até ao seu ouvido. — Preciso de te ouvir dizer que sim, querida.

Ela finalmente solta um «Sim», muito baixo.

A palavra torna-me tão estupidamente feliz que basta mais uma investida para me vir. E alivio-me dentro dela. Dentro da minha *noiva*.

Ouçõ-a arquejar quando termino, mas é o único som que emite. Os segundos passam e estou a tremer em cima dela, mas ela está em silêncio. Provavelmente, devido ao choque do que acabou de acontecer. Não se mexeu nem falou porque não esperava um pedido de casamento. Especialmente a meio da noite. Ou da manhã. Não faço puta ideia de que horas são.

Beijo-a e depois viro-me de lado, entrelaçando os meus dedos nos dela. Sorrio, pensando no que acabou de acontecer entre nós. E depois fecho os olhos para poder adormecer ao lado da minha noiva. A minha noiva nua que vai começar a dormir de barriga para baixo.

Sinceramente, nunca pensei que este dia chegaria, mas este pode ser o momento mais feliz da minha vida.

Que se foda o meu pai e as suas filosofias da treta sobre o amor.

CARTER

— Não te digo segunda vez. Não a quero envolvida.

O Dalton — o *Ryan* — cerra os punhos e reclina-se na cadeira, frustrado comigo.

— Ela já está envolvida, Luke. Não estás a pô-la em perigo, ela vivia aqui antes de tu te envolveres. — Inclina-se novamente para a frente. — Isso não foi um problema no último trabalho. Lembras-te da Carrie?

Lembro-me da Carrie.

— A Carrie era um projeto *teu*, não meu. Nunca me envolvi com uma rapariga por causa de uma missão, Ryan.

Ele arqueia uma sobancelha.

— Mas vais envolver-te com esta enquanto estás numa missão, só que não é por causa da missão? Estás a permitir que os teus sentimentos por ela nos ponham a ambos em perigo?

Empurro a cadeira e levanto-me.

— Não estou a pôr-nos em perigo. Não se passa nada. Não sei quantas vezes tenho de o repetir.

Detesto que ele tenha razão, mas nunca lho admitirei. Olho para o vidro espelhado na sala de interrogatórios e observo-me. Tenho um ar cansado. Passo uma mão pelo cabelo e fecho os olhos.

— Acreditas mesmo que seja o que for que se passa com ela é inocente? Que não está, de alguma forma, a pôr-nos em risco? — diz o

Ryan. — Não atacaste o Jon, o *melhor amigo* do Asa, porque ele estava a beijar a Sloan na noite passada?

Encontro o seu reflexo no espelho e fito-o duramente.

— A *beijá-la*? — Viro-me e encaro-o. — Ele ia *violá-la*, Ryan. Querias que fizesse o quê? Que voltasse lá para fora e dobrasse a aposta no jogo de póquer?

Viro-me novamente para o espelho e observo-o. Ele sabe que teria feito a mesma coisa se tivesse deparado com aquilo.

É apropriado estarmos a fazer isto na sala de interrogatórios de uma esquadra próxima, porque a revisão deste caso começa mesmo a parecer um interrogatório.

Ficamos calados por um momento. Passo as mãos pela cara e suspiro.

— Como é que convencer esta rapariga de que tenho sentimentos por ela vai ajudar o nosso caso?

O Ryan encolhe os ombros.

— Não sei. Talvez não ajude. Mas vale a pena tentar. Especialmente porque tu já pareces ter uma espécie de amizade por ela que ela valoriza. Está com as defesas em baixo junto de ti. Pode confidenciar-te coisas que ainda não sabemos.

Levanta-se, anda em volta da mesa, depois encosta-se a ela.

Tecnicamente, ele é meu superior. Por vezes, tenho de me forçar a lembrar-me disso pela forma como interagimos e pelas muitas operações encobertas que já fizemos juntos. Ele faz isto há mais uns cinco anos do que eu e sei que sabe do que fala. Por muito que eu não queira admiti-lo.

— Não te estou a pedir que te apaixones pela miúda. Nem sequer estou a pedir que *finjas* estar apaixonado. Só estou a pedir que tires proveito dos sentimentos dela por ti. Para o bem desta investigação.

— E como é que faço isso? — pergunto. — O Asa está sempre presente. Seria mais perigoso para nós envolvê-la.

— Há formas — diz o Ryan. — Tens aula com ela hoje. Começa por aí. Sei que ela vai visitar o irmão aos domingos. Vai com ela este domingo.

Rio-me.

— Claro. Tenho a certeza de que o Asa não se vai importar nada com isso.

— Ele não vai saber. Disse qualquer coisa ao Jon acerca de nós irmos todos ao casino no domingo. Estaremos fora o dia todo. Faz de conta que tens outra coisa para fazer e oferece-te para ir com a Sloan. Terás um dia inteiro com ela, sem interrupções e sem supervisão de ninguém que o conheça.

Sei que devia dizer-lhe que não. A verdade, porém, é que me ofereceria para ir com a Sloan, quer isso ajudasse o caso, quer o prejudicasse. Foi a este ponto patético que cheguei em relação ao meu trabalho ultimamente. Nada devia vir antes do trabalho. Ainda menos alguém que está do outro *lado* do trabalho.

— Está bem — digo. Pego no casaco e visto-o. Antes de abrir a porta para sair, detenho-me. Lentamente, viro-me e encaro-o.

— Como é que sabes que tenho uma aula com ela?

O Ryan sorri.

— Ela é o rabo de saias da aula de Espanhol, Luke. Não sou idiota.
— Pega também no seu casaco e veste-o. — Por que raio pensas que foste inscrito nessa aula?

SLOAN

Ainda estou a tremer quando entro no edifício. Passaram horas depois do incidente com o Asa, mas continuo enjoada por causa disso. Nunca estive tão assustada. Nem mesmo na noite passada, quando o Jon estava em cima de mim com uma faca encostada à minha garganta.

Nem acredito que disse o nome do Carter em voz alta enquanto dormia. Não só podia ter-me metido numa situação muito grave com o Asa, como podia ser responsável pelo que quer que ele fizesse ao Carter.

Nem sei como me saí desta tão bem. E graças a Deus por o nome do Carter rimar com *harder*.

Mas algo pelo qual não sinto alívio é o que aconteceu depois. As coisas que o Asa me disse. O facto de ter abordado o casamento.

O facto de não ter usado preservativo.

Não sei o que o Asa faz quando não estou por perto. Nunca ouvi dizer que ele me traía, tirando o que o Jon disse ontem à noite, mas nem sequer percebi o que queria dizer com aquilo. Também nunca o apanhei a trair-me, mas não confio nele o suficiente para pôr a minha saúde e a minha vida em risco.

Mas isso aconteceu esta manhã e está no centro dos meus pensamentos. Assim que chegaram as oito da manhã, liguei ao meu médico e marquei uma consulta para a próxima semana, para fazer análises. Tomo a pílula religiosamente, por isso não me preocupa nada

o risco de ele me engravidar. Mas preocupa-me tudo o resto que ele possa transmitir-me.

Vou tentar não pensar nisso até à próxima semana. E farei tudo o que puder para que não volte a acontecer. Simplesmente estava demasiado receosa pela minha vida para dizer alguma coisa esta manhã. Nunca o tinha visto olhar-me com tanto ódio como olhou quando pensou que me ouvira murmurar o nome do Carter.

Quando me *ouviu* murmurar o nome do Carter.

Antes de ir para a aula e enfrentar o Carter, passo pela casa de banho e tento acalmar-me. Agora que não estou na mesma casa que o Asa, posso respirar mais facilmente. Mas não faço ideia de como garantir que não volto a falar durante o sono. Se isso significar nunca mais voltar a dormir na presença do Asa, arranjurei uma maneira de o fazer.

Quando termino e saio para o corredor, a primeira coisa que vejo é o Carter, encostado, perto da porta da nossa sala.

Está à minha espera.

Quando me vê, endireita-se e espera que eu chegue junto dele.

— Estás bem? — pergunta, os olhos descendo imediatamente para o meu pescoço. Há nódoas negras resultantes do que o Jon me fez ontem à noite, mas provavelmente parecerão ainda pior ao fim do dia, por causa do que o Asa me fez esta manhã.

Céus, que raio de merda de vida estou a viver neste momento, que sou estrangulada por dois homens no espaço de doze horas?

— Estou — respondo sem convicção.

O Carter levanta a mão e toca-me com um dedo na garganta.

— Está negro. O Asa reparou?

Percorre-me o pescoço com um dedo. Eu sei que é por preocupação, mas sempre que ele faz qualquer espécie de contacto comigo — qualquer que seja a razão —, pareço esquecer o quanto na verdade sou capaz de sentir coisas. Aprendi a entorpecer-me ao longo dos últimos dois anos com o Asa, e o Carter renega todo esse esforço.

— Notou, mas não ficou desconfiado. Pensou que tinha sido ele próprio a fazê-lo.

As minhas palavras fazem o Carter estremecer. Os seus olhos encontram rapidamente os meus.

— Sloan — sussurra, abanando a cabeça. Tira a mão do meu

pescoço e passa-a pelo seu cabelo. Posso ver a sua garganta oscilar enquanto engole o que parece ser puro ódio perante a ideia das mãos do Asa em cima de mim. Está obviamente preocupado comigo, o que compreendo muito bem. Mas também sabe porque é que fico, e não parece julgar-me por isso. Na verdade, compreende a minha situação e empatiza com ela. É algo que me agrada nele, a sua empatia.

Algo que provavelmente o Asa nunca sentiu por ninguém em toda a sua vida.

O Carter pousa uma mão gentil no meu cotovelo.

— Vamos. Vamos arranjar lugares na aula. — Faz uma tentativa de me encaminhar para a porta, mas eu recuo.

— Carter, espera.

Ele vira-se novamente para me olhar, desviando-se para o lado para deixar dois alunos entrarem. Relanceio o corredor à esquerda e à direita.

— Tenho de te contar uma coisa.

A preocupação sobrepõe-se a qualquer raiva residual que ainda sentisse. Assente com a cabeça e conduz-me ao longo do corredor, afastando-se da porta em busca de um lugar mais privado. Passamos por outra porta e ele olha pela janela e verifica a maçaneta. Esta gira, por isso ele abre a porta e impele-me lá para dentro.

É uma sala de música vazia, com vários instrumentos encostados às paredes e várias secretárias dispostas em círculo no meio da sala. Quando a porta se fecha atrás de nós e temos finalmente privacidade, espero que o Carter me pergunte o que preciso de lhe contar. Em vez disso, assim que me viro, ele puxa-me para si, enrolando os braços com força à minha volta, aninhando a minha cabeça no seu ombro.

Abraça-me.

É só isso que faz. Abraça-me com força, sem uma palavra, e, contudo, posso sentir tudo o que ele diz. E percebo que desde a última noite — depois de tudo o que aconteceu com o Jon —, ele deve ter estado doente de preocupação comigo. Provavelmente queria abraçar-me e reconfortar-me na noite passada. Assim que me viu esta manhã. Mas simples abraços não são assim tão simples na minha vida.

Enrolo os braços em redor do seu corpo e enterro a cara na sua camisa, inalando o cheiro subtil da sua água-de-colónia. Cheira a praia. Fecho os olhos e desejo que estivéssemos lá. Longe desta treta

toda.

Ficamos em silêncio durante vários minutos, nenhum de nós se mexe. Após um momento, não sei quem está a abraçar quem — quem está a segurar quem. É como se estivéssemos ambos precariamente suspensos, agarrados um ao outro, com medo de cair se um de nós cedesse.

— Disse o teu nome a dormir — sussurro, cortando o silêncio.

O Carter recua imediatamente e olha para mim.

— Ele ouviu?

Assinto com a cabeça.

— Sim. Mas acho que disfarcei bastante bem. Disse-lhe que ele tinha ouvido mal, que eu tinha dito outra coisa. Mas ele estava mesmo zangado depois de isso acontecer, Carter. Mais zangado do que alguma vez o vi. E eu só... achei que devias saber. Acho que devemos ter mais cuidado. Quero dizer, eu sei que não se passa realmente nada entre nós, mas...

O Carter interrompe-me.

— Será que não se passa mesmo? Sei que tecnicamente não fizemos nada, mas isto não é inocente, Sloan. Se o Asa alguma vez souber que tenho aulas contigo...

— Exatamente — digo.

O Carter acena com a cabeça, sabendo o que isto significa. Ele não pode falar comigo em casa. Caramba, nunca mais devia sequer olhar na minha direção. Depois do que aconteceu de madrugada, o Asa estará desconfiado, mesmo que tenha acreditado em mim. A última coisa que quero é arranjar problemas ao Carter, mas parece que já o fiz.

— Desculpa — digo-lhe.

— Porque é que pedes desculpa? Por teres sonhado comigo?

Assinto com a cabeça.

O Carter levanta uma mão para a minha bochecha e o canto da sua boca ergue-se num sorriso.

— Se vamos pedir desculpa por causa disso, já te devo uma dúzia de desculpas.

Mordo a bochecha para esconder o sorriso. Ele baixa a mão e coloca-a ao fundo das minhas costas.

— Vamos chegar atrasados se não nos apressarmos.

Rio-me baixinho perante a ideia de chegar atrasada. Que peso tem chegar atrasada a uma aula, em comparação com todas as outras tretas que estão a acontecer nas nossas vidas? Muito, muito pouco. Mas ele tem razão.

Sigo-o para fora da sala e voltamos a percorrer o corredor até à aula. Antes de entrarmos, ele inclina-se e sussurra:

— Vale o que vale, mas estás muito bonita hoje. Quase me deixas sem fôlego.

Continua a andar, apesar de as suas palavras me terem prendido os pés ao chão.

Eram só isso. *Palavras*. Algumas palavras simples dispostas em conjunto, mas que detinham poder suficiente para me imobilizarem fisicamente.

Tapo a boca com a mão enquanto inspiro lentamente. Tento conter o sorriso que quer irromper e consigo forçar os pés a seguirem para a aula. Levanto os olhos, vejo o Carter a puxar duas cadeiras na fila de cima, e vou ter com ele.

Os meus joelhos parecem prestes a ceder. *Era assim que devia ser. Era assim que os rapazes deviam fazer as raparigas sentir-se.*

Porque é que eu prestei sequer atenção ao Asa?

Quando chego ao meu lugar, ele ainda está de pé, esperando que eu me sente primeiro. Dirijo-lhe um sorriso rápido de agradecimento e sento-me. Tiro os livros da mochila e ele faz o mesmo. O professor entra exatamente quando terminamos. Vira-se e começa a escrever no quadro.

Gritei um pouco alto demais no jogo de futebol ontem à noite. Perdi a voz. Estudem os capítulos 8 a 10 e retomamos as aulas na próxima semana.

Metade da turma ri-se. A outra metade resmunga. O Carter abre o livro na página indicada. Eu inclino-me para a frente, abro o meu e começo a ler. Não avanço muito antes de o Carter pegar numa caneta e começar a escrever. Estou tonta de expectativa, esperando que seja para mim e não notas da aula.

Nem sequer me sinto culpada. Devia sentir-me culpada por causa disto. Sobretudo porque o Asa me pediu em casamento esta manhã e, temendo pela minha vida, fui forçada a aceitar.

Um pedido de casamento devia parecer uma coisa positiva, mas o

pedido do Asa parece um castigo por algo horrível que devo ter feito numa vida anterior.

Sinto que estou no inferno na maior parte do tempo. As únicas alturas em que me sinto feliz, ultimamente, é quando o Carter está por perto.

O Carter desliza uma nota para junto de mim. Está dobrada ao meio, por isso levanto o papel e leio o que ele escreveu. Espero algo aleatório, como no jogo que fizemos na aula passada. Em vez disso, é um simples pedido.

Põe a mão debaixo da mesa.

Leio duas vezes antes de olhar para as mãos. A nota é um pouco aleatória, mas não como o jogo que eu lhe ensinei. Só é aleatória porque estou confusa. Guardo-a sob o meu livro e ponho a mão debaixo da mesa, esperando que ele me dê alguma coisa.

Para minha surpresa, ele não me dá nada. A sua palma quente desliza na minha e ele entrelaça os dedos nos meus, pousando as nossas mãos na minha coxa.

E depois volta a concentrar-se no manual, retomando a leitura, como se não tivesse tentado incendiar-me.

É exatamente o que parece — a minha mão embrulhada na dele, ele a tocar-me na perna. Sinto que alguém precisa de apagar o meu fogo com água. O meu coração começa a bater aceleradamente e sinto o corpo todo a vibrar.

Ele está a segurar-me a mão.

Cum carações.

Não sabia que dar as mãos podia saber melhor do que um beijo. Melhor do que sexo. Pelo menos, melhor do que sexo com o Asa.

Fecho os olhos e concentro-me no peso da mão dele na minha. Na largura dos seus dedos entre os meus. Na forma como o seu polegar ocasionalmente se move para cima e para baixo.

Há cerca de quinze minutos que finjo ler o livro à minha frente quando ele tira a mão da minha. Mas não me larga. Começa a desenhar círculos com as pontas dos dedos na minha palma. Percorre cada ponto da minha mão, a palma, os dedos, *entre* os dedos. A cada minuto que passa, a minha mente começa a pensar qual seria a sensação daqueles dedos na minha perna. No pescoço. Na barriga.

A minha respiração torna-se mais pesada. Começo a fazer

inspirações mais curtas a cada minuto que nos aproximamos do fim da aula.

Não quero que a aula acabe. Não quero que acabe nunca.

Depois de explorar cada centímetro da minha mão duas vezes, os seus dedos deslizam para a minha perna. Começa por me acariciar o joelho, alguns centímetros até ao interior da perna, e volta ao joelho. Tenho os olhos fechados e seguro o livro com as mãos. Ele faz isto por mais alguns minutos, pondo-me completamente louca, quase a ponto de ter de me levantar e ir à casa de banho atirar água fria para a cara.

Mas não o faço porque, não sei como, os cinquenta minutos da aula terminam e toda a gente está a arrumar as coisas para se ir embora.

Encontro forças para abrir os olhos e olhar para ele. Está a fitar-me, de olhos semicerrados, ardentes, e lábios húmidos dos quais pareço não conseguir afastar os olhos. Segura-me novamente a mão e aperta.

— Sei que não devia...

Abano a cabeça.

— Não devias.

Nem sei bem o que ele ia dizer, mas tenho uma ideia de onde está a sua mente neste momento, porque a minha está lá também.

— Eu sei — diz ele. — Mas... não consigo estar tão perto de ti e não te tocar.

— E eu não consigo não te deixar.

Ele respira fundo, depois solta a respiração no mesmo momento em que solta a minha mão. Pega no livro e enfia-o na mochila. Põe-se de pé, atirando a mochila por cima do ombro. Ergo os olhos para ele e vejo que está a fitar-me. Espero que diga adeus ou se vá embora, mas não o faz.

Olhamo-nos por alguns segundos antes de ele pousar a mochila e voltar a sentar-se. Enrola a mão no meu cabelo e encosta a testa à minha cabeça. Não faço ideia do que ele está a fazer, mas o desespero com que se encosta a mim faz-me estremecer.

— Sloan — sussurra ele, a boca diretamente sobre o meu ouvido.

— Desejo tudo em ti. Tanto, tanto. A ponto de estar a cegar.

Arquejo ao ouvir as palavras.

— Por favor, tem cuidado — diz ele. — Até eu poder ajudar-te a

sair daqui. Não sei quando será, mas, por favor. Tem muito, muito cuidado.

Fecho os olhos com força quando ele me beija o lado da cabeça. O que eu não daria para aqueles lábios estarem sobre a minha boca neste momento.

Como posso ter todos estes sentimentos por alguém que acabei de conhecer? Por alguém que ainda nem sequer beijei? Por alguém que é principalmente tudo o que eu quero, mas também está envolvido em tudo o que desprezo?

— Se eu for a tua casa esta noite, nem sequer vou olhar na tua direção — diz ele. — Mas quero que saibas que serás tudo o que verei. Serás absolutamente tudo o que verei, Sloan.

Solta-me tão rapidamente como me agarrou. Pega novamente na mochila e levanta-se. Ouço-o afastar-se e continuo sentada, completamente imóvel, de olhos fechados, o coração a retorcer-se dentro do peito.

Quero mais disto que ele me faz sentir, seja o que for. Mas quero-o longe daqui. Longe desta cidade. Longe do Asa. Sei que o Carter quer que me vá embora, e eu também quero. Quero muito, mas tenho de estar mais preparada para que isso possa acontecer. E, se eu partir, o Carter tem de partir também. Não só precisa de cortar os laços com o Asa, como eu preciso que corte os laços com este estilo de vida corrupto que o Asa criou.

Ambos precisamos de partir.

Antes que seja tarde demais...

ASA

Nunca fui o género de gajo que atura grandes tretas. Outro excerto de sabedoria que o meu pai me ensinou.

Se não te beneficia, não dê importância.

Deve ser o melhor conselho que me deu. Aplico essa sabedoria a todos os aspetos da minha vida. Às amizades. Aos parceiros de negócios. À minha educação. Ao meu império.

Sim, disse império. Ainda não cheguei lá, mas trata-se de pensamento positivo e essas cenas todas, não é?

Quando comecei a negociar, era peixe miúdo. Vendia o que podia, quando podia, a quem podia. Sobretudo *ecstasy* a miúdos universitários, erva aos que tinham desistido. Quando percebi que não era aí que estava o dinheiro ou o poder, comecei a estudar.

Houve um ano inteiro, na altura em que entrei para a faculdade, em que estudava cada minuto do dia. E não falo da treta do estudo de manuais que te atiram para um emprego a tempo inteiro atrás de uma secretária e te permitem ter um salário suficiente para comprar uma casa, um carro e uma mulher. Falo de estudo *verdadeiro*. Conhecer pessoas. Tornar-me a pessoa que os outros querem conhecer. Experimentar merda da boa, heroína, coca, só para perceber que tipo de droga se adequa melhor a cada grupo demográfico. Perceber como não ficar viciado. Conhecer o nosso traficante tão bem que nos tornamos o melhor amigo do traficante do traficante. Criar confiança

em quem tem mais poder do que nós, mas mantendo um perfil bastante discreto, para eles não conseguirem prever quando subitamente ganhamos mais poder do que eles.

Aprendi muito e aprendi da maneira mais difícil. A maneira *certa*. De baixo para cima.

Agora não negoceio com as coisas insignificantes: X, erva, comprimidos. Especialmente, não me meto com erva. É supérfluo. Queres erva? Compra um cartão de presente para a loja dos doces. Não me faças perder o meu rico tempo.

Mas se queres coisas das boas... o tipo de merda que te faz sentir que estás a beijar a face do próprio Criador? Então vem ter comigo. Não te vendo o *Ford*, mas vendo-te o raio do *Bugatti* mais raro que alguma vez verás.

Ainda estou em construção. Estarei sempre em construção. O momento em que alguém na minha posição sente que não tem mais nada para aprender é o momento em que é ultrapassado pelo próximo gajo. No que me diz respeito, não há posições disponíveis acima do Asa Jackson nesta cidade. Tenho uma boa equipa abaixo de mim. Gajos que sabem qual é o seu lugar. Gajos que sabem que serei justo para eles se forem justos comigo.

Ainda estou a conhecer o meu gajo mais recente, o Carter. A maioria das pessoas é transparente, mas ele é como um rio de lama. A maioria das pessoas, especialmente aqueles que trabalham para mim, beijam-me o rabo porque sabem como pode ser bom andar no meu bolso de trás.

O Carter é diferente. Não parece importar-se que seja de uma maneira ou de outra. É a indiferença dele que me enerva. Faz-me lembrar um bocadinho de mim, e não estou certo de que isso seja uma coisa boa. Só há espaço para um como eu.

O meu gajo mais antigo, o Jon, começou a ficar desleixado, mas ultimamente tornou-se mesmo a merda do meu calcanhar de Aquiles.

O que me leva de volta ao meu ponto inicial.

Se não te beneficia, não dês importância.

Estou com dificuldade em ver como é que o Jon me beneficia neste momento. Parece só arranjar merda onde quer que vá. Na semana passada perdeu um dos meus maiores clientes porque não conseguiu manter a pila dentro das calças com a mulher do tipo. Até

eu sei como desenhar uma linha entre a pila e a carteira.

Ao contrário do Jon, o Carter é um benefício. É um bom tradutor, é calado, apresenta-se onde deve estar e faz o que eu preciso que faça. E essa é a única razão para ainda não me ter livrado dele, apesar das minhas desconfianças. Ele ainda não é *supérfluo*.

Mas o Jon... O Jon está a tornar-se um peso morto.

Porém, também sabe demasiado, o que representa um problema ainda maior.

Para o Jon. Não para mim.

Além dos negócios, cortei todos os outros excessos na minha vida. Com exceção da Sloan. Mas ela está longe de ser *supérflua*. Se tivesse de a comparar a uma droga, a Sloan seria a heroína. A heroína é fixe. A heroína torna-te mole. Desde que a tenhas em boa quantidade, a heroína é uma coisa que podias alegremente injetar todos os dias até ao fim da tua vida.

Talvez seja estranho comparar as pessoas com drogas, mas quando só conheces drogas, é normal.

O Jon seria metanfetamina. É demasiado confiante, fala demais, é penoso por vezes. Mesmo doloroso à brava.

O Dalton seria coca. Sociável, amigável, faz-te querer consumir mais coca. Gosto de coca.

O Carter seria...

Que seria o Carter?

Acho que não conheço o Carter bem o suficiente para saber com que droga se parece. Durante uns dois minutos na noite passada, quando julguei que a Sloan tinha dito o seu maldito nome, o Carter foi uma puta de uma *overdose*.

Mas ela não disse o nome dele. Tanto quanto sei, nunca sequer falou com o gajo. E se ele for esperto, nunca falará com ela além daquela apresentação na cozinha.

Mas em breve não terei de me preocupar com os gajos que andam por aqui, porque ela já não viverá nesta casa. Estará na *nossa* casa.

Merda.

Foda-se!

Era para ter comprado a porcaria do anel. Sabia que me estava a esquecer de alguma coisa.

Vou ao meu *closet* vestir-me. Não sei se hei de vestir o *Armani*.

Percebem, dia especial, e essas tretas. Em vez disso, pego numa camisa azul-escura de que sei que a Sloan gosta e combino-a com calças de fazenda. Pouco importa o que tiro do roupeiro, é tudo espetacular. Sempre me vesti para o nível de respeito que espero receber.

E não, não foi o cabrão do meu pai que me ensinou esta. Ele teria feito provavelmente mais sucesso no mundo exterior se não se vestisse como o vagabundo que era.

Quando chego ao fundo das escadas e olho para a cozinha, vejo o Jon de pé junto do lava-loiça, de costas para mim, com um saco de gelo encostado a um lado da cabeça.

— Que te aconteceu? — Ele vira-se e tem o lado direito da cara todo negro e azul. — Caramba, homem! Quem é que deu cabo de ti?

O Jon atira o saco para o lava-loiça.

— Ninguém importante.

Entro na cozinha. De perto, a cara dela ainda parece pior. E se pensa que não me vai dizer quem é que lhe fez isto, está enganado. Se nos perdeu outro negócio, o lado esquerdo da sua cara vai ficar muito pior do que o direito. Pego nas chaves que estão em cima da bancada e pergunto novamente.

— Quem é que te fez essa merda, Jon?

Ele inclina o queixo e desvia o olhar.

— Um cabrão qualquer apanhou-me com a miúda dele na noite passada. Apanhou-me desprevenido. Parece pior do que é.

Grande idiota. Rio-me.

— Não, tenho a certeza de que é tão mau como parece.

Vou à despensa e verifico o *stock* de álcool. Está vazio, como de costume. Atiro com a porta da despensa.

— Esta noite vamos celebrar. Preciso que reponhas o *stock*. Eu tenho de ir tratar de um assunto.

Ele assente.

— É uma ocasião especial?

— Sim. Fiquei noivo. Quero um evento com classe. Nada de merdas baratas. — Dirijo-me para a porta e ouço o Jon rir. Quando me viro, o cabrão ainda está a sorrir. — Alguma piada? — pergunto, voltando para a cozinha.

Ele abana a cabeça.

— Há alguma coisa que *não* tenha piada no facto de te ires casar, Asa?

Rio-me. Depois lixo-lhe o lado esquerdo da cara.

Maldito supérfluo.

CARTER

Chego ao meu carro no parque de estacionamento. Nem sei como. Seguro o volante e inclino a cabeça para trás.

Agora não faço ideia de onde é que a linha tem de ser traçada, está tudo enevoadado. Estou a tentar executar o trabalho que me foi atribuído, mas, ao mesmo tempo, a Sloan faz-me questionar se esta é mesmo a vida que quero. Não faço ideia se estava a ser o Carter, ou totalmente o Luke. O Luke está a tornar-se o Carter.

Estou a pôr demasiado de mim neste trabalho, mas não faço ideia de como não ser eu próprio quando estou com ela. Todas as coisas que lhe queria dizer. As coisas que gostaria de lhe fazer. A verdade que gostava de lhe poder contar.

Porém, se lhe contasse a verdade sobre quem sou e o que faço aqui, poria tudo em risco. A minha vida. A vida do Ryan. Possivelmente, a vida *dela*. Quanto menos ela souber, melhor.

Encosto a testa ao volante e tento prever a inevitável tempestade de merda que vem na nossa direção.

Quero estar com ela. Quero estar com ela sendo o Luke. Mas isso não pode acontecer enquanto não tivermos o suficiente acerca do Asa para o pôr na prisão para sempre. E não o poderemos fazer enquanto ele não tiver um deslize. Neste momento, ele é cuidadoso. É mais esperto do que inicialmente pensei.

Mas, quanto mais tempo demorarmos a chegar onde precisarmos

de estar nesta investigação, maior perigo a Sloan corre. E, sabendo o que sei agora acerca do Asa, deixá-lo seria a pior coisa que ela podia fazer. Não há hipótese de ele a deixar ir em paz. Ia fazer-lhe mal. E não me admirava se também fizesse mal ao irmão dela.

Ela está de mãos atadas até ele desaparecer, e isso pode demorar meses.

Recosto-me novamente no assento e pego no telemóvel. Como se estivessem a gozar comigo, tenho duas mensagens do Asa.

Asa: Onde estás?

Asa: Vem almoçar comigo ao meio-dia. No Peralta. Estou cheio de fome.

Olho para as mensagens por vários segundos. Isto não é normal nele. Normalmente não contacta do seu telemóvel habitual quando se trata de trabalho, por isso... quer mesmo só *almoçar*?

Eu: Estou aí dentro de 10 minutos.

Doze minutos mais tarde, atravesso o restaurante até onde o Asa está sentado. Ele está a olhar para o telemóvel quando me sento.

— Olá — diz, sem sequer levantar os olhos. Acaba de escrever a mensagem e pausa o aparelho. — Estás ocupado esta noite?

Abano a cabeça e pego na ementa.

— Não. Porquê?

Leio a ementa, mas não preciso de estabelecer contacto visual para perceber que ele está a sorrir. Procura atrás de si e pausa algo na mesa. Baixo a ementa e os meus olhos aterram numa caixa.

Uma caixa de joalharia.

Que raio?

Ele abre-a e estende-a para mim. Fico a olhar para o anel, o terror fazendo a minha pele vibrar. *Vai fazer um pedido de casamento?*

Rio-me. Está muito iludido se pensa que ela vai concordar com isto. Também não conhece a Sloan tão bem como pensa, porque este anel não tem nada que ver com ela. É extravagante e vistoso. Ela vai odiar.

— Vais pedi-la em casamento? — pergunto. Devolvo-lhe a caixa e volto a pegar na ementa, como se não estivesse verdadeiramente interessado.

— Não, já o fiz. Esta noite é a celebração.

Os meus olhos vão rapidamente da ementa para os dele.

— Ela disse que sim? — Eu não tinha ideia, até este momento, de que os acenos de cabeça podiam ser altivos. Forço um sorriso.

— Parabéns, meu. Ela parece ser para manter.

Porque é que ela não terá mencionado isto esta manhã? Porque é que concordara em casar com ele? Calculo que se tenha sentido encurralada. Na posição em que está, não pode propriamente dizer que não ao Asa. Aceitar foi a coisa mais segura a fazer, embora eu fique doente por ela.

Só não sei porque é que não me avisou.

Ele guarda a caixa no bolso do casaco.

— É para manter. É heroína.

Ergo uma sobancelha.

— Heroína?

Ele ignora a minha pergunta e chama o empregado.

— Quero uma cerveja. O que tiver à pressão. E um *cheeseburger*, com tudo.

O empregado olha para mim.

— O mesmo — digo.

Devolvemos as ementas e sinto o meu telemóvel vibrar no bolso. Deve ser o Dalton. Mandeí-lhe uma mensagem no caminho, para ele saber que estaria a almoçar com o Asa. Não faço ideia para que é este almoço, mas quero que a equipa saiba onde estou. Especialmente depois de a Sloan ter dito o meu nome durante o sono. Estava meio à espera de que aceitar este almoço fosse uma missão suicida.

Bebo um gole da água que já está na mesa.

— Então, quando é o grande dia?

O Asa encolhe os ombros.

— Não faço ideia. Em breve. Quero tirá-la daquela maldita casa antes que alguém a magoe. Não confio numa única pessoa junto dela.

Que atencioso. Está um dia atrasado, mas tenho a certeza de que o Jon não lhe falou nisso.

— Pensei que ela gostasse da casa — minto. — Vocês não têm

uma espécie de relação aberta? Como é que isso funciona?

O Asa semicerra os olhos.

— Não, não temos a porra de uma relação aberta. Por que raio pensas isso?

Rio-me e enumero as razões pelas quais uma pessoa na minha posição *poderia* pensar isso, apesar de eu saber que não é assim.

— A Jess? A rapariga que fodeste no teu quarto? A miúda da piscina?

O Asa ri-se.

— Tens muito para aprender no que diz respeito a relacionamentos, Carter.

Recosto-me no assento. Tento manter esta conversa a rolar sem parecer muito interessado, mas quero saber ao pormenor porque é que ele está a desperdiçar o tempo da Sloan.

— Talvez. Tenho partido do princípio de que a maior parte das relações são entre duas pessoas, mas acho que posso estar enganado. As relações confundem-me. Como o faz a tua.

— *Como o faz a tua?* — repete ele. — Mas quem é que fala assim?

Somos interrompidos pelo empregado que nos traz as bebidas. Ambos bebemos e depois ele empurra a cerveja para o lado e inclina-se para a frente, batendo com o dedo indicador na mesa.

— Deixa-me ensinar-te acerca de relações, Carter. Para o caso de algum dia arranjares uma.

Isto vai ser interessante.

— O teu pai está vivo? — pergunta o Asa.

— Não, morreu quando eu tinha 2 anos. — É mentira. Morreu há três anos.

— Bem, esse é o teu primeiro problema. Foste criado por uma mulher.

— Isso é um problema?

Ele assente com a cabeça.

— Aprendeste sobre a vida com uma mulher. É o que acontece a muitos homens, e tudo bem. Mas é isso que está errado com a maioria dos homens. Os homens precisam de aprender com homens. Funcionamos de uma maneira diferente da que a sociedade leva as mulheres a crer.

Não respondo. Espero que ele prossiga esta exposição de *génio*

caridoso.

— Os homens não foram concebidos por natureza para serem monogâmicos. Está incrustado em nós o espalhar da nossa semente. Manter a população a crescer. Somos reprodutores por norma, e seja o que for que a sociedade tente impingir-nos, seremos reprodutores até nos extinguirmos. É por isso que estamos tão excitados o tempo todo.

Olho para a minha esquerda, onde duas mulheres mais velhas estão boquiabertas, ouvindo a definição do Asa da espécie masculina.

— As mulheres é que dão à luz — saliento. — Não são também consideradas reprodutoras? Não estaria também na sua constituição química povoar o mundo?

Ele abana a cabeça.

— Elas são cuidadoras. O seu dever é manter a espécie viva. Não criá-la. Além disso, as mulheres interessam-se menos por sexo do que os homens.

Gostava de estar a gravar isto.

— Interessam-se menos?

— Claro. Elas anseiam pela expressão de pensamentos... emoções... sentimentos. Querem criar um vínculo... uma conexão para a vida toda. É por isso que pressionam para o casamento, porque está na sua génese biológica ansiar por um protetor. Quem as sustente. Precisam de estabilidade, de uma casa, um lugar para criar os filhos. As mulheres não têm anseios físicos como nós. Daí que seja justo nós criarmos famílias para as mulheres, mas também precisamos de um escape para as nossas necessidades naturais. Quando os homens fodem aqui e ali, é diferente de quando as mulheres fodem aqui e ali.

Aceno com a cabeça como se estivesse a compreender a sua filosofia, mas estou a ficar doente pela Sloan.

— Então, na tua opinião, as mulheres não têm uma desculpa biológica para dormir com mais do que um homem. Mas os homens têm?

Ele anui com a cabeça.

— Exatamente. Quando um homem trai, é puramente físico. Somos atraídos pelas ancas de uma mulher, pelas pernas, pelo rabo, pelas mamas. Tem tudo que ver apenas com o ato sexual. Pila dentro, pila fora. Quando uma *mulher* trai, é puramente mental. São levadas pelas emoções, pelos seus sentimentos. Se uma mulher foder um

homem, não é por estar excitada. É porque quer que ele a ame. É por isso que eu fodo com outras. E é por isso que a Sloan não pode foder com outros. Trair para um homem é diferente de trair para uma mulher, e isso é um facto, provado pela própria Mãe Natureza.

Cum caraças. As pessoas assim existem mesmo. Que Deus nos ajude.

— E a Sloan está na boa com isso?

O Asa ri-se.

— A questão é esta, Carter. As mulheres não compreendem, porque não são feitas como nós. É por isso que os homens também são dotados da distinta habilidade de mentir tão bem.

Sorrio, quando aquilo que me apetecia fazer era esticar-me sobre a mesa e pôr fim à sua capacidade de se reproduzir — à sua capacidade de criar vida que se pode tornar como ele.

— Então e qual é o papel das amantes nisto tudo? — pergunto.

Ele sorri de forma doentia.

— Foi para isso que Deus criou as putas, Carter.

Forço um sorriso. Ele tem razão acerca de uma coisa: posso, sem dúvida, mentir muito bem.

— Então as putas são para a natureza, e as mulheres para os cuidados.

O Asa sorri orgulhosamente, como se me tivesse mesmo ensinado alguma coisa. Levanta a cerveja.

— Brindo a isso. — Os nossos copos tocam-se e ele toma um gole.

— O meu pai costumava dizer algo parecido com isso.

— Ainda é vivo?

O Asa assente com a cabeça, mas noto uma súbita tensão no seu queixo.

— Sim. Algures.

A comida chega, mas não tenho a certeza de me apetecer comer depois desta lição distorcida de Darwinismo.

Decididamente, não me apetece comer, agora que sei que vou ver a Sloan esta noite. *Na sua maldita festa de noivado.*

— Devias fazer um brinde esta noite.

Detenho-me, a meio de mastigar.

— Desculpa?

O Asa toma um pouco de cerveja.

— Esta noite — diz, pousando-a novamente na mesa. — Na festa.

Devias fazer um brinde depois de eu anunciar o noivado. Consegues alinhavar uma frase melhor do que qualquer outro cabrão ali. Faz-me parecer bem. A Sloan vai engolir essa merda.

Forço a comida a descer-me pela garganta.

— Será uma honra.

Cabrão.

SLOAN

Gasto o máximo de tempo que posso antes de voltar para casa todos os dias. Quanto menos tempo estiver aqui, melhor. Hoje, depois de as aulas terminarem, fui ao ginásio e a seguir à biblioteca. Só entrei em casa depois das sete da tarde. O Jon estava sentado no sofá, a olhar-me furiosamente.

Subi as escadas a correr para o meu quarto o mais depressa que pude, mas não antes de ver a sua cara. Não sei o que aconteceu depois de me ter afastado dele e do Carter na noite passada, mas parece que o Carter não tinha acabado com ele, porque ambos os lados da sua cara estão agora negros e azuis.

Tenho o cuidado de trancar a porta do quarto. Não sei se o Asa está aqui ou não, mas nunca mais correrei o risco de ficar sozinha com o Jon.

Quando estou em segurança no meu quarto, atiro a mochila para o chão. Os meus olhos desviam-se imediatamente para a cómoda. Especificamente, para a *caixa de joalharia* que está em cima da cómoda.

Ele comprou-me um anel. Faz-me promessas quase diariamente e não as cumpre. A única vez que eu quero que ele se esqueça é quando ele se lembra.

Que sorte a minha.

Vou até à cómoda e abro a caixa. Nem sequer pego nela, apenas

levantando a tampa com os dedos, não querendo realmente ver o que contém.

Estremeço de imediato. É claro que o Asa me compraria este, devia ser o maior da loja. Três grandes diamantes constituem a maior parte do anel de platina, cada um deles rodeado por outros mais pequenos.

É seriamente feio como a merda. Vou mesmo ter de usar esta coisa?

Não há hipótese de esconder. Sabia que devia ter contado ao Carter. Só não sabia como contar ao tipo por quem estou a desenvolver sentimentos que acabei de ficar noiva de outra pessoa. Outra pessoa que ele despreza. Mesmo que esse noivado signifique muito pouco para mim.

Ouço gargalhadas lá fora, por isso vou à janela do quarto. Há geleiras por todo o lado e o Dalton está ao grelhador, a virar hambúrgueres. Há várias pessoas por ali, reclinadas ou de pé. Talvez vinte. O Asa deve ter aquecido a piscina, porque o tempo arrefeceu nos últimos dias, mas há pessoas lá dentro.

O Asa só aquece a piscina para grandes festas.

— Sloan!

Merda.

Viro-me ao som do meu nome e à batida na porta. Apresso-me a destrancá-la para deixar o Asa entrar. Ele está a sorrir ainda antes de fazer contacto visual comigo.

— Olá, futura mulher.

É curioso como aquilo que ele considera um termo afetivo me pode parecer um insulto.

— Olá... futuro marido.

Ele abraça-me e beija-me o pescoço.

— Espero que tenhas dormido bem na noite passada, porque esta noite não vais dormir nada. — Arrasta os lábios pelo meu pescoço e para no canto da boca. — Queres o teu anel agora ou depois?

Não lhe digo que já o vi, e que o anel apenas constitui mais uma prova de que ele não me conhece de todo. Digo-lhe que o quero agora, porque se disser depois, ele vai fazer uma grande produção. É a última coisa que quero.

Ele tira a caixa de cima da cómoda. Entrega-ma, mas depois

retira-a.

— Espera. Tenho de fazer isto bem. — Baixa-se sobre um joelho e ergue a caixa, apresentando-me o anel. — Dás-me a honra de ser a Sra. Asa Jackson?

A sério? Deve ser o pior pedido de casamento da história. Se não contarmos com o que me fez esta manhã depois de ter posto a mão em volta da minha garganta.

— Já disse que sim, tolo.

Ele sorri e põe-me o anel no dedo. Observo-o, virando-o para a luz. *Não sabia que o inferno brilhava tanto.*

O Asa levanta-se e vai para o *closet*. Despe a camisa azul e começa a escolher outra.

— Devíamos ir a combinar esta noite — diz. — Camisa preta, vestido preto.

Pega numa camisa e depois atira um vestido na minha direção. Pego nele e abafa um gemido. É um vestido que ele me comprou e é mais curto do que qualquer coisa que eu própria compraria.

— Vou ficar tão aliviado quando em breve tivermos a nossa própria casa — diz ele. — Com *closets* separados.

Fecho os punhos em torno do vestido.

— A nossa própria casa?

Ele ri-se.

— Não pensas que vou casar contigo e manter-te nesta casa, pois não?

— *Manter-me?*

Ele veste a camisa preta pela cabeça. Começa a rir-se para si mesmo enquanto a abotoa.

— Hoje almocei com o Carter — afirma, de modo descontraído, sentando-se na cama.

Almoçou? O quê? A nossa aula acabou à hora de almoço. O Carter saiu da aula depois de me ter feito sentir as coisas que senti, e foi diretamente almoçar com o Asa?

Porquê?

Sento-me do outro lado da cama e esforço-me para mostrar um ar desinteressado.

— Ai, foi?

O Asa começa a calçar um par de meias.

— Ele não é assim tão mau. Até gosto dele. Se calhar até lhe peço para ser um dos padrinhos no nosso casamento.

Ele já está a planejar o casamento?

O Asa calça os sapatos e põe-se de pé, virando-se para o espelho. Passa ambas as mãos pelo cabelo.

— Já pensaste em quem vais convidar para damas de honor? Na verdade, não tens amigas, pois não?

Tornas um bocado difícil eu ter amigas, Asa.

— Ficámos noivos esta manhã — digo-lhe. — Depois tive aulas todo o dia. Não tive realmente tempo para pensar nos pormenores de um casamento.

— Podias pedir à Jess para ser tua dama de honor — diz ele.

Assinto com a cabeça, mas estou a rir-me por dentro. A Jess odeia-me. Não sei porquê, mas a rapariga não olhou na minha direção em seis meses, por mais que eu tentasse conviver com ela.

— Pois — digo. — Podia pedir à Jess.

O Asa abre a porta do quarto e aponta para o vestido ainda bem preso nos meus punhos.

— Toma um duche e arranja-te. Quero-te toda embonecada esta noite para o grande anúncio.

A porta fecha-se atrás dele. Olho para o vestido. Olho para o anel.

Este buraco que estou a cavar para mim própria torna-se cada vez mais fundo. Se não descobrir como trepar para fora dele, o Asa vai enchê-lo com cimento.

O Asa gosta mais do meu cabelo quando está liso. Sei disso porque houve um par de vezes em que lhe pus alguns caracóis e ele pediu-me para os desmanchar. A primeira vez foi logo depois de começarmos a namorar, quando me apresentou ao Jon e à Jess. E a outra vez foi no nosso aniversário, quando fomos jantar a um restaurante que eu própria reservei. O jantar de aniversário de que tive de o recordar umas três vezes.

Ele disse que a mãe dele tinha cabelo encaracolado e preferia que eu usasse o meu liso.

Não sei nada acerca da família dele, tirando que não tem uma. E essa frase acerca do cabelo da mãe foi a única vez que ele a

mencionou desde que o conheço.

Contudo... aqui estou eu, diante do espelho com o ferro de encaracolar, acrescentando caracóis ao meu cabelo. Simplesmente porque sei que o Carter gosta. Apanho-o a olhar para o meu cabelo por vezes, quando faço caracóis. Como se desejasse poder tocar-lhe — deslizar a mão toda através do meu cabelo e virar o meu rosto para o dele. E embora esta noite ele vá estar do outro lado da sala sem sequer olhar para mim, encaracolo o cabelo. Para ele.

Não para o meu *noivo*.

A música está alta, a casa está cheia de gente, e estive na casa de banho uma hora e meia a arranjar-me. Claro que uma hora foi provavelmente passada a olhar-me ao espelho, perguntando-me como raio me meti nesta situação. Mas tenho de parar de remoer todas as más decisões que já tomei e perceber como tomar melhores.

Vou ver o meu irmão no domingo. Agora que ele está numa instituição privada, já não me encontro com a assistente social para assinar as suas inscrições anuais. Mas acho que no domingo vou marcar uma reunião com ela. Quero saber o que é preciso para que ele volte a ter benefícios sem o Asa saber.

Alguém bate à porta da casa de banho, por isso pouso o ferro de encaracolar e desligo-o. Abro e encontro o Asa agarrado à ombreira da porta. Os seus olhos descem pelo meu corpo todo e voltam a subir.

— Cum caraças — diz ele, entrando na casa de banho. Põe-me um braço em torno da cintura e a outra mão na coxa, subindo-me o vestido com os dedos. — Planeava esperar até te ter na cama esta noite, mas acho que não consigo.

O seu hálito tresanda a *whisky*. Duvido que já sejam nove da noite, e ele vai a meio caminho de ficar em coma.

Empurro-lhe o peito.

— Bem, *tens* de esperar. Acabei de me arranjar. Gostava de te poder torturar com este vestido pelo menos durante *algumas* horas.

Ele geme e senta-me na bancada, premindo-se entre as minhas coxas.

— Sloan, como é que um gajo pode ter tanta sorte?

Fecho os olhos enquanto ele me beija o ombro. Como é que uma rapariga pode ter *tão pouca* sorte?

Ele geme e tira-me da bancada. Mas não me pousa no chão.

Segura-me nos braços e eu sou forçada a segurar-lhe o pescoço para me equilibrar. Leva-me para fora da casa de banho e descemos as escadas. Antes de chegarmos ao fundo, para e põe-me no chão.

— Espera aqui — diz-me, e desce o resto das escadas a correr, desaparecendo na cozinha.

Olho para todas as pessoas que estão na sala. Tanta gente, porra. Encontro o olhar da Jess e sorrio-lhe. Ela desvia o olhar, mas tenho a certeza de que estremece antes de o fazer.

Não tenho ideia do que lhe fiz nem porque é que me odeia tanto. Mas, francamente, estou habituada a que as pessoas me tratem como ela. Já tinha desistido de me preocupar horivelmente com isso ainda antes de chegar ao secundário.

Levo os dedos da mão direita aos da esquerda e torço o anel nervosamente. Acho que uma das vantagens de este anel ser tão grande é que devo poder usá-lo para autodefesa. Pode dar jeito se me encontrar outra vez sozinha com o Jon.

Sinto a ansiedade a arrastar-se no meu estômago ainda antes de o ver olhar-me. O Carter está do outro lado da sala. Está encostado à parede, ao lado do Dalton. Tem os braços cruzados e — cumprindo a sua palavra — não olha diretamente para mim. Tecnicamente. Está a olhar para a minha mão.

Paro de retorcer o anel e, nesse momento, os seus olhos fogem para os meus. Estão semicerrados, e o queixo tenso. O Dalton está ao lado dele, a rir e a falar como se o Carter estivesse completamente envolvido no que ele está a dizer. Mas, tal como me dissera antes, o Carter não consegue ver mais nada — apenas me vê a mim. A sua expressão não vacila. Mesmo quando o Asa volta com duas taças de champanhe e me enfia uma nas mãos, o Carter não desvia o olhar. É quase como se estivesse a torturar-se de propósito.

Tento poupar-lhe um pouco de dor e desvio o olhar primeiro. Provavelmente não o ajuda o facto de eu erguer os olhos para o Asa. Ainda sinto os olhos dele nos meus quando o Asa ergue a taça.

— Cambada! — grita ele. — Desliguem a música.

Alguns segundos depois, a música é interrompida. Toda a gente na sala se vira para nós e subitamente tenho vontade de fugir pelas escadas acima e esconder-me. Obrigo-me a não olhar para o Carter.

Quando o Asa consegue a atenção de todos, diz:

— A maioria de vocês já sabe, porque não consegui manter a puta da boca calada desde que ela disse sim. — Segura-me a mão. — Mas ela disse que sim!

Aplausos e felicitações coletivas emergem da sala, mas rapidamente voltam a diminuir quando se torna óbvio que o Asa ainda não terminou de falar.

— Há muito tempo que amo esta rapariga — diz. — É o raio do meu mundo. Por isso, está mais do que na hora de oficializar isto. — Está a sorrir, e eu mentiria se não dissesse que há algo dentro de mim que sente qualquer coisa por ele, mesmo que neste momento seja apenas compaixão. Algures bem dentro de mim, sei que ele é assim por causa do que lhe calhou em sorte quando era criança. Uma parte de mim não consegue culpá-lo por isso. Mas só porque muito do seu comportamento pode ser explicado pelas pessoas horríveis que terá tido em seu redor na infância, isso não significa que tenha de me sujeitar a uma vida de infelicidade só porque ele me ama.

Porque ele ama-me, de facto. Pode amar-me com a sua própria conceção retorcida do amor, mas *ama-me*. Isso é óbvio.

O Asa aponta para o outro lado da sala.

— Carter! Amigo! Ajuda-nos a celebrar esta ocasião monumental com um brinde!

Fecho os olhos. Porque é que ele está a arrastar o Carter para isto? Não consigo olhar. Não consigo.

— Alguém arranje a esse cabrão uma taça de champanhe! — grita o Asa.

Abro os olhos e arrasto-os lentamente pela sala em direção ao Carter, que ainda tem a mesma expressão no rosto. Só que, desta vez, estão a entregar-lhe uma taça de champanhe.

E uma cadeira para subir.

Put a da minha vida.

O Asa encosta-me a ele e beija-me um lado da cabeça enquanto observamos o Carter a subir para a cadeira. A sala está incrivelmente silenciosa. O Carter dominou a sala de uma maneira que nem o Asa dominava, e ainda nem disse uma palavra. Parece que todos se interessam mais pelo que o Carter tem para dizer do que pelo que o Asa tinha para dizer. Algo que espero que o Asa não note.

O Carter não olha para mim. Pisca o olho ao Asa e leva a taça de

champanhe à boca. Bebe o conteúdo todo de um gole antes ainda de fazer o brinde. Quando a taça está vazia, estende-a ao Dalton, que segura na garrafa. Este volta a encher-lhe a taça e o Carter encosta-a ao peito e olha diretamente para o Asa. Posso vê-lo soltar uma respiração rápida e frustrada antes de começar a falar.

— É difícil acreditar que já chegámos à idade dos noivados. Casamentos. Constituição de famílias. Mas ainda é mais difícil acreditar que o Asa Jackson nos deixa para trás nesse aspeto. — Algumas gargalhadas irrompem pela sala. — Nunca me vi realmente como o género de gajo capaz de assentar. Mas depois de passar algum tempo com o Asa e de o conhecer melhor, testemunhando em primeira mão o quanto ele *valoriza* a sua relação com a Sloan, ele pode ter-me feito mudar de ideias. Porque se ele consegue acabar com uma rapariga tão bonita como ela, talvez não seja demasiado tarde para o resto de nós.

As pessoas começam a erguer os copos, mas o Carter agita uma mão no ar para as acalmar. Sinto o Asa tenso ao meu lado, mas eu estou tensa desde que o Carter começou a falar.

— Ainda não acabei — diz o Carter, percorrendo a sala com os olhos. — O Asa Jackson merece um brinde maior do que este, seus cabrões impacientes.

Mais gargalhadas.

O Carter bebe a sua segunda taça de champanhe e depois aguarda que o Dalton volte a enchê-la pela terceira vez. A minha pulsação está tão acelerada que rezo para o Asa não me pegar no pulso.

— Apesar de a Sloan ser muito, *muito* bonita — diz o Carter, com o cuidado de não olhar para mim —, a aparência não tem porra nenhuma que ver com o amor. O amor não é encontrado na atração que temos por alguém. O amor não é encontrado nos risos que partilhamos. O amor não é sequer encontrado nas coisas que temos em comum. O amor não é, de forma alguma, definido por ou encontrado na abundância de bênção que concede a duas pessoas. — Emborca a terceira taça de champanhe e, com os mesmos gestos, o Dalton enche-lhe a quarta. Eu própria tomo um gole, agora que a minha boca e garganta ficaram completamente secas. — O amor — diz o Carter, a voz um pouco mais entaramelada e mais alta. — O amor não é *encontrado*. O amor *encontra*. — Os olhos do Carter movem-se através

da sala e param nos meus. — O amor encontra-te no perdão no final de uma briga. O amor encontra-te na empatia que sentes por outra pessoa. O amor encontra-te no abraço que se segue a uma tragédia. O amor encontra-te na celebração depois da derrota de uma doença. O amor encontra-te na devastação depois da *rendição* a uma doença. — O Carter ergue a taça. — Ao Asa e à Sloan. Que o amor vos encontre em cada tragédia que enfrentarem.

A sala irrompe em aplausos.

O meu coração entra em erupção no peito.

O Asa beija-me na boca e depois desaparece. Mistura-se com a multidão que clama para lhe dar palmadinhas nas costas, felicitá-lo e inchar-lhe o ego.

Eu fico nas escadas, a olhar para o rapaz que ainda está em cima da cadeira, também a olhar para mim. Ele fita-me por vários segundos e eu não consigo desviar o olhar. Depois bebe a quarta taça de champanhe, limpa a boca e desce da cadeira, desaparecendo na multidão.

Ponho a mão na barriga e solto a respiração que estive a suster desde que ele começou o discurso.

O amor encontra-te nas tragédias.

Foi certamente onde o Carter me encontrou. No meio de uma série de tragédias...

Examino a multidão até avistar o Asa do outro lado da sala, a fitar-me diretamente. A desconfiança substituiu o sorriso que tem estado afivelado na sua cara toda a noite. Os seus olhos estão focados nos meus com a mesma intensidade com que os meus estavam há um momento focados nos do Carter.

Nem consigo arranjar forças para fingir um sorriso.

O Asa bebe um *shot* e bate com o copo na mesa ao seu lado. O Kevin volta a enchê-lo e ele bebe-o também. Depois outro. O seu olhar nem por um só momento vacila no meu.

ASA

— Outro!

— Já são cinco, Asa — diz o Kevin. — Ainda mal passa das nove. Se continuas assim, vais estar inconsciente às dez.

Desvio os olhos da Sloan e fito furiosamente o Kevin. Ele cede, servindo-me o sexto *shot*, que emborco. Quando volto a olhar para as escadas, ela já não está lá.

Relanceio a sala, mas não a vejo. Abro imediatamente caminho pela multidão e subo as escadas em direção ao nosso quarto.

Quando abro a porta, vejo-a sentada na cama a olhar para a mão. Olha-me e sorri, mas parece forçado. *Há muitas coisas que parecem forçadas por aqui ultimamente.*

— Porque é que estás aqui em cima? — pergunto-lhe.

Ela encolhe os ombros.

— Sabes que não gosto de festas.

Dantes gostava. Tal como gostava de dormir nua. De barriga para baixo.

Dou dois passos até ficar em frente dela, olhando-a de cima.

— O que é que achaste do brinde do Carter?

Ela molha os lábios e encolhe outra vez os ombros.

— Foi um pouco difícil de seguir. Um bocado confuso, para dizer a verdade.

Aceno com a cabeça, observando cuidadosamente a sua reação.

— Foi? Por isso é que estavas a olhar para ele quando me fui embora?

Ela inclina um pouco a cabeça, um gesto que as pessoas fazem quando estão confusas. Ou talvez um gesto que as pessoas fazem quando *fingem* estar confusas.

A única coisa que *não* me agrada na Sloan é que ela é esperta. Mais esperta do que a maioria das raparigas. Mesmo mais esperta do que muitos homens que conheço. Até pode ser uma boa mentirosa, porque nunca a apanhei a mentir. Baixo a mão para a cara dela e viro-a para mim.

— Já te perguntei isto uma vez. Esta é a última, Sloan.

Se não soubesse melhor, diria que ela estava a tremer. Mas pode ser dos seis *shots* que me percorrem o sistema. Passo os dedos pela sua face. Paro nos lábios e depois percorro-os lentamente.

— Queres foder com ele?

O pescoço dela fica rígido e ela afasta-se.

— Asa, não sejas ridículo — diz, desvalorizando a minha pergunta.

Abano a cabeça.

— Não sou estúpido, Sloan, por isso não me trates como se fosse. Vi a forma como olhaste para ele lá em baixo. E ainda não estou certo de que não foi o nome dele que murmuraste a dormir na noite passada. Por isso, diz-me... queres foder com ele?

Ela abana a cabeça.

— Não voltes a fazer isto, Asa. Estás bêbedo. Ficas paranoico. — Ela levanta-se para ficar de frente para mim e a minha mão desliza-lhe para a cintura. Ela olha-me diretamente nos olhos. — Estou-me nas tintas para o Carter. Nem o conheço. Não percebo porque é que estás sempre a falar nele, mas se te incomoda tanto, *despede-o*. Não o deixes entrar mais na nossa casa. Não me podia ralar menos, Asa, e se te sentes tão ameaçado por ele, faz alguma coisa acerca disso. Se eu quisesse outra pessoa, não estaria a usar este anel. — Levanta a mão esquerda. — É lindo, já agora — diz ela, admirando o anel. — Fiquei um pouco sem palavras antes, por isso esqueci-me de te dizer como é perfeito.

Ou eu sou um idiota iludido, ou ela é a melhor mentirosa que já conheci. Sou forçado a escolher entre ambas as hipóteses, e escolho a

primeira.

Enrolo os braços na sua cintura.

— Vem para baixo — digo-lhe. — Quero ter os olhos em ti a noite toda.

Ela beija-me na bochecha.

— Já desço. Quero olhar para o meu anel um pouco mais antes de todas as raparigas lá em baixo começarem a pedir para o experimentar. — Gira o anel no dedo, admirando-o de novo.

Raparigas. São tão fáceis de agradar. Devia começar a comprar-lhe mais porcarias destas.

Solto-lhe a mão e dirijo-me à porta.

— Não demores muito. Faltam-te muitos *shots* para ficares a par. — Abro a porta e saio, mas detenho-me quando ela chama o meu nome. Viro-me e ela está outra vez sentada na cama.

— Amo-te — diz, os seus lábios doces enrolando-se em volta da palavra. Dá-me uma vontade terrível de estar dentro dela.

E vou estar. Mais tarde.

— Sei que amas, querida. Serias estúpida se não amasses.

Fecho a porta e volto para baixo. Provavelmente, não lhe devia ter dito aquilo, mas ainda estou um bocadinho amargo pela forma como ela me fez sentir quando a apanhei a olhar para o Carter. Quando atravesso a sala, o Kevin ainda está junto da mesa das bebidas. Tiro-lhe um *shot* da mão.

— Mais um — digo, apontando para a garrafa e bebendo o que tenho na mão. Vou precisar do dobro do que já bebi para ultrapassar a forma como o meu sangue ferve perante a ideia do Carter e da Sloan.

Por falar no Carter...

Vejo-o pelo canto do olho quando ele se inclina e sussurra ao ouvido de uma morena magrinha. Ela ri-se e dá-lhe uma palmada no peito. Os meus olhos seguem as mãos dele, que estão a segurar-lhe a cintura, encostando-a à parede atrás dela.

A Sloan tem razão. Estou a ser paranoico. Se estivesse a acontecer alguma coisa entre o Carter e a Sloan, ele estaria a olhar-me com fúria ou a procurar a Sloan. Não a deslizar a língua pelo pescoço de uma miúda qualquer, como faz agora.

Que bom para ele. Tenho a certeza de que é a primeira vez que o vejo realmente a soltar-se. Deve ter sido da meia garrafa de champanhe que

emborcou durante o brinde.

Bebo mais um *shot* e passo por eles a caminho da porta das traseiras. Dou uma palmada nas costas do Carter, mas acho que ele nem repara. Agora as pernas da miúda estão enroladas na cintura dele. Tem umas belas pernas.

Cabrão sortudo.

Deslizo os dedos levemente por uma das pernas dela ao passar. O Carter ainda tem a boca enterrada no seu pescoço, mas a miúda faz contacto visual comigo quando me sente a tocá-la. Pisco-lhe o olho e saio pela porta das traseiras.

Dou-lhe cinco minutos antes de ela arranjar uma desculpa para me seguir lá para fora.

Devia sentir-me mal por isto — roubar a miúda do Carter mesmo de debaixo dele. Mas o cabrão já me deu cabo da cabeça mais do que o suficiente nas últimas vinte e quatro horas por causa da Sloan. Merece pelo menos isto.

CARTER

— Já se foi embora? — sussurro-lhe ao ouvido.

A Tillie acena com a cabeça e desenrola as pernas da minha cintura.

— Sim — diz, limpando o pescoço. — Percebo que tivesses de tornar isto convincente, mas, por favor, nunca mais ponhas a língua em cima de mim. É nojento.

Rio-me. Ela ajeita o cabelo com os dedos.

— Agora desaparece. Tenho trabalho a fazer. Isto até é capaz de ser mais fácil do que eu pensava. — Dá-me uma palmada no peito e empurra-me para um lado, saindo pela porta das traseiras em busca do seu novo projeto. *O Asa*.

A Tillie tem ajudado em alguns dos meus trabalhos, mas normalmente é a parceira do Dalton. Achei que tê-la aqui esta noite seria conveniente, não só para mim, mas também para a investigação. Se alguém podia tirar os olhos do Asa de cima da Sloan por algum tempo, era a Tillie. Não só pela sua aparência, mas por ser um camaleão. Pode tornar-se quem precisar de ser para se infiltrar na psique de um tipo, e o Asa Jackson é o próximo na sua lista.

Quando ela desaparece lá fora, relanceio a sala para me certificar de que ninguém me presta atenção. Percebo que estou à vontade e subo as escadas.

Claro que a Tillie não está aqui para me facilitar a entrada no

quarto da Sloan. Na verdade, o Dalton mandou-me ficar longe da Sloan esta noite e esperar até domingo para lhe dar atenção — quando o Asa estiver longe de ambos.

Felizmente, o Dalton está lá fora. Assim como o Asa.

E agora, também a Tillie. Tenho uma janela de pelo menos dez minutos para ver como está a Sloan.

Provavelmente, está confusa por causa do brinde que eu fiz lá em baixo. Caramba, eu ainda estou confuso com as razões de o Asa me ter pedido para o fazer. Ou começa a confiar em mim, ou é uma situação de *mantém os inimigos por perto*.

Não me dou ao trabalho de bater à porta quando chego ao quarto dela. Abro a porta, entro e fecho-a com a mesma rapidez. Depois tranco-a, para prevenir. Ela está sentada na cama e assim que levanta os olhos e percebe que sou eu, levanta-se.

— Carter — diz, limpando uma lágrima. — Não devias estar aqui.

Caramba, ela está linda. Estava tão enjoado quando vi o Asa levá-la ao colo pelas escadas, que recusei permitir-me vê-la bem. A forma como os seus caracóis escuros caem em cascata em torno dos ombros nus, a forma como o vestido lhe cinge o corpo como eu gostaria de estar a fazer neste momento. *Merda*. Sei que tive de beber metade de uma garrafa de champanhe para fazer o brinde, mas agora é que começa mesmo a bater-me.

Passo ao lado dela para ir à janela, conseguindo não lhe tocar. Fico ao lado da janela e observo o pátio. O Asa está numa espreguiçadeira junto da piscina. A Tillie está sentada na cadeira ao lado. Está debruçada ao lado dele, envolvendo-o numa conversa. As mãos dele estão relaxadas atrás da cabeça e até daqui percebo que está a olhar para os seios dela.

O Dalton está a falar com o Jon do outro lado da piscina.

Volto a olhar para a Sloan, que está de pé atrás de mim, abanando a cabeça.

— Porque é que estás aqui? Estás *louco*?

Assinto com a cabeça.

— Parece que sim.

Ela abraça o próprio corpo nervosamente, fitando-me. O meu coração parece prestes a rasgar-me o peito. Acontece por vezes, quando faço coisas estúpidas como esta.

— Queres que me vá embora?

Ela encolhe o lábio inferior e morde-o por um segundo, considerando. Depois abana a cabeça.

— Ainda não — sussurra.

Estendo a mão para ela e afasto-lhe o braço esquerdo do peito. Deslizo os dedos pelo seu anel.

— Não posso fazê-lo enquanto usares isto. — Tiro-lhe o anel do dedo e atiro-o para cima da cama.

— Fazer o quê? — murmura ela, erguendo os olhos para mim com uma boa dose de expectativa.

— Beijar-te. — Levanto as mãos para o seu rosto e deslizo-as até à nuca. — Vou beijar-te até ficar sóbrio ou ser apanhado. O que quer que aconteça primeiro.

Um sorriso irrompe através do medo.

— Despacha-te — diz ela sem fôlego.

Despachar-me é a *última* coisa que farei quando se trata dela.

Inclino a cabeça, sentindo os punhos dela cerrarem-se em torno da minha camisa. Mal toco com os meus lábios nos dela, as nossas bocas roçam. Ambos soltamos suspiros trémulos no momento em que fazemos contacto.

Agora ela está em bicos de pés, precisando que eu a beije completamente, que lhe dê finalmente o que ela quer. Em vez disso, recuo e observo-a. Quando percebe que estou a fazer exatamente o contrário do que deseja, ela abre os olhos.

Fito a sua boca, desejando saboreá-la por mais um segundo antes de a devorar. Movo a mão direita para a sua face, esfregando ligeiramente o polegar no seu lábio inferior.

— Porque é que estás a demorar tanto?

Olho para a sua boca enquanto lhe percorro com o polegar o lábio superior.

— Receio que, uma vez que começemos, não sejamos capazes de parar.

Ela sobe as mãos pelo meu pescoço, fazendo-me descer arrepios pelas costas.

— Acho que devias ter pensado melhor nisso antes de entrares no meu quarto, Carter. Agora é um bocado tarde para mudares de ideias.

Assinto com a cabeça, puxando-a para mim. Enrolo uma mão no

seu pescoço e mantenho a outra enrolada no cabelo.

— Sim. É sem dúvida demasiado tarde. — Encosto os lábios aos dela e a minha pulsação enlouquece sob a pele. Ela é tão incrivelmente doce que gemo. A sua boca é quente, os lábios são frios, e a forma como corresponde ao beijo faz o quarto parecer mais quente do que o inferno. Tento puxá-la um pouco mais para mim, beijá-la mais profundamente, mas não é suficiente. Estamos a agarrar-nos um ao outro, tentando obter mais daquele beijo do que sabemos que nos é permitido. Mas os lábios dela, os seus arquejos, os seus gemidos... Não posso parar.

Não posso parar.

Acabamos com as costas dela de encontro à parede, arriscando conscientemente as nossas vidas para sentirmos isto. O nosso beijo acelera, abranda, acelera novamente.

Para.

Estamos praticamente a ofegar quando baixo o olhar para ela. Ela levanta o seu para mim, com a expressão mais trágica. Beijo-a suavemente nos lábios, depois na face. Recuo e encosto a testa à dela enquanto estabilizamos a respiração.

— Eu devia ir para casa — digo baixinho. — Tenho de ir, antes que a minha estupidez te mate.

Ela assente com a cabeça, mas, quando vou soltá-la, segura-me desesperadamente os braços.

— Leva-me contigo.

Não me mexo.

— Por favor — diz ela, os olhos enchendo-se de lágrimas. — Vamos. Agora, antes que eu mude de ideias. Quero sair daqui e nunca mais voltar.

Merda. Ela está mesmo a dizer isto?

— Por favor, Carter. — As suas palavras são desesperadas. — Podemos tirar o meu irmão da instituição para o Asa não o usar contra mim. E, onde quer que acabemos, arranjarei uma maneira de ele voltar a ter os cuidados de que precisa. Vamos.

O meu coração está a desinchar, tal como acontecerá em breve com a esperança dela. Se ao menos ela soubesse o quanto eu desejava fazer isso. Começo a abanar a cabeça e ela move as mãos dos meus braços para as minhas faces. Uma enorme lágrima rola-lhe de

um olho.

— Carter, *por favor*. Não lhe deve nada. Tu podes sair daqui. Ambos podemos. Agora.

Fecho os olhos com força e deslizo a testa para um lado da sua cabeça. Os meus lábios estão exatamente por cima do seu ouvido quando sussurro:

— Não é assim tão simples, Sloan.

Se dependesse tudo do Luke e o Carter não tivesse de existir, já teríamos percorrido metade do estado. Mas se a levasse esta noite... se simplesmente fugíssemos e eu abandonasse o Ryan a meio disto... toda a investigação ficaria comprometida. O Asa tornar-se-ia ainda mais perigoso. E eu estaria a deixar mal uma enorme quantidade de pessoas... para não falar no fim da minha carreira. Nem sequer teria forma de a sustentar.

— Quero tirar-te daqui, Sloan — murmuro. — Mas não posso partir ainda. Não te posso explicar porquê e não sei quando poderei. Mas hei de fazê-lo. Prometo. Juro.

Encosto os lábios à sua cabeça quando ela começa a chorar. E embora desse tudo para a segurar nos meus braços até a devastação passar, não posso. Cada segundo que estou neste quarto com ela é mais um segundo que estou a pôr a sua vida em risco.

Encosto a boca à dela mais uma vez e depois afasto-me. Ela deixa a cabeça tombar de encontro à parede e está muito mais triste neste momento do que quando entrei no quarto.

Ainda segura o meu pulso quando tento ir-me embora. Quando se recusa a largá-lo, levanto-lhe os dedos e solto-os. Vejo os braços dela tombarem frouxos ao lado do corpo. Ter de me afastar dela assim é absolutamente devastador.

É trágico.

E é onde o amor te encontra... nas tragédias.

SLOAN

Não faltei um único domingo à visita ao meu irmão. E apesar de ter estado na cama desde que o Carter se foi embora na sexta-feira à noite, fingindo-me doente, lá conseguir sair do meu torpor hoje.

O Asa e os amigos foram todos para o casino. É uma viagem de cerca de três horas para norte, e o meu irmão está a uma hora de viagem para sul. É triste, mas sinto que quanto mais distância existir entre mim e o Asa hoje, melhor me sentirei. Mais capaz serei de respirar.

Mesmo antes de sair do quarto, paro sob a ombreira. Tiro o anel da mão esquerda e pouso-o na cómoda. Chegarei a casa muito antes do Asa, por isso ele não vai notar que não o usei hoje.

Mas a minha mão sentir-se-á um milhão de quilos mais leve.

Passo pela cozinha para arranjar uma bebida para a viagem. Quando vou ao congelador buscar gelo, a minha mão detém-se na pega da porta. Os meus olhos encontram as novas palavras escritas no quadro.

Se os pickles não se sentem culpados quando as pessoas cantam à tirolesa, porque é que os lençóis nunca são dobrados à sexta-feira?

Não faço ideia de quando é que o Carter escreveu isto, mas sei que

o escreveu para tentar fazer-me sentir melhor pela forma como teve de se ir embora na sexta-feira à noite. Escreveu isto para tentar fazer-me rir.

Resulta, porque estou a sorrir pela primeira vez em dois dias quando abro o frigorífico.

Encho o copo com gelo e refrigerante, depois tiro mais um refrigerante para o Stephen. Não o deixam manter bebidas no quarto devido às suas restrições de saúde, pelo que aos domingos lhe levo sempre um mimo. Com a permissão do médico, claro. Só não digo isso ao Stephen.

Pego na mala, nas chaves e nas bebidas e começo a dirigir-me para a porta quando recebo uma mensagem. Espero até chegar ao carro para tirar o telemóvel da mala e ler.

Carter: Vem buscar-me à esquina da Standard com a Wyatt.
Quero ir contigo.

As minhas bochechas aquecem com a mensagem inesperada. Pensei que ele estava com o Asa e os rapazes. Começo a responder-lhe à mensagem quando entra outra.

Carter: Além disso, nunca respondas às minhas mensagens.
E apaga estas duas.

Faço o que ele me pede e saio em marcha-atrás da rampa de acesso à casa, dirigindo-me à esquina da Standard com a Wyatt. São apenas algumas ruas de distância e sei que ele quer que eu o vá buscar aí porque é mais seguro do que deixar o carro dele na nossa entrada. Mas ainda não percebo como é que o Carter sabia que eu ia a algum lado.

Estou cheia de ansiedade enquanto o procuro. Quando dobro a esquina para a Standard, ele está mesmo ali, onde disse que estaria, sozinho na berma, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás das calças de ganga. Sorri quando me vê, e dói. E é uma sensação incrível. Quando paro, ele entra no carro e fecha a porta.

— Que estás a fazer? — pergunto.

— Vou contigo visitar o teu irmão.

— Mas... como? Como é que te livraste de ir jogar? E como é que

sabias que eu ia sair?

Ele sorri e depois debruça-se sobre o assento e põe-me a mão no cabelo. Pousa os lábios nos meus e diz:

— Tenho os meus recursos. — Beija-me e volta para o seu lado do carro. Põe o cinto. — Se achas que é demasiado arriscado eu entrar no edifício contigo, não me importo de esperar no carro. Só queria mesmo passar algum tempo sozinho contigo.

Tento sorrir, mas tê-lo tão perto de mim recorda-me de sexta-feira à noite e de como fui patética ao implorar-lhe que fugisse comigo.

Eu não estava a pensar bem. Não posso simplesmente levantar-me e partir, estou a meio de obter a minha licenciatura. Não posso tirar o Stephen da instituição e arrastá-lo numa viagem de carro através do país. Ele está feliz lá e eu estaria a prejudicá-lo.

É só que quero tanto ir-me embora, e depois de sentir o que senti quando o Carter me beijou, fiquei emotiva. E isso fez-me desejar que ele estivesse errado — que pudesse realmente salvar-me.

O Carter estende o braço e pega-me na mão.

— Sloan. Podes fazer-me uma promessa hoje?

Relanceio-o.

— Depende do que for.

— Vejo na tua expressão que estás a pensar na noite de sexta-feira. Não falemos acerca do Asa hoje. Ou do que ambos sabemos que tem de acontecer. Nem sequer desejo discutir a possibilidade de sermos apanhados, ou de como foi estúpido ir ter contigo. Sejamos apenas a Sloan e o Luke hoje, está bem?

Ergo uma sobancelha.

— O *Luke*? Quem é o Luke? Estamos a fazer um teatro?

O seu queixo treme e ele diz:

— Queria dizer Carter. Costumavam chamar-me pelo nome do meio quando era mais novo. É um hábito difícil de quebrar.

Abano a cabeça e rio-me.

— Ponho-te tão nervoso que nem te consegues lembrar do teu nome?

Ele segura-me a mão com mais força e sorri.

— Para de gozar comigo. E nunca me chames Luke. Só o meu padrinho é que me chamava Luke, e é estranho.

— Está bem, mas não vou mentir. Até gosto de Luke. Luke.

Ele estende o braço e aperta-me o joelho.

— Sloan e *Carter*. Sejamos a Sloan e o Carter hoje — corrige ele de novo.

— Qual sou eu? — provoco. — A Sloan ou o Carter?

Ele ri-se, desaperta o cinto de segurança e estende-se sobre o banco. Encosta a boca ao meu ouvido e desliza a palma da mão sobre a minha coxa. Sustenho a respiração e seguro com força o volante quando ele suspira.

— Tu serás a Sloan. Eu serei o Carter. E no regresso a casa, esta tarde, paramos num sítio sossegado e tu serás a Sloan no banco de trás *com* o Carter. Parece-te bem?

Exalo e assinto.

— Hum-hum.

CARTER

— Quando foi a última vez que o Asa veio visitá-lo? — pergunto-lhe.

Ela desliga o carro e começa a apanhar as suas coisas.

— Há dois anos. Só estive aqui uma vez. Disse que o fazia sentir-se desconfortável.

Claro que ele diria isso.

— Então ninguém vai achar estranho se eu entrar contigo?

A Sloan abana a cabeça.

— Acho que os empregados já estão habituados a ver-me sozinha, só ficarão curiosos por eu finalmente aparecer com alguém. Mas não ficarão desconfiados nem dirão ao Asa, porque nem sequer conhecem o Asa. — Põe as chaves e o telemóvel na mala e segura o volante. Olha para o parque de estacionamento diante de nós. — É mesmo triste, não é? Eu não ter ninguém? *Literalmente* ninguém. Fui sempre só eu e o Stephen contra todo o maldito mundo.

Estendo a mão e ponho-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Quero confortá-la — dizer-lhe que me tem a mim. Mas neste momento ela está a ser honesta e não lhe quero dar outra mentira. Ela nem sequer sabe o meu nome verdadeiro, e quanto mais mentiras lhe disser em momentos como este, mais difícil será ela perdoar-me quando descobrir a verdade.

O que quase aconteceu antes. Juro por Deus, por vezes pergunto-me como é que me meti nesta situação. Sou o pior detetive infiltrado

que já existiu. A sério, deviam chamar-me Pantera Cor-de-Rosa.

Por vezes penso que ela conseguiria lidar com a verdade, se lha contasse. Talvez, de alguma forma, pudesse ajudar. Mas isso pô-la-ia em mais perigo e eu já faço isso o suficiente.

Talvez, a seu tempo, possa levá-la a ganhar a confiança do Ryan e ele veja os benefícios de a manter informada. Mas, por agora, é melhor que ela não saiba.

Ela continua de olhar vazio a fitar a janela, por isso puxo-a para mim e abraço-a. Ela enrola os braços em torno de mim e suspira de encontro ao meu pescoço, e desejo que o Asa morra no caminho do casino para casa.

Merda. Isto foi mesmo duro.

Mas será que ele não percebe como as vidas daqueles que o rodeiam seriam muito melhores se ele não existisse?

Claro que não percebe. Quando és um sádico narcisista não vês nada além de ti próprio.

— Dás uns abraços muito bons — diz a Sloan.

Abraço-a com mais força.

— Acho que só não tiveste abraços suficientes ao longo da vida.

— Isso também — diz ela com um suspiro.

Abraço-a por mais um momento, até ela sussurrar de encontro ao meu pescoço.

— Cinquenta e seis caranguejos-rei comeram atacadores no jantar de Páscoa e depois expeliram Aventuras no País do Arco-Íris pelas narinas.

Rio-me e beijo-lhe o cimo da cabeça.

— Não podes comprar manteiga ilegal com uma roda de bicicleta ou serpentinas de aerossol.

Sinto o seu sorriso quando encontra a minha boca e me beija.

Era tudo o que eu queria antes de sair deste carro — que o seu sorriso voltasse.

— Disseste que ele não gostava do Asa — digo enquanto percorremos o corredor até ao quarto do Stephen. — Se ele não comunica, como é que sabes se gosta ou não de alguém?

Ela tem estado a pôr-me a par da situação do irmão a caminho do

quarto. Enumerou pelo menos cinco coisas que lhe foram diagnosticadas, mas nem sequer me lembro dos nomes, por isso o melhor que posso fazer é tentar compreendê-las.

— Temos a nossa forma própria de comunicar — explica ela. — Criei-o praticamente desde que era bebê. — Contorna uma esquina e aponta para um corredor. — É aqui ao fundo.

Ainda tenho perguntas, por isso puxo-a até ela parar.

— Mas és só alguns anos mais velha do que ele. Como é que o criaste?

Ela olha-me e encolhe os ombros.

— Fiz o que tinha de fazer, Carter. Não havia mais ninguém que o fizesse.

Acho que nunca conheci ninguém como ela. Beijo-a, em parte porque quero obter o máximo possível de beijos hoje, e em parte porque ela merece um pouco mais de afeto na sua vida. Afeto *altruísta*. Não pretendia que o beijo durasse mais do que um segundo ou dois, mas ainda não tivemos hipótese de nos beijar assim desde o nosso primeiro beijo. Sou instantaneamente atraído para ela e tudo o resto se desvanece.

Até que alguém pigarreia atrás de nós. Viramo-nos e vemos uma enfermeira a tentar sair da porta que estamos a bloquear. A Sloan pede desculpa e depois desata a rir enquanto nos apressamos até ao quarto do Stephen.

Ela bate à porta e depois abre-a. Sigo-a lá para dentro, impressionado com o quarto. Esperava um cenário de lar ou hospital, mas é mais como apartamentos em miniatura. Há uma pequena área de estar ligada a uma área de dormir e uma *kitchenette*. Reparo, porém, que não há fogão nem micro-ondas, o que provavelmente significa que alguém prepara as refeições por ele.

A Sloan entra na área de estar para saudar o irmão, mas eu espero à entrada, não querendo interrompê-los.

O Stephen está sentado no sofá, a ver televisão. Levanta os olhos para a Sloan e vejo imediatamente as semelhanças. Têm a mesma cor e textura de cabelo, os mesmos olhos.

Mas o rosto dele não tem expressão. Ele vira-se de novo para a televisão e o meu coração dói pela Sloan. A única pessoa no mundo que ela ama não tem capacidade de lhe exprimir o seu amor. Não

admira que ela pareça tão solitária. Provavelmente é a pessoa mais solitária que já conheci.

— Stephen, há uma pessoa que quero que conheças — diz ela, apontando na minha direção. — É o meu amigo Carter. Andamos na escola juntos.

O Stephen olha para mim, mas volta a olhar rapidamente para a televisão.

A Sloan dá uma palmadinha no sofá, pedindo-me que me vá sentar ao seu lado. Vou ter com ela e sento-me, observando-a a interagir com ele. Ela começa a tirar coisas da mala. Corta-unhas, papel, uma caneta, um refrigerante. Fala com ele durante todo o tempo, contando-lhe a viagem e dizendo-lhe o que pensa sobre o novo residente que notou no quarto ao lado.

— Queres gelo? — pergunta ela. Olho para o Stephen, mas ele não dá indicação alguma de querer gelo. A Sloan aponta para a zona da cozinha. — Carter, arranjas um copo de gelo para ele? E trazes a palhinha azul da gaveta de cima à esquerda?

Assinto e vou à cozinha preparar-lhe o seu copo de gelo. Reparo que ela pega numa caneta e começa a escrever qualquer coisa. Dá o papel ao Stephen e ele olha-o instantaneamente, pega na caneta e inclina-se para escrever também.

Ele sabe ler e escrever? Ela não mencionou isso.

Quando termino de preparar o gelo, volto para a sala e entrego-lho. Ela acaba de escrever mais qualquer coisa e entrega o papel ao Stephen, depois serve o refrigerante no copo. Assim que introduz a palhinha, o Stephen tira-lhe o copo da mão e começa a beber. Devolve-lhe o papel e ela entrega-mo. Leio o que ela escreveu primeiro.

Os livros feitos de gomas ficam muito pegajosos quando usas luvas de pelo.

Li o que o Stephen escreveu a seguir. A sua caligrafia não é tão legível como a dela, mas consigo perceber.

Cestos de lagartos na minha cabeça partem o algodão ao meio para ti.

Relanceio a Sloan e ela dirige-me um sorrisinho. Lembro-me da nossa primeira aula juntos, quando a vi fazer isto pela primeira vez. Tinha dito que era só um jogo que fazia às vezes. Acho que era isto que queria dizer. Fá-lo aos domingos, com o Stephen.

— Ele consegue ler quase tudo? — pergunto.

Ela abana a cabeça.

— Ele não compreende realmente. Ensinei-o a ler e a escrever quando éramos mais pequenos, mas coordenar pensamentos completos foi algo que nunca o vi fazer no papel. É o jogo favorito dele.

Olho para o Stephen.

— Posso escrever uma coisa, Stephen? — Estendo a mão para a caneta e ele entrega-ma, mas não me olha. Encosto-a ao papel.

A tua irmã é fantástica e tens muita sorte por a ter.

Entrego o papel à Sloan e ela lê antes de o dar ao Stephen. Cora e empurra-me com o ombro, depois dá-lhe o papel e a caneta.

E é isto que fazemos nas dez folhas seguintes. O Stephen e a Sloan escrevem à vez palavras aleatórias, e eu só escrevo uma série de elogios à Sloan.

A tua irmã tem um cabelo fantástico. Gosto especialmente quando ela faz caracóis.

Sabes que a tua irmã limpa a casa para vários homens que não são capazes de levantar um dedo? E provavelmente nunca ninguém lhe disse obrigado. Obrigado, Sloan.

O dedo anelar da tua irmã está lindo e nu hoje.

Gosto da tua irmã. Muito.

Depois de uma hora, uma enfermeira vem interromper o jogo para levar o Stephen à fisioterapia.

— A assistente social está cá hoje? — pergunta a Sloan.

A enfermeira abana a cabeça.

— Aos domingos não vem. Mas deixo-lhe um recado quando ele acabar a fisioterapia, e ela contacta-a amanhã.

A Sloan diz-lhe que isso seria fantástico e vai dar um abraço ao Stephen. Quando ela termina as suas despedidas, não sei bem o que fazer. Não quero fingir que sou especialista em interagir com pessoas como o Stephen, mas também não quero fazer algo que não deva.

— Ele dá apertos de mão? — pergunto à Sloan.

Ela abana a cabeça.

— Na verdade, não permite que ninguém lhe toque, tirando eu. — Desliza a mão pela minha.

— Gostei de te conhecer, Stephen — digo-lhe. A Sloan pega na mala e começamos a sair do quarto, para que a enfermeira faça os preparativos necessários para a fisioterapia. Quando estamos perto da porta, sinto uma batida no ombro. Viro-me e encontro o Stephen diante de mim, com os olhos no chão, a balançar para trás e para a frente sobre os calcanhares. Entrega-me a caneta e uma folha de papel em branco. Seguro-as sem saber realmente como lhe dizer que nos vamos embora e não podemos continuar a brincar.

Relanceio a Sloan para ver o que ela quer que eu faça, mas fico confuso com a sua expressão. O Stephen volta para a sala, afastando-se de nós. Olho para a caneta e para o papel em branco.

— Ele quer que volte — sussurra ela. Quando ergo os olhos para ela, está a sorrir e a abanar a cabeça. — Nunca vi isto acontecer antes, Carter. — Tapa a boca com a mão e solta uma mistura do que pode ser um riso, ou um choro. — Ele gosta de ti.

Olho para o Stephen, que está agora de costas para nós. Quando volto a olhar para a Sloan, ela põe-se em bicos de pés e beija-me, depois conduz-me para fora do quarto. Dobro o papel e guardo-o juntamente com a caneta no bolso de trás.

Não sei o que esperava do dia de hoje, mas de certeza que não era isto.

Estou contente por ter vindo, mas agora não é só por causa da Sloan.

ASA

Lembro-me de isto ser muito mais divertido no mês passado.

Passo a mão pelo cabelo, apertando a nuca. Tenho fome. Olho para o Kevin e o Dalton, que estão embrenhados numa conversa com uma empregada que parece mais uma rapariga que o Jon levaria para as traseiras de um edifício do que uma com que qualquer um deles passaria tempo.

A razão para o Jon não estar a fodê-la atrás do edifício é provavelmente por se ter ido embora com duas prostitutas que encontrou no parque de estacionamento de camiões aqui ao lado. Provavelmente, levou-as para a casa de banho dos homens. O que me surpreende é que ele tenha sido capaz de fazer isso, tendo a cara inchada como uma maldita amora.

No entanto, já devia ter voltado, porque tenho a certeza de que ele não aguenta mais de dois minutos com uma miúda. Havia duas. São quatro minutos, mas não o vejo há mais de uma hora.

Onde raio está ele?

Olho em volta e, não o vendo nas proximidades, vou trocar as minhas fichas. Grito para o outro lado da mesa — *sobre o barulho das campainhas das malditas slot machines* — e digo ao Dalton e ao Kevin que vou procurar o Jon. O Dalton acena com a cabeça.

Atravesso o casino todo sem o encontrar. Volto para trás e passo por uma mesa de *blackjack* onde avisto um gajo a sussurrar algo ao

croupier:

— Sempre que venho a este maldito casino vejo os mesmos cabrões miseráveis encurvados sobre as mesas, entregando-vos os salários que lhes custaram a ganhar, a vocês, malditos cabrões, e vocês só arrebanham, arreganham, arrebanham.

O *croupier* tira as fichas da frente do homem. Um tipo do outro lado da mesa comenta:

— E nove em cada dez vezes o cabrão miserável és tu.

Rio-me e estabeleço contacto visual com o homem que acabou de falar.

Paro de me rir.

Ele desvia os olhos de mim sem indício algum de me reconhecer.

O tipo que se está a queixar empurra o banco e levanta-se. Aponta para o tipo que estou a fitar e diz:

— Tu tiveste sorte, Paul. Nada mais. Não vai durar.

Estou a cerrar os punhos com tanta força que faço sangue. Sinto-o a escorrer das palmas das mãos.

Nem precisava de ouvir a confirmação do seu nome para saber que era ele. Um filho não esquece o pai.

Por mais fácil que tenha sido para esse pai esquecer o filho.

Viro as costas e limpo o sangue da mão à perna das calças. Pego no telemóvel e faço uma pesquisa rápida no Google. Após alguns minutos a ver os resultados e a olhar dele para o meu telemóvel, finalmente encontro o que procuro.

O cabrão saiu em condicional no ano passado.

Meto o telemóvel no bolso e sento-me no lugar vago em frente dele. Nunca estive tão tenso, mas já não é por ter medo do que ele me possa fazer. Estou tenso porque tenho medo do que *lhe* quero fazer. Faço a minha aposta e tento que não pareça óbvio que estou a fitá-lo, mas ele não me presta atenção. Está concentrado no *croupier*.

O cabelo dele é muito ralo, até podia ser considerado careca se não fossem uns últimos fios a que se agarra pateticamente. Passo a mão pelo meu cabelo. Está tão espesso como sempre.

Talvez tenha perdido o cabelo por causa do stress, e não seja hereditário. Caraças, espero que nada neste homem seja hereditário; parece um grande desperdício de espaço.

Lembro-me do meu pai muito mais alto. Muito mais largo. Muito

mais intimidante. Estou um pouco desapontado.

Na verdade, estou muito desapontado. Sempre odiei o cabrão, mas as memórias que tinha dele faziam-me acreditar que era invencível. O que me levava a pensar que tivesse herdado dele um pouco disso. Mas ver no que ele se transformou amarrota verdadeiramente o meu orgulho.

— Ei, miúdo — diz ele, estalando os dedos ossudos. — Tens um cigarro?

Os meus olhos encontram os dele e ele está a fitar-me, tentando cravar um cigarro à merda do seu único filho, e nem me reconhece. Nem um bocadinho.

— Não fumo, cabrão.

Ele ri-se e levanta uma mão com a palma para fora.

— Então, amigo. Estás a ter um dia mau?

Ele acha que isto sou eu de mau humor? Viro uma ficha nos dedos e debruço-me sobre a mesa.

— Pode-se dizer que sim.

Ele abana a cabeça e ficamos em silêncio na ronda de apostas seguinte.

Uma tipa mais velha, com as mamas mais engelhadas do que os nós dos dedos do meu velho, chega ao lado dele e põe-lhe um braço por cima.

— Estou pronta para ir — guincha.

Ele dá-lhe uma cotovelada para a enxotar e diz:

— Eu não estou. Já te disse que vou à tua procura quando estiver despachado.

Ela guincha mais um pouco até ele tirar uma nota de vinte do bolso e lhe dizer para ir brincar nas máquinas de moedas. Quando ela se vai embora, aponto com a cabeça.

— É a tua mulher?

Ele ri-se novamente.

— Não. Porra, não.

Viro a minha carta. É um dez de copas.

— Já foste casado? — pergunto-lhe.

Ele leva a mão ao pescoço e estala-o, mas não olha para mim.

— Uma vez. Não durou muito.

Pois, eu sei. Estava lá.

— Ela era uma puta? — pergunto. — É por isso que já não és casado com ela?

Ele ri-se e faz novamente contacto visual comigo.

— Sim. Sim, era.

Solto uma respiração lenta, depois viro a minha segunda carta. Um ás de paus.

Blackjack.

— Eu vou-me casar — digo. — Mas ela não é uma puta.

Acho que não estou a fazer sentido nenhum para ele, porque inclina a cabeça e semicerra um pouco os olhos. Depois inclina-se para a frente e bate na berma da mesa.

— Deixa-me dar-te um conselho, filho.

— Não me chames *filho*.

Ele detém-se por um segundo e deteto um lampejo da expressão condescendente que costumava dirigir-me. Depois diz:

— São *todas* putas. Tu és jovem. Não assentes já. Goza a vida.

— Eu gozo a minha vida. Gozo-a à brava.

Ele abana a cabeça, depois murmura:

— És o filho da puta mais zangado que já conheci.

Ele tem razão. Sou.

Nunca estive mais zangado do que estou neste momento.

Quero saltar por cima da mesa e enfiar-lhe as cartas pela garganta, apesar de ser uma mão vencedora.

O *croupier* empurra os meus ganhos para diante de mim, mas levanto-me e vou-me embora antes que faça algo estúpido dentro de um edifício cheio de câmaras de vigilância e seguranças.

— Senhor — chama-me o *croupier*. — Não se pode ir embora sem as suas fichas!

— Fique com a merda das fichas!

Atravesso o casino de um lado ao outro o mais depressa que posso. Finalmente encontro o Jon, ladeado pelas duas putas num maldito jogo da *Roda da Sorte* para maricas.

— Vai buscar o Dalton e o Kevin. Vamo-nos embora.

Dirijo-me à saída e assim que abro as portas inclino-me para a frente, lutando por respirar.

Eu não sou como ele.

Não sou *nada* como ele.

Ele é patético. É fraco. É *careca*, por amor de Deus.

As minhas mãos tremem.

— Ei! — Chamo a atenção de um homem que acabou de sair.
— Posso cravar um desses?

Ele põe o cigarro na boca para tirar outro do bolso. Dá-mo e entrega-me um isqueiro. Acendo-o e murmuro um agradecimento, depois dou uma longa passa. Ainda estou ali a andar para trás e para diante quando os outros saem.

Mas, não muito atrás deles, vejo-o, com a puta de mamas engelhadas pelo braço. Estão a dirigir-se à saída.

— Vamos — diz o Jon depois de saírem.

Abano a cabeça e não tiro os olhos do meu pai.

— Daqui a um segundo.

Continuo a observá-los enquanto se dirigem à saída. Quando atravessam as portas e chegam cá fora, ele vê-me. Repara no cigarro na minha boca ao passar por mim.

— Não tinhas dito que não fumavas?

— Não fumo — digo, soprando-lhe o fumo para cima. — Este é o meu primeiro.

Mais uma vez, o olhar condescendente. É o mesmo olhar condescendente que costumava dirigir-me quando eu era miúdo, só que desta vez não é servido com uma sova.

Pelo menos, da parte dele.

Eles continuam a andar e, quando estão a cerca de dois metros de distância, digo:

— Que tenhas uma excelente tarde, Paul Jackson.

O meu pai detém-se, esperando alguns segundos antes de se virar. Quando finalmente o faz, vejo-o. O reconhecimento. Inclina a cabeça e diz:

— Não te disse o meu nome.

Encolho os ombros e atiro o cigarro para o chão, apagando-o com o tacão do sapato.

— Erro meu. Acho que devia ter dito *pai*.

Agora não há nenhuma dúvida de que a expressão no seu rosto é de reconhecimento.

— Asa? — Dá um passo em frente, mas esse é o seu segundo erro.

O *primeiro* foi não se ter lembrado logo de mim.

Aproximo-me com grandes passadas e atiro-me a ele com os dois punhos. O cabrão patético atinge o chão ainda antes de eu continuar a bater. Consigo sentir um dos rapazes a tentar tirar-me de cima dele. A puta está a gritar ao meu ouvido e a arranhar-me a cara, tentando que eu o largue.

Dou-lhe mais um soco. Dou-lhe socos por todos os anos que ele me deixou sozinho. Dou-lhe socos por todas as vezes que chamou puta à minha mãe. Dou-lhe socos por todos os conselhos de merda que me deu. Continuo a bater-lhe até os meus punhos estarem cobertos de sangue e eu já não ver a cara do meu pai. Há tanto sangue que tenho a certeza de que confundi a cabeça dele com o cimento, porque esse é o soco que dói mais.

Quando os rapazes finalmente me arrancam de cima dele e começam a arrastar-me para o carro, sinto aquela cena molhada na minha cara. Aquela merda que o meu pai me disse que é o que faz a diferença entre os homens e os coninhas.

Sim, estou a falar de lágrimas. Consigo senti-las e não consigo pará-las e nunca me senti tão poderoso e tão fraco em toda a puta da minha vida.

Não faço ideia como é que chego ao banco do passageiro, ou de quem é que me pôs ali, mas estou a esmurrar o tabliê, batendo-lhe com tanta força que se parte. O Kevin está a arrancar do parque de estacionamento, de certeza tentando escapar à segurança antes que encontrem aquela merda ensanguentada que deixei junto da porta.

O Jon põe as mãos em volta do meu banco e tenta pôr-me os braços atrás das costas, mas é mais estúpido do que eu pensava se julga que pode conter-me. Solto os braços e começo novamente a esmurrar o tabliê. Vou bater-lhe até as minhas mãos estarem dormentes ou até esta merda parar de me escorrer dos olhos.

Não me vou transformar nele. O caralho é que me vou transformar naquele cabrão patético.

Não quero sentir mais isto.

— Alguém que me dê alguma coisa! — grito.

Parece que os meus ossos estão a tentar rasgar-me a pele. Puxo os cabelos, bato na merda da janela.

— Não consigo respirar, caralho!

O Kevin abre o vidro, mas não ajuda.

— *Deem-me* alguma coisa! — grito novamente. Viro-me e tento agarrar o Jon, mas ele recosta-se e levanta a puta da perna, como se isso fosse protegê-lo de mim. — Agora!

— Está na bagageira — grita o Jon. — Caraças, Kevin, encosta para acalmarmos este gajo!

Viro-me e bato novamente no tabliê. Vários socos mais tarde, o Jon volta para o banco de trás.

— Dá-me dois segundos — diz.

É um cabrão mentiroso porque passam mais de dez segundos antes de me dar a agulha. Tiro-lhe a tampa com os dentes e espeto-a no braço.

Recosto-me no assento.

— Vai — digo ao Kevin.

Fecho os olhos e sinto o carro recomeçar a andar.

Não sou nada como ele.

E elas não são todas putas. A Sloan não é uma puta.

— Ela é heroína — sussurro. — A heroína é fixe.

CARTER

— O que é que te apetece comer? — pergunto-lhe.

Ela quis que eu conduzisse no regresso, e há oito quilómetros que procuro um restaurante.

— Tanto faz — diz ela. — Tudo menos grego.

— Não gostas de comida grega?

Ela encolhe os ombros.

— Não é má. Mas não há nenhum restaurante grego até à próxima cidade e tenho fome. Se quisesses grego, teria de esperar demasiado tempo para comer.

Rio-me. Ela é tão incrivelmente adorável. Estendo o braço para lhe pegar na mão, mas recebo uma mensagem. Normalmente não vejo mensagens enquanto conduzo, especialmente com a Sloan no carro, mas o Dalton disse que me avisava se decidissem voltar mais cedo. E, claro, a mensagem é do Dalton.

Dalton: Têm de voltar agora. O Asa não está em boa forma.

Oh, caraças. Será que a minha praga de morte o atingiu mais cedo?

Eu: Tiveram um acidente de carro?

Dalton: Não. Ele deu uma bruta sova ao pai e está a ter um surto do caracas.

Dalton: Está só a dizer que é melhor que a Sloan esteja lá quando ele voltar. Nunca o tinha visto assim, meu.

Apago as mensagens e pouso o telefone no suporte dos copos. Seguro o volante.

— Desculpa, mas não podemos parar para comer. O Dalton diz que o Asa teve um surto e estão a caminho de casa.

— Um surto? — diz a Sloan.

— Sim, algo relacionado com o pai dele. Parece que lhe bateu no casino.

A Sloan olha pela janela.

— O pai dele está vivo?

Relanceio-a. Ela não sabe que o pai dele foi condenado por homicídio? Acho que faz sentido que o Asa não lhe contasse. Não é realmente uma coisa que se queira que a namorada saiba.

— Ele não sabe que estás comigo. Não temos de voltar antes deles. Tenho fome — diz ela.

Detesto estar a forçá-la a voltar para casa quando precisa de estar longe dele.

— O Dalton diz que ele exigiu que estivesse lá. Parece que não está nada bem.

Ela suspira.

— Isso não é um problema meu. A propósito, porque é que o Dalton sabe que estás comigo? Não confio nele. Nem no Jon. Nem no Kevin.

— Não te preocupes. Confiaria a minha vida ao Dalton. — Pegolhe na mão, puxando-a para o meu colo. — Vou estacionar junto do meu carro e depois apareço lá esta noite. Acho que deve passar algum tempo entre tu chegares e eu aparecer.

Ela anui, mas não diz mais nada durante o resto do caminho. Ambos receamos o inevitável, que é enfrentar um Asa desequilibrado. Ele já é bastante mau quando está *bem-disposto*. Nem quero pensar em como vai tratar a Sloan esta noite.

Quando chegamos ao meu carro, olho em volta para me assegurar

de que não vejo ninguém. Estacionei a alguns quilómetros da casa dela e fiz o resto a pé hoje de manhã.

Antes de sair do carro, puxo-a para mim e beijo-a. Ela corresponde ao beijo com um suspiro e é um bocado triste. Como se estivesse cansada de despedidas destas.

— Como é que parece que, sempre que damos um passo em frente, somos forçados a dar dez passos atrás? — pergunta ela.

Desvio-lhe uma madeixa de cabelo da testa.

— Só temos de começar a dar passos maiores em frente.

Ela força um sorriso e depois diz:

— Odeio não poder falar contigo quando fores lá esta noite. Ou tocar-te.

Beijo-lhe a testa.

— Eu também — digo. — Devíamos ter um sinal que pudéssemos usar em vez de falarmos, esta noite. Algo discreto, que ninguém note.

— Como o quê?

Levanto a mão e esfrego o lábio com o polegar.

— Este será o meu.

Ela franze o nariz enquanto tenta pensar num.

— Devias enrolar uma madeixa de cabelo em redor do dedo — sugiro. — Gosto quando fazes isso.

Ela sorri.

— Está bem. Se me vires fazer isto, significa que queria estar sozinha contigo. — Puxa uma madeixa de cabelo e enrola-a no dedo.

Puxo-a para mim e beijo-a, depois forço-me a sair do carro dela. Espero que ela arranque antes de mandar outra mensagem ao Dalton.

Eu: Não o deixes sozinho com ela antes de eu chegar aí. Tenho medo do que possa fazer.

Dalton: Registado. Não sei bem o que se passa com ele. Deu um chuto, dormiu dez minutos e agora não para de falar. Está sempre a dizer que quer esparguete e que o seu cabelo é mesmo espesso. Não faz sentido nenhum. Até obrigou o Kevin a passar a mão pelo cabelo dele.

Merda. Ele já é imprevisível. Isto não é bom.

Eu: Avisa-me assim que chegarem todos. Espero uma hora e vou para aí.

Dalton: Boa ideia. A propósito, ele disse que tu eras LSD. Que achas que significa? Porque é que te chamou LSD?

Eu: Não faço ideia.

Dalton: Ele disse: «O Carter causa as piores alucinações e é difícil à brava de localizar. É LSD.»

Eu: Está completamente passado.

SLOAN

O meu telemóvel começa a tocar assim que atravesso a porta da frente. Olho para o ecrã e vejo que é o Asa. *Fantástico.*

Deslizo o polegar no ecrã para atender.

— Olá.

— Olá, amor — diz ele. Parece ter acabado de acordar, mas percebo que ainda está num carro. — Estás em casa?

— Sim. Acabei de chegar. Ainda estás no casino?

— Não — diz ele. — Estamos a caminho de casa.

Já me tinham dito.

— Temos fome. Queremos esparguete. Podes cozinhar?

— Tenho muitos trabalhos de casa para fazer. Não estava a pensar cozinhar esta noite.

Ele suspira e diz:

— Pois, bem, eu também não estava à espera de ter desejos de esparguete.

— Parece que temos um dilema — digo, desinteressada.

— Não me parece. Faz a merda do esparguete, Sloan. *Por favor.* Estou a ter um dia mau.

Fecho os olhos e tombo no sofá. Vai ser uma longa noite. Mais vale facilitar-me a vida o mais possível.

— Está bem, eu faço-te esparguete. Queres com almôndegas, querido?

— Adorava. Queremos almôndegas, não queremos, rapazes?

Ouçõ um par de gajos no carro murmurarem: «Claro.»

Repouso as pernas no braço do sofá e ponho o telefone em alta-voz, pousado no peito.

— Porque é que estás a ter um dia mau?

Há silêncio por um minuto, depois o Asa diz:

— Alguma vez te falei acerca do meu pai, Sloan?

— Não.

Ele suspira.

— Exatamente. Não há porra nenhuma a dizer.

Caramba. Que raio lhe terá feito esse homem? Massajo as têmporas com os dedos.

— A que horas chegas?

O Asa não responde à minha pergunta. Em vez disso, pergunta:

— O Carter está aí?

Sento-me imediatamente no sofá. Pode ser paranoia, mas a minha voz fica um pouco mais fraca. Tento dissimular quando digo:

— Não, Asa. Ele está contigo.

Há uma breve pausa.

— Não, Sloan. *Não está.*

O telefone fica ainda mais silencioso e, quando olho para o ecrã, percebo que ele desligou. Encosto o telefone à testa. *O que é que ele sabe?*

Uma hora mais tarde, eles entram pela porta da frente. Ainda não acabei o esparguete porque tive de ir à loja comprá-lo. O Asa entra na cozinha e sustenho a respiração quando o vejo. Tem a camisa coberta de sangue e o punho quase irreconhecível. Corro imediatamente a buscar o *kit* de primeiros socorros à despensa.

— Chega aqui — digo, apontando para o lava-loiça.

Passo-lhe água na mão, tentando descobrir de onde vem o sangue, mas parece vir de todo o lado. Todo o seu punho parece em carne viva. O meu estômago fica às voltas, mas forço-me a acabar de o limpar para lhe poder pôr uma ligadura e não ter de o ver.

— Mas que raio fizeste, Asa?

Ele estremece e baixa o olhar para a mão. Depois encolhe os

ombros.

— Menos do que o suficiente.

Ponho-lhe tintura em toda a mão e depois a ligadura, mas isso de pouco ajudará. Deve precisar de pontos. Muitos pontos.

Sinto a sua mão apertar com força a minha, e olho para ele de imediato.

— Onde está a porra do teu anel?

Merda.

— Na cómoda. Não queria sujá-lo enquanto cozinhava.

Ele põe-se de pé e puxa-me o braço, empurrando-me na direção das escadas. Sinto o puxão até ao pescoço.

— Asa, para!

Ele não me larga e, quando me arrasta atrás de si pela sala, o Dalton levanta-se.

— Asa — diz.

O Asa continua sem se deter. Tenho de correr para o acompanhar enquanto sobe os degraus dois a dois, para não cair. Abre a porta do quarto e tira o anel de cima da cómoda, levantando-me a mão esquerda entre nós.

— Manténs a porra do anel na mão. Foi para isso que to comprei, para as pessoas saberem que não se podem meter contigo.

Bate-me com a mão em cima da cómoda e depois abre a gaveta de cima, mantendo a minha mão esticada debaixo da dele.

— Que estás a fazer? — pergunto, temendo a resposta.

Ele abre a segunda gaveta e vasculha lá dentro.

— A ajudar-te a lembrar de que nunca o deves tirar — diz ele, pegando num tubo e fechando a gaveta com força. Os meus olhos fixam-se no frasco de supercola na sua mão.

Nem pensar.

Tento soltar a mão, mas ele faz ainda mais força no pulso. Tira a tampa da cola e começa a espalhar-ma no dedo, debaixo do anel.

As lágrimas começam a picar-me os olhos. Nunca o vi assim e não quero piorar as coisas ainda mais. Paro de lutar e fico o mais quieta que consigo, tirando o coração acelerado no peito. O Carter não está aqui e, sinceramente, tenho demasiado medo de me debater neste momento, porque não tenho a certeza de que algum daqueles tipos lá em baixo venha em minha defesa.

O Asa atira a cola para cima da cómoda e levanta-me a mão, depois sopra-a para secar a cola. Olha-me durante todo o tempo em que me sopra o dedo. Tem os olhos negros. Enormes e negros e aterrorizadores.

— Já acabaste? — sussurro. — Não quero que o teu esparguete fique demasiado cozinhado.

Ele sopra-me a mão por mais alguns segundos, depois inclina-se e beija-me a palma.

— Está feito. Assim não te esqueces.

Ele é louco. É completamente louco. Acho que soube sempre que ele não era boa pessoa, mas não fazia ideia de como era louco até o ter olhado nos olhos neste momento.

O Asa segue-me para fora do quarto e descemos as escadas. O Dalton está de pé ao fundo das escadas e posso ver a preocupação nos seus olhos.

Continuo a não confiar nele.

Volto para a cozinha e vou direta ao fogão. Tiro a massa do lume e começo a vertê-la para um escorredor quando um carro para na berma.

O Carter.

Acabo de escorrer a massa, olhando para o anel o tempo todo. Nem sequer está direito. Vai ser o diabo arrancar a cola e pode demorar dias. O mínimo que o cabrão podia ter feito era tê-lo colado direito. Vai pôr-me doida.

Tenho o cuidado de não olhar para a porta da frente quando abre. Volto para o fogão e mexo o molho do esparguete, depois verifico as almôndegas. O Asa está a lavar sangue dos braços no lava-loiça quando o Carter entra na cozinha e abre o frigorífico.

— Que te aconteceu? — pergunta o Carter.

Não consigo perceber o que o Asa responde devido à pulsação que ainda bate nos meus ouvidos, mas o Carter ri-se.

— Ganharam alguns *jackpots*?

Viro-me e vou ao lava-loiça, avistando o Carter pelo canto do olho.

O Asa abana a cabeça e diz:

— Zero. Nada como o *jackpot* que tinhas enrolado a ti na sexta-feira à noite.

Parece que todo o meu sangue me abandona o coração. Não consigo olhar para o Carter neste momento. Não posso. Ou o Asa está a testar-me para ver se reajo a esta declaração, ou o Carter não é de todo quem eu julgava.

— Era uma brasa do caraças — acrescenta o Asa. — Bom trabalho, meu. Não há dúvida de que fiquei impressionado.

Vou ver as almôndegas, mas só para poder ter um vislumbre da cara do Carter. Ele dá um gole na cerveja, sem fazer contacto visual comigo.

— É só uma amiga — diz ele.

Tenho de segurar a porta do forno com toda a minha força, porque me parece que vou cair ao chão.

Que rapariga? Quando? Sexta-feira à noite foi quando o Carter foi ao meu quarto e me beijou. Como é que eu podia não saber que ele estava aqui com outra pessoa?

Sinto-me mais estúpida neste momento do que alguma vez me senti como namorada do Asa. Pelo menos, sempre soube que o Asa era um cabrão.

Pensei sinceramente que o Carter era diferente.

— Uma amiga, o caraças — disse o Asa. — Atiras o Dalton contra a parede da sala daquela maneira? Ou o Jon? Na minha terra, os amigos não fazem isso aos amigos, meu.

Sou forçada a dar a volta completa à ilha enquanto preparo a comida, para evitar que qualquer um deles veja as lágrimas nos meus olhos. Alguns segundos depois, sinto o braço do Asa a deslizar pela minha cintura. Beija-me o pescoço e faço questão de me virar e plantar a minha boca na dele. Por mais que o odeie e por mais que me apeteça cortar-lhe a pila pelo que acabou de me fazer lá em cima, este beijo não tem nada que ver com ele.

Quero que o Carter sinta o que acabei de sentir. É como se tivesse um grande golpe no peito.

Grande cabrão. São todos uns cabrões.

Afasto-me do Asa.

— Estás a dificultar-me a concentração. Saiam lá da cozinha, para eu conseguir acabar de fazer a comida.

Não faço ideia de como sou capaz de falar, porque cada uma das minhas palavras quer transformar-se em soluços. Atiro as almôndegas

para dentro do molho e, quando estou a deitar o esparguete, o Dalton entra na cozinha.

— Caraças, Asa. Vai tomar uma merda de um duche. Vamos todos perder o apetite se tivermos de olhar para esse sangue todo enquanto comemos.

Uso a distração do Dalton para relancear o Carter. Está a olhar diretamente para mim, os olhos cheios de preocupação. É como se estivesse a tentar dizer-me um milhão de coisas neste momento. Levanta a mão e passa o polegar pelo lábio inferior.

Não enrolo o cabelo em torno do dedo. Em vez disso, esfrego a boca com o dedo do meio e viro-me para o Asa. Ele empurra-me o cabelo por cima do ombro.

— Devias vir tomar duche comigo. Vai ser difícil fazê-lo só com uma mão.

Abano a cabeça.

— Mais tarde. Tenho de acabar a comida.

Os dedos do Asa percorrem-me o braço, deslizando-me depois sobre a mão e o anel. Vira-se e sai da cozinha. O Dalton segue-o. Assim que ficamos sozinhos, o Carter atravessa a cozinha a correr para junto de mim. Para o mais perto que pode sem parecer suspeito. Agarro a bancada à minha frente e não olho para ele.

— Não foi nada assim, Sloan. Juro. Tens de acreditar em mim.

As palavras dele saem num sussurro rápido e desesperado.

Não o olho quando falo.

— Estavas a curtir com outra *rapariga*? — Viro lentamente a cabeça e faço contacto visual, e quase posso jurar que ele vai correr o risco de ser apanhado e puxar-me para si.

Ele começa a abanar a cabeça.

— Não te faria isso. Não foi assim.

As suas palavras desta vez são lentas e precisas. Tudo nele me faz querer confiar no que diz, mas tudo em cada um dos homens do meu passado me diz que não devo confiar em ninguém com um pénis.

Ele olha em volta para se assegurar de que ninguém nos vê. Todos os rapazes na sala estão a ver televisão, de costas para nós. O Carter inclina-se e aperta-me o pulso.

— Nunca faria nada que te magoasse. Nunca. Juro pela vida do teu irmão, Sloan.

E é aqui que eu fico *mesmo* zangada. Ninguém jura pela vida do meu irmão. Está feito mesmo antes de eu perceber que o fazia. Bati-lhe com tanta força que todos os rapazes na sala se viraram nas cadeiras.

Nem consigo acreditar que acabei de o esbofetear. Nem sei quem é que está mais chocado: eu, ele ou os rapazes, que estão agora todos a olhar para nós. Estou mais magoada do que provavelmente alguma vez estarei na minha vida, mas ainda sou bastante inteligente para saber que tenho de arranjar uma razão para lhe ter batido sem que pareça pessoal a todos os que nos veem.

— Não metas o dedo no molho do esparguete, grande estúpido. É nojento!

O Carter percebe imediatamente o que estou a fazer. Força uma gargalhada e esfrega a bochecha, mas posso ver o desapontamento nos seus olhos quando se vira e vai para a sala. Não me sinto mal por ele. Eu e o meu irmão já tivemos azar suficiente. A última coisa de que precisamos é que o Carter diga mentiras e faça promessas vãs enquanto jura pela vida do Stephen.

Dou meia-volta e mexo a merda do esparguete. Paro para limpar as lágrimas à manga da camisola, e começo outra vez a mexer. Um minuto depois, o Dalton aparece ao meu lado e estende o braço à minha frente. Pega numa colher e mergulha-a no molho, depois mete a colher na boca para provar. Assente com a cabeça e atira a colher para o lava-loiça antes de se inclinar para mim.

— Ele está a dizer-te a verdade, Sloan.

Vai-se embora, e é quando já não consigo controlar mais as lágrimas. Não sei em que acreditar. Em quem confiar. Com quem me zangar e quem amar. Vou ao lava-loiça e lavo molho de esparguete das mãos.

Preciso de sair desta casa.

Vou à porta das traseiras e grito por cima do ombro.

— A merda do vosso esparguete está pronto, seus grandes cabrões!

CARTER

Passo a última tigela por água e meto-a na máquina.

O Asa não chegou a descer para comer. A Sloan não voltou para dentro. Mandeí uma mensagem ao Dalton há uns minutos e pedi-lhe que fosse lá acima ver o estado do Asa antes de eu me arriscar a sair e falar com a Sloan.

Limpo a bancada e ligo a máquina de lavar. Ouço o Dalton descer as escadas ao mesmo tempo que recebo uma mensagem dele.

Dalton: Está inconsciente na cama, nu. Acho que vai estar assim algum tempo, mas mando-te mensagem se ele começar a descer as escadas. Vê se manténs o telemóvel ligado.

Verifico três vezes as opções de som e vibração nas definições do meu telemóvel, depois meto-o no bolso. Vou lá para fora acalmar as coisas com a Sloan.

Ela está no meio da piscina, a boiar de costas, fitando as estrelas. Não olha para mim quando ouve a porta das traseiras fechar-se.

Enquanto me dirijo a ela, vejo que a camisola e as calças de ganga estão numa espreguiçadeira.

Com mil raios.

Ela foi nadar em roupa interior.

Pode ser uma prática normal para ela aqui, mas tenho a sensação de estar a pisar um campo de minas, porque ela não está, tecnicamente, em fato de banho.

Chego à beira da piscina e fito-a, mas ela continua a não olhar para mim. A água tapa-lhe a maior parte do rosto, mas com a luz que vem do interior da casa consigo ver a vermelhidão dos seus olhos.

É um bocado lixado, pensando bem. Ela está chateada por pensar que eu ando com outras pessoas, mas ela dorme na cama de outro homem todas as noites.

Caramba, ela *beijou-o* só para me fazer ciúmes ainda há pouco.

Mas eu compreendo. E não a culpo, porque sei o quanto estava a sofrer. O quanto *está* a sofrer.

E essa é a parte mais difícil. Não é eu estar a preparar-me para a convencer de que tenho mesmo sentimentos por ela. A parte mais difícil é saber o que ela sente agora, duvidando deles.

Se eu ao menos pudesse abrir-me e contar-lhe a verdade, as coisas ficariam muito mais fáceis. Mas é uma violação ao meu trabalho. Estaria a desobedecer a uma ordem direta do Ryan. E por mais instável que o Asa esteja agora, quanto menos a Sloan souber, melhor.

Quando o Asa mencionou a Tillie na cozinha, a cor fugiu completamente da cara da Sloan. Tive vontade de o matar ali mesmo.

A Sloan abre os braços e bate as pernas, impelindo-se para o meio da piscina.

— Ele esqueceu-se de desligar o aquecedor da piscina este fim de semana — diz baixinho. — Sabe mesmo bem. Acho que posso ficar aqui para sempre.

A voz dela é triste. Tenho vontade de tirar os sapatos e mergulhar na água e ficar ali *com* ela para sempre. Mas não nesta piscina nem nesta casa.

— Como é que ela se chama? — pergunta-me, ainda baixinho e fitando o céu da noite.

Aperto a nuca com as mãos, perguntando-me quanto devo mesmo contar-lhe.

— Tillie.

Ela ri-se, mas não por achar divertido.

— É a tua namorada?

Suspiro.

— É só uma amiga, Sloan. Por vezes, faz-me favores.

Todo o corpo da Sloan fica imerso na água. Vai até ao fundo. Quando emerge, lança-me facas com os olhos. Só quando vejo o seu

olhar é que percebo o que insinuei.

— Não é esse género de favores, Sloan.

Ela afasta o cabelo molhado da testa e eu tento não olhar para nenhuma parte dela, tirando o rosto, mas é mesmo difícil quando ela está encharcada.

— Que favor te fazia ela na sexta-feira à noite que exigia que tivesses as mãos em cima dela?

Odeio a calma dela porque sei que, por dentro, está a ferver. O que significa que pode explodir a qualquer momento. Sinto que estou à beira de um vulcão.

— Responde-me. Que favor é que ela te estava a fazer na sexta-feira à noite? — repete. Os seus olhos suplicam honestidade, por isso dou-lhe honestidade.

— Estava a ajudar-me a convencer o Asa de que não estou interessado em foder-te.

Não preciso de estar a olhar para o seu peito para notar o arquejo. Mas ela tenta escondê-lo. Fita-me por um momento e imerge novamente na água. Nada até ao lado mais baixo, põe-se de pé e sai da piscina. Tanto o sutiã como as cuecas são cor de carne, completamente transparentes, e deixam-me totalmente paranoico. Receio que o Asa possa ouvir a minha pulsação lá no quarto.

A Sloan continua a andar em redor da piscina até ficar mesmo à minha frente. Está demasiado perto, mas, ainda assim, aproxima-se mais um pouco. Tão perto que sinto a humidade do seu sutiã encostada ao peito.

— E *estás?* — sussurra. — Estás interessado em foder-me, *Carter?*

Este comportamento não parece dela. Não sei porque é que enfatizou o meu nome, mas isso provoca-me um nó de nervosismo na garganta. Não percebo o que é que lhe deu, mas isto parece mais do que ciúmes da Tillie. O que é que ela está a fazer? Tenho vontade de a tapar com um cobertor e escondê-la, a mesma vontade que tenho de tapar a boca dela com a minha e beijá-la. Ela está a confundir-me.

Ela repete.

— Estás interessado em *foder-me?*

Não consigo perceber se está zangada comigo ou se me deseja. Debato-me com as minhas próprias mãos quando deslizam para as suas ancas.

— Não propriamente — digo com voz rouca. — Estou muito mais interessado em fazer amor contigo.

Vejo o movimento da sua garganta quando engole em seco. Tenho tanta vontade de a beijar, mas seria definitivamente o beijo da morte, porque nunca mais pararia.

Era isso, ou ela matar-me se tentasse. Continuo sem perceber se está ou não zangada comigo. Comporta-se como se quisesse que eu a tocasse — a beijasse. Mas olha-me como se quisesse atirar-me à piscina e segurar a minha cabeça debaixo de água.

Enrola os dedos numa das minhas mãos, que ainda lhe segura as ancas, depois arrasta a minha mão pela barriga, até aos seios.

Engulo em seco e olho para a janela do quarto dela, para garantir que não estamos a ser observados.

— Que estás a fazer, Sloan?

Ela inclina-se e põe-se em bicos de pés, até os seus seios estarem encostados a mim e a sua boca no meu ouvido. Todo o meu peito aquece com a sua proximidade. Fecho os olhos e deslizo uma das mãos para o fundo das costas dela, as pontas dos meus dedos mergulhando na parte de trás das suas cuecas enquanto a chego mais para mim.

— Tens uma promoção se chegares à terceira base com a noiva do teu suspeito? — sussurra.

Abro subitamente os olhos. Fico gelado com a pergunta. *Ela sabe? Como é que sabe?*

Entrelaço cuidadosamente os dedos no seu cabelo, puxando-lhe a cabeça para trás para a poder olhar de cima. Olho-a como se não compreendesse a pergunta.

Ela sorri, mas a traição nos seus olhos é muito mais evidente agora que a sua pergunta me arrancou do transe.

— Eu sei o que tu és — diz ela. — Sei o que fazes aqui. Agora finalmente faz sentido porque é que estás tão interessado em mim.

Afasta-se de mim, recuando até as minhas mãos já não estarem em cima dela. Lança-me facas com os olhos. Já não posso duvidar da zanga dela.

— Nunca mais te atrevas a falar comigo, ou digo a toda a gente que és um infiltrado. *Luke.*

Foda-se!

Ela tenta contornar-me, mas ponho-me imediatamente em frente dela. Quando volta a falar, tapo-lhe a boca com a mão e olho para a porta das traseiras. Ainda ninguém nos viu, mas preciso de a levar para um sítio mais privado antes que ela faça algo que resulte na morte de ambos.

Ela tenta afastar-me a mão, agarrando-a com os dedos. Envolver-a com o braço e obrigo-a a caminhar comigo até uma lateral da casa. Ela fica ainda mais zangada quando percebe o que estou a fazer, por isso luta comigo com todas as suas forças. Odeio usar qualquer força com ela, mas é para a proteger. Quando finalmente chego com ela a um lado da casa, atrás do escudo protetor das árvores, encosto-a à parede e continuo a tapar-lhe a boca com as mãos.

— Para, Sloan — digo, olhando-a diretamente nos olhos. — *Escuta-me*. Fica calada e deixa-me explicar. *Por favor*.

Ela respira pesadamente de encontro à minha mão, segurando-a com as suas. Quando finalmente para de se debater, apoio uma mão na parede da casa ao lado da sua cabeça e começo vagarosamente a destapar-lhe a boca.

Ela está a ofegar de medo no momento em que ponho a outra mão ao lado da sua cabeça. Nem sequer tento mentir-lhe. Acima de tudo, preciso que ela compreenda a verdade.

— Tudo o que te disse, todos os olhares que te lancei, todas as vezes que te toquei. Nunca foi por causa da missão, Sloan. Nem uma vez. Compreendes isso?

Ela não responde. Apenas me olha com a mesma dúvida com que olha o resto do mundo.

Estremeço, porque odeio tê-la posto nesta situação. Odeio que ela duvide de mim. Odeio ter-lhe dado todas as razões do mundo para que desconfie de mim. E odeio não ter uma única coisa que lhe possa dar para a fazer acreditar que o que sinto por ela não tem nada que ver com esta estúpida missão.

Embrulho-a nos meus braços e não tento convencê-la com mais palavras. Apenas a abraço, porque não suporto saber que ela sente o que está a sentir.

Após alguns momentos em que ela está como que petrificada nos meus braços, começa lentamente a relaxar. Sobe as mãos, segura-me a camisa nos punhos e começa a derreter-se de encontro a mim. Encosta

a face ao meu peito e começa a chorar, por isso abraço-a o mais firmemente que posso.

Fecho os olhos e sussurro para o seu cabelo.

— Tu és tudo o que vejo, Sloan. Além da missão, além do certo e do errado. És tudo o que vejo.

Encosto os lábios ao lado da sua cabeça e não tento justificar mais nada, nem negar que estou aqui infiltrado. Não sei como é que ela soube, mas neste momento não me importo com isso.

— Preciso que saibas que, independentemente dos meus motivos para estar aqui, isso não tem nada que ver com o que sinto por ti.

Ainda está a chorar quando finalmente recua o suficiente para me encarar.

— Jura que não estás a usar-me para o apanhar.

Estou surpreendido por não ouvir a fenda que isto abre no meu coração.

— Sloan — sussurro. Não consigo pensar em mais nada para dizer, porque a dor dela magoa-me demasiado para pensar. Não sinto nada além de culpa. Beijo-lhe a testa e depois o lado da cabeça.

Ela deve conseguir sentir tudo o que eu sinto neste momento, porque suspira como se estivesse momentaneamente aliviada. Relaxa o suficiente nos meus braços para mostrar que acredita em mim. Quando os nossos lábios finalmente se encontram, é como se ela estivesse silenciosamente a suplicar-me que extinga com beijos quaisquer dúvidas que possam voltar, por isso faço-o.

Beijo-a com toda a verdade que tenho em mim.

Eu não devia estar a beijá-la e ela não devia estar a beijar-me, mas nenhum de nós escolhe neste momento o caminho responsável. Encosto-a novamente à parede da casa para garantir a nossa privacidade, mas não encontro forças para me afastar dela. Cada segundo que passa é um segundo que não devia passar com a minha boca na dela, mas não consigo parar o que está a acontecer. Só consigo pensar em como ter mais dela.

Quando me encosto a ela, ela geme de encontro à minha boca e esse som empurra para longe tudo o resto. A ansiedade, o bom senso. O meu desejo por ela assume completamente o domínio, e a julgar pela forma como as suas mãos deslizam dentro da minha camisa, o dela também.

Estou num nevoeiro e não me vejo a sair dele nos próximos tempos.

Com mil raios.

— Caramba, Sloan — digo, arrastando a minha boca na dela para respirar. Levanto-lhe uma das pernas para o meu flanco. Depois a outra. — O meu carro — sussurro, enrolando-a em meu redor para a levar nessa direção.

Está bastante escuro cá fora e a propriedade está encasulada em árvores suficientes para que me preocupe com a possibilidade de sermos vistos pelos vizinhos quando entramos para o banco de trás do meu carro. A única coisa que me preocupa é o noivo dela estar dentro de casa, e sermos apanhados significaria...

Nem sequer quero pensar nisso agora. O Dalton não me mandou uma mensagem, por isso temos tempo.

Fecho a porta de trás e estico-me sobre o banco da frente para tirar um preservativo do porta-luvas. Quando me recosto no assento, ela está a deslizar para cima de mim, a boca na minha, as mãos no meu peito.

Descendo-me pelo peito.

Subo-lhe o sutiã por cima dos seios e coloco a boca sobre ela ao mesmo tempo que ela me liberta das calças de ganga.

Depois de pôr o preservativo, seguro-lhe as ancas e posiciono-a em cima de mim enquanto ela desvia as cuecas para o lado. Encosto a cabeça ao banco para lhe poder ver a cara quando entro nela. Olhamos um para o outro enquanto começo a descê-la sobre mim, lentamente.

Fica tudo muito mais silencioso dentro do carro. Os meus olhos nunca deixam os dela durante todo o tempo em que ela me recebe. Quando estamos por fim pele com pele e eu estou completamente dentro dela, soltamos ao mesmo tempo um suspiro fundo.

É a melhor coisa que já senti — estar finalmente dentro dela. É a coisa *mais culpada* que já fiz — saber em que risco a minha falta de força de vontade está a pô-la.

Ela inclina-se para a frente e enrola os braços no meu pescoço.

— Luke — diz muito baixinho junto dos meus lábios. Fico capaz de morrer.

Ela chamou-me Luke.

A minha boca encontra outra vez a dela e beijo-a como merece ser beijada. Com convicção. Com respeito. Com sentimento.

Ela começa a mover-se em cima de mim e é tudo o que vejo.

Fecho os olhos e, porra, ela é tudo o que vejo.

SLOAN

Não fazia ideia de que podia sentir-me assim.

Isto parece um grande cliché, mesmo enquanto o sinto. Mas as mãos dele, a sua boca, a forma como me toca — é como se ele vivesse para a minha reação.

E neste momento a única coisa em que estou concentrada é na forma como ele move a sua mão em mim, de tal modo tocando-me no sítio certo que receio não só acordar o Asa, mas toda a vizinhança. Como se o pressentisse, ele tapa-me a boca com a sua, abafando-me os gemidos enquanto me esmago de encontro a ele. As minhas pernas começam a tremer, os braços, o corpo todo, enquanto uma sensação que nunca antes tive me atinge.

— Luke — gemo de encontro aos seus lábios. Adoro o seu nome. Adoro dizê-lo em voz alta. Adoro perceber o quanto *ele* adora quando digo o seu nome verdadeiro em voz alta.

Por mais fraca que esteja neste momento, encontro forças para continuar a mover-me até ser eu a ter de abafar os sons dele. A sua boca é incrível. Ele sabe a fruta. Tem um sabor doce.

Nada como a acidez que engulo quando beijo o Asa.

Quando já não estamos a tremer e eu estou imóvel em cima dele, ela inclina-se e roça-me os lábios no ombro, muito levemente.

Não sei como passei de o odiar há duas horas na cozinha a sentir mais por ele neste momento do que em todos os dias anteriores. Saber

que ele não é como o Asa... que é o *oposto* completo do Asa... é tão... *atraente*.

Ele é bom. É um *bom rapaz*. Eles existem.

Conjugou-se tudo como uma epifania enquanto flutuava na piscina. Ele tratar-se a si mesmo pelo nome errado. Ter aulas de Espanhol de um nível vários anos inferior ao seu conhecimento só para, convenientemente, estar ali comigo. A forma como não parava de me assegurar que tinha de confiar nele, mas nunca explicando *porquê*. Ter usado outra rapariga para despistar.

Essa foi a primeira descoberta. Percebi tudo ainda antes de ele ser sincero na piscina.

Quando o Dalton disse que o Carter... ou antes, o *Luke*... estava a dizer a verdade — que a usara para despistar o Asa —, percebi que havia ali algo mais. Algo mais na Tillie. Algo mais no facto de o Luke, à vista de todos, curtir com alguém estando na mesma casa que eu. Disse a mim mesma que, se ele viesse cá fora e negasse ter estado com ela, saberia que era um mentiroso. Que era igual ao Asa.

Mas se ele viesse cá fora e contasse a verdade — que estava a usá-la para despistar o Asa —, eu saberia que tinha razão. Que fazia parte da sua missão.

Eu só não sabia qual das duas preferia ouvir. Que ele era exatamente igual ao Asa... ou que tinha estado a usar-me este tempo todo para *chegar* ao Asa...

Assim que ele percebeu que eu tinha descoberto tudo, pensei que fosse o fim para nós. Pensei que ia temer pelo seu trabalho e tentar chegar a um acordo comigo para me manter calada. Porque tipos como ele... tipos com carreiras, que são bons e bem-sucedidos e generosos... não se apaixonam por raparigas como eu. Ou pelo menos, educaram-me para que pensasse assim.

Mas estava enganada, porque ele não estava preocupado com o seu trabalho. A única preocupação que tinha era comigo. E ser a preocupação principal de alguém parece-se mesmo com a sensação de ser amada.

Quando ele diz que tudo o que vê sou eu, acredito. Porque tudo o que eu vejo é ele. E neste momento quero absorver cada segundo dele. Os seus braços estão enrolados à minha volta e estamos ambos a tentar recuperar o fôlego. Isto foi estúpido. Ambos o sabemos, mas

neste momento diria que valeu completamente a pena.

— Por muito que eu gostasse que ficasses onde estás para sempre, devias voltar para dentro — diz ele. Beija-me a têmpora.

Sei que ele tem razão, mas gostava que não tivesse. Lá dentro é o último sítio onde quero estar depois disto. Passo os dedos pelo seu cabelo e sinto o aroma quente do seu champô.

— Tomaste duche antes de vires cá a casa? — Ele sorri. Consigo vê-lo até no escuro. — Então tomaste duche e tinhas preservativos no carro? Esperavas dar uma queca esta noite? — provoco.

Ele tomba a cabeça no encosto e um sorriso lento e satisfeito estende-se-lhe nos lábios.

— Tomei duche porque gosto de me apresentar bem diante de ti. Tenho um preservativo no carro porque gosto de estar preparado. E estava aí há seis meses, caso tenhas curiosidade.

Tinha, mas não tinha o direito de a ter. Ele sabe o que continua a acontecer entre mim e o Asa à noite. Se pudesse impedi-lo, fá-lo-ia, mas neste momento não é uma opção. Só o será quando já não estiver nesta casa.

Mas não falamos acerca disso. Acerca do facto de eu ainda estar com o Asa e acerca de como aquilo que acabou de acontecer entre mim e o Luke não estar certo, por mais certo que pareça. Mas, sinceramente, não me ralo por ter acabado de trair o Asa. Devia sentir-me culpada, mas não sinto.

O karma é lixado, Asa Jackson.

O Luke passa o polegar pelo meu braço e baixa-me a alça do sutiã. Introduce o polegar por baixo e massaja para um lado e para o outro. Eu estou a traçar o seu queixo. Ele tem um rosto esplêndido. Masculino em todos os lugares certos, mas com um toque de suavidade feminina nos lábios.

— Como é que descobriste? — pergunta ele.

Sorrio.

— És tudo o que eu vejo, Luke. E sou muito esperta.

Ele assente com a cabeça.

— Pois és. — Coloca as palmas das mãos nas minhas costas e puxa-me para si, mas antes de os seus lábios encontrarem os meus, as minhas costas estão estendidas no banco e ele tapa-me a boca com a mão.

— Fica calada — sussurra, olhando pelo vidro da frente.

O meu coração parece que vai saltar para a garganta.

Estamos mortos. Estamos mortos.

Estamos. Mortos.

Ouçõ uma batida forte na janela, mas não tenho a certeza de que não seja só o meu coração.

— Abre a merda da porta!

Fecho os olhos, mas sinto a boca do Luke na minha orelha.

— É só o Dalton — sussurra. — Não te levantes.

Só o Dalton? Di-lo como se confiasse no Dalton, por isso assinto com a cabeça e tapo-me com os braços enquanto o Luke se senta e abre a porta. Algo vem a voar para o banco de trás e o Luke apanha-o nos braços.

O Dalton inclina-se e olha para nós.

— Da próxima vez que vocês os dois decidirem escapulir-se para foder, garantam que trazem as roupas convosco.

O Luke entrega-me a minha t-shirt e as calças de ganga, que o Dalton acabou de lhe atirar. Enfio freneticamente a t-shirt pela cabeça, embaraçada por termos sido tão descuidados.

— Ele está acordado? — pergunta o Luke ao Dalton.

O Dalton olha-o intensamente, dizendo tanta coisa com aquele olhar que não começo sequer a compreender.

— Não. Mas tens de te ir embora antes que arranjes maneira de nos matar aos dois. — Depois o Dalton vira-se e olha para mim. — E tu deves voltar para casa, antes que o Carter arranje maneira de *te* matarem.

Endireita-se e, antes de bater com a porta do carro, diz:

— Precisamos de falar antes de te ires embora, Carter.

É neste momento que percebo que eles são ambos parte do que quer que isto seja. O Dalton fala com o Luke como se soubesse ainda mais do que eu.

A amizade deles começa a fazer ainda mais sentido. Enquanto me debato com as calças de ganga, o Luke estende a mão para me ajudar. *Eu devia continuar a chamar-lhe Carter mentalmente, ou poderei ter um deslize e chamar-lhe Luke junto do Asa.*

— Estás em sarilhos? — pergunto-lhe. Abotoo as calças e endireito a camisola.

Ele desliza uma mão pela minha nuca.

— Estou *sempre* em sarilhos, Sloan. — Dá-me um beijo rápido nos lábios. — Gostava de te dizer que sou bom no meu trabalho, mas as minhas prioridades estão um pouco desalinhadas.

Rio-me.

— Pessoalmente, acho que as tuas prioridades na última meia hora foram acertadíssimas.

Ele beija-me novamente.

— Vai. Tem cuidado.

Beijo-o também, com intensidade. E quando me afasto dele desta vez, dói muito menos. Porque agora tenho esperança. Esperança de que ele tenha um plano para nos tirar desta confusão.

Sorrio durante todo o tempo que estou no duche porque quando abro a porta das traseiras deparo com uma cozinha imaculada. Não tive dúvidas de que fora o Carter a limpá-la.

Ninguém — mas mesmo *ninguém* — levantou alguma vez um dedo para me ajudar nesta casa. Não creio que alguma vez tenha ouvido dizer que limpar é o caminho para o coração de uma rapariga, mas a julgar pela minha reação, diria que é o caminho para o meu. Porque quase chorei quando ouvi a máquina de lavar a funcionar.

É mesmo triste. Carregar uma máquina de lavar significa mais para mim do que um anel de noivado? Vistas de fora, as minhas prioridades também parecem um pouco desalinhadas.

Mas prefiro de longe que sejam assim.

O Asa está inconsciente na cama quando entro no quarto. Está nu e ocupa o colchão todo.

Fantástico. Vou ter de tentar acordá-lo ou empurrá-lo para o seu lado da cama, mas ele é demasiado pesado para mim.

Vou para o seu lado da cama, pego-lhe no braço e tento puxá-lo por cima do colchão. Ele não se mexe, mas solta resmungos entre ressonadelas.

Depois... *vomita*.

Em cima do meu edredão.

Fecho os olhos e tento permanecer calma. Claro que ele tinha de arruinar esta noite bonita.

Ele continua a vomitar entre acessos de resmungos, enchendo o quarto de um cheiro azedo. Corro à secretária para trazer o cesto dos papéis, depois inclino-me para ele e levanto-lhe a cabeça para vomitar lá para dentro.

Ele vomita mais duas vezes e, finalmente, após uns momentos de calma, abre os olhos. Quando me vê, o olhar aterrorizador que tinha antes desapareceu, substituído por uma inocência infantil.

— Obrigado, querida — murmura.

Pouso o cesto dos papéis no chão e ponho-lhe a mão de um lado da cabeça.

— Asa, tens de tentar levantar-te. Preciso de tirar o edredão da cama.

Ele rola para fora do vômito e encosta uma almofada ao peito, adormecendo quase de imediato.

— Asa. — Abano-o, mas está outra vez inconsciente.

Levanto-me e olho em volta do quarto, tentando perceber como vou fazer isto sem ter de ir lá abaixo pedir ajuda.

Não tenho hipótese sozinha e também não quero dormir no sofá lá em baixo, com o Jon em casa. Rezo para o Dalton ou o Carter ainda estarem aqui, porque deixar que o Jon ou o Kevin saibam que o Asa está inconsciente não fará um grande favor à minha segurança.

Para meu alívio, o Carter e o Dalton estão junto da porta, prestes a partir, quando chego lá abaixo. O Carter fica alerta quando me vê.

— Preciso que alguém me ajude a levantar o Asa para mudar o edredão. Ele vomitou tudo.

— Boa sorte com isso — murmura o Jon do sofá.

O Carter olha-o com fúria e começa imediatamente a dirigir-se às escadas. Posso ver a censura nos olhos do Dalton, mas ele segue o Carter.

Quando chegamos todos ao quarto, o cheiro é tão mau que tenho de tapar o nariz para não vomitar.

— Cum caraças — murmura o Dalton. Vai direito à janela e abre-a. Olhamos todos para o Asa e sinto-me um pouco embaraçada por ele, por estar nu. Mas, conhecendo o Asa, sei que não se importaria. E, caso se importasse, a culpa é apenas dele por se encontrar nesta posição.

O Carter abana-o para tentar acordá-lo.

— Asa. Acorda.

O Asa resmunga, mas não acorda.

— Que raio é que ele tomou? — pergunta o Carter, voltando-se para o Dalton.

O Dalton encolhe os ombros.

— Sei lá. Vi-o a mastigar alguns comprimidos a caminho do casino. Heroína no regresso.

O Carter nem sequer hesita, inclina-se e pega no Asa por baixo dos braços. Ergue-o e endireita-se, puxando o Asa para fora da cama.

Começo imediatamente a recolher o edredão e a dobrá-lo. Nem me vou dar ao trabalho de lavar este. Pouso-o no corredor e mudo os lençóis, pelo sim, pelo não.

— De que lado é que ele dorme? — pergunta o Carter, ainda a segurá-lo pelas axilas. Aponto para o lado do Asa na cama e o Carter arrasta-o para lá. O Dalton ajuda-o a levantá-lo para a cama e eu tiro mais um cobertor do armário e tapo-o com ele.

Quando estou a agasalhá-lo, o Asa abre os olhos e olha para mim. Passa uma mão pela cara, estremecendo.

— Que cheiro é este? — resmunga.

— Vomitaste na cama.

Ele faz uma careta.

— Limpaste?

Aceno com a cabeça e sussurro:

— Sim. Mudei os lençóis. Dorme.

Ele não fecha os olhos. Em vez disso, levanta a mão e segura uma madeixa do meu cabelo.

— Cuidas tão bem de mim, Sloan.

Olho-o por um segundo, esta sua versão vulnerável, e de alguma forma, mesmo com o Carter no quarto comigo, tenho pena dele.

Não posso *não* ter pena dele.

O Asa não é como é por *escolher* ser assim. Sinto que é como é porque nunca lhe mostraram como ser algo diferente.

Por isso, terá sempre a minha compaixão. Nunca terá o meu coração e, provavelmente, nunca terá o meu perdão.

Mas não consigo deixar de lhe conceder a minha empatia.

Começo a levantar-me, mas ele estende a mão e segura-me o pulso, puxando-me novamente para baixo. Ponho-me de joelhos ao

lado da cama e o Asa cobre a minha mão com a sua. Tem os olhos fechados quando sussurra:

— Uma vez, quando eu tinha 5 anos... vomitei na cama. O meu pai fez-me dormir nela. Disse que assim aprendia a não o fazer de novo. — Solta uma pequena gargalhada, mas depois fecha os olhos ainda com mais força. — Acho que o cabrão estava enganado também acerca disso — murmura.

Oh, céus.

Levo a mão ao coração, sofrendo pelo menino dentro dele.

Viro-me e olho para o Carter e o Dalton, que estão a olhar para o Asa com tanta piedade como eu. Quando volto a olhar para o Asa, está a virar-se de barriga e a enterrar a cabeça na almofada.

Segura a almofada com ambos os punhos e empurra a cabeça de encontro a ela com tanta força que acredito que está a tentar sufocar-se. Os seus ombros começam a tremer enquanto sobem na almofada.

— Asa — sussurro, com uma mão calmante na sua cabeça.

Ele torna-se um destroço a soluçar. É o género de choro tão profundo e de fazer doer o coração, que nem sequer é acompanhado por um som.

Completamente silencioso.

Nunca tinha visto o Asa chorar. Nem sabia que ele era capaz de lágrimas verdadeiras.

Ele não se lembrará de nada disto amanhã. Não saberá se o deixei aqui sozinho ou se me meti na cama e o abracei. Continuo a afagar-lhe a cabeça enquanto levanto os olhos para o Carter. O Dalton já não está no quarto. Agora somos só os três.

O Carter vem ter comigo e consigo ver uma dose igual de compaixão nos seus olhos. Levanta uma mão e passa-a na minha face, depois inclina-se e beija-me a testa.

Mantém aí os lábios por vários segundos antes de se afastar e encaminhar para a porta. Quando chega à ombreira vira-se e olha-me por um momento. Levanta uma mão e passa lentamente o polegar pelo lábio inferior. O meu coração estende-se para ele, mas permaneço no chão, confortando o Asa.

Levanto a mão e puxo uma madeixa de cabelo, enrolando-a no dedo. Os lábios do Carter distendem-se num vestígio de sorriso enquanto me observa por mais alguns segundos. Depois fecha a porta.

Subo para a cama, meto-me debaixo dos cobertores e enrolo-me no Asa, acalmando as suas lágrimas até ter a certeza de que está finalmente a dormir.

Porém, mesmo antes de eu adormecer, ouço-o sussurrar:

— É melhor que nunca te atrevas a deixar-me, Sloan.

ASA

A primeira coisa que vejo quando abro o frigorífico é uma tigela com o esparguete que sobrou. *Graças a Deus.*

— Vês, pai? — sussurro para ninguém. — Ela é uma verdadeira dádiva.

Ponho o esparguete no micro-ondas e vou ao lavatório atirar água para a cara. Parece que dormi toda a noite com a cabeça dentro da sanita. Porra, a julgar pelo cheiro do quarto hoje de manhã, devo ter dormido.

Encosto-me à bancada, esperando que o esparguete aqueça. Olho para a tigela a rodar dentro do micro-ondas.

Será que o matei?

Duvido. Já passou quase um dia desde que saí do casino. Se ele tivesse morrido, a polícia já estaria aqui. E se tiver sobrevivido, tenho quase a certeza de que não apresentará queixa. Ele sabe que merecia o que lhe fiz.

O micro-ondas apita.

Tiro o esparguete, pego num garfo e meto uma garfada na boca. Ainda mal engoli, tenho de correr para o caixote do lixo. Vomito duas vezes, lavo a boca, e enfio à força mais uma garfada de esparguete na boca.

Vou aguentar esta ressaca como um valentão, porque não me vou transformar naquele homem.

Como mais uma garfada de esparguete e engulo-a com a minha bÍlis.

Aguenta, Asa.

A porta da frente abre-se e a Sloan entra. Olho para o relógio e percebo que passa um pouco das duas. Ela nunca chega tão cedo da escola. Ou não vê que estou na cozinha ou é aquela altura do mês e ela está maldisposta, porque sobe as escadas apressadamente em direção ao quarto.

Um minuto depois, ouço-a a armar confusão no quarto. Há coisas a cair ao chão. Os pés dela a andar de um lado para o outro. Olho para o teto, perguntando-me que raio estará a fazer. Dói-me demasiado a cabeça para ir lá acima ver. Também não é preciso, porque segundos depois ela desce as escadas disparada.

Quando dobra a esquina para a cozinha, o meu pénis remexe-se dentro das calças. Ela está zangada à brava, e é tão excitante. Sorrio-lhe enquanto marcha para mim.

Antes de eu poder dizer sequer uma palavra, atira-se a mim. Espeta-me um dedo no peito.

— Onde estão os documentos, Asa?

Documentos?

De que raio está ela a falar?

— De que raio estás a falar?

O peito dela sobe e desce, e se se aproximasse mais uns centímetros, poderia senti-lo.

— A ficha do meu irmão — diz ela. — Onde é que está, Asa?

Ah. Esses documentos.

Pouso cuidadosamente a tigela de esparguete na bancada, depois levanto os braços e cruzo-os diante do peito.

— Não sei de que falas, Sloan.

Ela inala uma respiração meticulosa e exala ainda com mais precisão, depois dá meia-volta. Põe as mãos nas ancas, tentando encontrar forças para permanecer calma.

Sabia que, se ela alguma vez descobrisse o que eu tinha feito, ficaria danada. Mesmo assim, nunca tinha pensado muito sobre como sair dessa situação.

— Dois anos — diz ela, rangendo os dentes. Volta-se novamente, com os olhos cheios de lágrimas.

Porra, não pretendia fazê-la chorar.

— Durante dois anos pensei que estavas a pagar o internamento dele. Mostraste-me os documentos, Asa. As cartas enviadas pelo Estado. Os canhotos dos cheques. — Começa a andar para trás e para diante. — A assistente social pensou que eu era uma idiota quando perguntei se haveria possibilidade de os benefícios serem renovados. Sabes o que ela me disse, Asa?

Encolho os ombros.

Ela dá um passo em frente, cruzando os braços diante do peito.

— Disse-me: «Os benefícios nunca foram cancelados, Sloan. Os cuidados do Stephen nunca foram pagos a título privado.»

Agora, escorrem-lhe lágrimas pelas faces. Pela primeira vez desde que ela desceu, começo a sentir-me um pouco desconfortável, por talvez ter levado essa mentira demasiado longe. Ela está mais zangada do que alguma vez vi.

Ela não me pode deixar.

— Sloan. — Dou um passo em frente e ponho-lhe as mãos nos ombros. — Querida, ouve. Tive de fazer tudo o que podia para te ter de volta. Tu deixaste-me. Lamento que estejas chateada. — Movo as mãos para as suas faces. — Não devias estar chateada por isto. Custou-me muito esforço e dinheiro. Quando muito, devias sentir-te lisonjeada por seres tão importante para mim.

Ela levanta as mãos entre as minhas e afasta-me dela.

— Grande *cabrão!* — grita. — Forjaste um dossiê inteiro para apoiar as tuas mentiras, Asa! Cartas mensais do governo. Quem é que *faz* uma coisa dessas?

Ela não tem ideia de quanto dinheiro tive de pagar ao *cabrão* que as manda, ou estaria a agradecer-me.

Ela aponta para mim.

— Montaste-me uma armadilha. Durante este tempo todo, fizeste-me pensar que não havia saída.

Engulo a raiva. Dou um passo em frente. *Tê-la-ei ouvido bem?*

— Eu montei-te uma *armadilha?*

Ela limpa raivosamente as lágrimas e assente com a cabeça, baixando a voz.

— Sim, Asa. Montaste-me uma armadilha. Tenho sido a merda da tua prisioneira, pensando que o meu irmão podia ter de voltar para a

inútil da minha mãe. Tudo porque tu *sabias* que, se não tivesses isso sobre a minha cabeça, eu te deixaria.

Ela não está a falar a sério. Está zangada. Nunca me deixaria. Sim, eu menti-lhe. Sim, paguei um monte de dinheiro para parecer que os benefícios do irmão dela tinham sido cancelados. Mas foi um remendo temporário. Ela acabaria por vir a rastejar para mim, mesmo sem isso. Só lhe facilitei as coisas.

— É isso que pensas? Que tens sido prisioneira aqui? — pergunto. — Não te dou um sítio para dormir? Não te compro comida? Não te ofereço coisas bonitas? Não te permito ir à universidade? Conduzir os meus carros? — Faço-a recuar até ficar encostada à parede, as minhas mãos como uma gaiola. — Não te atrevas a estar aqui, na *minha* casa, e insinuar que não tiveste todas as oportunidades do mundo para sair por aquela porta.

Tiro as mãos da parede e aponto para a sala.

— Vai. Se já não me amas, *desaparece!*

Ela nunca partiria. Sei-o porque, se o fizesse, isso significaria que se esteve a aproveitar do meu dinheiro nos últimos dois anos. A usar-me apenas como um meio de sustentar aquele maldito imprestável do irmão dela. Se assim fosse, ela seria, por definição, uma puta.

E eu não vou casar com uma maldita puta.

A Sloan olha para a porta e novamente para mim. Abana a cabeça e quase posso jurar que sorri.

— Adeus, Asa. Desfruta da tua vida.

Começa a dirigir-se à porta da frente.

— Eu desfruto da minha vida, Sloan. Desfruto como o caracas!

Deixo-a chegar à porta antes de ir atrás dela. Ainda nem chegou ao relvado quando a enlaço pela cintura com o braço e lhe tapo a boca com a mão. Viro-a e levo-a de volta para a maldita casa pela qual é tão ingrata. Levo-a diretamente para o quarto e abro a porta com um pontapé. Atiro-a para cima da cama e ela tenta levantar-se e contornar-me.

Que engraçada.

Seguro-a pelos cabelos e atiro-a de volta para a cama. Ela grita, mas paro-a com a mão. Ponho-me em cima dela, tapando-lhe a boca com uma mão e segurando-lhe os pulsos com a outra. Não posso fazer muito em relação às pernas enquanto ela esperneia para tentar sair de

debaixo de mim, mas tenho mais força num dedo do que ela em todo o corpo. Parece que está mais a fazer-me cócegas do que a tentar magoar-me.

— Ouve-me, querida — sussurro, fitando-a. — Se tentares insinuar que não me amas, vou ficar mesmo chateado. Mesmo chateado como o caralho. Porque isso significaria que tens estado a fingir desde o dia em que voltaste a entrar pela minha porta. Significaria que fingiste cada orgasmo, cada beijo, cada palavra que já me disseste... tudo por um cheque mensal. E se isso fosse verdade, Sloan, faria de ti uma puta. Sabes o que é que os homens como eu fazem às putas?

Os olhos dela estão esbugalhados de medo. Espero que isso signifique que me estou a fazer entender. Ela já não esperneia para sair de debaixo de mim e isso é um bom sinal.

— Foi uma pergunta, querida. *Sabes* o que é que os homens como eu fazem às putas?

Uma lágrima cai-lhe do olho quando abana a cabeça. Sinto a respiração das suas narinas na minha mão, de tanto que se esforça para ter mais ar.

Baixo a boca para o seu ouvido.

— Por favor, não me obrigues a mostrar-te.

Ficamos assim mais algum tempo, enquanto me asseguro de que ela digere as minhas palavras. Recuo e olho-a de cima. A sua expressão não mudou, mas agora chora intensamente de encontro à minha mão, com o ranho a sair-lhe do nariz. Merda, agora está na minha mão. Tiro-lha da boca e limpo-a na cama. Depois agarro a manga da minha camisa e limpo-lhe a cara.

Os lábios dela tremem. Não percebo como é que nunca reparei no quanto o medo dela é excitante. Beijo-a suavemente, fechando os olhos enquanto os lábios dela tremem de encontro aos meus.

— Amas-me? — Sussurro cuidadosamente as palavras de encontro à sua boca. — Ou és uma puta?

Uma respiração trémula passa-lhe pelos lábios.

— Amo-te — sussurra. — Desculpa. Estava apenas chateada, Asa. Não gosto que me mintas.

Encosto a testa a um lado da sua cabeça e exalo. De certa forma, ela tem razão. Provavelmente, nunca lhe devia ter mentido em relação ao irmão. Mas, se ela estivesse no meu lugar, teria feito a mesma

coisa.

— Nunca mais volte a ficar assim zangada comigo, Sloan. — Recuo e desvio-lhe o cabelo da cara. Está suado e agarra-se à minha mão. Passo a mão por ele, alisando-o com o resto do cabelo. — Não gosto da maneira como isso me afeta. O que me faz querer ter de *te* fazer.

— Também não gosto — diz ela.

Os seus olhos estão cheios de mágoa, mas não me sinto mal. A culpa é dela, por se ter atirado assim a mim. Pelo menos isso agora está posto de parte. Estava a tornar-se entediante manter esta mentira tanto tempo, e eu estava a ficar desleixado.

Solto-lhe os pulsos e ponho a mão na cara dela, passando-lhe os nós dos dedos pelas bochechas.

— Beijamo-nos e fazemos as pazes?

Ela assente com a cabeça e, quando encosto os lábios aos dela, suspiro de alívio. Porque, por uma fração de segundo, quando ela estava a encaminhar-se para a porta, pensei que se queria ir embora a sério. Pensei que talvez nunca mais a saboreasse assim.

Estou aliviado por ter sido uma ameaça vã. Não sei o que faria se alguma vez descobrisse que ela não me ama mesmo.

É a única que me ama.

SLOAN

Fecho os olhos e deixo o repuxo de água espalhar-se-me na cara.

Onde é que eu tinha a cabeça? Porque é que achei que seria boa ideia confrontá-lo sozinha? Nem sequer avisei o Carter do que ia fazer. *Foi uma grande estupidez.*

Mas, em minha defesa, é difícil pensarmos quando estamos tomados por uma raiva cega.

Depois de sair da consulta com o médico esta manhã, recebi o telefonema da assistente social. Estava a conduzir para a universidade e, quando ela me revelou que os cuidados do meu irmão não eram pagos a título privado, perdi a cabeça. Perdi *completamente* a cabeça. Dei meia-volta e fui à instituição para falar com ela. Quando saí, nunca tinha estado tão zangada.

Só conseguia pensar no Asa e em como queria matá-lo. A raiva, de facto, cega-nos. Quando entrei na cozinha para o confrontar, não me importava que ele me magoasse. Só queria saber se era verdade — se ele me estava a mandar cartas do governo forjadas. Não queria acreditar, porque isso significava que ele era verdadeiramente doente. O género de pessoa que podia inventar uma mentira assim e mantê-la durante dois anos *tinha* de ser completamente doente.

Lembro-me do dia em que ele me levou o correio depois da primeira vez que terminámos. A carta dos benefícios era a primeira. Depois de a ler, fiquei devastada. O canalha até me confortou — disse-

me que, se alguma vez precisasse de alguma coisa, ele me ajudaria sem hesitar. Disse: «É isso que fazemos pelas pessoas que amamos, Sloan. Ajudamo-las.»

Isso foi quando eu acreditava que o Asa, de facto, me amava, e que era um gesto de coração. *Agora penso que é mais uma obsessão psicótica.*

Eu não tinha mais para onde ir e, graças ao que pensei que estava prestes a acontecer ao Stephen, acabei por ser forçada a pedir ajuda ao Asa. Foi um último recurso, sem dúvida. Caramba, até liguei para o número que vinha no impresso nesse dia, para ver se havia opções. Agora percebo que era um número falso, atendido por um dos amigos do Asa, mas na altura não percebi.

A água quente mistura-se com as lágrimas que agora me escorrem pelas faces.

Como posso ter acreditado nisto durante tanto tempo? As peças continuam a juntar-se, até ao motivo por que ele me deixa usar o carro ao domingo para visitar o Stephen.

A assistente social não trabalha ao domingo. Não haveria hipótese de me cruzar com ela e iniciar uma conversa acerca dos benefícios.

Ainda não consegui que a minha mente aceitasse isto e já passaram horas desde que descobri. Digo a mim mesma que demorei tanto tempo a descobrir a verdade porque não tinha razões para pensar que ele poderia fazer uma coisa destas. Mas tinha *todas* as razões.

É o que o Asa faz.

É um mentiroso. Um traidor. Ele sabota as pessoas. Engana-as.

Estou tão zangada comigo mesma neste momento, que esfrego o corpo ainda com mais força, querendo arrancar de mim o cheiro dele. Estou a esfregar o pescoço quando a cortina do chuveiro se abre. Dou um grito e encosto-me à parede, para poder lutar melhor contra ele se for caso disso.

O Asa está diante de mim, agora completamente vestido, com calças de ganga azul-escuras e uma t-shirt branca bem engomada. Faz as tatuagens dos seus braços parecerem mais brilhantes — mais zangadas. Mas a sua expressão neste momento não é zangada. Parece confuso.

E está mesmo a olhar para a minha cara e não para os meus seios.

— Achas que é estranho já ninguém vir aqui?

Há pessoas aqui o tempo todo, portanto não faço ideia de como lhe responder. Será uma pergunta armadilhada? Os pensamentos dele tornam-se cada vez mais imprevisíveis. Suspiro e viro as costas para a água, enxaguando o amaciador do cabelo.

— Não sei bem o que queres dizer com isso, Asa. Tens sempre amigos aqui.

Quando já não tenho amaciador no cabelo, relanceio-o. Está a olhar para a banheira, para a água que rodopia junto do ralo.

— Havia sempre tanta gente aqui todos os dias, todo o dia e toda a noite. Agora são só as pessoas que vivem aqui e mais um ou dois, a não ser quando dou uma festa.

É porque tu és imprevisível e podes assustar as pessoas, Asa.

— Talvez estejam ocupados — sugiro.

Os olhos dele disparam para os meus. Ainda estão cheios de confusão. Um pouco de desapontamento. Não sei muito acerca de drogas ou ressacas de droga, mas a paranoia pode ser um sintoma. Espero que seja isso porque, caso contrário, não sei o que pensar desta versão do Asa.

— Pois — diz ele. — Talvez estejam ocupados. Ou não, e querem que eu *pense* que estão. Porque toda a gente aqui anda a *fingir*.

As palavras são duras, mas a sua voz é calma, ainda com um vestígio de confusão. Rezo para que não se refira ao Carter quando diz que toda a gente finge. Ou a mim. Preciso de avisar o Carter. Alguma coisa não está bem com ele hoje. Nunca tive tanto medo pela minha vida como quando ele me puxou novamente para dentro de casa. Estou tentada a não contar ao Carter o que aconteceu, porque sei que vai chatear-se por eu o ter confrontado sozinha.

— Devíamos recompensar os poucos amigos leais que me restam. Vamos fazer um jantar esta noite. Podes cozinhar?

Assinto com a cabeça.

— Para quantas pessoas?

Ele nem sequer hesita na resposta.

— Eu, tu, o Jon, o Dalton, o Kevin e o Carter. Quero a comida pronta às sete. Vou mandar-lhes uma mensagem agora.

Fecha a cortina da banheira.

Que raio se passa com ele?

Solto uma respiração firme e pego na luva de banho. Estou a esfregar os calcanhares quando ele abre novamente a cortina. Olho-o nos olhos e ainda está, chocantemente, a olhar para a minha cara e mais nada. Abre a boca, fecha-a e para por um ou dois segundos.

— Estás zangada comigo?

Será outra pergunta armadilhada? *Desprezo-te, Asa.* Avalio a sua expressão e respondo:

— Não estou muito contente contigo.

Ele suspira e depois assente com a cabeça, como se não me censurasse. Agora tenho a certeza de que algo se passa com ele.

— Não devia ter-te mentido acerca dos benefícios do teu irmão. Por vezes penso que te podia tratar melhor do que trato.

Engulo o nó na minha garganta.

— Nesse caso, porque não o fazes?

Ele semicerra os olhos com um ligeiro inclinar de cabeça, como se estivesse verdadeiramente a ponderar na minha pergunta.

— Não sei. — Fecha a cortina do duche. A porta da casa de banho bate ao fechar.

Seguro a barriga, porque sinto que posso vomitar. Tudo o que ele faz me deixa muito nervosa na sua presença. Depois desta estranha conversa, a sensação aumenta dez vezes.

Felizmente vai convidar toda a gente para vir cá esta noite, porque não quero mesmo estar sozinha com ele. Preciso que o Carter esteja aqui.

Vou fechar a torneira quando a porta da casa de banho volta a abrir-se. Segundos depois, a cortina da banheira abre-se, desta vez do outro lado. A minha mão gela na torneira quando o ouço entrar na banheira.

Não, não, não. Por favor, não me obrigues a ter sexo contigo. Respiro com firmeza, esperando que ele esteja apenas a aguardar a sua vez de tomar duche.

Passam alguns segundos, mas não o sinto andar atrás de mim. Ele não diz nada. O meu coração bate tão depressa que fico tonta.

Endireito-me e viro-me lentamente. A t-shirt branca está ensopada e ele ainda tem as calças de ganga vestidas. Está encostado à parede de trás do duche, descalço, fitando a banheira.

Aguardo um momento para ver o que ele quer. Como ele não fala

nem se mexe — *apenas continua a olhar para o nada* —, começo finalmente a falar.

O medo faz-me falhar a voz quando digo:

— Que estás a fazer, Asa?

A minha pergunta arranca-o do transe. Os seus olhos disparam para os meus. Fita-me por uns cinco longos e dolorosos segundos e depois olha para o chuveiro e em seguida para a sua roupa. Passa as mãos por ela como se não percebesse porque é que está molhada. Abana a cabeça e diz:

— Não faço puta ideia.

Os meus joelhos ficam fracos com a reação dele. Nem sequer fecho a água. Saio do duche o mais depressa que consigo e pego numa toalha. Nem me dou ao trabalho de me vestir antes de abrir a porta e correr para o quarto. Só preciso de ficar o mais longe possível dele até o Carter chegar aqui e saber que estou um pouco mais segura.

Assim que saio para o corredor, algo à minha direita me chama a atenção. Olho e vejo o Jon prestes a entrar no quarto ao fundo do corredor. Tem a mão na porta e está a olhar-me — os seus olhos descem pelo meu corpo tapado com a toalha.

Quando vejo o sorriso repugnante estender-se-lhe no rosto, percorro o metro que falta até à porta do meu quarto.

— Nem penses nisso, seu pedaço de *merda*.

Fecho a porta do quarto e tranco-me contra todos estes cabrões loucos. Pego no telefone e mando uma mensagem ao Carter.

Eu: Ele está a enlouquecer. Por favor, vem cedo.

Apago a mensagem e espero que a água do chuveiro deixe de correr.

Não deixa.

Depois de me vestir e estar pronta para ir às compras, decido ir vê-lo. Abro a porta da casa de banho e ele já não está de pé. Está sentado na banheira, ainda completamente vestido, a água a cair por cima dele. Tem os olhos muito abertos e a água escorre através deles.

Seguro a maçaneta da porta e dou um pequeno passo atrás.

— Vou à loja, Asa. O que é que queres que eu cozinhe esta noite?

Ele não mexe a cabeça, mas o seu olhar atravessa a casa de banho e encontra o meu.

— Rolo de carne.

Assinto com a cabeça.

— Está bem. Já que lá vou, queres que traga mais alguma coisa?

Ele fita-me por alguns segundos e depois sorri.

— Traz uma sobremesa para celebrar.

Celebrar? Sinto uma comichão súbita na garganta e torna-se difícil engolir.

— Está bem — digo com voz fraca. — Vamos celebrar o quê?

Desvia o olhar de mim e fixa-o novamente em frente.

— Logo vês.

CARTER

Não faço ideia porque é que o Asa nos convidou para jantar. Ultimamente, estamos nesta casa praticamente todas as noites; esta não devia ser diferente. Esperava que a Sloan estivesse a ser paranoica quando mandou aquela mensagem a dizer que ele está a perder o juízo, mas começo a recear que tenha razão.

Sinto o cheiro da comida ainda antes de abrir a porta da frente. Quando olho em volta, vejo que o Dalton é o único que ainda não chegou. O Jon e o Asa estão nas cadeiras reclináveis e o Kevin está no sofá.

O Asa está debruçado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, com o controlo remoto nas mãos, passando de uns canais de notícias para outros. Quando ouve a porta fechar-se atrás de mim, vira-se.

Aceno-lhe com a cabeça e ele vira-se de novo para a televisão.

— Vês as notícias, Carter?

Olho para a cozinha e vejo a Sloan junto da ilha, a limpar com o pano. Consigo vê-la de onde estou, mas o Asa não.

— Por vezes — respondo.

A Sloan olha-me e levanta um dedo para o cabelo. Eu passo o polegar pelo lábio. Ela levanta a outra mão para a cabeça e enrola três dedos no cabelo. Depois cinco. Depois os dez. Em seguida finge que arranca os cabelos com ambas as mãos, torcendo-os em todas as

direções, para me mostrar que está a ficar louca.

Quero sorrir-lhe, mas obrigo-me a entrar na sala e sentar-me ao lado do Kevin.

— Porque é que querias saber se vejo as notícias? — pergunto ao Asa.

Ele muda para outro canal.

— Não ouvi nada acerca do meu pai. Só queria saber que sobreviveu e não vou ser preso por homicídio.

Di-lo de uma forma descontraída, como se a possibilidade de ser preso por homicídio fosse uma ocorrência quotidiana. Assinto com a cabeça, mas omito-lhe que o pai sobreviveu. Nem sequer ficou gravemente ferido, na verdade. O casino chamou uma ambulância, mas tirando o nariz e o maxilar partidos, não sofreu danos sérios. O tipo nem quis apresentar queixa. O Dalton disse-me isto tudo hoje, depois de ter ido verificar.

Também me disse que ele era um viciado, diagnosticado com esquizofrenia paranoide, e que tinha um monte de outros problemas. Detesto dizer que sinto, bem no fundo, um pouco de empatia pelo Asa. Nem imagino o que terá passado na infância, com aquele homem como pai. Mas empatia é o máximo que consigo. Podemos sentir empatia por alguém e ainda assim desejar que estivesse morto.

Guardo para mim as informações acerca do seu pai. Acho que é bom o Asa estar preocupado com as repercussões. Não deve ser algo que ele experimente muitas vezes.

O Asa suspira depois de passar por todos os canais duas vezes sem obter nada. Levanta-se e atira o comando ao Jon.

— Vejam se vão todos lavar as mãos. A minha noiva teve muito trabalho a cozinhar este jantar e não quero nenhum cabrão sentado à minha mesa com as mãos sujas. — Encaminha-se para as escadas e corre para o quarto. A porta do quarto fecha-se e eu olho para o Kevin, que está a fitar as escadas vazias.

— Ele está a ser esquisito à brava — diz o Kevin.

O Jon começa a mudar os canais e pergunta:

— Qual é a novidade?

Nenhum deles se dá ao trabalho de ir à cozinha lavar as mãos, por isso aproveito a oportunidade e vou eu. A Sloan está a tirar o rolo de carne do forno quando passo por ela.

— Olá, Sloan — digo descontraidamente.

Ela olha-me, mas não sorri. O seu olhar indica-me que precisamos de falar. Mas não há propriamente uma maneira de o fazer agora. Abro a torneira enquanto ela pousa o tabuleiro no balcão ao meu lado. Enfia uma faca entre o rolo de carne e o tabuleiro e começa a soltá-lo.

— Hoje fiz asneira — sussurra ela.

Diminuo um pouco a pressão da torneira para a ouvir melhor.

— Descobri que ele tem estado a mentir-me acerca dos benefícios do meu irmão. Confrontei-o. Disse-lhe que o ia deixar. Ele ficou muito zangado.

— Sloan — digo baixinho. *Por que raio fez tal coisa?* — Estás bem? Ela encolhe os ombros.

— Agora estou. Mas há algo anormal nele, Carter. Estou assustada. Ficou sentado debaixo do chuveiro, todo vestido, durante meia hora. Depois, quando voltei da loja, olhei pela janela e vi-o sentado numa espreguiçadeira, a olhar para a piscina. De repente, desatou a bater com a palma da mão na testa. Fê-lo trinta e seis vezes. Conteí.

Cum caraças!

Ela levanta o olhar para mim e odeio vê-la tão assustada. Devia levá-la daqui agora, pegar-lhe na mão, levá-la para fora enquanto ele está lá em cima, e tirá-la deste sítio.

— Agora não para de dizer que tem uma surpresa para mim. Fala como se este jantar fosse uma espécie de celebração — sussurra. — Tenho medo de descobrir o que é que estamos a celebrar.

Ouvem-se os passos do Asa lá em cima, como se estivesse prestes a descer. A Sloan pega no tabuleiro do rolo de carne e leva-o para a mesa.

Os outros dois também devem ter ouvido o Asa a descer, porque agora estão junto do lava-loiça, cumprindo a ordem de lavar as mãos antes do jantar.

Ajudamos a Sloan a levar o resto da comida para a mesa, exatamente quando o Dalton chega. São só 18h55, mas ele vê o Asa a descer as escadas e pede desculpa pelo atraso.

— Não estás atrasado — diz o Asa. — Vens mesmo a tempo.

Sento-me, e acabo por ficar mesmo em frente do Asa. Na diagonal da Sloan. Há um estranho silêncio enquanto todos vão passando a

comida em volta e servindo-a nos seus pratos. Depois de toda a comida ter passado em volta da mesa, o Asa pega no garfo e diz:

— Damos as graças?

Ninguém fala. Ficamos só a olhá-lo, perguntando-nos se está a brincar ou se alguém tem de começar a rezar antes que ele se passe.

Ele ri-se sonoramente e diz:

— Cabrões estúpidos. — Enterra o garfo no puré de batata e come.

O Jon diz:

— É a segunda vez seguida que jantamos aqui. Porquê? É o que acontece quando ficas domesticado?

O Asa semicerra os olhos na direção do Jon, depois empurra o puré de batata para baixo com a cerveja.

— Onde é que está a Jess?

O Jon encolhe os ombros.

— Há uns dias que não a vejo. Acho que acabámos.

O Asa ri-se, depois olha para mim.

— Onde está a Tillie?

Passo o polegar pelo lábio inferior.

— A trabalhar. Deve passar por aqui amanhã à noite.

O Asa lambe os lábios e toma mais um gole de cerveja.

— Isso seria bom — diz. Depois olha para o Dalton. — Porque é que nunca trouxeste cá uma rapariga?

O Dalton fala com a boca cheia de rolo de carne.

— Ela vive em Nashville.

O Asa assente com a cabeça e diz:

— Como é que ela se chama?

— Steph. É cantora. Na verdade, foi por isso que quase cheguei atrasado. Assinou um contrato discográfico hoje e telefonou-me para me contar. — Parece orgulhoso quando fala dela.

Isso quase me faz rir, porque não existe nenhuma Steph. Ele acabou de improvisar aquilo tudo, e o Asa engole como se fosse um copo de leite morno.

— Isso é fixe — diz o Asa.

O Asa gosta do Dalton. Percebo-o pela maneira como olha para ele — sem nenhum tipo de suspeita. Não é dessa forma que olha para mim.

— Estás com algum problema na merda da boca, Carter?

Relanceio-o e ergo uma sobranceira.

— Estás a esfregar tanto o lábio que ainda fica em carne viva.

Nem sequer tinha reparado que ainda estava a esfregar o lábio.
Tiro a mão da boca.

— Está tudo bem — digo, comendo uma garfada de rolo de carne.
A última coisa que quero é provocá-lo. Ainda mais com a forma como se tem comportado ultimamente.

O Asa come uma garfada do seu rolo de carne e depois repousa a mão ao lado do prato.

— Então — diz ele. — Tenho uma pequena surpresa. — Sorri, depois olha para a Sloan. Vejo a garganta dela tremer quando engole em seco.

— O que é? — pergunta ela cautelosamente.

O Asa abre a boca para falar, mas é interrompido por uma forte batida na porta da rua. Vejo a irritação na sua expressão quando se vira para fitar a porta da sala de estar. Há uma segunda batida sonora.

Ele larga os talheres com estrondo em cima da mesa e olha para todos nós.

— Algum de vocês espera companhia? A meio da merda do jantar?

Ninguém fala.

Ele levanta-se da mesa e bate com o guardanapo ao lado do prato. Quando se vira para ir à sala de estar, a Sloan olha-me por cima da mesa. Parece assustada, mas também aliviada por a sua grande surpresa ter sido interrompida. Viro-me para o Dalton e ele ergue uma sobranceira.

Olhamos todos para o Asa, que espreita pelo óculo. Olha por vários segundos e depois encosta a testa à porta.

— *Foda-se!* — Vira-se e corre para a cozinha, agarrando o braço da Sloan e arrancando-a da cadeira. Agarra-a pelos ombros e diz: — Sobe para o quarto e tranca a porta. Não a abras, aconteça o que acontecer.

Empurro a cadeira para trás e levanto-me. O Dalton faz o mesmo. Ambos olhamos um para o outro e depois para o Asa.

— Quem é que está à porta? — pergunta o Jon, puxando também a sua cadeira para trás. Acho que nenhum de nós já vira o Asa assim

tão preocupado.

O Asa relanceia as escadas e a sala toda, como se procurasse uma forma de fuga.

— É a merda do FBI, Jon. É a *maldita* merda do FBI!

O quê?

Viro-me imediatamente para o Dalton, mas ele abana a cabeça para demonstrar que sabe tanto como eu. Noto também os seus punhos fechados ao lado do corpo.

— Merda! — diz. Para o Asa, tenho a certeza de que a reação do Dalton é a esperada, mas para mim é a prova de que ele está mesmo zangado. O FBI está prestes a entrar nesta casa e a arruinar a nossa investigação.

Mais batidas na porta.

O Asa enfia as mãos pelos cabelos.

— Foda-se. *Foda-se!*

Vejo-o olhar para a porta das traseiras. Já o vejo a tentar planear uma rota de fuga. Dou um passo em frente para lhe chamar a atenção.

— Se estão aqui para prender alguém, já têm a casa cercada, Asa. Podem estar aqui só para te interrogar acerca do teu pai. Abre a porta e comporta-te normalmente. Nós ficamos todos sentados à mesa como se não tivéssemos nada para esconder.

O Dalton concorda.

— Ele tem razão, Asa. Se fugirmos todos, terão razões para pensar que estás a esconder alguma coisa.

O Asa assente, mas o Jon abana a cabeça.

— Que se foda isso. Temos merda por toda a casa. Se abrirmos a porta, estamos acabados. Todos nós.

Os olhos do Asa estão esbugalhados enquanto tenta perceber o que fazer. Olhamos todos para a porta quando as batidas recomeçam.

Vejo as veias no pescoço do Dalton e percebo que ele receia que todo o trabalho que fizemos tenha sido, basicamente, para nada. Toda a nossa investigação não valerá nada, porque ficará agora nas mãos de outras pessoas.

Já vimos isto acontecer algumas vezes — uma investigação ser assumida por uma força de maior patente. Mas o Dalton investiu tanto nisto que lhe será impossível ver tudo ir por água abaixo.

— Vai para o teu quarto, Sloan — comanda o Asa. — Não precisas

de estar aqui quando eu abrir aquela porta.

A Sloan relanceia-me, os olhos cheios de preocupação. Quer saber se deve seguir as ordens do Asa — se deve sair da sala.

Mais batidas.

Aceno ligeiramente para a Sloan perceber que deve fazer o que o Asa lhe pede. Pelo menos, estará fora do que quer que esteja prestes a acontecer.

O Asa de repente atravessa a sala na direção da Sloan. Põe a cara mesmo em frente da dela.

— Por que raio estás a olhar para *ele*? — grita, abanando a mão na minha direção.

Oh, céus. Começo a andar em volta da mesa, mas o Dalton segura-me o braço. O Asa põe a mão em volta da nuca da Sloan e empurra-a em direção às escadas.

— Sobe a merda das escadas!

Ela não olha para trás enquanto sobe as escadas a correr.

Agora o Asa está a olhar para mim. O Dalton pode não estar satisfeito por o FBI ter aparecido, mas eu estou aliviado. É provável que o Asa seja detido por qualquer coisa com que vieram aqui confrontá-lo. O que significa que posso sobreviver a esta noite, porque o olhar que ele me dirige agora informa-me do contrário.

Ele sabe. Percebe, com base naquele olhar que a Sloan me dirigiu, que se passa algo entre nós. Mas entre as batidas na porta da frente e a possibilidade iminente de ser preso, felizmente deixa isto para outra altura.

Aponta para nós os quatro.

— Sentem-se todos — diz. — Continuem a comer. Vou abrir a merda da porta.

Sentamo-nos todos à mesa. O Asa corre para a cozinha e abre um armário, procurando lá ao fundo. Retira uma arma e esconde-a na parte de trás das calças. Ao passar pela mesa, diz:

— Se eu descobrir que algum de vocês, seus cabrões, é responsável por isto, estão *todos* mortos. — Vira-se para a porta e, mesmo antes de a abrir, encosta aí a testa, como se estivesse a dizer uma oração rápida. Quando abre a porta, sorri. — Em que posso ser-vos útil, cavalheiros?

Ouçõ uma voz dizer:

— Asa Jackson?

O Asa confirma com a cabeça, mas depois a porta abre-se completamente e vários homens agarram-no e atiram-no ao chão.

Quando o Jon vê o que está a acontecer, corre para a porta das traseiras, exatamente quando esta é aberta e três homens correm para dentro. O Jon é imediatamente dominado e atirado ao chão da cozinha.

Só nesse momento percebo que estes tipos não fazem ideia de que eu e o Dalton somos infiltrados. Nem sequer tenho um crachá comigo para o provar. Pensarão simplesmente que estamos do lado do Asa.

Os segundos seguintes são de completo caos.

Aparecem mais homens à porta, com as armas apontadas às nossas cabeças, e de repente estamos deitados de barriga para baixo, com a cara encostada ao chão, as mãos a serem algemadas atrás das costas.

Estou deitado ao lado do Dalton e antes de o porem de pé, ele sussurra:

— Fica calmo. Não digas nada enquanto não estiveres sozinho.

Aceno, mas um dos agentes repara na nossa comunicação. O Dalton é levantado pelos braços.

Ouçó que estão a ler os direitos ao Asa quando dois homens me levantam do chão pelos braços. Estão a ladrar ordens, separando-nos a todos em diferentes partes da casa. Sou empurrado para um quarto de hóspedes ao lado da cozinha.

Só consigo pensar na Sloan e em como deve estar assustada neste momento.

A porta fecha-se atrás de mim e sou atirado para uma cadeira de secretária. Há dois homens comigo. Um é mais alto do que eu, com cabelos louro-escuros e barba. O outro é mais baixo, mais forte, com cabelos ruivos e um bigode ainda mais ruivo. É o ruivo que fala primeiro. Ambos puxam dos crachás dos bolsos dos blusões e mostram-mos.

— Sou o agente Bowers — diz ele. — Este é o agente Thompson. Vamos fazer-lhe algumas perguntas e agradecemos a sua cooperação.

Assinto com a cabeça, e o agente Bowers aproxima-se e pergunta:

— Vive aqui?

Abano a cabeça.

— Não. — Começo a dizer-lhes o que estou aqui a fazer e que eles

estão a cometer um erro, mas o alto interrompe-me e diz:

— Como é que se chama?

— Carter. — Ainda não digo Luke porque não tenho a certeza se o Asa vai ser preso. A última coisa de que preciso é que a merda do FBI me estrague a cobertura.

— *Carter?* — diz o agente Bowers. — Só tem um nome? É como a Madonna ou a Cher? — Inclina-se para a frente, olhando-me. — Qual é o seu apelido, espertinho?

Remexo as mãos atrás das costas, tentando aliviar a pressão que me corta a circulação nas veias. A minha pulsação retumba-me nas têmporas, em parte devido aos últimos minutos e em parte por me irritar que eles vão pôr fim a isto e ficar com os créditos. Claro que devem estar aqui para prender o Asa. E estou aliviado por a Sloan agora estar segura. Mas saber que os últimos meses não serviram para nada e que pus a Sloan em perigo mais do que uma vez dá-me cabo dos nervos.

Há um silêncio e ouço o Asa gritar «Vai-te foder» noutro quarto.

O agente Thompson dá um pontapé na minha cadeira, fazendo-me voltar a atenção para ele.

— Qual é o teu apelido, filho?

Mal ele sabe que sei como se conduz uma investigação, e que estes idiotas já quebraram pelo menos três regras. Mas o FBI, e a própria polícia, não são exatamente conhecidos por seguirem rigorosamente as regras em situações como esta. E é por isso que confio em muito poucas pessoas.

Abro a boca para lhes responder, mas sou interrompido pelo grito da Sloan que vem lá de cima. Ponho-me em pé de um salto, mas ambos me empurram de volta para a cadeira.

— Prendam-me ou deixem-me ir, caralho! — grito.

Tenho de ir para junto da Sloan. Deve estar morta de medo neste momento, sem saber que raio se passa. Preciso de ir ver como está antes que perca a cabeça, mas eles não me deixam sair do quarto.

— Estou do vosso lado — digo-lhes, tentando manter a voz calma, quando só me apetece gritar-lhes. — Se me tirarem as algemas, posso prová-lo e depois voltar à merda do meu trabalho!

O agente Thompson fita-me por um momento e depois olha para o agente Bowers e ri-se. Aponta para mim.

— Estás a ouvi-lo? — diz. — É bôfia.

O agente Bowers também se ri e, com uma grande dose de sarcasmo, diz:

— Erro nosso. Pode ir à vontade. — Aponta-me a porta.

Não preciso do sarcasmo. Também sei que acabei de fazer asneira por me revelar, mas não vou ficar aqui sentado nem mais um minuto com estes idiotas. Preocupar-me-ei por ter de lidar com o Ryan mais tarde.

— Encontrarão o meu crachá colado debaixo do banco do passageiro no meu carro. É o *Charger* preto.

O agente Thompson semicerra os olhos e fita-me como se estivesse mesmo a acalantar a ideia de que não estou a mentir. Olha para o agente Bowers e aponta para a porta com a cabeça, dizendo-lhe silenciosamente que vá verificar.

Ainda consigo ouvir o Asa noutro quarto, gritando com quem o interroga. Agora está a exigir um advogado. Acho que isso não o ajudará agora.

O agente Thompson não me faz mais perguntas enquanto estamos sozinhos. Aproveito a oportunidade para falar da Sloan.

— Está uma rapariga num quarto lá em cima. Pode ir ver se ela está bem quando o seu parceiro voltar?

O agente Thompson assente com a cabeça.

— Sim, podemos fazer isso. Há mais alguém na casa de que devamos saber?

Abano a cabeça. Já estou arrependido de me ter denunciado; a última coisa que farei é denunciar o Ryan. Ele poderá fazê-lo quando considerar apropriado. Provavelmente esperará até o Asa estar detido.

Detesto que não tenha sido a nossa investigação a acabar com a vida do Asa, mas estou aliviado por finalmente chegar ao fim. Para o bem da Sloan. O Ryan, neste momento, deve estar a ferver.

Um momento depois, a porta do quarto abre-se. Levanto os olhos para ver se o agente Bowers encontrou o envelope que contém o meu crachá. Vejo primeiro o envelope aberto, mas assim que vejo quem o segura, o meu alívio transforma-se numa grande mistura de confusão e medo.

Que raio está a acontecer?

Os olhos do Asa encontram os meus.

Que raio?

Ele baixa os olhos para o envelope nas suas mãos e bate com ele duas vezes na palma da mão. Olha para o agente Thompson e diz:

— Gostava de ter alguma privacidade com o meu amigo, por favor.

O agente Thompson assente com a cabeça e sai do quarto. Antes de ele sair, o Asa aponta para o seu blusão azul do FBI com as três grandes letras gravadas nas costas.

— Parece tão *real*, não parece? — diz. Volta a olhar para mim. — Comprei-os na loja de máscaras na Baixa. — Ri-se e depois fecha a porta. — Os *atores* manhosos foram um pouco mais caros do que os blusões.

Não.

Foda-se.

Foda-se.

Não.

Caí que nem um patinho.

Sinto a bÍlis no fundo da minha garganta. Sinto o sangue escorrer-me dos pulsos enquanto me debato com todas as minhas forças para me livrar daquelas algemas.

O Asa atira o envelope que contém o meu crachá para cima do colchão, depois tira a arma de trás das costas. Senta-se na ponta da cama, a boca firmemente cerrada com raiva.

— Que tal te parece a minha surpresa? *Luke.*

Estou a olhar diretamente para ele, subitamente consciente de que cometi o maior erro da minha carreira. O maior erro da minha vida.

E a única coisa em que consigo pensar é na Sloan.

Fecho os olhos com força e apenas vejo a Sloan.

ASA

— Alguma vez viste o filme *Rutura Explosiva*? — pergunto-lhe.

O Luke está a olhar-me intensamente — o peito a subir e a descer, as narinas dilatadas. *Adoro*.

Ele não me responde. É engraçado que tenha sido tão rápido a abrir a boca para alardear que era um filho da mãe de um bófia, mas comigo nem faz um esforço para conversar.

— Não me refiro ao novo *remake* merdoso, Luke. Estou a falar do original com o Keanu Reeves e o Patrick Swayze. Ah, e como é que se chama aquele dos Red Hot Chili Peppers? O vocalista?

Olho para o Luke, para me ajudar com o nome do gajo, mas ele não ajuda. Não sei porque é que continuo à espera de que me responda. Recosto-me na cama e continuo a falar.

— Há uma parte no filme em que o Keanu Reeves e a sua equipa invadem uma casa de droga. Mas não percebem que um dos tipos que vive lá é um bófia infiltrado. E, devido à sua impaciência e falta de planeamento, arruínam a puta da investigação ao desgraçado. Meses e meses de trabalho duro. Lembras-te dessa parte?

Naturalmente, ele não responde. Continua a remexer nas algemas atrás das costas, tentando libertar-se.

— Eu devia ter uns dez anos quando vi esse filme pela primeira vez, mas não conseguia parar de pensar acerca dessa parte. Fiquei obcecado. Perguntava-me sempre o que teria acontecido se a equipa

do Keanu Reeves estivesse só a *fingir* que era o FBI. Perguntava-me como se teria desenrolado a cena se aquele cabrão infiltrado se tivesse identificado e afinal o Keanu não fosse do FBI. Que estivesse só a fingir para o eliminar. Isso é que era uma reviravolta dupla.

Os olhos do Carter relanceiam a porta, como se alguém fosse entrar aqui para o salvar. Detesto dar-lhe esta notícia, mas isso não vai acontecer.

— Adiante — digo, pondo-me de pé. — Achei que valia a pena tentar. Ver se algum de vocês era mesmo estúpido o suficiente para tentar trair-me e, nesse caso, se seriam estúpidos o suficiente para cair na reviravolta dupla. — Inclino a cabeça e sorrio-lhe. — Deves estar a sentir-te *mesmo* estúpido neste momento.

O queixo dele treme. O meu também, porque não faço ideia de como tratá-lo e isso está a irritar-me. Carter? Luke? *Morto*?

Sim, vou tratá-lo por *morto*.

— E por estúpido, é *mesmo* estúpido — digo, rindo-me. — Porque é que foste tão rápido a denunciar-te? Não sou bófia, mas presumo que denunciar a cobertura é uma coisa que vocês não levam com ligeireza.

Ando de um lado para o outro da sala várias vezes, tentando perceber. Porque é que alguém teria tanta pressa de sair de uma situação que compromettesse a sua identidade? Era como se, para ele, fosse uma questão de vida ou de morte. Se ele não se apressasse para chegar junto de alguém, seria demasiado tarde.

Volto a sentar-me lentamente na cama.

— A não ser que... — Relanceio-o. — A não ser que tenhas denunciado a tua identidade por seres o género de gajo que deixa que as emoções governem as ações. Como é que se chama a essas pessoas? Tenho a certeza de que tu e eu falámos disso recentemente num almoço. — Olho para o teto, fingindo pensar. — Oh, pois. *Coninhas*.

Ele não se ri da minha piada.

Provavelmente é bom, porque eu podia ter ficado chateado se ele se risse.

Relanceio a porta e não me lembro se a tranquei ou não. Levanto-me e vou verificar, depois viro-me novamente para o Luke.

— Mas a verdadeira questão é, *porque* ficarias tão emocional numa situação assim? Quando devias estar totalmente ao comando do

teu papel de infiltrado? O que é que podia estar a dominar a tua mente quando o treino e o bom senso deviam prevalecer?

Dou cinco passos para ele, até já não haver mais passos para dar. Ele mantém o contacto visual durante todo o tempo, empinando o queixo.

— Oh, é verdade. Estavas demasiado preocupado com a merda da minha *noiva* para conseguires fazer o teu maldito trabalho! — Bato-lhe com a arma na cara. A cabeça dele inclina-se para um lado. Tenho a certeza de que a pancada foi suficiente para lhe soltar um dente ou dois, mas ele age como se não o tivesse afetado. Estabelece novamente contacto visual comigo, parecendo até um pouco mais calmo do que antes de eu lhe bater.

Cabão.

Detesto ainda apreciar este lado dele. O lado calmo e introspetivo, que não se quebra com o medo. Impressionante.

É pena que a única coisa que o faça quebrar sob pressão seja a Sloan.

Pergunto-me há quanto tempo andará ele a manipulá-la. A usá-la para a sua investigação. O mais provável é que tenha estado lentamente a virá-la contra mim desde o dia em que se conheceram.

Eu achava que o incidente do casino tinha sido mau. Achava que descontrolar-me com o meu pai era a coisa mais zangada que já tinha feito. Mas estava enganado. *Caraças, estava enganado.*

Ver a Sloan a olhar para ele em busca de instruções, há bocado, foi de longe o mais zangado que já estive. *Em toda a vida.* Nunca tinha querido matar alguém como quis matar o Carter nesse momento. Mas isso teria arruinado a minha surpresa, portanto tive de me manter paciente.

Levanto ligeiramente a arma, aponto-a à têtora dele e imagino como será quando finalmente puxar o gatilho. Ver a porra dos miolos dele espalharem-se no chão. Pergunto-me quão destruída ficará a sua cabeça. Ficaré reconhecível? Quando arrastar a Sloan para aqui, para lhe dar uma última olhadela, será capaz de perceber que é ele? Ou será que a sua cabeça vai explodir completamente?

Forço-me a afastar a arma da cabeça dele porque, por mais curioso que esteja para ver como será quando o matar, há algumas perguntas que preciso de ver respondidas antes de isso acontecer.

Acocoro-me diante dele e repouso os braços nas coxas.

— Fodeste-a?

Sei que, neste caso, é uma pergunta retórica, porque ele seria estúpido em responder. Mas ele hoje não se tem mostrado muito inteligente.

— Onde é que estavas quando a fodeste pela primeira vez? Em minha casa? Na minha cama? Ela veio-se?

Ele tapa um lábio com o outro, humedecendo-os. Mas continua a não responder. O seu silêncio começa a ser verdadeiramente irritante. Levanto-me e vou à porta, verificando mais uma vez se está trancada. Nem sei bem porque é que a quero trancada; os rapazes têm a casa sob controlo. Um deles recebeu a ordem de ir diretamente lá para cima e vigiar a Sloan. Quatro estão divididos entre o Jon e o Kevin, embora não esteja preocupado com nenhum deles. São demasiado estúpidos para serem polícias, mas agrada-me a ideia de os deixar borrarem-se nas cuecas durante mais uns dez minutos.

Ainda não tenho a certeza em relação ao Dalton, mas ele está na sala com duas armas apontadas à cabeça, por isso acho que me ocuparei dele depois de acabar com o Carter.

— Queres saber como foi a primeira vez que a fodi? — pergunto.

Desde que aqui entrei, é a primeira vez que ele responde a uma pergunta. Abana a cabeça duas vezes. Quase não se nota, acho que nem ele percebeu que o fez. Não deve querer *mesmo* saber como foi a primeira vez que a fodi.

— Que pena. Vou contar-te na mesma.

Sento-me novamente na cama, mas desta vez recosto-me completamente, até estar encostado à cabeceira. Cruzo os pés e repouso a arma na coxa.

— Ela tinha 18 anos — digo-lhe. — Inocente. Intocada. A pobrezinha tomava conta do irmão há tanto tempo que nem tinha tido a hipótese de ser adolescente. De sair, divertir-se, conhecer rapazes. Acreditas se te disser que fui o primeiro gajo que ela beijou?

Ele agora está a olhar em frente, recusando-se a olhar para mim. Vejo as veias do seu pescoço a incharem. Sorrio e torno-me ainda mais específico na minha história, porque gosto de o ver estremecer.

— Ela não era inexperiente por ser tímida, que isso fique já claro. Era inexperiente porque tinha dificuldade em confiar. Cresceu com

uma mãe patética, nem sequer conhecia o pai. Então, quando eu entrei em cena, ela não sabia o que pensar. Não tinha nenhum ex com que me comparar, por isso eu não tinha expectativas a que corresponder. Ninguém para suplantar. Só sabia que, se eu fosse melhor para ela do que os seus pais alguma vez tinham sido, ela iria julgar-se abençoada. E eu fui, Carter. Fui muito bom para ela.

» Felizmente, ela não era o género de rapariga que quer levar as coisas devagar. Da primeira vez que a levei a sair, beijei-a ainda antes de chegarmos ao restaurante. Encostei-a a um muro de tijolo num beco qualquer e ela gostou tanto que parecia querer afogar-se na minha saliva. — *Cum caraças. O meu pénis está duro só de pensar nisso.* — Eu já tinha estado naquele restaurante antes, por isso sabia perfeitamente a que hora da noite a levar para não estar muito cheio. E sabia que mesa pedir para termos privacidade. Depois de nos sentarmos, ela não conseguia tirar as mãos de mim. Era como se eu tivesse libertado um desejo nela que nem sabia que as raparigas eram capazes de sentir. Isso deu-me vontade de a dobrar sobre a mesa, levantar-lhe o vestido e fodê-la em cima dos aperitivos.

» Nunca esquecerei aquele vestido. Era um vestidinho branco, com alças fininhas e coberto de flores amarelas. Parecia seda nas minhas mãos e eu não conseguia deixar de tocá-lo. Usava aquelas sandálias brancas que mostravam os dedos rosados, e a certa altura durante o jantar descalçou-as. És um tipo ligado aos pés, Luke?

Ele agora está a fitar-me. Não sei bem quando isso aconteceu, mas já não parece calmo como depois de eu lhe bater.

Eu tinha razão. Este é o único assunto que o quebra. Sorrio e continuo.

— Seduzi-a durante todo o tempo em que comemos. Disse-lhe como era bonita, como era especial. Como o que ela fazia pelo irmão era a coisa mais generosa que eu já tinha visto. E durante todo o tempo em que lhe disse exatamente o que ela precisava de ouvir, a minha mão subia pela sua coxa. Quando trouxeram a ementa das sobremesas, eu já lhe tinha metido a mão dentro das cuecas. O empregado ainda mal tinha virado costas quando lhe introduzi um dedo.

Solto uma respiração, tentando controlar a pulsação. Nem sequer consigo *pensar* nisto sem ficar todo excitado.

— É difícil descrever o que aconteceu a seguir, porque tinhas de estar lá. Mas vou tentar.

Sento-me direito na cama e passo a arma pela cara.

— A cona dela... cum carças. Era a coisa mais quente, mais húmida e mais apertada que eu já tinha tocado. Queria arrastar-me por baixo da mesa e enterrar a boca nela. E ela estava tão *reativa*.

» O seu primeiro orgasmo atingiu-a nas traseiras daquele restaurante indiano. Foi lindo. — Suspiro perante a memória, depois rio-me quando percebo que ainda nem cheguei à parte boa.

» Tinha de a possuir, por isso levei-a diretamente para a minha casa. Mas, claro, depois de curtirmos por meia hora, ela pediu-me que esperasse. Disse que estávamos a *ir demasiado depressa*. Mas eu tinha de a possuir, Luke. Nem conseguia *respirar*. Por isso, fiz algo que tu provavelmente fazes com as raparigas e aninhei-a nos meus braços durante duas malditas horas de tortura. Esperei até ao meio da noite, e depois comecei a beijá-la. A tocá-la. Ela acordou com a minha cabeça entre as suas pernas. Não tardou muito que estivesse a suplicar-me. Na primeira *noite*, Luke. Tinha sido o seu primeiro encontro romântico oficial. Tinha dado o seu primeiro beijo. Tido o seu primeiro orgasmo. E então, como num milagre, comecei a fodê-la.

Ele parece prestes a vomitar, por isso continuo.

— Ela gritou quando aconteceu. Até chorou um bocadinho, provavelmente porque não fui meigo com ela. *Não conseguia*. As marcas deixadas pela cabeceira da cama a bater na parede ainda lá estão. Talvez tas mostre antes de te matar.

Levanto-me e dou um passo para ele.

— Dois anos passados, ainda penso nessa noite. Na sensação de ter sido a primeira pessoa dentro dela. A primeira pessoa a fazê-la vir-se. A primeira pessoa a fazê-la gritar um nome. E sempre que olho para ela, amo-a um bocadinho mais por saber que o que aconteceu entre nós será sempre sagrado. Que tenho todos esses primeiros e esses últimos. Que ela nunca permitiria que outro homem a beijasse. Que a tocasse. Que a *arruinasse* para mim.

Calmamente percorro o espaço que ainda nos separa e acocoro-me diante do Luke.

— Se descobrir que me tiraste isso tudo, ela não terá valor para mim, Luke. Desculpa-me enquanto vou lá acima buscá-la. Acho que

nós os três precisamos de ter uma conversa séria.

Mando dois dos cabrões virem vigiar o Luke enquanto corro lá acima para ir buscar a Sloan.

SLOAN

A primeira coisa que fiz depois de correr para o meu quarto foi ir à mesa de cabeceira procurar o meu telemóvel. Não estava lá. Procurei no chão, na cama, *debaixo* da cama.

Depois lembrei-me que o Asa tinha vindo cá acima mesmo antes do jantar.

O sacana escondeu-me o telemóvel.

Assim que ouvi os gritos lá em baixo, as refregas, os estrondos... corri a esconder-me no *closet*. Menos de dez segundos depois, alguém bateu à porta. Quando ouvi as palavras «FBI, abra!», fui inundada pelo alívio.

Arrastei-me para fora do *closet* e abri a porta, mas percebi imediatamente que algo estava errado. O agente empurrou-me para dentro do quarto e fechou a porta atrás de mim, apontando-me uma arma. Mandou-me ir para a cama e não me permitiu mexer-me ou falar desde que chegou.

Já passou algum tempo. Demasiado. Por vezes distingo a voz do Dalton. Por vezes a do Jon ou a do Kevin.

Mas não a do Asa.

E não a do Luke.

O meu estômago aperta-se com a ideia de que o Asa tenha algo que ver com isto. Mas não seria a primeira vez que ele concebia um esquema ridiculamente elaborado. Tornou-se perito.

— Estou presa? — pergunto ao agente.

Ele permanece diante da porta, mas não responde à minha pergunta.

— Se não estou presa, gostaria de ir lá abaixo.

Ele abana negativamente a cabeça.

Que se lixe este tipo.

Ponho-me de pé e tento contorná-lo, mas ele agarra-me o braço e atira-me de volta para a cama. É quando tenho a certeza de que há algo errado nesta situação toda. Salto outra vez da cama e faço nova tentativa.

— Socorro! — grito, esperando chamar a atenção de alguém na casa.

Ele tapa-me a boca com a mão e empurra-me de encontro à parede.

— Sugiro que cales a boca e te voltes a sentar na cama.

Dou-lhe uma pisadela, sabendo que só estou a piorar as coisas para mim. Mas estou farta de não ripostar. Ele segura-me os ombros e empurra-me contra a parede com tanta força que bato com a cabeça. Estremeço e tento levar uma mão à cabeça, mas ele segura-me os pulsos e põe-mos ao lado do corpo.

— És uma coisinha endiabrada — diz ele, sorrindo como se isso fosse uma coisa que devesse excitá-lo.

De onde raio veio este gajo? Do mesmo útero que o Jon?

— Socorro! — grito novamente.

Desta vez, ele abana a cabeça e diz:

— Não sabes como manter a boca calada, pois não? — Encosta os lábios aos meus e eu *odeio* homens. *Odeio-os! Odeio-os!*

Tenho os olhos arregalados enquanto tento manter os lábios juntos contra a força da sua língua. Estou a olhar por cima do ombro dele, esforçando-me por me libertar, quando a porta do quarto se abre.

Fico tão horrorizada quanto aliviada ao ver que é o Asa.

Que raio se passa?

Os olhos dele examinam o quarto e recaem em nós — no tipo que ainda está a tentar penetrar a minha boca com a língua. Agora há uma mão que sobe pela minha saia. Percebo em que mundo lixado vivo quando dou por mim a rezar para que o Asa venha em meu auxílio, ao

mesmo tempo temendo o momento em que estarei segura com ele.

O Asa não leva dois segundos a processar o que vê. Os seus olhos ardem de raiva.

— Dei-te uma única missão, cabrão! — grita ele, avançando para nós. Exatamente quando o tipo me solta e começa a virar-se, o Asa levanta a arma e encosta-lha ao cimo da cabeça. — *Uma única missão! Campainhas.*

Não consigo ouvir nada por causa das campainhas nos meus ouvidos. O ardor de líquido nos meus olhos — na minha cara. Tapo os ouvidos com as mãos e fecho os olhos com força.

Não, isto não aconteceu.

Não, não, não.

Ouçó o tipo cair ao chão e tenho de me desviar para o lado para tirar o pé esquerdo de sob o corpo dele.

— Não, Asa. Não, não, não — repito, as mãos ainda a tapar os ouvidos, os olhos ainda fechados.

— Ele provavelmente pensou que eras uma puta, Sloan — diz ele, segurando-me o braço. — Podemos censurá-lo?

Ele puxa-me para a frente e tropeço sobre o homem no chão. O Asa não me larga o braço enquanto me levanta e me arrasta para a porta.

Ainda tenho os olhos fechados. Acho que posso estar a gritar, porque me dói a garganta, mas não tenho a certeza se sou eu ou as campainhas nos meus ouvidos. De repente sou erguida no ar e atirada por cima do seu ombro.

Leva-me pelas escadas e os últimos dez segundos continuam em repetição na minha cabeça.

Isto não está a acontecer.

Segundos depois, ele deita-me numa cama. Ainda estou demasiado assustada para abrir os olhos. Passam alguns momentos e sinto o meu peito a arfar. Arquejo entre lágrimas quando ouço a voz do Asa alguns centímetros acima de mim.

— Sloan, olha para mim.

Abro lentamente os olhos para ele. Está ajoelhado por cima de mim na cama, tocando-me na cara, afagando-me o cabelo. Tem manchas de sangue na cara, no pescoço.

Olho-o nos olhos e as suas pupilas ocupam o espaço todo. Duas

enormes íris pretas devolvem-me o olhar, e isso provoca um arrepio que me percorre o corpo já trémulo.

— Sloan — sussurra ele, ainda a afagar-me o cabelo com a mão. Tento olhar em redor do quarto, mas ele segura-me o queixo e força os meus olhos a voltarem aos seus. — Querida, tenho notícias muito más.

Não creio que o meu coração possa aguentar o que quer que ele tenha para dizer. Tenho medo de vomitar se abrir a boca para lhe responder.

— Sei acerca de ti e do Luke.

O meu coração para subitamente ao ouvir o nome. Tento conter o fluxo de lágrimas que querem voltar. *Ele chamou-lhe Luke.*

Como é que sabe que o nome dele é Luke?

Junto cada pedacinho de força que consigo encontrar para me fazer de parva.

— Quem é o Luke?

Os olhos dele examinam-me o rosto. As suas pupilas contraem-se e depois expandem novamente. Um sorriso lento espalha-se-lhe no rosto e ele encosta os lábios à minha testa.

— Era o que eu pensava — sussurra, afastando-se de mim. — A culpa não é tua, Sloan. Ele manipulou-te. Tentou pôr-te contra mim. Mas o nome dele nem sequer é *Carter*, querida. É Luke. Pergunta-lhe tu mesma. — Enfia a mão debaixo das minhas costas e empurra-me até estar sentada na cama.

De repente, estou frente a frente com o meu pior pesadelo.

O Luke está sentado numa cadeira de secretária, as mãos algemadas atrás das costas. A agonia no seu rosto demonstra bem o que ele pensa acerca da nossa aflição.

Não.

O Asa observa-me, aguardando a minha reação. Tento controlá-la — esconder o meu medo, a minha mágoa, a minha agonia. Mas saber que estamos ambos nas mãos do Asa neste momento deixa-me poucas forças para fingir.

Não reajas. Não reajas. Não reajas.

Repito estas palavras mentalmente enquanto o Luke me diz as mesmas palavras silenciosas com os olhos.

É o que o Asa quer. Uma reação. Faço o que posso para não lhe dar a que ele espera. Agora está de pé, por isso ergo os olhos para ele

com a expressão mais inocente que consigo.

— Asa, de que raio estás a falar? Porque é que o Carter está algemado?

Ele fita-me como se estivesse desapontado. Como se esperasse que eu me abrisse e dissesse que sabia que o Luke é um infiltrado ou, pelo menos, que ando a dormir com ele. Sorri cinicamente.

— Ainda pensas que sou estúpido, Sloan? — Desliza os olhos lentamente para o Luke. — Então não há problema se eu fizer isto, pois não? — Levanta a arma e avança para ele, tal como fez no segundo antes de atingir o tipo lá em cima.

Salto imediatamente e seguro-lhe o braço, gritando:

— Não! Asa, não! — Ele nem precisa que eu admita nada. A minha reação denuncia-me.

O Asa não dispara contra ele. Em vez disso, a mão que segura a arma gira e ele bate-me com tanta força que voou para cima da cama. A minha têmpora começa imediatamente a latejar. O Asa está fixado em mim, a sua raiva a aumentar.

Agora está em cima de mim, segurando-me os pulsos, encostando a testa a um lado da minha cabeça.

— Sloan, não — diz ele, a sua voz instantaneamente tensa. — Não, *não*, querida. — Recua e os seus olhos estão cheios de dor. — Ele esteve dentro de ti? Deixaste-o estar *dentro* de ti?

Estou a chorar com demasiada força para o admitir. Estou a chorar com demasiada força para o negar.

Todo o seu rosto se transforma num esgar, como se ele pensasse que esta é, absolutamente, a pior coisa que podia acontecer neste momento. *Ele acabou de matar um gajo lá em cima, e está mais perturbado por eu poder tê-lo traído?*

Viro a cabeça para o lado e fecho os olhos.

Acabou.

É assim que vou morrer.

O Asa enterra a cabeça no espaço entre o meu pescoço e o ombro e murmura:

— Não me lembro se tranquei a porta.

Quando se arrasta de cima de mim, tento processar o que acabou de dizer, mas foi tão aleatório e a minha pulsação é demasiado acelerada para processar pensamentos. Nem sequer sei o que pensar.

Enquanto ele se encaminha para a porta, viro a cabeça para ver o Luke. As suas mãos estão algemadas atrás das costas em torno da cadeira. Mas ele põe-se rapidamente de pé, deslizando os braços para cima ao longo das costas da cadeira, e depois senta-se outra vez, agora com os braços logo atrás das costas, sem a barreira da cadeira. Acontece tudo tão depressa que demoro um segundo a perceber que ele nem sequer está algemado à cadeira.

O Asa não deve saber disso, ou nunca lhe teria virado as costas.

Olho rapidamente para a porta e o Asa está a trancá-la. Olho novamente para o Luke e ele abana a cabeça, avisando-me para que me mantenha calma. Não pode levar o polegar ao lábio, mas está a mordê-lo, percorrendo-o com os dentes.

Puxo uma madeixa de cabelo, exatamente quando o Asa se encosta à porta do quarto. Encosta a arma à bochecha e olha diretamente para o Luke.

— Já te contei como foi a primeira vez que a fodi — diz. — Agora é a tua vez.

ASA

Vários anos antes

O meu pai está junto da janela, a ver se vê os homens.

Fazia isso o tempo todo. Diz que, se eles descobrirem onde vivemos, lhe darão um tiro. Depois darão um tiro à minha mãe, e depois um tiro a mim. Diz que, depois de dispararem sobre nós, os homens provavelmente nem sequer avisarão a polícia. Deixam-nos a todos aqui e os nossos corpos apodrecerão dentro desta casa e serão comidos por ratazanas e baratas.

— Asa! — grita ele da janela, indicando a porta da frente. — Vai outra vez verificar a porta!

Já o fiz, a seu pedido, duas vezes, mas ele nunca acredita que está trancada. Diz «Vai outra vez verificar a porta» sempre que olha pela janela.

Não sei porque é que em alguns dias ele tem medo de que os homens o encontrem, e noutros dias não se importa. Levanto-me do sofá e rastejo até à porta. As minhas pernas funcionam, por isso podia caminhar até lá, mas por vezes tenho medo de que os homens apareçam e me deem um tiro, portanto rastejo quando passo pela janela grande.

Verifico a porta.

— Está trancada.

O meu pai olha para mim e sorri.

— Obrigado, filho.

Detesto quando ele me chama *filho*. Só me chama filho quando tem medo dos homens que lhe vão dar um tiro, e depois à minha mãe e depois a mim. Quando tem medo, é mesmo simpático comigo e pede-me para fazer coisas para o ajudar, como empurrar o sofá de encontro à porta e desligar todas as coisas que têm eletricidade. Hoje tenho-o ajudado muito e ele está sempre a chamar-me filho. Gosto mais quando ele não me chama nada e fica só sentado na sua cadeira o dia todo.

Rastejo de volta para o sofá, mas antes de lá chegar sinto o meu pai apertar-me o braço.

— Eles estão aqui — sussurra. Põe-me de pé e diz: — Tens de te esconder.

O meu coração bate muito depressa dentro do peito e faço que sim com a cabeça.

O meu pai tem muito medo dos homens, mas eles nunca apareceram antes. Olho pela janela grande enquanto ele me empurra através da sala de estar, mas não vejo ninguém. Não vejo os homens.

O meu pai empurra-me pela porta das traseiras, para descer as escadas. Segura-me os ombros.

— Asa, esconde-te debaixo da casa e fica lá até eu te ir buscar.

Abano a cabeça.

— Não quero. — Está escuro lá em baixo e uma vez vi um escorpião.

— Não tens escolha — sussurra ele muito alto. — Não saias enquanto não te for buscar, ou matam-nos a todos!

Empurra-me pela abertura que vai para baixo da casa. Ponho-me de gatas e afundo-me na lama. Não olho para trás. Rastejo pela lama e gatinho para o mais longe que consigo, para os homens não me verem.

Levanto os joelhos para o peito e tento não fazer barulho quando choro, para os homens não me ouvirem.

Fiquei com muito frio e fome e chorei até o sol voltar a nascer. Mas o meu pai disse não te mexas, por isso não me mexi. Ainda não me mexi. Espero que ele não fique zangado, mas fiz chichi nas calças

enquanto dormia. Não faço chichi a dormir desde antes do meu último aniversário. Se os homens ainda não o tiverem matado, ele vai ficar tão zangado comigo por causa disto!

Ouçó-os a caminhar pela casa. Não sei se mataram o meu pai. A minha mãe estava no quarto, onde passa a maior parte do tempo, por isso se calhar também a mataram, se a encontraram.

Mas não me mataram, porque eu fiz exatamente o que o pai disse. Fiquei aqui e não me mexerei até ele me vir buscar.

Ou até os homens se irem embora.

Fiquei mesmo com muito frio e fome e chorei até o sol se pôr novamente. Mas continuei a não me mexer. O pai disse-me para não o fazer, e não o fiz. Mas as minhas pernas já não parecem pertencer ao meu corpo. Os meus olhos estão sempre a fechar-se. Já não tenho tanta sede porque escorria um pouco de água de um cano ao meu lado, e pus lá a boca e bebi-a.

Acho que os homens mataram a minha mãe e o meu pai, porque a casa agora está muito silenciosa. Não ouço os homens a andar de um lado para o outro desde que o sol nasceu, por isso talvez se tenham ido embora.

Sei que o pai me disse para não me mexer, mas se ele ainda estivesse vivo, já me teria vindo buscar.

Mas não veio.

Rastejo de debaixo da casa. Está muito escuro agora, o que significa que estive sob a casa mais de um dia. Não acho que os homens matassem o meu pai e a minha mãe e depois ficassem na nossa casa mais do que um dia, por isso devem ter-se ido embora e é seguro para mim entrar em casa.

Quando tento pôr-me de pé, caio logo. As minhas pernas estão trémulas e doem-me os dedos. Quando estou a subir as escadas das traseiras, percebo que a minha roupa está cheia de lama. Tenho medo de sujar o chão. Tento limpar-me um pouco no tapete, mas só espalho mais lama na roupa.

Seguro-me à maçaneta da porta e levanto-me. Ainda não sinto muito bem as pernas, mas agora funcionam. Quando abro a porta e entro em casa, vejo o corpo morto do meu pai. Está na cadeira

reclinável da sala.

Sustenho a respiração. Nunca vi um corpo morto, e também não quero ver um agora, mas tenho de confirmar que é o meu pai e não um dos homens. Entro na sala em bicos de pés e estou tão assustado que parece que o coração me bate no pescoço.

Quando chego à cadeira, respiro fundo e dou a volta para o ver. Fico um pouco surpreendido ao ver que as pessoas mortas não têm um aspeto assim tão diferente de quando estão vivas.

Pensei que estivesse cheio de sangue, ou que tivesse uma cor diferente — como um fantasma. Mas está igual.

Levanto o dedo para lhe tocar na bochecha. Disseram-me que as pessoas mortas são mais frias do que as pessoas vivas, por isso encosto a ponta do dedo à bochecha dele, para ver qual é a sensação da sua pele.

A mão dele enrola-se no meu pulso e aperta. Abre os olhos e isso assusta-me tanto que grito.

Os olhos do meu pai são mesmo maus quando veem a minha roupa.

— Onde raio tens estado, rapaz? Estás imundo!

Pensei que ele estava morto.

Não está morto.

— Debaixo da casa, para onde me mandaste ontem. Disseste que ias buscar-me.

Ele aperta-me o pulso com muita força, inclina-se para a frente e diz:

— Nunca mais te atrevas a acordar-me de uma sesta, pequeno sacana! Agora vai tomar duche. Cheiras a esgoto!

Empurra-me para longe dele. Recuo, ainda confuso por ele estar vivo.

Pensei que os homens tinham vindo. Pensei que o tinham matado.

Ele aperta-me a parte de trás do pescoço e empurra-me até eu tropeçar para fora da sala. Ele disse que me ia buscar, mas acho que nem se lembra de que eu estava debaixo da casa.

Sinto os olhos aquecerem, por isso fujo da sala. Não posso chorar em frente do meu pai, ou ele fica mesmo zangado.

Atravesso o corredor até à casa de banho, mas o que quero mesmo fazer é comer alguma coisa. A minha barriga nunca tinha sentido

tanta fome antes. Quando passo pelo quarto onde a minha mãe passa a maior parte do dia, a porta está aberta. Ela está a dormir na cama, portanto, entro no quarto para lhe perguntar se posso comer alguma coisa. Abano-a e tento acordá-la, mas ela apenas resmunga e vira-se.

— Deixa-me dormir, Asa — diz.

Não gosto que ela durma tanto. Ela diz que não consegue dormir bem, por isso toma muitos comprimidos que a ajudam a dormir. Diz que os brancos são para a noite, mas por vezes também os toma quando há sol. Já a vi fazê-lo.

Também tem uns amarelos, mas diz que esses são os seus comprimidos *especiais*. Diz que os guarda para os dias em que quer ir a um sítio diferente na sua mente.

Olho para o seu frasco de comprimidos e pergunto-me se ela notaria caso eu tirasse um dos amarelos. Porque eu quero ir a um sítio diferente na minha mente. Não quero que a minha mente fique mais nesta casa.

Pego no frasco dos comprimidos amarelos, mas farto-me de tentar e não consigo abri-los. Não sei ler muito bem porque só ando no primeiro ano, mas lá percebo que a tampa diz que tenho de empurrar para baixo e depois rodar para abrir.

Faço-o, e desta vez abre-se. Olho para a minha mãe, mas ela ainda está virada para o outro lado. Apresso-me a tirar um dos comprimidos amarelos, ponho-o na boca e mastigo-o. Faço uma careta porque é a coisa mais horrível que já comi. É mesmo amargo e põe-me a boca seca. Tomo um gole da água da minha mãe para conseguir engoli-lo.

Espero que ela tenha razão. Espero que este comprimido me leve para outro sítio na minha mente, porque estou a ficar mesmo farto de estar nesta família.

Ponho a tampa no frasco e saio furtivamente do quarto da minha mãe. Assim que chego à casa de banho para tomar um duche, as minhas pernas já não parecem minhas outra vez.

E os braços também. Os meus braços parecem flutuar no ar.

Olho para o espelho depois de abrir a torneira, porque o meu cabelo parece estar a crescer. Mas não parece mais comprido. Parece igual. *No entanto, eu sinto-o crescer.*

Os meus dedos dos pés começam a vibrar, como as pernas. Sinto que vou cair e apresso-me a sentar-me na banheira. Esqueço-me de

tirar a roupa, mas não faz mal porque a minha roupa está mesmo suja. Acho que a minha roupa também precisa da água.

Pergunto-me quanto tempo terei estado debaixo da casa. Devo ter faltado um dia à escola. Não gosto assim muito da escola, mas hoje queria mesmo ir, para ver o que a mãe do Brady lhe tinha mandado para o almoço.

O Brady senta-se ao meu lado na mesa do almoço e todos os dias traz uma lancheira. Uma vez a mãe dele mandou-lhe uma fatia de bolo de coco. Ele não gosta de bolo de coco, por isso disse-me que eu podia comê-lo. Era tão bom. Vim para casa e disse à minha mãe como era bom, mas ela não me comprou bolo de coco.

Por vezes a mãe do Brady escreve-lhe notas e guarda-as dentro da lancheira. Ele lê-as para todos e ri-se porque as acha tolas. Mas eu nunca me rio. Não acho que as notas sejam tolas.

Uma vez vi uma das notas que ele lançou para o lixo e tirei-a. Dizia: «Querido Brady: Amo-te. Que tenhas um dia fantástico na escola.»

Rasguei a parte de cima da nota, onde estava o nome do Brady, e guardei-a. Fingi que tinha sido a minha mãe a escrever-me e por vezes lia-a. Mas isso foi há muito tempo e recentemente perdi a nota. Era por isso que queria ir à escola hoje, porque se o Brady tivesse outra nota da mãe queria roubá-la e fingir outra vez que era para mim.

Pergunto-me como seria ter alguém a dizer aquelas palavras.

Amo-te!

Nunca ninguém me disse isso.

Sinto que a minha cabeça está a flutuar no teto e os meus olhos veem o meu corpo lá em baixo, sentado na banheira. Pergunto-me se será por isto que a minha mãe gosta dos comprimidos amarelos. Porque a faz sentir que as partes importantes dela estão ao flutuar lá em cima, onde ninguém lhe pode chegar?

Fecho os olhos e sussurro «Amo-te» para ninguém enquanto flutuo no ar. Um dia encontrarei alguém e farei com que goste de mim o suficiente para me dizer essas palavras. Quero que seja uma rapariga. Uma rapariga *bonita*. Uma que o meu pai não ache que é uma puta.

Vai ser bom. Talvez ela me ame o suficiente para me fazer bolo de coco. Gosto mesmo de bolo de coco.

Se alguma vez encontrar uma rapariga que me diga essas palavras

e me faça bolo de coco, nunca mais a largo. Não a deito fora, como o Brady deita as notas da mãe.

Fico com ela para sempre e nunca permitirei que me deixe. Vou obrigá-la a dizer-me que me ama todos, todos os dias.

«Amo-te, Asa», prometerá ela. «Nunca te deixarei.»

Momento atual

Nunca matei ninguém antes. Até há uns minutos, quando disparei sobre aquele tipo lá em cima, por tentar ter o que não era dele.

Não sei bem como me sinto.

Provavelmente, devia estar preocupado, visto que o homicídio tem repercussões. Também devia estar chateado, porque assim que atingi o gajo e arrastei a Sloan para este quarto, os restantes cabrões que contratei fugiram a sete pés.

Acho que tinham medo de que eu também os matasse.

Acho que estou um bocadinho preocupado com as repercussões desta merda toda. Normalmente, quando um tipo é atingido a tiro, alguém chama a polícia. O que significa que devem vir a caminho, por causa de um qualquer maldito vizinho coscuvilheiro.

Refiro-me aos polícias *verdadeiros*. Não a este simulacro reles sentado à minha frente neste momento.

Estou desapontado por isto não estar a correr como eu planeei. Matei *um* tipo em legítima defesa e os outros desistem da merda dos seus deveres e dispersam? Isso significa que o Jon, o Kevin e o Dalton já não estão guardados por eles. O que significa que pelo menos um deles estará prestes a vir bater a esta porta, a perguntar porque é que os enganei a todos.

O que significa... *que agora estou um bocado de mãos atadas*. Acho que estou a ficar sem opções. Julgo que a única opção que realmente me resta é dar um tiro na cara ativa do Luke e tirar a Sloan daqui enquanto posso. Claro que ela vai ficar um bocadinho traumatizada, mas podemos fazer terapia, ou algo assim, quando estivermos novamente instalados. Ela precisará disso depois da lavagem ao cérebro que lhe foi feita.

É um bocado triste que só tenha uma opção e só me reste um

minuto ou dois para a concretizar, porque queria mesmo ouvir o Luke contar-me como é que foi quando fodeu a Sloan.

Não que isso fosse excitar-me. *Não sou um cabrão mórbido.*

Queria ouvir, porque preciso dessa visão. Preciso de saber o que ele lhe disse para a fazer apaixonar-se por ele. Preciso de saber se teve de a convencer a fazê-lo, como eu. Preciso de saber se ela fez os barulhos que por vezes faz quando está comigo. Quero saber em que posição é que a fodeu. Estava por cima? Estava ela? Estava por trás dela?

Só preciso de saber para ter a certeza de que não farei nem direi nada das coisas que ele lhe disse quando fizer amor com ela no futuro. Tenho de ter a certeza para nunca a foder na mesma posição em que *ele* a fodeu.

Mas agora estou sem tempo porque alguém está a bater à porta e o Luke ainda não abriu a boca.

— Asa!

É o Dalton!

Ainda não sei bem o que pensar do Dalton. Gosto mesmo dele. Ele é coca, e toda a gente gosta de coca. Mas toda a gente sabe que a cocaína é uma das drogas mais falsificadas que existe. Uma grande quantidade de impostores. Traficantes nas esquinas a vender aspirina esmagada a viciados em *crack* meio mortos que nem percebem a diferença.

O Dalton pode até não *ser* cocaína. Provavelmente é uma merda de um frasco de *Advil* esmagado e metido num saquinho.

— Asa, abre a porta! — grita o Dalton.

Chego a mão atrás e confirmo que a porta está trancada.

— Para onde foi toda a gente? — grito para o Dalton. — Há muito silêncio aí fora.

— Abre a porta para podermos falar. — Agora ele está mesmo do outro lado da porta.

Rio-me e repito:

— Onde *está* toda a gente, Dalton? Onde estão o Jon e o Kevin?

— Foram-se embora. Ficaram paranoicos e bazaram.

Claro. Merda de melhores amigos para a vida. *Cabrões.*

Olho para a Sloan. Está sentada junto da cabeceira da cama, com os joelhos levantados até ao queixo. Observa-me, de olhos

esbugalhados.

O Luke também me observa. Não importa onde estou ou o que faço, os seus olhos estão sempre cravados em mim. Desde o dia em que o conheci. Desde o dia em que o *Dalton* mo apresentou.

Inclino a cabeça até a minha boca estar perto da fenda da porta.

— Porque é que ainda estás aqui, Dalton? Aguardas que os teus reforços cheguem?

O Dalton desta vez não é tão rápido a responder. Depois de uma pausa, diz:

— Estou aqui porque o meu amigo está aí dentro. Se o deixares sair, vamo-nos embora.

Nem acredito que caí nisto. Meses praticamente a viver com estes cabrões e eles só estavam aqui para me destruir.

Isto parece outra vez a minha infância.

Pelo menos, a Sloan ama-me.

Pelo menos.

Arrasto os olhos pelo quarto até a fixar.

— Lembras-te de quando eu estava no duche há bocado e me perguntaste se eu queria alguma coisa da loja?

Ela assente com a cabeça, muito levemente.

— Disse-te que queria uma sobremesa para celebrar. Trouxeste uma?

Ela assente de novo.

— A tua favorita — sussurra. — Bolo de coco.

Estão a ver? Ela ama-me.

— Dalton — digo, exigindo a sua atenção. Não que esta me tivesse abandonado.

Eu devia mudar de sítio. Ele está mesmo do outro lado desta porta. Não me admirava que o cabrão me desse um tiro através da madeira.

Encosto-me à parede e confirmo novamente que a porta está trancada.

— Faz-me um favor, está bem? Traz-nos o bolo de coco.

Mais uma vez, o Dalton faz um silêncio antes de responder.

— Queres *bolo*? — diz, confuso. — Queres *bolo*, caralho?

Porque é que parece tão ridículo?

— Sim, quero bolo! Traz-nos a merda do bolo de coco, cabrão!

Ouço os passos do Dalton desvanecerem-se quando ele se encaminha para a cozinha. O Luke fita-me como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Estás com algum problema?

Ele abana a cabeça e abre a boca para responder. *Finalmente.*

— Há medicação que te pode ajudar, Asa.

Medicação?

— Que merda é que estás a dizer?

O Luke relanceia a Sloan e depois olha novamente para mim. Odeio quando ele olha para ela. Tenho vontade de lhe arrancar os olhos e engoli-los como se fossem os comprimidos amarelos da minha mãe.

— Verificaste a tranca da porta quinze vezes nos últimos cinco minutos — diz ele. — Isso não é um comportamento normal. Mas pode ser controlado. Tal como o comportamento do teu pai podia ter sido controlado.

É aqui que interrompo o cabrão.

— Fala outra vez do meu pai, Luke. *Atreve-te.*

Ele olha para a arma que lhe está diretamente apontada, mas, não sei porquê, não fecha a matraca.

— Sabes que ele foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide quando tinha apenas 27 anos? Li-o na ficha dele. Ele nunca tomou os medicamentos, Asa. Nem uma vez. As coisas que se passam na tua cabeça... podem parar. Isto pode parar tudo. Não tens de ser como ele.

Atravesso o quarto e encosto-lhe a puta da arma à cabeça.

— *Não* sou como ele. Não sou *nada* como ele!

Antes de poder puxar o gatilho, o Dalton bate à porta.

— Como é que vos dou o bolo? — grita.

Merda. Boa pergunta.

Começo a andar para a porta, mas o anseio por bolo de coco é-me arrancado quando ouço sirenes. O som é longínquo — talvez a quatro ou cinco ruas de distância.

Ainda tenho tempo. Se houvesse uma janela neste quarto, podia agarrar na Sloan, matar o Luke, sair pela janela e chegar ao carro antes de eles chegarem.

Mas o cabrão do Dalton está no meu caminho.

Se ele está à porta a segurar o bolo, isso significa que deve estar...

mesmo... *ali*.

Aponto a arma, mas, assim que disparo, algo duro me bate nas costas. Caio para a frente, os meus joelhos atingem o chão e a arma voa-me das mãos. Olho para trás e o Luke está por cima de mim, a levantar a perna para me dar um pontapé. Rodo para o lado e deslizo a perna pelo chão, fazendo-o desequilibrar-se. Ele cai de costas.

Começa imediatamente a passar as pernas pelos braços para que as suas mãos fiquem algemadas à frente e não atrás das costas. Sento-me no chão e tento alcançar a arma, mas a Sloan salta da cama e atira-se ao chão. As nossas mãos alcançam a arma ao mesmo tempo, mas as minhas são mais experientes e sabem como agarrá-la para não a deixar cair. As mãos dela agitam-se em redor das minhas, até ela perceber que a arma está de novo firmemente plantada na minha mão. Empurro-a para longe de mim, para o seu maldito canto.

Ela embate na parede e desvia-se para o mais longe de mim que consegue. Quando consigo apontar a arma ao Luke, o cabrão conseguiu, não sei como, passar as mãos para a frente. Está a levantar-se, por isso avanço um passo e puxo o maldito gatilho. Vejo a carne da sua coxa explodir em pedacinhos.

Foda-se, deve ter doído.

Ele está de joelhos.

As costas dele embatem na parede. Está a estremecer, encostando as mãos à ferida. Agora o Dalton está a bater na porta.

— Asa, abre a merda da porta ou vou abri-la a tiro. Três... dois...

— Se abrires essa porta estão ambos mortos — grito.

O Dalton não chega ao um.

Olho para a Sloan e ela está tombada de encontro à parede, com as mãos nos ouvidos, as lágrimas a rolares-lhe dos olhos. Está a olhar para o Luke, parecendo que se vai passar completamente. Preciso de a tirar daqui antes que isso aconteça. Mas as sirenes agora estão mais perto. Muito provavelmente nesta rua.

Foda-se.

Pensa, Asa. Pensa.

Bato com a arma na testa três vezes. Não posso perdê-la. Não posso. Se for preso, não poderei protegê-la. Não lhe poderei tocar. Ela vai cair nas mentiras de outra pessoa. Talvez nas do *Luke*, outra vez.

Ela foi a única pessoa que alguma vez me amou. Não posso perdê-la. Não posso.

Rastejo para junto dela e tento segurar-lhe as mãos, mas ela afasta-se cada vez mais. Tenho de lhe apontar a maldita arma à cabeça, só para que fique quieta. Encosto a testa ao lado da sua cabeça.

— Diz que me amas, Sloan. — Ela está a tremer tanto que nem consegue falar. — *Por favor*, querida. Preciso de te ouvir dizê-lo.

Ela tenta três vezes que a sua voz funcione, mas está sempre a gaguejar. Os seus lábios tremem mais do que alguma vez vi. Finalmente consegue formar uma frase.

— Deixa o Luke ir e eu digo-o.

Aperto a mão em volta da arma. Enrolo a outra mão no seu cabelo e aperto. Ela está a tentar *negociar* por ele?

Solto uma respiração firme pelas narinas. O meu queixo está demasiado tenso para deixar que o ar passe através da boca. Quando me acalmo o suficiente para falar, ranjo os dentes e sussurro:

— Amas-me, não amas? Não o amas a ele; amas-me *a mim*.

Recuo a cara e encontro os seus olhos petrificados. Ela ergue o queixo e diz:

— Respondo-te a isso quando o deixares ir. Ele precisa de um médico, Asa.

Um médico? Ele não precisa de um *médico*. Precisa do raio de um milagre.

— Não preciso que me respondas — digo-lhe. — Tenho a impressão de que, se o matar, saberei pela tua reação se o amas.

Ela abre muito os olhos e começa imediatamente a abanar a cabeça.

— Não amo — diz. — Por favor, não o mates. Isso só tornará as coisas piores para ti. Eu *amo-te*, Asa. Por favor, não mates mais ninguém.

Estou a olhá-la diretamente, de um olho para o outro. É difícil ver alguma verdade ali, porque a única coisa que vejo é a preocupação que ela sente pelo Luke escrita no seu rosto.

— Não te preocupes, Sloan. Ele deve estar a usar um colete à prova de bala.

Viro a cabeça e levanto a arma, apontando-a ao peito do Luke.

Disparo. Todo o corpo do Luke se agita de encontro à parede. Leva as mãos ao peito e o sangue começa a escorrer entre os seus dedos. Cai imediatamente para o lado, mole.

— Oh, culpa minha. Estava enganado.

A Sloan está a gritar. A gritar a merda do *nome* dele, a gritar *não*, a gritar *o que é que fizeste*, a gritar outra vez o *nome* dele, *a gritar, a gritar, a gritar*.

Ela está a *gritar*, merda.

Ela tem *lágrimas*, merda.

Por *ele*.

Pego-lhe nos malditos braços e levanto-a, atirando-a de volta para a cama. Ponho-me em cima dela enquanto ela tapa a cabeça e grita ainda mais alto, as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces.

— Porque é que estás a *gritar*, Sloan? *PORQUÊ?*

Consigo ouvir a voz do meu pai a gritar *puta, puta, puta*. Bato na testa, para que isto pare.

Para, para, para.

Ela não o ama. Ela ama-me *a mim*. Para sempre.

— Tu não o amas, Sloan — digo, a minha cara retorcendo-se de dor. *Não amas*, ele manipulou-te. — Seguro-lhe as faces e encosto os lábios aos dela. Ela está a tentar afastar-me, a tentar lutar contra mim.

— Amo, sim — grita. — Amo-o a ele. Odeio-te. Amo-o e *odeio-te!*

Ela vai arrepender-se disto. Vai arrepender-se disto mais do que alguma vez se arrependeu de alguma coisa em toda a merda da sua vida inútil. Se ela pensa que está triste agora, vendo aquele canalha morrer, que espere até *me* ver morrer. Porque todos os cabrões que restam nesta casa estarão mortos, incluindo eu, antes de ir para a cadeia pela morte deste balde de merda.

Ela mal conhecia o gajo. Amou-me durante *dois anos*. A minha morte vai *devastá-la*. Vai chorar tanto que já não terá ar para dizer que odeia alguém.

Puta, puta, puta.

Bato outra vez com a mão na testa. Ela já não está a gritar. Está só a soluçar incontrolavelmente.

— Vais-te arrepender disto, Sloan. Achas que estás a chorar muito agora? Quando eu morrer, isso vai-te *matar*. *Vai-te. Matar.*

Ela abana a cabeça de um lado para o outro, soluçando através

das palavras.

— É *tarde demais* para me matares, Asa. Já me mataste há muito tempo.

Ela está enganada.

Está completamente enganada.

Rio-me, sabendo o quanto isto vai irritá-la. Rio-me, sabendo o quanto ela vai arrepender-se de tudo o que acabou de me dizer. Gostava de estar aqui para assistir quando ela finalmente perceber o quanto signífico para ela. O quanto fiz por ela. Como será a sua vida sem mim.

Encosto a boca aos seus lábios trémulos.

Encosto a arma à têmpora e puxo o maldito...

Luke

Sabem como se diz que é a sensação de morrer?

Não. Não sabem como se diz que é, porque ninguém o diz. As pessoas que morrem não estão aqui para dizer como foi quando lhes aconteceu. Os que estão vivos nunca morreram, por isso não podem descrevê-lo.

Mas eu estou nesse momento. Por isso deixem-me dizer-vos como é enquanto posso.

Há um momento — uma fração de segundo mesmo antes de fechar os olhos pela última vez — em que nos sentimos realmente a receber a morte.

Podemos sentir o nosso coração a abrandar, preparando-se para parar.

Podemos sentir o cérebro a bloquear, os circuitos a fecharem-se como portas.

Podemos sentir os olhos a cerrar — por mais esforço que façamos para os manter abertos. E percebemos que, seja para onde for que estejamos a olhar no momento em que os fechamos — essa é a última coisa que vamos ver.

Eu vejo a Sloan. Ela é tudo o que vejo.

Vejo-a gritar.

Vejo o Asa pegar nela e atirá-la para cima da cama.

Vejo-a tentar soltar-se dele.

Vejo-a desistir.

É por isso que me recuso a fechar os olhos.

Baixo o olhar para o sangue que me escorre do peito — a vida que escorre de mim para o chão. Cometi erros suficientes para pôr a Sloan na posição em que está agora. Recuso-me a morrer sem corrigir alguns deles.

Preciso de todas as minhas forças — mas estendo o braço até chegar à arma que tenho no tornozelo. Tenho as mãos cheias de sangue, por isso é difícil segurá-la, mas acabo por conseguir. Posso não ser o melhor na minha profissão numa série de áreas, mas tenho uma pontaria dos diabos.

Exatamente quando empunho a arma, o Asa encosta a sua à cabeça.

Nem pensar que ele vai escapar com esta facilidade.

Recuso-me a fechar os olhos quando enrolo o dedo no gatilho e aperto, vendo a bala penetrar-lhe no pulso e lançar a sua arma para o outro lado do quarto.

Recuso-me a fechar os olhos quando os sons de mais três tiros me perfuram os ouvidos, desta vez vindos da direção da porta do quarto.

Recuso-me a fechar os olhos quando vejo o Ryan abrir a porta e entrar a correr, seguido de vários homens.

Recuso-me a fechar os olhos até o Asa estar no chão — a mais de um metro de distância da Sloan — a ser algemado.

Recuso-me a fechar os olhos até eles encontrarem os da Sloan.

Ela sai da cama, atravessa o quarto, está de joelhos, encosta as mãos ao meu peito, faz tudo o que pode para evitar que a vida que me resta me escorra do peito.

Nem sequer tenho energia suficiente para lhe dizer que é tarde demais.

Fecho os olhos pela última vez.

Mas está tudo bem, porque ela é tudo o que vejo.

Ela é a última coisa que alguma vez verei.

SLOAN

Esta sensação não é nova para mim. Já passei pela experiência da morte de alguém que amava. Uma morte horrenda, de quebrar o coração e esmagar a alma.

Foi um mês antes de fazer 13 anos.

Eu tinha irmãos gémeos, o Stephen e o Drew. Desde o início, fui eu quem basicamente cuidou deles. Ambos os meus irmãos tinham muitos problemas de saúde, mas a minha mãe costumava passar as noites fora, apesar das necessidades deles. Tinha alturas em que conseguia ser a mãe que precisava de ser. Levava-os às consultas médicas para eles terem os medicamentos e dessa forma convencer o Estado de que era uma mãe decente. Mas depois deixava a meu cargo a maior parte dos seus cuidados quotidianos, enquanto ela saía para a farra ou fazia sei lá o quê até às primeiras horas da madrugada.

Na noite em que o Drew morreu, os meus irmãos estavam ao meu cuidado. Não me lembro de todos os pormenores porque tento não pensar muito nessa noite, mas lembro-me de o ouvir cair no quarto. Ele tinha ataques epiléticos frequentemente e eu sabia que provavelmente acabara de ter um, por isso corri até ao quarto dele.

Quando abri a porta, ele estava no chão, todo o seu corpo a estremecer. Tomei de joelhos e segurei-o o mais imóvel que consegui, mas desde que fizera 10 anos tornara-se mais difícil ajudá-lo, porque tanto ele como o Stephen eram maiores do que eu. Fiz o meu melhor,

segurando-lhe a cabeça até passar.

Só depois de o ataque passar completamente é que reparei no sangue. Estava nas minhas mãos e na roupa. Comecei a entrar em pânico quando vi o golpe na sua têmpora. Havia sangue por todo o lado.

Ao cair, batera com a cabeça na dobradiça da porta. Não tínhamos telefone, por isso tive de o deixar sozinho no quarto para correr a casa de um vizinho e ligar para o número de emergência médica.

Quando voltei, ele já não respirava. Não tenho a certeza se respirou alguma vez depois de eu o deixar. Na altura não tinha noção de que ele morrera por causa do golpe na cabeça, mas agora percebo que, provavelmente, tinha morrido ainda antes de eu fazer o telefonema.

Eu mudei depois dessa noite. Até esse momento, ainda mantinha um pouco de esperança pela minha vida. Sabia que nenhuma criança podia ser amaldiçoada com pais tão horríveis e ter uma adolescência e uma vida adulta igualmente horríveis. Até essa altura, pensava que talvez a vida de toda a gente tivesse um equilíbrio entre o bom e o mau e a única diferença era que a sorte e o azar se dispersavam em cada pessoa diferentemente, em diferentes pontos da sua vida. Tinha esperança de que todo o meu azar me tivesse sido distribuído durante a infância e que depois as coisas seriam sempre mais fáceis.

Mas essa noite mudou a minha forma de pensar.

O Drew podia ter caído naquele quarto em qualquer outro sítio. De facto, o médico disse que a localização da ferida foi tão infeliz, que se tivesse caído a uns meros seis centímetros para a esquerda ou para a direita teria ficado bem.

Seis centímetros. Foi tudo o que separou o Drew da vida.

O impacto na têmpora matou-o quase instantaneamente.

Fiquei obcecada com esses seis centímetros durante meses. Muito tempo depois de a minha mãe parar de fingir que chorava a sua morte.

Fiquei obcecada porque sabia que se ele tivesse caído seis centímetros para a esquerda ou para a direita, a sua sobrevivência seria considerada um «milagre».

Mas o que aconteceu ao Drew foi o oposto de um milagre. Foi um acidente trágico.

Um acidente trágico que me fez perder completamente a crença nos milagres. Quando tinha 13 anos, tudo o que fosse catalogado como milagre punha-me verdadeiramente furiosa.

É uma das principais razões para nunca me ter envolvido muito nas redes sociais. A quantidade de «milagres» que via no meu *feed* do Facebook quase me arrancava os olhos da cara. Tantas pessoas «curadas» do cancro graças às orações dos seus amigos do Facebook. «*É benigno! Aleluia! Deus é tão bom para mim!*»

Houve muitas alturas em que tive vontade de enfiar as mãos pelo ecrã do portátil, agarrar aquelas pessoas pelos ombros e gritar: «Ei! Queres saber uma coisa? *Tu não és especial!*»

Muitas pessoas morrem de cancro. Onde está o *seu* milagre? Os seus amigos do Facebook não rezaram o suficiente? Porque é que a sua quimioterapia não funcionou? Por não terem publicado suficientes pedidos públicos de oração nas redes sociais? Porque é que não obtiveram o seu milagre? Deus dá menos valor às suas vidas do que às daqueles que poupa?

Não.

Por vezes, o cancro cura-se... por vezes, não. Por vezes as pessoas batem com a cabeça e morrem; na maior parte das vezes, as pessoas batem com a cabeça e sobrevivem. E sempre que se ouve dizer que alguém contrariou as probabilidades... foi só isso que fez. *Contrariou as probabilidades.*

Porque as pessoas nunca pensam realmente que, para contrariar as probabilidades, é preciso que ocorra uma grande quantidade de mortes, e assim esse caso específico de sobrevivência possa ser considerado «fora da norma».

Talvez a morte do Drew me tivesse endurecido ante a ideia de milagres, mas, na minha mente, as pessoas ou sobrevivem ou não. A jornada desde a primeira respiração até à morte não tem nada que ver com milagres, o quanto rezamos, coincidências ou intervenções divinas.

Por vezes a jornada de uma pessoa da primeira respiração à morte não faz parte de um grande plano. Por vezes, a única coisa que separa a nossa última respiração da morte são uns meros seis centímetros.

Foi por isso que, quando o médico entrou na sala de espera para me informar da situação do Luke, tive de me sentar quando ele disse:

«Se a bala tivesse entrado apenas seis centímetros mais para a esquerda ou para a direita, o Luke teria tido morte imediata. Agora, a única coisa que podemos fazer é rezar por um milagre.»

Não disse ao médico que não acredito em milagres.

O Luke vai sobreviver... *ou não*.

— Devias ir tomar um café — diz o Ryan. — Esticar as pernas.

O Luke saiu do bloco operatório há mais de oito horas. Perdeu muito sangue e teve de receber uma transfusão, e recusei-me a sair do seu lado desde então.

Abano a cabeça.

— Não saio daqui enquanto ele não acordar.

O Ryan suspira, mas sabe que não conseguirá persuadir-me do contrário. Dirige-se à porta.

— Então eu trago-te um café.

Observo-o enquanto ele sai do quarto. Permaneceu no hospital durante o tempo todo em que aqui estive, embora eu saiba que ele devia estar neste momento a fazer coisas relacionadas com o seu trabalho. Prestar declarações acerca do que aconteceu na noite passada. *Recolher* declarações. Lidar com um homicídio, uma detenção, uma tentativa de homicídio.

Não os vi tirarem o Asa do quarto na noite passada porque estava demasiado preocupada com o Luke para me importar com o que lhe acontecia. Mas consegui ouvi-lo. Durante todo o tempo em que estive a pressionar as mãos no peito do Luke até chegarem os paramédicos, o Asa estava atrás de mim a gritar: «Deixa-o *morrer*, Sloan! Ele não te ama! Eu amo-te! *Eu amo-te!*»

Nunca me virei para mostrar que o ouvia. Continuei a tentar ajudar o Luke até tirarem o Asa do quarto. A última coisa que o ouvi dizer foi: «A merda do bolo é *meu*! Deixem-me levar a porcaria do meu *bolo* de coco!»

Não sei o que se vai passar a seguir com o Asa. Tenho a certeza de que haverá um julgamento, mas, francamente, não quero testemunhar. Receio que, caso eu testemunhe, ele tenha uma pena mais leve do que devia. Porque eu teria de ser honesta. Teria de lhes contar todas as coisas que testemunhei no seu comportamento, especificamente as

mudanças drásticas nas últimas semanas. É óbvio para toda a gente que o conhece que ele estava a desenvolver sintomas de esquizofrenia — a mesma doença hereditária que o seu pai tinha. Mas, se for esse o caso, ele será mais provavelmente condenado a ficar num hospital de alta segurança para doentes mentais do que numa prisão.

E apesar de eu querer que ele tenha ajuda para o que quer que se passa com ele, também quero que pague. Quero que pague por cada coisa que já fez e quero que pague para sempre. *Numa prisão.* Onde apodreça junto de homens que provavelmente têm o dobro da maldade que ele alguma vez julgou ter.

Alguns podem chamar-lhe azedume. Eu chamo-lhe karma.

Seguro os braços da cadeira e sussurro para ninguém:

— Estou farta de pensar em ti, Asa Jackson.

E estou. Ele já ocupou demasiado da minha vida e agora quero concentrar-me apenas no futuro. No Stephen. *No Luke.*

Há tubos e cabos e sacos de soro ligados a ele, mas consigo arranjar um espaço na sua cama onde caibo se me ajeitar. Deito-me na cama com ele e ponho-lhe um braço por cima, encosto a cabeça ao seu ombro e fecho os olhos.

Minutos depois, a voz do Ryan arranca-me da sonolência.

— Café.

Abro os olhos e ele está sentado na cadeira ao lado da cama, estendendo-me um café. Deve ser o quinto que bebo desde que o Luke saiu do bloco, mas tenho a certeza de que estou pronta para beber mais um milhão, se for esse o tempo que demora.

O Ryan reclina-se na cadeira e toma um gole do seu café, depois segura-o com as duas mãos e inclina-se para a frente.

— Ele alguma vez te contou como nos conhecemos? — pergunta.

Abano a cabeça.

Posso ver um sorriso nostálgico a começar a brincar nos lábios do Ryan.

— Atribuíram-nos um trabalho juntos há algum tempo. Ele denunciou-se na segunda noite em que estávamos lá — diz o Ryan, abanando a cabeça. — Fiquei muito zangado com ele, mas percebi porque o tinha feito. Não vou entrar em pormenores, mas se ele não se tivesse exposto, um miúdo teria perdido a vida. O Luke não conseguiria viver consigo mesmo se isso tivesse acontecido. Percebi

nesse momento que ele tinha o pior género de coração para este trabalho. Mas, por mais zangado que estivesse com ele, respeitei-o muitíssimo pelo que fez. Preocupou-se mais com a vida de um miúdo que nem sequer conhecia do que com a sua carreira. E isso não é uma falha, Sloan. É um traço de carácter. Acho que lhe chamam compaixão — diz com uma piscadela de olho.

A história do Ryan faz-me sorrir pela primeira vez em séculos.

— É a coisa mais sexy que ele tem — digo baixinho. — A sua compaixão.

Ele encolhe os ombros.

— Não sei... acho que também tem um belo rabo.

Rio-me. Na verdade, não sei. O Luke estava sentado quando tive a única oportunidade de o ver.

Pouso o café na mesa de cabeceira, depois recosto-me e beijo os lábios do Luke. Jurei beijá-lo sempre que pudesse, só para o caso de não ter muito mais oportunidades.

Quando tiro os lábios dos dele e começo a repousar a cabeça na almofada, ouço um som muito baixo que vem da sua garganta. O Ryan salta da cadeira no mesmo momento em que levanto a cabeça.

— Ele acabou de fazer um barulho? — pergunta o Ryan com a voz cheia de incredulidade.

— Acho que sim — murmuro.

O Ryan abana o braço na direção do Luke.

— Beija-o outra vez! Acho que isso o acordou!

E eu beijo-o. Beijo-o levemente nos lábios mais uma vez e agora não há dúvidas do som que o Luke faz. Está decididamente a acordar.

Ficamos ambos a fitá-lo por um momento enquanto as suas pálpebras se abrem e fecham várias vezes.

— Luke? Estás a ouvir-me? — diz o Ryan.

O Luke finalmente força os lábios a abrirem, mas não olha diretamente para o Ryan. Em vez disso, move penosamente os olhos pelo quarto até estar a olhar para mim, enrolada ao seu lado. Fita-me por um momento e depois, com voz débil, diz:

— As fivelas do cinto do caleidoscópio veem os duendes maus quando o nevoeiro os faz cair como se estivesse calor.

Formam-se imediatamente lágrimas nos meus olhos e tenho de conter o choro.

— Oh, céus — diz o Ryan. — Ele está a dizer coisas sem sentido. Isso não é bom. Vou chamar o médico. — Corre para fora da sala antes de eu lhe poder dizer que o Luke está perfeitamente bem.

Levanto a mão para a cara do Luke e toco-lhe os lábios. Sussurro:

— Baguetes deprimidas passeiam pelo recreio comendo tigelas de cereais até as lesmas definharem. — A minha voz estala de alívio, felicidade, gratidão. Os meus lábios encontram os seus e, apesar de saber que não é bom para ele e que provavelmente está com muitas dores, abraço-o onde posso e beijo-o em todos os pontos a que consigo chegar na sua cara e pescoço. Enrolo-me nele, com o cuidado de manter as mãos e os braços afastados das suas feridas. Fico deitada com ele em silêncio enquanto as lágrimas me rolam pelas faces.

— Sloan — diz ele com voz rouca. — Não me lembro do que aconteceu depois de eu ter estragado tudo. Acabaste por me salvar?

Rio-me e soergo-me, apoiada no cotovelo.

— Não propriamente — digo baixinho. — Deste um tiro na arma do Asa que a fez saltar-lhe da mão, depois corri para ti e pus as mãos na ferida do teu peito até chegarem os paramédicos. Acho que foi um salvamento mútuo.

Ele tenta forçar um sorriso.

— Disse-te que não era muito bom no meu trabalho.

Sorrio, numa concordância total.

— Não é demasiado tarde para desistires, sabes. Podias voltar a estudar e tornares-te professor de Espanhol.

Ele estremece com o riso.

— Não é má ideia, Sloan.

Tenta inclinar-se para a frente para me beijar, mas precisa de todas as suas forças. Está apenas a seis centímetros de distância.

Uns meros seis centímetros entre a respiração e a vida.

Quando fecho esse espaço de seis centímetros e o beijo, sei que estou a fechar um capítulo. Um capítulo verdadeiramente negro que há mais de dois anos espero que termine.

E este beijo é apenas o princípio de um livro totalmente novo. Um livro onde talvez os milagres não sejam tão improváveis.

ASA

Sento-me na cama e abro os olhos. Não que estivesse a dormir. Ninguém consegue dormir neste maldito sítio. Fecho os punhos, perguntando-me porque é que só agora é que percebo. Ela não disse «*harder*». Disse «Carter».

— Grande puta!

SLOAN

Bato levemente à porta do seu quarto de hospital, mas ninguém responde. Quando a abro e espreito lá para dentro, o Luke está a dormir. O volume da televisão está baixo, mas audível. Olho para o sofá e vejo o Ryan deitado de lado, com um boné de basebol a tapar-lhe os olhos. Também está a dormir.

Seguro a porta enquanto se fecha, não querendo acordar nenhum deles, mas o Ryan ouve-me e senta-se no sofá. Estica os braços por cima da cabeça, boceja e depois levanta-se.

— Olá — diz. — Vais ficar aqui algum tempo?

Assinto com a cabeça.

— Provavelmente passo aqui a noite — sussurro. — Podes ir descansar.

Ele olha novamente para o Luke e diz:

— O médico passou por aqui. Diz que ele pode ir para casa amanhã, mas precisará de alguém para ficar com ele durante algum tempo. Tem de fazer repouso absoluto. Eu oferecia-me, mas tenho a certeza de que ele prefere que sejas tu.

Pouso a mala no sofá.

— Tudo bem. Posso ficar, se ele achar bem.

— Acho perfeitamente bem — diz o Luke da cama. Olho na sua direção e ele está a sorrir-me preguiçosamente.

O Ryan ri-se e diz:

— Passo por cá de manhã, depois do meu encontro com o Young. O Luke assente com a cabeça e depois aponta para mim.

— Chega aqui.

Vou ter com ele enquanto o Ryan sai da sala. Como de todas as outras vezes que o visito, ele chega-se para o lado e arranja espaço para me deitar com ele.

Ponho a perna por cima da dele e o braço sobre o peito, repousando a cabeça no seu ombro.

— Como está o teu irmão? — pergunta.

— Bem — digo. — Muito bem. Tens de ir comigo em breve, se te apetecer. Ele esteve sempre a olhar para a porta, como se fosses aparecer, por isso sei que estava desapontado por não teres ido comigo.

Sinto um riso leve no peito do Luke.

— Tentei escapulir-me e ir contigo hoje, mas alguém está a ser demasiado protetor.

Abano a cabeça.

— Levaste um tiro no peito, Luke. Quase morreste. Não vou correr nenhum risco. — Levanto a cabeça do seu ombro. — Por falar em correr riscos, o que é que o médico disse exatamente acerca da tua alta amanhã? Repouso na cama? Nenhuma atividade vigorosa?

Ele passa-me uma mão pelo cabelo e sorri-me.

— E se eu te dissesse que ele recomendou muito repouso na cama e atividade vigorosa?

— Chamava-te mentiroso.

Ele faz uma careta.

— Quatro a seis semanas — diz. — O médico diz que o meu coração precisa de ir com calma. Tens noção de como será difícil, contigo a cuidar de mim?

Passo os dedos pelo seu peito, sentindo as ligaduras sob a bata hospitalar.

— Quatro a seis semanas não é nada quando temos o para sempre. Ele ri-se um pouco.

— Para ti, é fácil falar. Os homens pensam em sexo a cada sete segundos.

— Isso é um mito — digo-lhe. — Aprendi em Biologia que na verdade é só trinta e cinco vezes por dia.

O Luke olha-me por alguns segundos em silêncio e depois diz:

— Ainda serão umas mil vezes nas próximas quatro semanas em que terei de me conter.

Abano a cabeça com um sorriso.

— Nesse caso, vou tentar facilitar-te as coisas. Não tomo banho, não escovo o cabelo e não uso maquilhagem durante o próximo mês.

— Isso não vai ajudar — diz ele. — Pode mesmo ser pior.

Baixo a cabeça e encosto os lábios ao seu pescoço.

— Se for demasiado difícil, podemos contratar um enfermeiro que cuide de ti, em vez de ser eu a fazê-lo — brinco.

O Luke aperta o braço em torno de mim e boceja.

— Ninguém vai cuidar de mim, só tu — sussurra.

Percebo pelo som da sua voz que os analgésicos estão a fazer efeito, por isso não lhe respondo. Ficamos ali deitados algum tempo, até ter quase a certeza de ele estar a dormir. Mas então ele fala.

— Sloan? Onde é que estás a viver?

Esperava esta pergunta. Há duas semanas que ele está aqui no hospital e sempre que começa a falar da minha situação digo-lhe que falamos mais tarde.

Tenho a certeza de que, desta vez, não me deixará mudar de assunto.

— Num hotel.

Ele fica imediatamente tenso, empurrando-me o queixo para o encarar.

— Estás a brincar comigo?

Encolho os ombros.

— Está tudo bem, Luke. Hei de arranjar um apartamento em breve.

— Qual hotel?

— Aquele em Stratton.

O queixo dele endurece.

— Vais sair de lá hoje. Não devias estar lá sozinha. Não é um bairro seguro. — Tenta ajeitar-se até ficar sentado, erguendo a cabeça da cama vários centímetros. — Porque é que não me tinhas dito?

Agito a mão para ele.

— Quase morreste, Luke. A última coisa de que precisas neste momento é de te preocupares com a minha situação, mais do que já

preocupaste.

Ele volta a deixar cair a cabeça na almofada, passando as mãos pela cara. Olha-me nos olhos.

— Vais ficar comigo. Seja como for, eu preciso de ajuda. Não faz sentido pagares um hotel.

— Não me vou mudar para tua casa. Vou para lá cuidar de ti o tempo que precisares, mas mal nos conhecemos. É demasiado, e demasiado cedo.

Ele baixa o queixo e fita-me, duro.

— Vais ficar comigo, Sloan. Não te estou a pedir que seja permanente. Mas até eu estar recuperado e tu teres o teu próprio apartamento, não voltas para esse hotel.

Na verdade, é um hotel assustador, mas é o que posso pagar. Depois de o Asa ser preso, peguei no meu dinheiro escondido e em algumas peças de roupa e não voltei a pôr os pés naquela casa.

Assinto com a cabeça.

— Duas semanas, no máximo. Depois arranjarei o meu próprio apartamento.

Ele suspira, aliviado por eu não discutir. Mas, sinceramente, não faço ideia de como poderei pagar um apartamento nas próximas duas semanas. Terei de arranjar um emprego e um carro. Hoje tive de levar o carro do Luke emprestado para visitar o Stephen, e também para ir às aulas, mas não posso continuar a fazê-lo.

Sinto a mão do Luke deslizar-me pelo cabelo e enrolar-se na parte de trás do meu pescoço. Quando os nossos olhos se encontram, há uma suavidade nos dele que não estava lá há alguns segundos.

— Deixa de pensar demasiado — diz ele baixinho. — Já não estás sozinha nisto, está bem?

Solto um suspiro.

— Está bem — murmuro.

É a primeira vez na vida que sinto que os meus fardos não são só meus. Nunca tinha conhecido ninguém que trouxesse mais alívio do que tensão à minha vida. Até conhecer o Luke.

O amor não devia dar a sensação de um peso adicionado. Devia fazer-nos sentir leves como o ar.

O Asa tornou tudo pesado na minha vida.

O Luke faz-me sentir que flutuo.

Acho que é a diferença entre ser amada da maneira certa e da maneira errada. Ou nos sentimos amarrados a uma âncora... ou nos sentimos a voar.

— Precisas de alguma coisa? — pergunto-lhe.

É a primeira vez que estou em casa do Luke e fico chocada por ver que é tão normal. Um bairro a cerca de uma hora de distância de onde eu vivia com o Asa. É ainda mais perto da instituição do meu irmão.

O Luke diz que a casa é arrendada, não é mesmo dele. Nunca sabe quais serão as suas missões, por isso ainda não se quis comprometer com uma hipoteca.

— Estou bem — diz o Luke. — Para de te preocupar. Aviso-te se precisar de alguma coisa, está bem?

Assinto com a cabeça. Olho em redor do seu quarto, sem saber realmente o que fazer comigo mesma. Provavelmente ele quer dormir um pouco, porque acabou de ter alta do hospital. Sinto-me esquisita por esta não ser a minha casa.

— Queres meter-te na cama comigo e ver um filme? — sugere ele, levantando o cobertor.

— Isso parece o céu.

Enfio-me na cama e aninho-me nele, como fazia todos os dias no hospital. Ele liga a televisão e começa a passar os canais. Após um minuto ou dois, diz:

— Obrigado, Sloan.

Ergo o olhar para ele.

— Pelo quê?

Os olhos dele examinam-me lentamente a cara.

— Por tudo — sussurra. — Por cuidares de mim. Por seres tão forte, apesar de tudo o que passaste.

Sei que o médico proibiu atividades vigorosas, mas duvido que ele soubesse que o Luke era capaz de dizer coisas tão atraentes. Encosto os lábios aos dele, porque sabe bem à brava receber agradecimentos. E elogios. Caramba, só o facto de alguém ser bom para mim é tão novo que me derreto sempre que ele abre a boca.

Ele põe a mão por trás da minha cabeça e beija-me com mais força.

Isto não é bom. O Luke tem razão. Quatro semanas disto e espera-se que nos contenhamos? Caraças. Estamos lixados.

Mas neste momento somos poupados por uma forte batida na porta.

— Eu abro — diz ele, afastando os cobertores. Volto a puxar os cobertores por cima dele.

— Não abres nada. Tu descansas. Eu abro a porta.

Ele pega-me na mão quando estou a sair da cama.

— Espreita primeiro pelo óculo — diz. — Se for o Ryan, vai coçar o pescoço para perceberes que é seguro abrir a porta. Se ele não coçar o pescoço, não abras.

Faço uma pausa, perguntando-me qual será a necessidade dos seus códigos silenciosos. Mas não pergunto. Esta coisa dos infiltrados exige algum tempo de habituação. Espero que o Luke estivesse a falar a sério quando disse que ia mudar de profissão.

Quando chego à porta e espreito pelo óculo, o Ryan está a coçar o pescoço. Mas está alguém com ele. Uma rapariga.

— Está uma rapariga com ele — sussurro sonoramente ao voltar para o quarto do Luke.

— Cabelos louros compridos? — pergunta ele.

Confirmo.

— Está tudo bem. É só a Tillie.

A Tillie. Fantástico.

Volto para a sala de estar e insiro o código do alarme, depois abro a porta.

— Olá — diz o Ryan entrando, seguido pela Tillie. Ela sorri-me, mas já me sinto intimidada por ela. É alguns centímetros mais alta do que eu, vestida com calças pretas justas e uma camisa branca por dentro. Tem os dois primeiros botões abertos, revelando um brilhante colar de prata entrançada. Nunca vi a simplicidade parecer tão bem.

— Tillie, esta é a Sloan. Sloan, Tillie.

Ela estende a mão para mim e o seu aperto quase me dói. Não consigo deixar de pensar que ela curtiu com o Luke. Mesmo que fosse apenas profissional, ainda tenho uma sensação estranha no estômago por saber isso acerca deles. Mas não deixo que isso me incomode. Compreendo.

Como se pudesse ler a minha mente, ela diz:

— Desculpa por ter curtido com o Luke em tua casa. Era necessário, mas não voltará a acontecer. Acredita. É quase tão mau como quando tive de beijar este pelas mesmas razões — diz, apontando para o Ryan.

O Ryan revira os olhos.

— Tillie, Tillie, Tillie — diz. — Já foi há quase um ano e ainda não conseguiste parar de pensar na minha língua na tua boca.

Ela assente com a cabeça.

— É difícil ultrapassar os pesadelos.

Rio-me. Gosto dela imediatamente. Fecho a porta atrás de mim e aponto para o quarto.

— Ele está no quarto — digo a ambos.

O Ryan olha na direção do quarto e depois para mim. Há algo na sua expressão que me preocupa, mas ele tenta esconder com um sorriso forçado.

— Importas-te se falarmos sozinhos com o Luke? — pergunta.

Cruzo os braços diante da barriga. Olho para um e para o outro.

— Está relacionado com o Asa?

Vejo a Tillie olhar brevemente na direção do Ryan, os seus olhos revelando que é exatamente acerca do Asa que querem falar com o Luke.

— Eu quero saber — digo-lhes. — Se não me deixarem ouvir o que vão dizer ao Luke, vou escutar à porta.

O Ryan não se ri. Cerra os olhos e assente com a cabeça.

— É justo — diz.

Viram-se ambos na direção do quarto do Luke e eu tenho de respirar fundo para me acalmar.

Isto parece preocupante.

Luke

Vejo a Tillie e o Ryan a dirigirem-se ao meu quarto, mas os meus olhos estão na Sloan. Ela está na sala com os olhos fechados, parecendo prestes a vomitar.

— O que é que lhe disseste? — pergunto ao Ryan.

Exatamente quando faço esta pergunta, ela sopra o ar, endireita-se mais, abre os olhos e entra no quarto.

O Ryan abana a cabeça.

— Nada. Ela insiste em ficar aqui a ouvir o que tenho para te dizer.

A Sloan agora está no quarto, encostada à porta, vendo o Ryan e a Tillie darem a volta à divisão até ao sofá. A última coisa que quero é que a Sloan esteja envolvida. Se as coisas fossem como quero, ela nunca mais na sua vida teria de ouvir o nome do Asa. Mas sei que temos um longo caminho à nossa frente e muitas sessões em tribunal. Possivelmente até depoimentos na tribuna. Por isso, até o Asa ser condenado e preso para sempre, sei que não poderei protegê-la disto. Dou uma palmadinha ao meu lado na cama e incentivo-a a vir sentar-se comigo.

Ela vem. Depois de se instalar ao meu lado e estarmos ambos encostados à cabeceira da cama, olho para o Ryan.

— O que é que não me queres contar?

Ele abana a cabeça e inclina-se para a frente, juntando as mãos

diante do corpo.

— Nem sei por onde começar — diz ele, olhando-me nos olhos. — Hoje encontrei-me com o Young.

— E?

— Não foi bom — diz o Ryan. — Nem sei como dourar a pílula, por isso vou só explicar de uma forma que ambos compreendam.

A mão da Sloan enrola-se na minha e já a sinto a tremer. Aperto-lha, para a confortar. O Ryan tende a dramatizar demasiado as situações; quem me dera que a Sloan soubesse disso, para não estar tão preocupada.

— O Asa está a declarar que deu um tiro ao gajo no quarto em legítima defesa.

A Sloan desdenha.

— Não foi em legítima defesa. Eu estava lá!

O Ryan assente levemente com a cabeça.

— Não em defesa de *si próprio* — diz. — Afirma que estava a defender-te *a ti*. Que te ouviu gritar por ajuda e quando entrou no quarto o tipo estava a atacar-te e tinha uma arma. Afirma que não teve escolha senão travá-lo antes que ele te matasse.

A Sloan está a abanar a cabeça.

— Não foi... — Olha para mim. — Luke, ele não precisava de o matar.

Eu sabia que o Asa ia recorrer a esta treta. Abraço a Sloan e volto a atenção para o Ryan.

— Que significa isso, exatamente? — pergunto. — Quando formos a tribunal, a defesa dele não permanece válida após o depoimento da Sloan?

O Ryan sopra uma respiração rápida.

— É o que esperamos — diz ele. — Se for a tribunal.

— *Se?* — diz a Sloan, exprimindo exatamente o meu pensamento.

Desta vez é a Tillie que fala.

— A questão é que... É um claro caso de legítima defesa. O tipo empunhava uma arma ilegal. A Sloan estava a gritar por ajuda. Ele estava a atacá-la. Mesmo com o testemunho dela, a defesa do Asa irá prevalecer. E a arma que ele usou era legal, registada em seu nome. Ao contrário da vítima. Além disso, o Asa afirma não saber quem eram os homens que invadiram a sua casa. E a polícia não localizou

nenhum dos homens que fugiram. Só a vítima que, até agora, não tem ligações ao Asa que possam ser provadas.

Passo as mãos pela cara. Ouço a respiração da Sloan acelerar quando ela começa a compreender o que o Ryan e a Tillie nos dizem.

— Então e nós os três? — pergunto ao Ryan. — É a nossa palavra contra a dele. Sabemos que ele orquestrou tudo. Ele próprio o admitiu.

O Ryan assente com a cabeça.

— Admitiu-o perante ti, Luke. Eu nunca o ouvi dizer isso, pelo que não posso testemunhar contra ele. Não estava na sala convosco. E... — O Ryan faz uma pausa.

A Tillie inclina-se para a frente e diz:

— Ele afirma que vocês os dois lhe montaram uma cilada.

Sento-me mais direito.

— Estão a brincar comigo? Que júri é que vai acreditar nessa treta?

Isto é ridículo. Eles estão aqui a dizer coisas ridículas e a perturbar a Sloan. Não devia ter deixado o Ryan falar-me disto em frente dela.

— Eu sei que parece uma loucura — diz o Ryan. — Todos sabemos o quanto ele é culpado. Mas para um júri... Como é que achas que vai parecer que a noiva do Asa andasse a dormir com o polícia infiltrado que pretendia apanhá-lo, sabendo de tudo? Como achas que vai parecer a um júri que seja a palavra da noiva do Asa e do polícia infiltrado contra a dele?

As mãos da Sloan deslizam das minhas e ela tapa a cara. O meu peito começa a doer com isto tudo.

— Sabias que eu andava atrás dela, Ryan. Se eu soubesse que isto ia pôr o nosso caso em risco... — Ia dizer que não o teria feito, mas calei a boca. Porque o *teria feito*. E *fiz*. Andei atrás dela, independentemente das consequências, e isso põe-nos agora numa situação muito tramada.

— Dependendo do juiz — diz a Tillie —, o caso pode ser encerrado ainda antes de ir a tribunal. A maior parte dos casos de legítima defesa são considerados homicídio justificado, se houver uma testemunha que corrobore o testemunho do arguido.

— Mas não há ninguém que possa corroborar o testemunho dele — digo.

Tanto o Ryan como a Tillie olham para a Sloan. O Ryan aponta para ela com a cabeça.

— A história da Sloan irá muito provavelmente corroborar a legítima defesa.

— Como? — pergunta a Sloan, atónita.

O Ryan levanta-se e contorna a cama, encostando-se à parede mais próxima da Sloan.

— A vítima estava a atacar-te? — pergunta.

A Sloan assente com a cabeça.

— A vítima empunhava uma arma?

A Sloan volta a assentir.

— Estava a fazer-se passar por um agente da polícia?

Novo assentimento.

— Gritaste por ajuda?

Desta vez ela não assente. Uma lágrima escorre-lhe pela face.

— Duas vezes — diz baixinho.

— E como é que te sentiste quando o Asa entrou no quarto? — pergunta o Ryan. — Um júri vai fazer-te estas perguntas sob juramento.

Um soluço irrompe-lhe do peito.

— Aliviada — murmura através das lágrimas. — Aterrorizada. E aliviada.

O Ryan assente com a cabeça.

— Isso é suficiente para sustentar as afirmações dele, Sloan. Ele salvou-te de um atacante. Isso dificilmente será homicídio aos olhos de um júri, por muito mau que saibamos que ele é. Não é todo o seu carácter que vai estar em julgamento. É apenas esta ação.

— Mas... — A Sloan limpa as lágrimas dos olhos. — Ele não precisava de o matar. Podia tê-lo travado sem o matar.

O Ryan faz um gesto de concordância.

— Eu sei que podia. Todos sabemos. Mas o júri não conhece o Asa como nós conhecemos. E eles vão pôr-te numa tribuna e dar cabo de ti, Sloan. Vão fazer o Asa parecer a vítima, porque tu és a noiva dele. No entanto, tinhas deliberadamente um caso com o polícia infiltrado que estava a desenvolver um caso contra ele. Isto vai conquistar simpatias para o Asa e o teu testemunho contra ele perderá toda a credibilidade aos olhos do júri.

A Sloan levanta-se, limpando novamente as lágrimas.

— E o vosso caso contra o Asa? Não sustentará as minhas declarações? Não tem nenhuma influência na potencial condenação por homicídio?

Os olhos do Ryan encontram os meus. Solta uma exalação e volta para o sofá.

— Essa é outra razão por que estamos aqui — diz. — O Young não quer avançar com nenhuma queixa relativa à nossa investigação. Nenhum dos nossos relatórios está completo porque a investigação ainda decorria. O Young tem medo de que, apresentando acusações e o caso indo a tribunal, o departamento seja desfeito pela imprensa. Não dá boa reputação um dos nossos polícias estar envolvido com a noiva do nosso suspeito principal. O facto de nos termos identificado junto de polícias falsos. Temem que as hipóteses de o Asa ser realmente acusado de alguma coisa sejam muito menores do que as de nós arruinarmos a reputação do departamento. O Young quer que o caso seja fechado sem acusações. Diz que não vale a pena correr o risco.

— Oh, meu Deus — diz a Sloan, sentando-se na cama. Apoia os cotovelos nos joelhos e segura a cabeça com as mãos. — É tudo culpa minha — murmura.

Estendo o braço e puxo a mão dela para a minha.

— Sloan, a culpa não é tua. É minha. Eu é que estava em serviço. — Ergo o olhar para o Ryan. — E o facto de ele ter tentado matar-me? Atingiu-me no peito e isso não foi legítima defesa. Vai ser acusado disso, não vai?

Posso ver a garganta do Ryan tremer quando ele engole em seco.

— Deves estar a brincar comigo — sussurro, tombando a cabeça na cabeceira da cama.

— Ele diz que isso também foi legítima defesa — diz o Ryan. — Ambos dispararam um contra o outro. A Sloan era a única testemunha na sala. Eu só posso testemunhar o que ouvi do outro lado da porta.

— Ele quase me matou, Ryan!

O Ryan e a Tillie entreolham-se. A Tillie pigarreia e depois diz:

— A questão, Luke, é que... com a tempestade de merda desse dia todo, se o Ministério Público o acusar de alguma coisa, o mais provável é que te acuse a ti também. E irão ambos a julgamento.

— Eu serei acusado? E de que raio de merda me acusarão?

— Depende do juiz. Atentado à integridade física... tentativa de homicídio. E o departamento não levando o caso a tribunal... vai parecer que tu e o Asa tiveram um confronto de igual para igual num quarto. O resultado de um triângulo amoroso que correu mal.

Ouçõ a Sloan a chorar.

Nem sequer consigo fazer mais perguntas; a minha mente neste momento dispara em todas as direções.

— Então, estás a dizer-me que não só este cabrão doentio tem uma hipótese de escapar a tudo o que fez... como eu posso enfrentar uma condenação?

O Ryan confirma lentamente com a cabeça.

— A não ser... que consigamos elaborar uma espécie de acordo. Os advogados dele estão a pressionar para isso. Querem que desistamos da acusação em troca de informações sobre o Jon, o Kevin e alguns outros que faziam parte da investigação. Como já disse, Luke, tudo depende do juiz. E do procurador, claro. É uma coisa boa, porque ele gosta de ti. Não o vejo pressionar nada quando se trata de acusações contra ti, mas se pressionarmos para acusar o Asa, os advogados dele vão ripostar. Por isso, precisas de pensar muito bem.

Nem acredito no que estou a ouvir.

— E tudo o resto que ele fez? — pergunta a Sloan. — Todas as vezes que me forçou a ter sexo? Não posso acusá-lo disso?

A Tillie assente com a cabeça.

— Ele violou-te?

A Sloan olha para mim e novamente para a Tillie. Encolhe os ombros.

— Nem sequer sei — diz baixinho. — Houve várias vezes em que tinha tanto medo de que ele me fizesse mal... que o deixei.

A Tillie levanta-se e dá a volta à cama, para junto da Sloan.

— Alguma vez lhe disseste não? Alguma vez lhe pediste que parasse e ele recusou?

A Sloan detém-se a refletir e depois abana a cabeça.

— Estava demasiado assustada para lhe dizer que não.

A Tillie inclina a cabeça com compaixão e aperta a mão da Sloan.

— Terás de testemunhar em tribunal — diz. — De certeza que ele afirmará que não sabia que não querias ter sexo com ele. Duvido que

o Asa alguma vez admita ter feito seja o que for de errado, mas se quiseses ir por esse caminho, nós apoiamos-te.

— Agradeço, mas... todos sabemos que, sem provas, será uma perda de tempo. — Tomba a cabeça nas mãos. Depois, simplesmente inclina-se para mim e descai sobre o meu peito. Abraço-a e beijo-lhe a cabeça, sentindo o quanto está derrotada.

— Lamento — diz a Tillie. — Há várias coisas que deviam ter sido tratadas de outra maneira para prepararmos um caso sólido contra ele. Várias coisas que agora nos impedem de processar o Asa como gostaríamos.

— Queres dizer várias coisas em que fiz asneira — intervenho.

O Ryan levanta-se.

— Não sejas tão duro contigo mesmo, Luke. Eu incentivei várias dessas asneiras. Por vezes, os casos são simples. Por vezes, temos tudo o que precisamos antes do fim de uma investigação. Infelizmente, este não é um desses casos. Foi uma trapalhada do princípio ao fim, e neste ponto não há muito que possamos fazer.

— E a busca à casa dele?

— Não encontraram lá nada depois de o Jon e o Kevin terem limpadado tudo o que nos permitiria fazer acusações. Só encontraram algum dinheiro não justificado e uma pilha de receitas de comprimidos. Não é suficiente para ir atrás dele, principalmente com a forma como o Asa e os seus advogados ripostarão contra nós. Por vezes, a batalha não vale a pena.

Sinto a Sloan tensa de encontro a mim. Soergue-se e fita intensamente o Ryan.

— A batalha não vale a pena? — diz ela. — Ele assassinou uma pessoa! E teria assassinado o Luke, se não fossem uns meros seis centímetros! Agora dizes que provavelmente vai escapar impune? Que poderá encontrar-me? Encontrar o Luke? Porque ele não vai desistir, Ryan! Não desistirá até o Luke estar morto, e tu *sabes* disso!

— Sloan — digo, puxando-a de volta para mim. — Ainda não sabemos se não será condenado por alguma coisa.

Ela chora de encontro ao meu peito e eu abraço-a enquanto o Ryan a fita, os remorsos e a compaixão evidentes na sua expressão.

— Lamento, Sloan — diz. — Lamento mesmo. — Olha para mim e os seus olhos dizem-me a mesma coisa. Assinto com a cabeça, para

que ele saiba que compreendo. A culpa não é do Ryan. A culpa não é de ninguém, a não ser minha.

O Ryan e a Tillie dirigem-se à porta. Puxo a Sloan para mim e abraço-a, tentando acalmar os seus receios. Mas todo o seu corpo é abalado por tremuras. Até este momento, não tinha percebido o quanto o Asa a aterrorizava.

— Vai correr tudo bem, Sloan. Desta vez não estás sozinha. Estou aqui e não deixarei que ele te magoe. Juro.

Abraço-a até ela adormecer de pura exaustão nos meus braços.

ASA

— Tem alguma questão? — pergunta o meu advogado.

O nome dele é Paul. Como o meu pai. Quase o recusei quando descobri, mas tem a melhor reputação do estado. Não vou usar contra ele o facto de partilhar o nome com a segunda pessoa que mais odeio no mundo.

A primeira é o Luke.

— Não — digo. — Vamos a tribunal. Eu alego legítima defesa e o juiz decide se vamos ou não a julgamento.

O Paul assente com a cabeça.

— Certo.

Levanto-me, as algemas enterrando-se nos meus pulsos. Detesto que a Sloan me vá ver com elas. É pouco viril e detesto que ela me veja a uma luz diferente da que sempre viu. Pelo menos hoje deixam-me usar um fato e não tenho de me apresentar com aquele ridículo macacão cor de laranja fornecido pelo Estado. O laranja não é a minha cor, e sei que este é o fato favorito da Sloan.

— Vamos a isto — digo ao Paul. — Vai ser canja.

O Paul assente rapidamente com a cabeça e põe-se de pé. Percebo que não lhe agrada a minha confiança. Não lhe agrada desde o momento em que nos conhecemos. Também não tenho a certeza de que goste de *mim*, mas estou-me nas tintas para isso. Desde que me liberte destas acusações, será a minha pessoa favorita no mundo.

Bem... a *segunda* favorita. Até agora, a Sloan ainda se mantém no primeiro lugar.

Claro que ela fez um monte de merdas para me irritar, mas sei que foi tudo por causa do Luke e das mentiras que ele lhe contou. Tenho a certeza de que agora ela já passou tempo suficiente com ele e tempo suficiente longe de mim para ter recuperado o juízo.

Sigo o Paul para fora da sala, rapidamente flanqueado por quatro guardas. Dois à frente e dois atrás de mim. Um quinto guarda abre a porta do tribunal, e assim que atravessamos a porta procuro-a na multidão.

Vejo-o primeiro a ele. O maldito canalha arrogante ao lado do amiguinho Dalton. Ou Ryan, ou lá como se chama.

A Sloan, contudo, não está sentada ao lado dele. Está sentada sozinha no canto mais afastado, na última fila da sala. Sorrio-lhe, mas ela afasta os olhos assim que me vê.

Há apenas duas razões para ela não estar sentada junto do Luke. Ou neste momento já percebeu as suas tretas e não quer nada que ver com ele, ou foram aconselhados a não se sentarem juntos na sala de audiências, devido à sua pequena indiscrição por trás das minhas costas.

Prefiro a primeira.

Sento-me, mas mantenho os olhos na Sloan. Isso significa que fico de lado na cadeira, sem olhar para o lugar do juiz. Mas não faz mal. Não vou tirar os olhos dela enquanto ela não voltar a fazer contacto visual comigo.

— Levantem-se todos para a entrada do Meritíssimo Juiz Isaac — diz um guarda.

Levanto-me, mas não deixo de olhar para a Sloan. Ouço portas a abrir e ouço passos, mas não olharei para o raio do homem enquanto ela não voltar a estabelecer contacto visual comigo. Tem um vestido novo. Preto. Parece que vai à merda de um funeral. Tem o cabelo apanhado atrás num rolo. Tem um ar sofisticado. Sexy como o raio. O meu pénis remexe-se nas calças e eu gostava de pedir um intervalo para ir à casa de banho, levá-la para um corredor, enrolar-lhe o vestido na cintura e enfiar a cara no meio das suas pernas.

— Podem sentar-se.

Sento-me.

Caraças, está um calor dos diabos aqui.

Ouçõ o juiz começar a falar ao mesmo tempo que o Paul desliza um papel na minha direção. Baixo os olhos tempo suficiente para o ler.

«Tem de se sentar de frente, em sinal de respeito para com o juiz.»

Rio-me baixinho e pego na caneta.

«Que se foda o juiz e que se foda você, Paul», escrevo. Deslizo a nota para ele e volto a olhar para a Sloan.

Agora ela está a olhar para mim. Tem os olhos trancados nos meus e os lábios muito cerrados, como se estivesse nervosa. Gosto disso. Na verdade, adoro. Está a sentir algo ao olhar para mim e percebo que neste momento não pensa no Luke.

— Amo-te — digo, mexendo apenas os lábios.

Os olhos da Sloan baixam para a minha boca e sorrio-lhe. Depois aquele cabrão estúpido — *aquele maldito cabrão estúpido cara de cu* — levanta-se e vai até ao fundo da sala, exatamente onde ela está sentada. Percorre o corredor e planta-se mesmo ao lado dela. Abraça a minha noiva e ela fecha os olhos e enterra a cara no ombro dele, como se estivesse aliviada por ele se ter ido sentar ao seu lado. Os meus olhos encontram os dele — o *maldito cabrão estúpido cara de cu* — e ele inclina-se para a frente, para não me deixar vê-la. Fita-me duramente, como se estivesse a mandar-me virar para outro lado.

Tenho vontade de o matar. Por alguns momentos, tento pensar em maneiras de o fazer.

Pegar na arma do guarda e disparar contra ele.

Correr para o fundo da sala e partir-lhe o pescoço.

Pegar na caneta com que acabei de escrever a nota para o Paul e espetar-lha na carótida.

Mas não o faço. Contenho-me, porque tenho a certeza de que este caso vai correr a meu favor e vou sair sob fiança até à próxima audiência.

O homicídio dele pode esperar.

Terá de ser planeado com mais precisão e, de preferência, sem os olhos de um juiz sobre mim.

Decido virar-me. Não por o Luke me ameaçar com aquela expressão merdosa, mas porque preciso de convencer este juiz de que está a fazer a coisa certa quando decidir que este foi um caso de

legítima defesa.

Tento acompanhar enquanto ambos os advogados se levantam e falam. Tento acompanhar quando o juiz responde a cada um deles. Sorrio quando o juiz olha para mim. Mas, por dentro, o meu sangue ferve. Saber que o Luke se encontra lá atrás, sentado ao lado dela, a abraçá-la! Isso significa que ela provavelmente tem passado as noites com ele, enquanto eu sou forçado a foder a minha própria mão, sozinho na minha cela. Também significa que ele, provavelmente, esteve dentro dela. Os dedos, a pila, a merda da língua. Saboreando e tomando aquilo que é meu. O que devia ser só meu.

A minha pulsação está disparada no momento em que o juiz bate com o martelo.

— Esta sessão está concluída.

Inspiro lentamente pelo nariz. Expiro quando olho para o Paul.

— Que raio acabou de acontecer?

Ele faz uma careta para me indicar que devo falar baixo. Os meus olhos voam para o fundo da sala quando ouço o choro da Sloan. O Luke está a ajudá-la a levantar-se, mas ela tem os braços em redor dele e está a chorar. A soluçar.

Está perturbada. Não podem ser boas notícias para mim. Ela está perturbada por minha causa.

— Isto vai a tribunal? — pergunto ao Paul. — Disse que não ia a tribunal!

O Paul abana a sua cabecinha escanzelada.

— O juiz decidiu não levar a tribunal — diz o Paul. — O que significa que as suas alegações de legítima defesa foram aceites. Tem de voltar para a cela, mas só até eu conseguir que seja aplicada uma fiança em relação às outras acusações. Pode demorar quatro ou cinco horas, mas vou buscá-lo assim que a fiança for determinada.

Olho para a Sloan, vendo o Luke ajudá-la a sair da sala. *Então, porque é que ela está a chorar? Se as acusações contra mim foram retiradas, porque é que ela chora?*

— Quanto tempo acha que alguém demora a recuperar de uma lavagem cerebral completa?

O Paul olha para mim.

— Está a falar de quê, Asa?

— Tipo, de quanto tempo de terapia é que uma pessoa precisa

para recuperar de uma lavagem cerebral? Umas semanas? Meses? Mais de um ano?

O Paul fita-me por um momento e depois abana a cabeça.

— Vemo-nos daqui a umas horas, Asa.

Ele levanta-se, por isso eu levanto-me. Os mesmos quatro guardas escoltam-me para fora da sala de audiências.

Provavelmente devia estar extasiado por este caso ter sido rejeitado. O próximo deve ser ainda mais fácil, porque o Paul diz que o departamento do Luke não vai apresentar queixa. Por essa razão, desde que eu aceite um acordo judicial, me submeta a algum tratamento psiquiátrico e dê as informações que eles pretendem acerca do Jon e do Kevin, muito provavelmente não serei condenado por ter atingido o Luke no peito.

Isso diz muito acerca do nosso sistema judicial. Tento matar um tipo a sangue-frio e saio em liberdade porque me chibo e alego uma doença mental?

Adoro os Estados Unidos, caralho!

Porém, quase sinto que todos os meus esforços foram desperdiçados. Desde que comecei a suspeitar de que alguém andava a manipular a Sloan, comecei a congeminar este plano, e nem sequer me vão dar crédito por ele. Tive de negar qualquer relação com a rusga falsa, o que foi mesmo difícil para o meu ego. Estou muito orgulhoso por isso e quero alardear ao mundo que concretizei tudo sem falhas.

Para nem falar da merda da esquizofrenia. *Tomar banho vestido, verificar a fechadura da porta algumas vezes e as pessoas pensarem que eu estava a perder o juízo.* Contudo, tive de fingir que a tinha herdado. Eu conheço-me e sabia que, se descobrisse que as minhas suspeitas eram fundadas e a Sloan andava a foder com outro tipo, o mais provável era perder a cabeça e matar o tipo. Não posso propriamente correr o risco de matar alguém e ser julgado como um adulto mentalmente competente. Tinha de ter um plano de apoio para não apodrecer na merda da prisão, como o meu pai fez a maior parte da vida. Então, o meu plano de apoio foi fingir-me de insano. Procurei no Google alguns sintomas no *DSM* e convenci toda a gente à minha volta de que estava a enlouquecer.

Talvez não tenha sido tempo perdido. Pelo menos posso recorrer à «esquizofrenia» se voltar a precisar. E provavelmente precisarei,

porque o Luke ainda respira.

Quando volto à minha cela, tombo na cama assim que as grades se fecham atrás de mim. Não consigo deixar de sorrir.

Está tudo a desenrolar-se maravilhosamente. A Sloan precisará de algum tempo para recuperar o juízo, mas sei que o fará. Sobretudo quando o Luke estiver fora de cena para sempre. Tenho de arranjar uma forma de ultrapassar o facto de o Luke ter estado dentro dela. Mas não posso desfazer isso. Só tenho de a foder uma grande quantidade de vezes em cada posição até deixar de pensar nele quando olho para ela.

— Porque é que estás tão feliz? — pergunta uma voz.

Viro a cabeça e olho para o meu companheiro de cela. Não me lembro do nome dele. Fez-me um milhão de perguntas desde que me atiraram para esta cela com ele, mas esta é a primeira vez que realmente lhe respondo.

— Estou prestes a ser um homem livre — digo, olhando para o teto com um grande sorriso na cara. — O que significa que finalmente poderei casar com a minha noiva. Num casamento a sério. Com um bolo de coco com três andares.

Não consigo deixar de rir, só de pensar nisso.

Vou buscar-te, Sloan. Quer penses que me queres, quer não.

Prometeste amar-me.

Para sempre.

E vais fazê-lo.

SLOAN

Levo a chávena de café à boca. As minhas mãos tremem tanto que fazem pequenas ondas negras de café embater nos lados da chávena.

Olho para o relógio na parede do outro lado. *Três da manhã.*

Há dois dias que o caso do Asa foi rejeitado. Ele saiu sob fiança nessa tarde. Eu e o Luke fomos mandados para este apartamento na cidade, para nossa proteção até à próxima audiência.

O apartamento é agradável, mas tenho tanto medo de sair ou mesmo de ir até à janela, que mais parece uma prisão. O Luke assegurou-me várias vezes que não há hipótese de o Asa nos encontrar aqui. Mas o que o Luke não compreende é que mesmo que o Asa fique trancado numa prisão o resto da vida, continuarei a olhar constantemente por cima do ombro. Se não for o próprio Asa a fazer-me mal, ou ao Luke, não me admirava se contratasse alguém para o fazer.

Viro a cabeça quando ouço a porta do quarto a abrir. O Luke sai, esfregando o sono dos olhos. Usa calças de corrida pretas, presas nas ancas, e está em tronco nu. As ligaduras sobre a ferida cobrem-lhe parte do peito. Está descalço, arrastando os pés pelo soalho até junto de mim.

Chega à parte de trás do sofá e eu recosto a cabeça e olho para ele. Ele inclina-se para a frente e beija-me a testa.

— Estás bem?

Encolho os ombros.

— Não consigo dormir. Mais uma vez.

Os seus olhos são compreensivos e ele levanta uma mão para me afastar o cabelo da testa.

— Sloan — diz baixinho —, aqui não tens de te preocupar. Ele não nos pode encontrar. Estamos seguros até à sua próxima audiência. Juro.

Assinto com a cabeça, embora as suas palavras me sirvam de pouco conforto. Nunca confiarei no Asa, por mais segura que deva sentir-me.

Ele dá a volta ao sofá e senta-se, puxando-me para cima de si até eu ficar com uma perna de cada lado dele. Enrola as mãos ao fundo das minhas costas e diz:

— Que posso fazer para te ajudar a dormir?

Sorrio. Gosto dos seus métodos de distração.

— Só passaram duas semanas desde que tiveste alta. Faltam mais duas.

As suas mãos seguram-me o rabo por baixo da t-shirt dele, demasiado grande para mim, que estou a usar. Ele desliza os dedos pela bainha das minhas cuecas, causando-me arrepios e tirando-me o Asa da cabeça por alguns segundos.

— Não estava a pensar em ter sexo contigo. Estava mais a pensar no que posso fazer *por* ti.

Uma das suas mãos desliza-me para a barriga e depois sobe-me para os seios. O seu polegar afaga-me o mamilo ao mesmo tempo que a língua me desliza pelos lábios. Beija-me profundamente e depois afasta-se, exatamente quando começo a ficar tonta.

— Vou ter cuidado — diz ele. — As minhas mãos e a boca farão todo o trabalho, mas vou ter cuidado para o resto de mim ir com calma, está bem?

Sei que devia incentivar a sua recuperação, mas sempre que ele me toca, acalma-me. Fico menos nervosa.

Preciso disso agora.

— Está bem — sussurro.

Ele sorri e tira-me a t-shirt. Depois empurra-me até as minhas costas ficarem reclinadas no sofá e põe-se por cima de mim. Os seus lábios percorrem-me a boca, o pescoço, os seios. A sua respiração

aquece cada parte de mim enquanto a sua mão percorre o caminho para o interior das minhas cuecas. Abro os olhos, exatamente quando os seus dedos me penetram. Gemo, com dificuldade em manter os olhos abertos, mas ele gosta do contacto visual.

Eu também gosto. É novo para mim.

No passado, com o Asa, mantinha sempre os olhos bem fechados porque nunca queria olhar para ele.

Com o Luke, tenho medo de perder alguma coisa. Não quero perder a forma como ele olha para mim, a forma como reage aos meus sons. *Adoro* o contacto visual.

Apenas temos de manter o contacto visual por dois minutos, porque é quanto basta para me fazer ultrapassar o limite. Assim que começo a tremer debaixo dele, ele reclama-me a boca com a sua, engolindo o seu nome, que me flui dos lábios. Beija-me até passar, depois baixa-se até ficar encostado a mim. Sinto o vulto através das calças de treino, o que me cria novo desejo.

— Acho que estou melhor — diz ele, movendo as ancas de encontro a mim.

A sua voz é rouca — cheia de desejo — e teria sido tão fácil apenas puxar-lhe para baixo as calças de treino e deixá-lo preencher-me. Mas sentir-me-ia péssima se algo mau lhe acontecesse por sermos demasiado impacientes para aguardar o tempo recomendado. O coração dele talvez ainda não esteja forte o suficiente para isto.

— Que tal chegarmos a um compromisso? Mais uma semana e depois levamos as coisas com muita calma?

O Luke geme de encontro ao meu pescoço, mas recua.

— Mais uma semana — concorda. Depois, senta-se ao meu lado, encostando-me a ele. Estou de frente para ele, com as mãos no seu peito. Percorro com os dedos a pele em redor da ligadura.

— Pergunto-me como será a tua cicatriz — sussurro.

Ele põe as mãos no meu cabelo e entrelaça os dedos nele, desce pelas minhas costas e depois pelo braço.

— Não sei. Só espero que a beijes muito.

Rio-me.

— Não te preocupes. Quando estivermos à vontade, vais ter muita dificuldade em manter a minha boca longe de ti. Gosto demasiado do teu corpo. Sou assim, frívola. Provavelmente, ainda mais frívola do

que tu — brinco.

Ele abana a cabeça com um sorriso.

— Não. A primeira coisa que me atraiu em ti foi o teu rabo.

— Pensei que tinha sido a baba no meu queixo, quando me acordaste na aula nesse primeiro dia.

Ele assente com a cabeça.

— Sim, tens razão. Foi sem dúvida a baba.

Rio-me. Adoro que ele seja capaz de me fazer rir num momento como este. Os nossos lábios encontram-se e beijamo-nos por uns bons cinco minutos. Até ele começar a encostar-se a mim outra vez. Sinto-me péssima por ele estar a ser tão torturado, mas nem pensar que o deixarei contrariar as ordens do médico. Preciso que ele esteja o mais saudável possível, o mais *depressa* possível. Afasto-o e tento mudar de assunto para algo que o ajude a recuperar. Decido falar da sua família. Finalmente, no hospital, ele abriu-se comigo acerca deles. Gosto quando fala da família, porque só diz coisas positivas. Não consigo deixar de fantasiar sobre como será isso — ter uma mãe que nos apoie.

— Achas que vais ver a tua mãe em breve? — pergunto-lhe. Detesto que estejamos escondidos, porque isso significa que ele não a pode ver até depois da próxima audiência, quando, esperemos, o Asa ficar atrás das grades. Claro que existe a possibilidade de ele sair novamente em liberdade. Mas não falamos dessa possibilidade.

— Iremos vê-la quando isto estiver acabado. Ela vai achar que és perfeita para mim.

Sorrio, perguntando-me como será finalmente conhecê-la. Começo a pensar na minha própria família — no Stephen — e o meu sorriso desvanece-se.

O Luke repara, porque passa as costas dos dedos pela minha face.

— Que se passa?

Tento eliminar a sua preocupação.

— Estava só a pensar no Stephen. Espero que ele se mantenha seguro durante isto tudo. Detesto não poder visitá-lo.

A mão do Luke encontra a minha e ele entrelaça os dedos nos meus.

— Ele está seguro, Sloan. Tem segurança vinte e quatro horas por dia. Não tens de te preocupar com ele, certifiquei-me disso.

Detesto que o Asa nos tenha posto nesta situação. Uma situação em que nem posso ver o meu irmão. Em que o Luke nem pode ver a mãe. Não podemos sair deste apartamento. E precisamos de ter segurança para todos os que amamos.

Isto não está certo.

Odeio o Asa Jackson. Odeio tê-lo conhecido.

— Quero que ele pague por tudo o que já fez, Luke. — Não consigo olhá-lo nos olhos quando estou tão cheia de ódio. — Quero que ele sofra da pior maneira possível. E isso faz-me sentir uma pessoa horrível.

Os lábios dele encontram a minha testa, suaves e gentis.

— Ele merece passar o resto da vida na prisão, Sloan. Não devias sentir-te culpada por o desejares.

— Não, não é esse género de vingança. A prisão não o afetará como afetaria a maior parte das pessoas. Quero que ele *sofra* realmente. Que saiba que não correspondo, de todo, aos seus sentimentos psicóticos e obsessivos. Quero que veja o quanto te amo, para que sofra tanto quanto fez todas as pessoas na sua vida sofrerem. Quero que seja obrigado a perceber que te amo e te escolho, em vez dele. Isto vai magoá-lo no mais íntimo de si.

A ponderação lampeja nos olhos do Luke quando me fita.

— Se isso faz de ti uma má pessoa, somos ambos maldosos. Porque eu daria tudo para que ele tivesse de sofrer assim.

As suas palavras fazem-me sorrir, apesar de ainda me sentir mal por desejar vingança. Acho que quando somos pressionados a ir demasiado longe, a vingança é tudo o que nos permite continuar a avançar. Não é saudável. Eu sei disso e tenho a certeza de que o Luke também sabe. Mas perceber a diferença entre o certo e o errado não muda a forma como me sinto. Só me faz sentir mais culpada.

Aninho-me nele, mas assim que o faço ambos ficamos tensos. Endireito-me ao ouvir o som que vem da porta da rua.

Estão a bater.

Batidas sonoras no centro da porta do apartamento. Sinto um terror imediato.

O Luke está de pé. Nem sei quando é que ele saltou do sofá. Atira-me a minha t-shirt. Atravessa a sala e tira a sua arma da bancada.

Mais batidas na porta.

Indica-me com um gesto que me levante e vá para o lado dele. Obedeço.

— Quem sabe que estamos aqui? — pergunto.

— Só o Ryan — diz ele, aproximando-se da porta da frente. Sigo-o. Ele inclina-se e espreita pelo óculo. Recua e encosta-se à parede ao lado da porta.

— É o Ryan.

— Graças a Deus — murmuro.

O Luke não se mexe. Continua a empunhar a arma e tem os olhos fixos nos meus.

— Qual é o problema?

O Luke faz uma inspiração rápida e solta o ar.

— Ele não está a coçar o pescoço.

Luke

O rosto da Sloan desanima por completo. Ela conhece o código não-verbal entre mim e o Ryan para quando está tudo em segurança. E percebe que agora nada está em segurança.

Espreito outra vez pelo óculo, esperando que apenas não tivesse visto o sinal. Mas ele continua a não coçar o pescoço. E são quatro da manhã. Porque viria aqui?

— Abre a porta, Luke — diz o Ryan. — Sei que estás aí.

O Ryan está a olhar diretamente para o óculo, mas conheço-o o suficiente para saber que espera que eu não abra a porta.

Se o Asa estiver por trás disto, porque é que o Ryan o conduziu aqui?

Olho novamente pelo óculo e vejo o Ryan a olhar para a esquerda, como se estivesse a ouvir as ordens de alguém. Inspira e olha novamente para a frente.

— Ele apanhou a Tillie. Se não abrires a porta, vai deixar que a matem. É o único que sabe onde ela está.

— Foda-se — murmuro, batendo com a cabeça na parede. — Foda-se.

Nem acredito que o Ryan pôs a Sloan nesta situação. Não acredito que o trouxe aqui. Tem de haver algo mais. O Ryan poria a sua vida em risco antes de pôr a de outra pessoa. Olho para a Sloan e as lágrimas rolam-lhe pelas faces. Os seus olhos estão enormes de medo.

Espreito novamente para fora, exatamente quando o Asa entra no meu campo de visão, apontando uma arma à cabeça do Ryan.

— Não te esqueças de lhe dizer quem mais apanhei — diz o Asa, suficientemente alto para eu o ouvir através da porta.

O Ryan fecha os olhos com mágoa.

— Luke — diz ele. — Ele tem alguém estacionado à porta da minha irmã mais nova. Desculpa, Luke. Lamento muito.

Fecho os olhos. A irmã mais nova é a única pessoa que o Ryan protegeria mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Agora faz sentido. E o facto de o Asa ser bastante esperto para fazer isto faz-me temer pela vida da Sloan. Pego no telefone para marcar o número de emergência.

— Se chamares a polícia, estão ambas mortas. A Tillie e a irmã do Ryan. E o Ryan também. O meu pessoal tem ordens rigorosas. Dou-te três segundos para abrires esta porta.

Agora a Sloan está a chorar vigorosamente, abanando a cabeça, suplicando-me que não abra a porta. Dou dois passos até ficar mesmo em frente dela. Roço o polegar no lábio inferior e sussurro:

— Tenho muita pena, Sloan. — Depois pego-lhe no braço e puxo-a para mim, encosto a arma à sua cabeça e abro a porta.

O Asa olha primeiro para a Sloan. Depois vê a arma apontada à cabeça dela.

— Filho da puta — diz.

Recuo com ela para a sala enquanto o Asa entra, apontando a arma à cabeça do Ryan.

— Parece que temos um dilema.

Encolho os ombros.

— Nem por isso. O que tu tens meu é descartável. O que eu tenho teu não é.

A Sloan treme violentamente de encontro a mim, e mata-me estar a fazer-lhe isto. Mas ela sabe que é a única moeda de troca com que podemos negociar. Ele nunca a quererá ver morta, por isso espero que ela compreenda que esta pode ser a única maneira de sairmos disto.

É um risco, mas não temos opções.

Os olhos do Asa são duros sobre os meus.

— Solta-a, Luke. Eu solto o Ryan. Eu e a Sloan vamo-nos embora e as coisas voltam a ser como deviam.

Nunca a empurrarei para os braços do Asa. Nem que ele tenha de me matar primeiro.

— Asa — digo, afastando-a dele. — Lembras-te da última vez que estivemos trancados num quarto juntos? Estavas muito curioso sobre os pormenores da minha primeira vez com a Sloan.

Ele engole em seco.

— Ainda estás interessado em ouvir?

O Asa gira a arma num gesto ameaçador, pondo-a sob o queixo do Ryan e forçando-o a levantar a cabeça.

Faço o mesmo à Sloan. Isto fá-la chorar com mais força. Depois continuo, esperando apanhá-lo desprevenido.

— A primeira vez que a beijei foi no teu quarto — digo. — Mesmo ao lado da tua cama.

— Cala essa boca imunda, Luke — grita o Asa. — Vou espalhar os miolos dele pelo apartamento inteiro.

— Se o fizeres, verás exatamente como é a Sloan por dentro.

Ele estremece. Estou a afetá-lo.

— Achas que me importo se ela morrer? — pergunto. — Há milhões de outras raparigas como ela, Asa. Ela não significa nada para mim. Permitiu que me aproximasse de ti, e essa era a única coisa que me interessava.

O Asa baixa a cabeça até os seus olhos estarem semicerrados na minha direção.

— Pensas que acredito nisso? Sei que queres guardá-la só para ti, ou não estarias aqui com ela. Agora diz-me o que é preciso para que ma dê. Viva.

— Não posso fazer isso ainda. Tens razão. Não quero desistir dela. Ainda só consegui fodê-la uma vez. Ela deve-me uma ou duas das boas.

O Asa levanta o pescoço. Vejo a sua atenção mudar mais para mim e menos para o Ryan. Pressiono-o um pouco mais, esperando dizer alguma coisa que o faça perder o resto da atenção.

— Queres saber como foi a primeira vez que a fodi, ou não? Última oportunidade.

O Asa abana a cabeça.

— O que eu quero é que me entregues a Sloan para podermos continuar com as nossas vidas.

— Tu estavas quase inconsciente no teu quarto lá em cima. — Sinto as lágrimas da Sloan e o meu coração lamenta cada segundo em que a mantenho nesta situação, mas não tenho escolha. — Ela tinha acabado de descobrir que eu era infiltrado. Tive medo de que te contasse, mas devia ter percebido. Em vez de correr lá acima para te salvar, entregou-se a mim no banco de trás do meu carro.

O sangue está a fugir-lhe das faces. Forço um sorriso.

— Ela adorou, Asa. Adorou saber que eu estava ali para te destruir. — Empurro a Sloan um passo para a frente, para que ela fique ligeiramente mais perto do Asa, enterrando aquela faca um pouco mais fundo. — Como é que isto te faz sentir? Saber que a excitou mais descobrir que eu era um bôfia infiltrado a construir um caso contra ti do que pensar que eu era só mais um traficante como tu?

As narinas do Asa estão a inchar. Fita a Sloan com ódio nos olhos.

— Isto é verdade, querida?

A Sloan tem razão. Ela é a única coisa que o pode quebrar. *Só espero que se lembre disso nos próximos segundos.* O medo dela força-lhe o peito a subir e a descer, mas finalmente sussurra:

— É verdade. E foi o melhor orgasmo da puta da minha vida!

Há uma fração de segundo em que consigo realmente ver estas palavras a quebrar-lhe o coração. A abrir uma fenda mesmo no meio da sua alma. As suas sobranceiras afastam-se e ele sopra uma exalação rápida, recusando-se a acreditar nas palavras que ela acabou de lhe dizer.

Essa fração de segundo é quanto basta para eu apontar a arma na direção dele. Puxo o gatilho, acertando-lhe no braço que segura a arma. Exatamente quando a bala o atinge, o Ryan liberta-se e pega na arma do Asa, atingindo-o duas vezes, uma em cada perna, para garantir que o imobiliza.

A Sloan encontra-se enrolada à minha volta, um dos meus braços apertando-a com força enquanto o outro aponta a arma diretamente à cabeça do Asa. O meu dedo está em torno do gatilho e preciso de todas as minhas forças para não disparar. Para não acabar para sempre com esta vida inútil.

O Ryan vê isso na minha expressão.

— Não o faças, Luke.

O Asa cai ao chão e o Ryan está em cima dele, algemando-lhe os braços atrás das costas.

— Onde está a Tillie? — pergunta o Ryan.

O Asa faz contacto visual com ele. Tem três ferimentos de bala no corpo — nenhum deles necessariamente fatal —, mas ostenta uma expressão solene, como se fosse incapaz de sentir dor física.

— Sei lá.

O Ryan puxa o braço atrás e bate-lhe com o cano da arma na cara. O sangue salpica a parede. Tira o telefone do Asa do bolso e diz:

— Vais telefonar-lhes! Agora! Vais libertar a Tillie e a minha irmã, seu pedaço de merda!

O Asa está a olhar para ele e a sorrir.

— A tua irmã foi uma ideia feliz — diz. — Encontrei-a online. Procurei a sua morada. Nem sequer tenho gente em casa dela, seu pedaço de merda crédulo. A fotografia que te mostrei foi tirada na noite passada.

O Ryan fita-o longa e duramente. Pega no seu telemóvel e marca um número.

— Estás bem? — Faz uma pausa e depois diz: — Tillie, estás bem? Isto não é uma brincadeira! Onde é que estás?

O Ryan fecha os olhos e numa fração de segundo o cano da sua arma esmaga novamente a cabeça do Asa.

— Cabrão patético!

Desliga e telefona para a irmã.

— Olá — diz. — Vou mandar a polícia a tua casa. Não te assustes. Só preciso de me certificar de que estás bem.

Quando desliga, diz:

— Peço desculpa, Luke. Não tinha hipótese de saber se ele estava a mentir ou não. Não podia correr riscos.

— Eu teria feito a mesma coisa.

O Ryan certifica-se de que as algemas do Asa estão presas à pedra da lareira e aproxima-se da porta.

— Vou ligar para a esquadra e pedir que venham buscar este merdas. Vou buscá-los lá abaixo. Mantém a arma apontada até eles chegarem.

Assim que a porta se fecha, puxo a Sloan para mim, apertando-a, abraçando-a com todas as minhas forças. Odeio que ela tenha passado

por isto tudo só para chegar a este ponto. Deve sentir as minhas desculpas na forma como a abraço, porque me beija o pescoço e diz:

— Está tudo bem. Sei que estavas a fazer o que era preciso.

— Afasta-te dela — resmunga o Asa. Está algemado à lareira, as calças de ganga cobertas de sangue que lhe escorre das pernas. Mas continua a não parecer afetado por ter sido alvejado três vezes. Fita a Sloan, com raiva nos olhos. Abraço a Sloan com mais força, para ela se sentir segura. Só consigo pensar na Sloan e em como estou aliviado por este cabrão agora ir mesmo para a prisão.

Ela sentir-se-á mais segura, *mas não se sentirá vingada.*

ASA

Maldito cabrão. As mãos dele estão em cima dela, os lábios no seu cabelo. Tenho a sensação de que alguém me atacou o estômago por dentro com um machado. Sempre que ele a toca, sinto o sabor do vômito.

— Tira as mãos de cima dela — ordeno.

Os olhos da Sloan encontram os meus. Ela dirige-se descontraidamente à porta e tranca-a, depois volta para junto do Luke e encosta as costas ao peito dele. Puxa-lhe os braços para que fiquem em volta da sua cintura.

— Não quero que ele tire as mãos de cima de mim — diz.

A minha respiração está a ficar muito difícil de controlar. Ela está a agir como se realmente o *amasse*. Nunca odiei tanto uma coisa. Se fosse preciso ir à igreja só para acreditar num Inferno onde o Luke pudesse apodrecer, nunca faltaria a uma maldita missa!

Os olhos do Luke estão presos aos meus quando ele lhe dá outro beijo no cabelo. Começo a ter ânsias de vômito.

— Sloan — digo, com voz desesperada. — Querida, *para*. Não o deixes tocar-te assim, tu não gostas disso. — Estou a agitar os pulsos tão violentamente, tentando quebrar esta pedra, que começam a sangrar quando as algemas me cortam a pele.

Ela inclina a cabeça para trás até a repousar no ombro do Luke, mas continua a fitar-me.

— Odeio-te.

Abano a cabeça.

— Para, Sloan. Não fales assim comigo, querida. Não estás a falar a sério.

— Sempre que penso na minha primeira vez contigo, vomito bñlis. Queima-me a garganta quando penso em como me tiraste algo que era tão especial para mim e o trataste como se fosse teu para fazeres o que te apetecesse.

Foi o Luke que fez isto. Fez-lhe uma lavagem ao cérebro até ela acreditar que não era amor.

Sinto uma cena na cara. Uma merda molhada. Lágrimas. Vou matá-lo muito lentamente, até ele me suplicar que lhe tire a vida.

— Odeio-te, Asa. Odeio-te tanto, porra! Quando tinhas sexo comigo, eu queria chorar. Quando chegavas à cama à noite, rezava para que não pusesse as mãos em cima de mim. Quando me beijavas, perguntava-me se a morte saberia melhor do que tu.

Aperta a mão do Luke como se estivesse a agradecer-lhe silenciosamente. Ou talvez a dizer-lhe silenciosamente que o ama. *O que é que ele lhe fez?* Ela olha-o por cima do ombro, em busca de conforto.

Não consigo respirar.

Dói-me o peito.

Ela enrola os braços no pescoço dele.

— Amo-te — mente-lhe.

Bato com a cabeça na pedra da lareira atrás de mim assim que a ouço dizer aquelas palavras a alguém que não sou eu.

— Também te amo, querida.

Bato com a cabeça pela segunda vez.

Terceira vez.

— Amar-te-ei para sempre, Luke. Só a ti — diz-lhe ela, arrancando-me o coração do peito.

Quero morrer.

Quero morrer, caralho.

— Mata-me — sussurro. — Mata-me e pronto. — Ouço sirenes. *Maldição.* A última coisa que quero é viver com estas visões numa maldita prisão. — Grande puta — murmuro. Depois grito. — Grande puta! Mata-me!

A Sloan encosta os lábios ao Luke mais uma vez, depois vira-se e caminha para mim. Inclina-se à minha frente. Podia estender as mãos e estrangulá-la, mas tenho a certeza de que perdi demasiado sangue para sequer erguer os braços.

— Ninguém te vai matar, Asa. Para o resto da tua vida, sempre que fechares os olhos naquela cela de prisão, quero que imagines a vida que estou a viver com o Luke. Quero que me imagines a fazer amor com o Luke. A casar com o Luke. A ter filhos do Luke.

Inclina-se mais para mim até eu sentir nela o cheiro dele. Está a sussurrar quando me olha diretamente nos olhos e diz:

— E todos os anos, no dia 20 de abril, a minha família estará a festejar o teu aniversário com um enorme e delicioso bolo de coco, grande cabrão.

O Luke destranca a porta e segundos depois esta abre-se.

Há armas empunhadas.

Apontadas a mim.

Mas a única coisa que vejo é a Sloan.

A puta está a sorrir, e é tudo o que vejo.

Luke

Giro a chave na fechadura do nosso apartamento e espero que a Sloan abra as trancas.

As cinco trancas.

Detesto que tenhamos de ser paranoicos. Detesto ligar-lhe de hora a hora só para saber como está, apesar de ela ter vigilância vinte e quatro horas por dia estacionada do outro lado da rua. Detesto que sejamos nós os forçados a esconder-nos, apesar de o Asa estar monitorizado e em prisão domiciliária até ao julgamento que o porá, de certeza, atrás das grades por algum tempo.

Não sei como é que os últimos meses afetaram a Sloan. Tentei convencê-la a ir a um psicólogo, mas ela insiste que está bem. Ou diz que *vai estar*, quando o Asa for preso.

Não há forma de alguém tirar uma pulseira eletrónica da perna sem que a polícia seja notificada, pelo que essa é uma pequena segurança que temos. Se o Asa fizer algo estúpido e decidir sair de casa, saberemos em noventa segundos. Mas não é com o Asa que estou preocupado — é com todas as pessoas que ele tem do seu lado e que farão o trabalho por ele.

O sistema judicial neste país é tramado, para não dizer pior. Parece que a Sloan é que está a ser punida, simplesmente porque pessoas como o Asa são consideradas inocentes até prova em contrário. Continuo a dizer a mim próprio que foi uma sorte o Asa ter

ficado em prisão domiciliária. O juiz podia ter-lhe permitido pagar fiança e aguardar o julgamento em liberdade.

Temos isso do nosso lado, pelo menos.

As coisas não foram tão más até há alguns dias, porque o Asa esteve a recuperar dos ferimentos de bala no hospital durante um mês. Mas agora que sabemos que está curado e em casa, com direito a visitas a entrar e a sair como lhes aprouver, sentimo-nos menos seguros do que antes. Ontem acrescentei as quatro trancas suplementares à porta, para proteção adicional.

Agora vivemos a duas horas de distância dele e ninguém além do departamento sabe onde estamos. Levo mais de uma hora para voltar a casa todos os dias, porque sigo por estradas secundárias, para garantir que não sou seguido. É esgotante. Mas farei tudo o que for preciso para a manter segura, menos aparecer à porta do Asa e cravar-lhe uma bala na testa.

Ouço as trancas a abrirem e, assim que ela começa a abrir a porta, esgueiro-me para dentro e fecho-a. A Sloan sorri e põe-se em bicos de pés para me beijar. Enlaço-a pela cintura e beijo-a enquanto a viro de modo que consiga chegar às trancas e fechá-las. Tento ser discreto, porque quanto mais me preocupo, mais *ela* se preocupa.

Ela recua quando estou a fechar a última tranca. Vejo a preocupação nos seus olhos, por isso tento distraí-la.

— Cheira bem — digo, olhando para a cozinha. — O que é que estás a cozinhar? — A Sloan é uma cozinheira incrível. Melhor até do que a minha mãe, mas é algo que não direi à minha mãe.

Ela sorri e pega-me na mão, puxando-me para a cozinha.

— Para ser franca, não sei bem — diz ela. — É sopa, mas atirei lá para dentro o que me pareceu bem. — Abre a panela e mergulha uma colher, levando-a à boca. — Prova.

Bebo da colher.

— Cum caracas. É delicioso.

Ela sorri e volta a tapar a panela.

— Quero que ferva por algum tempo, por isso ainda não podes comer.

Tiro as chaves e o telemóvel do bolso e ponho-os em cima da bancada. Depois pego na Sloan e levanto-a nos braços.

— Estou ansioso por comer — digo, levando-a para o quarto.

Atiro-a gentilmente para cima da cama e deslizo pelo seu corpo. — Tiveste um dia bom? — pergunto, dando-lhe um beijo no pescoço.

Ela assente com a cabeça.

— Hoje tive uma ideia. Pode ser estúpida, mas não sei.

Viro-me de lado e olho-a.

— O que é? — Ponho a mão na sua barriga e subo-lhe um pouco a t-shirt, para lhe tocar na pele. Nunca me farto dela. Não me lembro de um momento da minha vida em que estivesse com uma rapariga que não conseguia parar de tocar. Mesmo quando estamos apenas aqui deitados, a ter uma conversa, ou estou a desenhar padrões na sua barriga, ou a subir e a descer pelos braços, ou a tocar-lhe os lábios com os dedos. Ela parece gostar, porque é como eu, e eu *decididamente* não me importo.

— Sabes que sei cozinhar praticamente tudo?

Confirmo. Sabe.

— Pensei em compilar algumas das minhas melhores receitas e fazer um livro de cozinha.

— Sloan, é uma ideia fantástica.

— Mas há tantos livros de cozinha no mercado e eu quero algo que se destaque. Pensei em aproveitar o facto de ter aprendido a cozinhar quando era obrigada pelo Asa a cozinhar quase todas as noites. Quero que o título seja algo tragicamente divertido, como: *Receitas que aprendi enquanto vivia com o meu namorado sacana e controlador*. E depois podia doar metade dos lucros às vítimas de violência doméstica.

Francamente, não sei bem o que pensar. Parte de mim tem vontade de rir porque ela tem razão, um título destes seria apelativo de uma forma estranha. Mas outra parte de mim estremece perante a ideia de o Asa ser a razão para ela cozinhar tão bem. Porque ele era controlador, e ela não tinha escolha. Lembro-me da primeira vez que a levei a almoçar e ela agiu como se nunca tivesse estado num restaurante.

— Achas que é estúpido — diz ela, tombando na almofada.

Abano a cabeça.

— Não, não acho. É um título apelativo. Faria as pessoas olharem duas vezes, sem dúvida. Só detesto que seja tão... *exato*. Seria divertido para mim se fosse uma piada, mas não é. É mesmo por essa

razão que cozinhas tão bem e detesto aquele filho da puta por isso.

Ela força um sorriso.

— Graças a ti, essa já não é a minha vida.

Tenho de a recordar constantemente de que não a salvei.

— Graças a *ti*, essa já não é a tua vida.

Ela sorri novamente, mas desde que entrei em casa que os sorrisos dela parecem forçados. Há algo mais importante que a está a afetar e eu não sei o que é. Pode ser só o stress de ficar fechada num apartamento o dia inteiro.

— Estás bem, Sloan?

Ela espera um pouco de tempo a mais para assentir com a cabeça, o que me indica que não está bem.

— Que se passa?

Senta-se na cama e começa a levantar-se.

— Está tudo bem, Luke. Preciso de ir mexer a sopa.

Seguro-lhe o braço e travo-a. Ela fica aos pés da cama, mas não se vira para me olhar.

— Sloan.

Ela suspira com o corpo todo. Solto-lhe o braço e junto-me a ela aos pés da cama.

— Sloan, ele não pode sair de casa, se é isso que te preocupa. Se ele sair, saberemos. Para não falar da segurança lá fora. Estás segura.

Ela abana a cabeça, indicando que não é isso que a apoquenta. Não está a chorar, mas percebo pela leve tremura do seu lábio que não tardará a fazê-lo.

— É o teu irmão? Vamos vê-lo este fim de semana. Vamos com escolta para garantir a nossa segurança, e ele ainda tem guarda à porta do quarto. — Ponho-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha, querendo que ela saiba que estou aqui. Que está segura. Que o seu irmão está seguro.

Ela baixa a cabeça ainda mais e parece que se dobra sobre si própria, segurando os braços com as mãos.

— Acho que posso estar grávida.

Ela não quis ficar na casa de banho enquanto esperávamos os dois minutos pelo resultado. Fiquei ali, a olhar para o pauzinho. À espera.

Assim que ela me disse que podia estar grávida, senti que lhe tinha falhado. Como se tudo o que fizera para a proteger tivesse sido inútil. Ela ficou ali sentada, com lágrimas a rolarem-lhe pelas faces, a cabeça baixa e a voz pouco acima de um sussurro, e não havia nada que eu pudesse dizer para lhe tirar o medo. Não lhe podia dizer que não se preocupasse, porque isto é definitivamente algo com que nos devemos preocupar. Podemos fazer as contas. Ela esteve comigo e com o Asa nos últimos dois meses. As probabilidades de ser meu são mais baixas do que as de ser dele, pelo que se lhe dissesse que não se devia preocupar, estaria a mentir.

Ela diz que toma a pílula, por isso não percebe como é que aconteceu, mas ela vivia com o Asa. Não me admirava que ele tivesse sabotado os contraceptivos, esperando que ela engravidasse para ter ainda algo mais que a forçasse a ficar com ele. É insano o suficiente para fazer uma coisa dessas.

A última coisa de que ela precisa neste momento é de carregar parte desse homem dentro dela. Algo que a ligue a ele para o resto da vida. A última coisa de que ela precisa neste momento é de cuidar de um bebé, seja ele de *quem* for. Os próximos meses são cruciais para a sua segurança. Ela vai ficar fechada neste apartamento, aguardando o julgamento. Para não mencionar que, quando o julgamento começar — se estiver grávida —, terá de testemunhar perto da altura de dar à luz.

Inalo lentamente enquanto fito o teste. Não é do género que mostra uma linha. Apresenta as palavras «Grávida» ou «Não grávida». Fui à loja assim que ela me contou. A última coisa que queria era que ela ficasse na dúvida. Quanto mais depressa souber, mais depressa pode decidir o que quer fazer.

Espero, enfiando as mãos pelo cabelo, andando de um lado para o outro na pequena divisão. Estou a olhar noutra direção quando o alarme no meu telemóvel dispara, indicando que o tempo terminou.

Exalo uma respiração calmante e, quando me viro e vejo a palavra «Grávida», cerro o punho, preparado para esmurrar a parede. A porta. Qualquer coisa. Em vez disso, bato no ar e praguejo baixinho, porque sei que vou ter de sair desta casa de banho e partir o coração daquela rapariga.

Não sei se consigo fazê-lo.

Pondero ficar ali mais alguns minutos, só até me livrar da raiva. Mas sei que ela está lá fora, assustada e decerto ainda mais ansiosa do que eu. Abro a porta, mas ela não está no quarto. Vou à sala e vejo-a na cozinha, mais uma vez a mexer a sopa. Está a ferver há mais de uma hora, portanto sei que ela está só a matar o tempo. Ela ouve-me, mas não se vira para me olhar. Entro na cozinha, mas ela não levanta os olhos. Continua a mexer a sopa, esperando que eu lhe revele a notícia.

Não consigo. Abro a boca três vezes, mas não encontro as palavras para lhe dizer. Seguro a nuca com uma mão e observo-a por um momento, esperando que ela olhe para mim. Quando se recusa a olhar, percorro a distância entre nós. Abraço-a por trás e encosto-a ao meu peito. Ela para de mexer a sopa e segura os meus braços enrolados nela. Sinto todo o seu corpo começar a tremer com soluços silenciosos. O meu silêncio é a confirmação de que precisava. Apenas posso abraçá-la e dar-lhe um beijo no cabelo.

— Amo-te, Sloan.

Ela vira-se e encosta a cara ao meu peito enquanto chora. Fecho os olhos e abraço-a.

Não era assim que isto devia ser. Não é assim que uma rapariga se deve sentir quando descobre que vai ser mãe. E eu sinto-me em parte responsável pela sua tristeza.

Sei que teremos tempo para falar sobre isto mais tarde. Teremos tempo para discutir todas as opções, mas neste momento apenas me concentro nela, porque nem imagino quão incrivelmente difícil isto deve ser para ela.

— Peço muita desculpa, Luke — diz ela de encontro ao meu peito.

Aperto-a com mais força, sem perceber porque é que me pede desculpa.

— Porque dizes isso? Não tens de pedir desculpa por nada.

Ela levanta a cabeça, abanando-a, e olha para mim.

— Tu não precisas deste stress, Luke. Estás a fazer tudo o que podes para nos manter seguros, e agora eu torno tudo pior. — Ela afasta-se de mim, pega na maldita colher e põe-se outra vez a mexer a sopa. — Não te vou fazer passar por isto — diz ela. — Não vou obrigar-te a ver-me grávida de um bebé que nem sequer sabes se é teu ou não. Não seria justo para ti. — Pousa a colher e pega num

guardanapo para limpar os olhos. Vira-se e olha para mim, o rosto cheio de vergonha. — Desculpa. Eu posso... — Engole em seco, como se as palavras seguintes fossem demasiado difíceis de sair. — Posso ligar amanhã e ver o que preciso de fazer para... para poder abortar.

Apenas a fito, absorvendo tudo aquilo.

Ela está a *pedir-me* desculpa?

Acha que sou *eu* que vou ficar stressado com isto?

Dou um passo em frente e deslizo-lhe as mãos pelo cabelo, levantando o seu olhar para o meu. Outra lágrima começa a rolar-lhe pela bochecha e limpo-a com o polegar.

— Se tivéssemos uma maneira de descobrir que este bebé era meu, querias ficar com ele?

Ela estremece, depois encolhe os ombros. Depois assente com a cabeça.

— Claro que queria, Luke. O *timing* é uma merda, mas a culpa não é do bebé.

Por mais que me apeteça abraçá-la neste momento, continuo a segurar-lhe a cara nas mãos.

— E se soubesses neste momento que o bebé é do Asa, querias ficar com ele?

Durante um instante, ela não responde, mas depois abana a cabeça.

— Não te faria isso, Luke. Não seria justo para ti.

— Não estou a perguntar acerca de *mim* — digo, com voz firme. — Pergunto-te *a ti*. Se soubesses que o bebé era do Asa, querias ficar com ele?

Outra lágrima cai e deixo-a rolar-lhe pela bochecha.

— É um bebé, Luke — diz baixinho. — É um bebé inocente. Mas, como te disse, não te faria isso.

Puxo-a para mim, beijo-lhe um lado da cabeça e mantenho-a assim um momento. Quando encontro as palavras que lhe quero dizer, recuo e forço-a a olhar novamente para mim.

— Estou apaixonado por ti, Sloan. *Loucamente* apaixonado por ti. E este bebé que cresce dentro de ti é metade *tu*. Sabes quão sortudo me sentiria se me permitisses amar algo que é uma parte de ti? — Baixo a palma da mão para a sua barriga e repouso-a aí. — Este bebé é meu, Sloan. É teu. É nosso. E se a tua decisão for criar este bebé, vou

ser o melhor pai que já caminhou sobre a Terra. Juro.

Ela leva imediatamente as mãos à cara e começa a chorar. Chora com mais força do que alguma vez a vi chorar. Pego nela e levo-a para o nosso quarto, onde a deito outra vez na cama. Encosto-a a mim e espero que as lágrimas acalmem. Após alguns minutos, o quarto volta a ficar silencioso.

Agora ela está deitada com a cabeça no meu peito e o braço em volta de mim.

— Luke? — Levanta a cabeça e olha-me. — És o melhor ser humano que existe. E amo-te tanto, tanto!

Beijo-a. Duas vezes. Depois baixo a cara para a sua barriga, levanto-lhe a t-shirt e beijo-lhe a pele. E sorrio, porque ela está a dar-me uma coisa que eu nem sabia que queria. E por mais que possa desejar que este bebé seja meu e não do Asa, para bem da Sloan, na verdade não importa. Não importa, porque este bebé é parte da pessoa que amo acima de tudo o resto. Tenho tanta sorte!

Deslizo novamente para o seu lado e beijo-lhe a bochecha. Ela já não está a chorar. Afasto-lhe o cabelo da testa.

— Sloan? Sabias que os pilares de cimento se dissolvem em dónutes sempre que um relógio cai da cabeça de uma tartaruga?

Ela ri-se com força e o seu sorriso é enorme.

— Bem, uma vitória não é uma vitória se a sala vazia se encher de meias sujas quando o bolo-rei está azedo.

O nosso filho vai ter o pai e a mãe mais estranhos do mundo.

ASA

Houve recentemente um caso nas notícias acerca de um tipo que violou uma rapariga. Apanhou uns meses de prisão porque era branco, ou porque tinha ganhado umas medalhas, ou uma combinação qualquer das duas coisas.

A nação inteira ficou passada por causa disso. Para onde quer que se olhasse, toda a gente só via a sua sentença leve. Dominou as notícias durante semanas. Não sei todos os pormenores do caso, mas o gajo também não era um violador em série. Devia ser só o seu primeiro ou segundo crime, mas toda a gente agiu como se fosse o maldito Hitler. Não que o cabrão estúpido não merecesse o tempo de prisão que apanhou, ou ainda mais. Não estou a defender o malandro. Só estou um bocado irritado por o meu caso não ter merecido um único segundo de atenção das notícias nacionais. Eu *matei* um gajo e nem sequer fui acusado. Lidero o maior negócio de droga desde que a universidade foi *inventada* e não fui acusado. Mesmo depois de apontar uma arma ao Ryan, o juiz põe-me em prisão domiciliária até ao julgamento.

Prisão domiciliária. Seis gloriosos meses de prisão domiciliária.

É uma anedota. Toda esta nação e os racistas hipócritas que a governam são uma anedota, e gajos como eu são quem beneficia disso. Se não amasse tanto este país, teria vergonha dele pela sua falta de repercussões.

E já que estamos a discutir o assunto de gajos brancos terem sexo não consensual com miúdas sem consequências... tenho a certeza de nem ter dedos suficientes nas duas mãos para contar as vezes que estive dentro de uma miúda sem permissão. Caramba, nem sequer posso contar as vezes que estive dentro da Jess sem ela me querer ali. É uma das poucas razões para lhe ter dado alguma importância. Agradava-me que ela me detestasse tanto.

Só não consigo compreender como é que posso sair impune dessa merda toda e ninguém fazer algazarra por causa disso. Sou mais bonito do que a maior parte dos gajos que têm cobertura nacional. Também não sou nenhum coninhas... o que a maioria deles parece ser. Por que raio é que coninhas mal apresentados ficam com todo o tempo de antena?

É por eu não ter origens ricas?

Provavelmente é isso. Cresci órfão de dois pais que eram uma merda. A comunicação social sabe que as pessoas não consomem histórias como a minha, simplesmente porque não tenho dois pais ricos ao lado a apoiar-me.

Era de esperar. A minha única hipótese de notoriedade, e os meus pais continuam a lixar-me a vida.

O Paul, o cabrão do meu advogado, diz-me que é bom os *media* não terem pegado na história. Diz que quando eles se apropriam destas coisas, as manipulam de certa maneira e os juízes sentem-se compelidos a proferir sentenças mais pesadas. *Para servirem de exemplo.* Faz sentido, acho eu, mas não creio que o Paul perceba o efeito que tenho nas pessoas. Sou carismático como o raio. A comunicação social ia adorar-me. E então a Sloan seria forçada a seguir a história porque estaria em todos os canais noticiosos sempre que ela ligasse a televisão.

Foda-se, fiz isto outra vez. Deixei que pensamentos acerca dela me invadissem a cabeça. Tenho tentado dar ouvidos ao psiquiatra... tentado não pensar nela. Sempre que penso nela, tenho a sensação de ser um velho com excesso de peso e colesterol elevado, a morrer subitamente de ataque cardíaco. Mão a apertar o coração, joelhos a tombar no chão.

Estrangulo-me nos meus próprios nervos só de pensar no que ela me fez.

A minha Sloan.

A culpa é minha. Devia ter tido a sensatez de não amar nada tanto quanto a amei a ela. Mas não consegui evitar. Era como se ela tivesse sido feita para mim. Era como se ela tivesse sido posta na Terra para compensar toda a merda que aguentei enquanto crescia. Durante algum tempo, pensei que ela era o pedido de desculpa que Deus me fazia. Como se a tivesse empurrado diretamente do Céu dizendo: «Aqui tens, Asa. Criei este raio de luz para compensar toda a escuridão lançada sobre ti pelos teus pais. Ela é a minha dádiva para ti, filho. Com ela, a tua dor extinguir-se-á.»

E assim foi. Por mais de dois anos tive o meu próprio pedacinho do céu sempre que quis. A Sloan era como a Eva antes de a maldita serpente a corromper. Era doce e inocente. Imaculada. O meu pequeno anjo pessoal em forma humana.

Até ao Luke.

O Luke é o Satanás da minha Eva. A serpente. Tentando-a com a sua maçã, apresentando-a ao pecado. Corrompendo-a.

Quando penso na Sloan — que é cada maldito segundo de cada maldito dia —, penso na Sloan pré-Luke. A Sloan que eu amava. A Sloan que se iluminava como uma árvore de Natal sempre que eu lhe prestava um mínimo de atenção. A Sloan que me fazia bolo de coco e esparguete e almôndegas só porque sabia que isso me faria sorrir. A Sloan que dormia na minha cama todas as noites esperando que eu a acordasse a fazer amor com ela. A Sloan que exprimia o seu amor por mim cuidando da minha casa como as boas mulheres fazem. As mulheres que não são putas. Eu adorava vê-la a limpar. Nunca se queixava dos porcos que não respeitavam a minha casa. Apenas limpava o que eles sujavam porque sabia o quanto eu gostava de uma casa apresentável.

Tenho saudades dela. Tenho saudades do quanto me amava. Tenho saudades de quando ela era inocente... o meu anjo... a minha desculpa enviada por Deus.

Mas agora... depois de cair na conversa daquela maldita serpente... quero-a morta. Quero ambos mortos. Se ela estiver morta, não tenho de pensar que não é a mesma pessoa por quem me apaixonei. Se estiver morta, não tenho de imaginar os sons que faz quando está a ser fodida pelo Luke. Se estiver morta, posso ultrapassar

este ódio que sinto por esta sua versão *pós-Luke* que conquistou todas as partes dela que outrora amei.

Fantaseiei que, se matasse o Luke — se ele estivesse fora de cena —, talvez ela pudesse voltar a ser a Sloan que ainda está ali. Por vezes penso em dar-lhe essa última oportunidade. Talvez, se matasse o Luke primeiro e lhe desse tempo para se reajustar de novo à vida comigo, pudesse aprender a amá-la como a amava antes.

É pensamento positivo. Ele esteve dentro dela. Não só do seu corpo, mas da sua cabeça. Ele fê-la pensar que é melhor do que eu, que pode oferecer-lhe mais do que eu posso. Não tenho a certeza se quero perdô-la por ser tão estúpida.

O brilho dela apagou-se. Agora é um brinquedo gasto.

É mesmo pena.

Mas não vai durar muito. Já percebi onde atingi-los. Só me falta saber como.

Deito-me no sofá e fecho os olhos. Meto as mãos dentro dos boxers, perguntando-me quando poderei deixar de pensar na Sloan só para me masturbar. Mesmo detestando-a tanto, é o único pensamento que me endurece.

Penso na Sloan pré-Luke. Penso na primeira noite que a beijei naquele beco. Penso no facto de os meus lábios terem sido os primeiros a tocar os dela. Penso em como ela era fresca e inocente. No quanto estava fascinada por mim. Como olhava para mim, parecendo que nunca era suficiente. Como se eu fosse o próprio Deus.

Sinto falta da Sloan por quem me apaixonei.

Exatamente quando estou a ficar bem duro, alguém bate à porta.

— Foda-se — resmungo, tirando as mãos de dentro das calças. Este gajo tem o pior dos *timings*. Levanto-me, perguntando-me se o peso da pulseira eletrónica alguma vez deixará de me parecer uma coisa estranha. Estou prestes a enlouquecer. Mal posso esperar para pôr em prática o meu plano brilhante.

Espreito pelo óculo e depois abro a porta para deixar o Anthony entrar. Ele já sabe que não deve dizer muito em voz alta. Não sou estúpido. Sei que estes cabrões devem ter posto escutas na minha casa.

— Oi, meu — digo, pegando na mochila dele.

— Oi — diz ele, olhando em volta como um tolo paranoico. — Encontrei aquele bolo de coco que procuravas.

Bolo de coco é código para computador. Padaria é código para Sloan.

Recuso-me a usar qualquer dos dois computadores que ainda estão em minha casa. Quando o Ministério Público está a tentar construir um caso contra alguém, não lhe deixa os computadores em casa. Confisca-os. O facto de ambos os meus computadores estarem aqui significa que eles querem que eu pesquise coisas, porque estão a vigiar-me.

Só para os chatear, tenho passado mais de uma hora por dia a pesquisar coisas do género: «Como encontrar a redenção através de Jesus Cristo.»

Até clico em *podcasts* da igreja e deixo-os correr para eles pensarem que estou mesmo a mudar para melhor. Caraças, levei isto tão longe que criei uma conta no Pinterest. É isso mesmo. *O Asa Jackson tem uma conta no Pinterest*. Guardei receitas e frases inspiradoras durante três horas seguidas, só para os confundir.

Que mundo ridículo é este.

Sento-me à mesa da sala e abro a mochila. Demorei um mês até finalmente encontrar um gajo que não me ia denunciar. Tenho demasiadas informações sobre ele. Iria para a prisão toda a vida se me entregasse. Além disso, o Anthony está tão desesperado por dinheiro fácil que provavelmente concordaria em matar a Sloan e o Luke por menos do que lhe paguei para me arranjar este portátil. A única desvantagem do Anthony é que demorou uma eternidade a encontrar a Sloan e o Luke. Lá conseguiu arranjar um tipo que localizou um endereço. Não fiz muitas perguntas porque quanto menos souber acerca dos seus métodos, melhor, caso eles voltem a chatear-me. Mas tenho quase a certeza de que há um tipo corrupto no departamento do Luke que se abriu por menos ainda do que o Anthony me exige.

São assim os humanos. *Todos* fazemos coisas desprezíveis por dinheiro.

— Encontrei a padaria? — pergunto-lhe.

Ele assente com a cabeça.

Com mil raios.

Ele encontrou a maldita padaria.

— Fui lá eu próprio verificar. — Sorri de esguelha. — Tinhas razão. É uma padaria bem boa.

Ignoro o facto de me parecer que tenho as entranhas alojadas na garganta por ele estar a dizer que viu a Sloan e concentro-me no facto de me parecer bastante que ele disse que a Sloan era boazona. *Quem é que este cabrão pensa que é?*

— Mas afinal, o que é que tem de tão especial essa padaria? — pergunta ele, recostando-se na cadeira. Quer saber porque é que eu desembolsei dez mil por um computador e a morada dela. Mais cinco mil ficaram prometidos se ele conseguisse algumas imagens de videovigilância, provando que ela vive realmente naquela morada.

— Aquela padaria não tem igual, Anthony — respondo, tirando o portátil da mochila. O Anthony tinha escrito todas as instruções para aceder às imagens de videovigilância que me enviaria. Na mochila também está uma *box* de *wi-fi* registada em nome dele, para que ninguém a pudesse associar a mim. — Compraste queques na padaria? — pergunto.

Queques é código para imagens de videovigilância. Parecemos dois tolos, com esta conversa toda de pastelaria, por isso é que mudo o código sempre que ele cá vem. Na semana passada foram programas de televisão.

Ele volta a sorrir de esguelha.

— Sim, estão dentro do saco — responde, tirando mais folhas de papel de dentro da mochila. Desdobra uma e aponta um endereço de e-mail e uma palavra-passe, indicando-me que é aí que encontrarei as imagens.

A minha pulsação ecoa dentro de mim e esforço-me por me acalmar, mas parece que tenho o coração no meio de um *mosh*.

Quero que o Anthony se vá embora para poder ver as imagens. Preciso de a ver. Há três meses que não lhe ponho os olhos em cima. Preciso mesmo de a ver.

Levanto-me e percorro o corredor para ir buscar o dinheiro que lhe devo. Atiro-o para cima da mesa e aponto para a porta, indicando-lhe que já não preciso dele hoje. Ele guarda o envelope no bolso de trás.

— Precisas de mais alguma coisa? Posso passar por cá amanhã. Abano a cabeça.

— Não. Aviso-te quando precisar de mais bolo.

Ele sorri e encaminha-se para a porta.

Instalo o *wi-fi* e entro na conta. Há uma mensagem com o e-mail que liga à Dropbox. A mensagem é do Anthony.

Gravei cerca de oito horas de imagens ontem e reduzi para as que são mesmo do casal. Apanhei alguns minutos de um gajo a sair e a voltar. A meio das imagens verás a rapariga a trazer o lixo para fora. No final das imagens estão os dois. Ainda vou gravar mais esta semana. Se quiseres, podemos instalar um *feed* em direto a que podes aceder deste computador. Leva dois segundos. Depois diz-me se queres.

Respondo ao e-mail ainda antes de descarregar as imagens.

Claro que quero o *feed* em direto. Por que raio só me dizes isso agora?

Envio e depois descarrego. Demora quase cinco malditos segundos a descarregar o vídeo na Dropbox. Quando está concluído, levanto-me e tranco a porta. Não quero interrupções.

Preparo também alguma coisa para beber porque a minha boca está seca. Tenho vontade de vomitar, só de pensar em vê-la pela primeira vez ao fim de três meses.

Sento-me à mesa e carrego no *play*. O vídeo tem treze minutos. Três minutos são o Anthony só a focar a câmara na porta do apartamento deles. O ângulo é alto, como se estivesse a filmar do segundo andar do prédio.

Sei que, onde quer que o Luke e a Sloan morem, o Luke estará a ser completamente paranoico. Deve ter contratado pessoalmente alguém para garantir que o apartamento não está a ser vigiado enquanto ele não está ali. Mande o Anthony arrendar um apartamento vago no prédio, com vista para a porta deles, para que pudesse obter boas imagens sem estar sentado num carro parado, a dar bandeira.

Aos três minutos e trinta e um segundos, a porta do apartamento abre-se e o Luke sai, olhando para a esquerda e depois para a direita. Agrada-me que esteja a ser paranoico. Agrada-me que, sempre que abre a porta do seu apartamento, esteja a pensar em mim. Perguntando-se se estou ali, prestes a obter a minha vingança.

O filme é interrompido e depois volta.

É quando vejo. A porta abre-se.

Vejo o braço dela a pôr o saco do lado de fora e depois no chão, ao lado da porta. Mal lhe vejo o cabelo quando volta a fechar a porta.

Parecia estar a tentar esconder-se. Como se temesse ser vigiada. Ela tem medo de estar ali sozinha.

O cabrão do *Luke* deixa-a ali, completamente sozinha, provavelmente várias horas por dia. Pouco me importa que ele precise de trabalhar para pagar as contas. Se fosse eu a estar com a Sloan, havia de arranjar uma maneira de a proteger. Se soubesse que havia um tipo algures que representava um perigo para ela, nunca a perderia de vista.

É o meu primeiro indício de que ele não ama a Sloan como eu amo.

Como eu a *amei*.

Já não amo.

Ou amo?

Foda-se.

Revejo a imagem pelo menos vinte vezes, vendo aquele braço enquanto ela põe o lixo cá fora. Vendo o cabelo dela baloiçar sobre o ombro quando fecha a porta. O meu coração acelera sempre que o vejo, e para quando a porta se fecha.

Cum caraças. *Ainda a amo.*

Amo-a e mata-me que ela esteja sozinha naquele apartamento, demasiado assustada até para abrir completamente a porta. Aquele cabrão estúpido deixa a minha Sloan sozinha e assustada enquanto eu estou trancado na merda desta casa e não posso chegar a ela, por culpa dele.

— Eu consigo ver-te, querida — sussurro para o ecrã do computador. — Não tenhas medo.

Depois de ver mais algumas vezes, finalmente deixo o vídeo continuar. Avança para algumas horas mais tarde. O carro do Luke para diante do prédio. Ele sai do carro e abre a bagageira. Começa a tirar mercearias.

Que querido. O cabrão foi comprar comida para a sua familiazinha falsa.

Leva as coisas para a porta e usa a sua chave para a abrir. Tenta empurrá-la, mas ainda está trancada por dentro.

Rapariga esperta. Nunca confies numa tranca única.

A Sloan abre a porta para o deixar entrar. O Luke entra em casa enquanto ela caminha — *não, praticamente salta* — até ao carro. Está a

sorrir. Tira algumas mercearias da bagageira quando o Luke volta cá fora, erguendo as mãos. Parece estar a dizer-lhe que pare, que ele tira as mercearias. Aponta para ela, na direção da barriga, e diz qualquer coisa que a faz sorrir. Ela põe as mãos na barriga e é então que vejo.

É quando *vejo*, caralho!

Paro a imagem.

Olho para as mãos dela, pousadas na barriga. Vejo o sorriso no seu rosto quando baixa os olhos para as mãos que seguram a barriga. Quase não se nota, por baixo da t-shirt. Quase.

— Cum caraças.

Estou gelado. Conto os dias, os meses, tentando fazer sentido disto.

— Cum caraças.

Não sei muito acerca do ciclo da vida. Da única vez que engravidei uma rapariga, obriguei-a a abortar porque ela não era a Sloan. Mas há pelo menos uma coisa que sei: são necessários alguns meses para uma gravidez se notar numa pessoa do tamanho da Sloan.

Há alguns meses... era *eu* quem estava dentro dela. Era *eu* que fazia amor com ela à noite.

O Luke só a teve *uma vez* durante esse tempo.

Eu tive-a todos os dias.

— Cum caraças — repito, sorrindo. Não consigo evitar. Todo o meu rosto se abre num grande sorriso. Ponho-me de pé, precisando de tirar um momento para respirar. Para me orientar. Pela primeira vez na minha vida, sinto que posso desmaiar.

— Raios me partam — digo, olhando para o ecrã, imobilizado na minha Sloan. — Vou ser pai.

Volto a sentar-me e enfio os dedos pelo cabelo. Fito o ecrã durante tanto tempo que começa a ficar desfocado.

Estou a chorar, porra?

Limpo os olhos e, sem dúvida, há lágrimas nas minhas mãos.

Não consigo parar de sorrir. Faço *zoom* na barriga dela e depois levanto a mão para o ecrã. Coloco a mão direita sobre as dela, em cima da barriga.

— O papá ama-te — sussurro para o nosso bebé. — O papá vai buscar-te.

Espero que ele seja esperto como eu. Não sei bem se herdei a

minha inteligência da minha mãe ou do meu pai porque, francamente, são ambos uns cabrões estúpidos que conseguiram fazer uma única coisa bem nos seus anos somados sobre esta Terra: a minha concepção.

Não conheci os meus avós, mas por vezes gosto de imaginar que o meu avô paterno — *que repouse em paz* — era muito parecido comigo. Dizem que as características saltam gerações, por isso devo ser parecido com ele. Provavelmente, comporto-me muito como ele. E, tal como eu, ele ficou decerto muito desapontado por o seu filho — *o meu pai* — ter saído um palerma tão grande.

Muito provavelmente tem orgulho em mim e deve ser um dos poucos humanos — vivos ou mortos — que apreciam o *génio* do caraças que eu sou.

Deixem-me explicar.

Pulseiras eletrónicas no tornozelo. São impossíveis de manipular. Se as cortarmos, somos imediatamente apanhados. Os sensores de fibra ótica no seu interior enviam imediatamente sinal quando se lhes mexe, e a polícia apresenta-se à nossa porta daí a poucos segundos.

Não podemos simplesmente deixar a bateria acabar, ou a polícia é notificada. Não podemos tirá-la pelo pé porque os pés não se dobram como os pulsos e Deus não teve as pulseiras de tornozelo em consideração quando concebeu o esqueleto humano, *o grande sacana egoísta*. Não podemos deixar o perímetro onde estamos confinados, ou a polícia é notificada. Caraças, nem nos podemos embriagar. A maior parte das pulseiras vem com sensores que periodicamente nos testam os níveis de álcool na pele. Não que isso me chateie. Nunca precisei de álcool. Gosto, mas posso passar sem ele.

A menos que sejas um cromo da tecnologia com mais conhecimentos do que os cromos da tecnologia que inventaram a porra do monitor de tornozelo, não há absolutamente nenhuma forma de os contornar sem pôr imediatamente a polícia atrás de nós.

O que é uma treta porque, conhecendo o Luke, sei que ele tratou de também ser notificado assim que eu sair de casa ou a pulseira tiver sido manipulada de alguma forma. Não há hipótese de eu ir daqui a casa deles sem que eles saibam com bastante antecedência. E, sim, podia mandar alguém ao apartamento fazer o trabalho por mim, mas onde é que está a piada disso? Onde está a piada de ver uma bala parar o coração do Luke se não estiver em frente dele, sentindo o

cheiro da pólvora? Onde está a piada de fazer a Sloan perceber a escolha patética de vida que fez se não for eu a saborear as suas lágrimas quando gritar por misericórdia?

Ainda bem que sou um excelente planeador. Planeio tudo. Analiso todos os cenários possíveis e desenvolvo métodos em torno deles antes de os acontecimentos ocorrerem. Porque sou um caralho de um génio. *Exatamente como o avozinho.*

Lembro-me de que, quando era miúdo, houve um momento em que pensei que ia morrer. Tinha-me introduzido no quarto da minha mãe e roubei-lhe alguns comprimidos. Foda-se, era tão pequeno que ainda nem sabia ler. Não fazia ideia do que estava a tomar, só sabia que queria sentir o que ela sentia. Queria procurar aquele sentimento que ela amava mais do que o próprio filho.

Acordei algumas horas depois de os ter tomado, e os meus tornozelos pareciam bolas de basebol. Tinha as duas pernas inchadas. Na altura pensei que era por estar a morrer e todo o meu sangue se ter acumulado nos pés. Agora sei que era por causa da medicação: antidepressivos, analgésicos, bloqueadores de canais de cálcio. Todos causavam edema severo, e era do que eu estava a sofrer. Mas na altura não sabia.

O mariconço do Paul disse-me que havia hipóteses de eu conseguir a prisão domiciliária enquanto aguardasse o julgamento. A maioria dos arguidos na minha situação obteria liberdade sob fiança, mas com o meu cadastro ele tinha quase a certeza de que eu ficaria confinado em casa até se obter um veredito em tribunal. É uma das poucas coisas pelas quais estou grato ao maricas do Paul. O aviso prévio. Isso deu-me uma boa semana para obter e consumir o máximo possível de comprimidos para me garantirem mais uns centímetros em cada tornozelo. Não foi difícil, visto eu já estar num hospital, graças àqueles dois sacanas que acharam boa ideia dar-me um tiro. Cabrões.

Depois de o monitor de tornozelo ser instalado, tive de continuar a consumir comprimidos para que as visitas de acompanhamento do agente de liberdade vigiada não levantassem suspeitas. O idiota nunca sequer pensou duas vezes sobre o facto de os meus tornozelos e barrigas das pernas serem do tamanho de troncos de árvore. O nome dele é Stewart. *Quem é que na vida real se chama Stewart?* O Stewart acha só que eu tenho ossos grandes. Regozijo-me com a sua estupidez

a cada visita. De certa forma também gosto dele, porque ele tem pena de mim. Acha que sou bom rapaz porque me rio das suas anedotas parvas e falo com ele acerca de Jesus. O Stewart gosta à brava de Jesus. Até mandei o Anthony trazer-me um crucifixo. Antes da visita do Stewart esta manhã, pendurei-o na parede da sala por cima do ecrã plano onde assisto a horas e horas de pornografia. Irónico, não é? Quando o Stewart viu Jesus na tábua, comentou. Disse-lhe que era do meu avô. Conte-lhe que ele era um pregador batista e que me ajuda olhar para aquele crucifixo e saber que o avô me está a ver.

É mentira, claro. Duvido que o meu avô alguma vez tenha posto os pés numa igreja. E se realmente tinha um crucifixo, usava-o para bater nas pessoas.

Mas o Stewart gostou. Disse que tem um quase igual, mas mais pequeno. Verificou a pulseira no meu tornozelo, disse que lhe parecia tudo muito bem e que nos veríamos dali a uma semana. Dei-lhe uma fatia de bolo de coco antes de ele se ir embora.

Agora estou aqui, a olhar para a garrafa de hidroclorotiazida nas minhas mãos. Tenho de ser sensato ao usá-la, porque tomar demasiado pode baixar-me a pressão sanguínea como o raio. Mas preciso de tomar o suficiente para me livrar do edema. O suficiente para criar um grande espaço vazio entre mim e o dispositivo eletrónico, para o fazer sair de mim diretamente para o pulso do Anthony.

É aí que entra o génio. Se uma pessoa puder realmente tirar uma pulseira eletrónica sem tocar nas fibras óticas, as hipóteses de ser detetada são pouquíssimas ou nenhuma. Estes dispositivos são monitorizados periodicamente durante o dia. Assim, mudá-lo do meu tornozelo para o pulso do Anthony passará completamente indetetável, desde que não se mexa no equipamento. Pensaram que os monitores de tornozelo eram à prova de tudo porque não saem dos tornozelos de pessoas de inteligência mediana.

Era com os génios como eu que eles se deviam ter preocupado mais. Agora só tenho de confiar que o Anthony não saia desta casa nem beba álcool até eu lhe dizer que está feito. Depois ponho o dispositivo novamente no tornozelo e parecerá que nunca saí de casa.

Entretanto, ainda tenho mais planeamento para fazer. Abro a garrafa e tomo quatro comprimidos. Abro o portátil e começo a

pesquisar obstetras para os quais telefonei ao longo de duas horas. Quando finalmente descobro quem é o obstetra da Sloan, já mijei quatro vezes. O dispositivo começa a ficar largo. Pensei que demorasse alguns dias, mas começo a pensar que pode estar feito amanhã de manhã.

A pessoa que me atende deixa-me em espera enquanto procura a ficha do que suponho que seja um acordo confidencial. Proteção de Dados de Saúde, e essas cenas.

— Senhor? — diz ela para ver se ainda estou em linha.

— Sim, estou aqui.

— Como disse que era o seu nome?

— Luke — digo-lhe. — Sou o pai.

Ah! Rio-me por dentro, pensando em todas as brincadeiras com o *Star Wars* que o gajo deve ter aturado a vida inteira.

— Pode confirmar a sua morada e data de nascimento? — pergunta ela.

Confirmo ambas as informações. Porque as sei. Porque sou um *gênio*.

Quando a minha «identidade» é confirmada, ela pergunta:

— E o que queria saber exatamente?

— A data em que vai nascer. Estou a fazer um vídeo para anunciar à família e não quero perguntar à Sloan a data exata, porque ela vai ficar danada por me ter esquecido. Por isso espero que me possa dar essa informação, para eu não ir parar à casota do cão.

A mulher ri-se. *Adora que eu seja um homem tão terno e atencioso, excitado com o nascimento do meu filho.*

— Parece que a conceção ocorreu em março. A data prevista de nascimento é... o dia de Natal! Não percebo como é que se esqueceu disso, pai! — diz ela com uma gargalhada.

Também me rio.

— O dia de Natal, é isso. O nosso pequeno milagre pessoal. Obrigado pela confirmação.

— De nada.

Desligo o telefone e olho para um calendário. Em março, a Sloan ainda vivia comigo.

O Luke andava lá por casa em março. *Muitas vezes!*

Não tenho a certeza de quando é que começou a lavagem

cerebral, nem de quando é que ela lhe cedeu. O meu corpo todo fica tenso com essa ideia. Nem sequer acredito que ele a fodeu. *A minha Sloan!*

Nem acredito que ela o *deixou fazê-lo*. Não sei se usaram preservativo sequer.

Levanto-me, dominado por uma raiva renovada. Pego na cadeira em que estava sentado e atiro-a pela sala, vendo-a esmagar-se de encontro à porta. Corro pela sala e arranco o maldito crucifixo da parede. Atiro-o à televisão, rachando o ecrã.

Sabe-me bem. A Sloan estava comigo quando comprei esta televisão. Procuro outra coisa para partir. Um espelho. Corro para ele e bato-lhe com o crucifixo três vezes, até o vidro estar estilhaçado no chão.

Levo o crucifixo pelo corredor até à casa de banho. Vejo-me ao espelho, perguntando-me se o bebé dentro dela será meu. Só saber que há uma hipótese de ele sair parecido com o Luke faz-me odiá-lo.

Atiro o crucifixo contra o espelho da casa de banho e bato repetidamente.

Maldita cabra.

Vou ao piso de cima e faço o mesmo ao outro espelho.

Nem sequer quero a merda deste bebé. Está dentro dela desde março, e sabe-se lá quantas vezes o Luke esteve dentro dela desde então. Mesmo que seja o *meu* bebé, ele já o conspurcou.

Quando a Sloan tiver o meu bebé dentro dela, o Luke não estará cá para conspurcar o meu filho.

Percorro todas as divisões, encontrando outras coisas que o meu pequeno Jesus numa tábuia pode destruir. Candeeiros? Feito. Jarras? Esmagadas. O meu Jesus numa tábuia está imparável.

Maldita cabra.

Maldito bebé.

Maldito *Luke*.

Todas as coisas bonitas que já tive na minha vida foram destruídas por aquele homem. O meu império. O amor da minha vida. O meu potencial filho. Tudo o que alguma vez teve algum significado para mim, agora não significa nada por causa daquele homem.

Quando volto para a cozinha, abro o frasco e tomo mais um comprimido. Quanto mais depressa conseguir tirar este dispositivo do

tornozelo, mais depressa posso destruir o que ele está lentamente a corromper.

Serei pai quando estiver preparado para ser pai, e será de um filho que não tenha rigorosamente nada que ver com aquele pedaço de esterco patético.

Esta coisa que está agora a crescer dentro da Sloan não é fruto do amor. Mesmo que seja meu, não foi criado inocentemente. Ela estava a permitir que outro homem a conspurcasse enquanto eu fazia amor com ela à noite. Se tivesse sabido disso, a minha pila nunca teria estado dentro dela. Teria terminado tudo antes de ela tomar as decisões estúpidas que tomou.

Agora só preciso de travar isto. Olho para o *screensaver* do meu portátil. É uma imagem do momento em que ela pôs as mãos na barriga e sorriu para aquela abominação. Trago uma cadeira, sento-me e mudo o *screensaver*. Encontro uma fotografia da Sloan do tempo em que ela era doce. Ponho-a como *screensaver* e fito-a, perguntando a mim mesmo como é que ela deixou que isto acontecesse. Como é que aquela puta tem a audácia de sorrir quando nem sequer sabe de quem é o bebé dentro de si?

— Grande puta. — Baixo os olhos para o crucifixo na minha mão.
— Jesus numa tábua, queres fazer uma pequena viagem de carro comigo amanhã? Conheço uma rapariga que precisa muito de se arrepender.

SLOAN

Nas duas últimas semanas, fotografei e cozinhei vinte e sete refeições. Talvez seja por estar a tentar abstrair a minha mente do facto de não poder sair do apartamento, mas esta ideia do livro de cozinha tem dominado completamente os meus pensamentos.

Quando não estou a pensar na gravidez, claro. Que acontece quase sempre.

Não sei o que faria sem o Luke. Parte de mim acha que ele é demasiado bom para ser verdade. Que homens como ele não existem realmente e isto é só uma espécie de pensamento positivo da minha parte. Vivo no medo constante de que ele só tenha sido trazido para a minha vida para eu ter de viver a dor de me ser retirado. Odeio esses pensamentos e tento não pensar dessa forma, mas penso. Tenho medo de o perder mais do que tenho medo da morte.

Mas todas as tardes, quando o Luke chega a casa e me abraça e pergunta como «estamos», reforça completamente a sua afirmação de que este bebé é dele. Não importa quem é biologicamente responsável pela sua concepção, o Luke ama-o simplesmente por estar dentro de mim. É suficiente para ele. E, de alguma forma, faz-me pensar que é suficiente para mim. Quando estou na presença do Luke, tenho um sentimento de valor próprio. Sinto todas as coisas que o Asa arrancou de mim.

Não sei se sou tão boa a perdoar como o Luke parece ser. Ele nem

sequer me fez sentir envergonhada, nem por um segundo. E continua a recordar-me da sorte que tem, apesar de eu saber que é ao contrário. Redireciona sempre os meus pensamentos quando começo a preocupar-me que o Asa descubra a gravidez, ou quando me preocupo com o julgamento. Mas quando ele não está aqui, como agora, só consigo redirecionar os meus pensamentos para este livro de cozinha.

Esta noite vou fazer lasanha. Não estou a limitar-me a um determinado género de comida. Estou a incluir todos os meus pratos favoritos. Incluo até alguns dos favoritos do Asa, como o seu maldito bolo de coco. Gosto que as suas receitas favoritas entrem num livro que vai contra tudo o que ele é como pessoa. Dá uma pequena sensação de vingança. Por cada dois dólares que este livro fizer, há um dólar que vai para ajudar mulheres que sofreram às mãos de homens como o Asa.

Por isso, sim, vou incluir o seu estúpido bolo de coco e o seu estúpido esparguete com almôndegas e até o seu estúpido batido de proteína, que ele me pedia para fazer a qualquer hora da noite, acordando-me. Por mais que odeie todas as vezes em que me exigiu que cozinhasse para ele, pelo menos algum bem virá daí. Todo este livro é um grande dedo do meio levantado para o Asa Jackson.

É uma boa ideia, na verdade. Acho que vou arranjar maneira de incorporar uma pequena mão a fazer esse gesto em todas as páginas do livro. Um *emoji* divertido do dedo do meio.

Quando acabo de dispor as camadas da massa e do molho, pouso a travessa para tirar outra fotografia. Tiro algumas e depois ponho o tabuleiro no forno.

— O que é que cheira tão bem?

Agarro-me à bancada ao ouvir a sua voz.

Mesmo atrás de mim.

Não. *Não, não, não.*

Não é possível. A porta ainda está completamente trancada. Todas as janelas estão trancadas por dentro. *Estou a sonhar, estou a sonhar, estou a sonhar.*

Sinto-me afundar lentamente para o chão da cozinha quando todo o meu corpo começa a falhar-me. Vou entrar em choque. Sinto-o, sinto-o, *não, não, não.*

Estou no chão. Deslizo as mãos pelo cabelo e de encontro aos

ouvidos, as palmas das mãos a tremer. Tento cobrir o som da sua voz. Se não o ouvir, ele não está aqui. *Não está.*

— Caramba, Sloan. — Está mais perto agora. — Pensei que ficasses um pouco mais entusiasmada por me ver.

Fecho os olhos com força, mas consigo ouvi-lo a içar-se para a bancada ao meu lado. Abro os olhos e vejo os pés dele a balançar perto do chão, as pernas penduradas ao meu lado. Não tem o dispositivo no tornozelo. Quer que eu veja isso. Sei como a sua mente doentia funciona.

Como é que isto está a acontecer?

Onde está o meu telemóvel?

Sinto-me doente. Obrigo-me a respirar para não desmaiar de medo.

— Lasanha, hem? — Atira algo para cima da bancada. — Nunca gostei muito da tua lasanha. Usavas sempre demasiado molho de tomate.

Agora estou a chorar. Arrasto-me para longe dele, incapaz de encontrar forças para me pôr de pé. Continuo a arrastar-me, sabendo que não irei a lado nenhum, mas esperando, de alguma forma, ir.

— Aonde vais, querida? — pergunta ele.

Tento levantar-me do chão, mas assim que me soergo ele pula da bancada e põe os braços em volta de mim, por trás.

— Vamos ter uma conversinha — diz ele, levantando-me sem esforço do chão. Grito de medo e uma mão tapa-me imediatamente a boca. — Preciso que fiques calada enquanto conversamos — diz ele, levando-me através da sala até ao quarto. Ainda não olhei para ele.

Não olharei.

Recuso-me a olhar para ele.

Luke. Por favor, Luke. Vem para casa, vem para casa, vem para casa.

O Asa atira-me para cima da cama e eu começo imediatamente a rastejar para o outro lado, mas ele agarra-me o tornozelo e puxa-me de volta. Estou de barriga para baixo. Tento pontapear-lhe a mão. Agarro-me a um cobertor, a uma almofada, a tudo o que as minhas mãos conseguem agarrar, mas a minha força pouco faz para me defender dele. No que me parece câmara lenta, ele vira-me de costas, segura-me as mãos com os joelhos e monta-se em cima de mim. Está sentado sobre mim, fazendo pressão na minha barriga, e é então que

percebo que ele sabe. Não é algo que eu consiga esconder neste momento.

É por isso que ele está aqui.

Sinto os seus dedos pressionarem as minhas pálpebras para as abrirem. Quando vejo o seu rosto, está a sorrir.

— Olá, linda — diz ele. — É falta de educação não olhar para alguém que tenta ter uma conversa contigo.

Ele está completamente louco. E não há nada que eu possa fazer para me proteger. Para proteger o meu bebé.

Apesar de ele me manter presa à cama, completamente à sua mercê, ainda me acorrem à cabeça pensamentos lúcidos. Neste momento, neste segundo, estou a perguntar-me como é que a minha vida pode significar tanto para mim. Como é que a ideia de morrer me enche de tanto medo, quando ainda há alguns meses, francamente, não me teria importado. Costumava rezar para o Asa me matar e pôr fim ao meu infortúnio. Isso foi quando eu não tinha nada por que viver.

Agora tenho tudo por que viver.

Tudo.

As lágrimas caem-me dos olhos para o cabelo. Ele observa as lágrimas que me rolam pela cara e depois inclina-se para a frente, encostando a sua cara à minha. Move os lábios para a minha têmpora e sinto a sua língua a lamber algumas lágrimas. Quando recua, o seu sorriso desapareceu.

— Pensei que teriam um sabor diferente — sussurra.

Começo a soluçar. A minha pulsação acelerou tanto que é agora uma batida constante. Ou talvez tenha parado completamente. Fecho outra vez os olhos.

— Faz o que tens a fazer, Asa — sussurro. — Por favor.

Alguna da pressão no meu estômago diminui, como se ele estivesse a reajustar a posição em cima de mim. Depois sinto-o levantar-me a t-shirt e pousar a mão na minha barriga.

— Parabéns — diz. — É meu?

Mantenho os olhos fechados e recuso-me a responder-lhe. Ele esfrega-me a barriga com a mão por vários segundos. Sinto-o mover-se outra vez para mais perto e a sua boca no meu ouvido.

— Estás a perguntar-te como *raio* entrei no teu apartamento?

Estava, mas agora estou a perguntar-me como raio posso tirá-lo daqui.

— Lembras-te desta manhã, quando o teu bom amigo Luke deixou entrar o homem da manutenção para mudar o filtro do ar condicionado?

O homem da manutenção? O quê? Não, isso não é possível. O Luke pediu-lhe a identificação. Verificou a sua identidade com o gerente. Conhecemos toda a gente que trabalha nesta urbanização, e esse homem trabalha aqui há mais de dois anos.

— Ele fez-me um favorzinho e destrancou a janela quando o Luke estava de costas. Sabes por quanto o fez? Dois mil. Sem perguntas. Ele sabia que estavas aqui, sabia que estavas grávida e sabia que eu tinha algo terrível planeado, porque que outra razão teria eu para lhe pagar dois mil para destrancar uma janela? Ele não se *importou*, Sloan. Dois mil foi quanto bastou, e em seguida foi-se embora, sem fazer perguntas.

Estou doente.

Doente.

Os humanos são doentes.

Se aquele homem soubesse do que o Asa era capaz, nunca teria feito isso. Nunca teria destrancado a janela. Provavelmente pensou que o Asa ia entrar para roubar uma televisão.

Talvez esteja a chorar ainda com mais força agora, desapontada por a humanidade não ter um mínimo de moral.

— O teu amiguinho da vigilância aqui em frente nem sequer me viu, porque infelizmente o Luke pensa que tu não vales o dinheiro para pagar segurança para todas as entradas deste apartamento. Acha mesmo que sou tão estúpido que fosse entrar pela porra da porta da frente?

Quanto mais ele fala, menos ouço. De alguma forma, o meu medo está a entorpecer-me. Já não sinto o meu corpo. Não sinto o Asa em cima de mim. Não consigo ouvir a minha voz quando digo «Não» incontáveis vezes.

Paro lentamente de sentir tudo, nem que seja só para me proteger.

ASA

— Foi uma sensação diferente.

Ainda estou a arquejar, recuperando daquele momento não planeado entre nós.

Era melhor quando eu sabia ter sido o único a estar dentro dela. Saber que o Luke sabe qual é a sensação de ser parte dela deu-me vontade de lhe enrolar as mãos na garganta e eliminar ambas as vidas nela. Provavelmente tê-lo-ia feito, se ela se tivesse debatido, mas isso não aconteceu.

Ela sente a minha falta. Qualquer outra mulher no mundo teria feito o que pudesse para me impedir, mas a Sloan, não. Ela sabe onde pertence. Por baixo de mim. Rendendo-se a mim.

Deito-me ao lado dela e soergo-me apoiado no cotovelo. Ela ainda tem os olhos fechados.

Odeio que seja tão bonita como quando era inocente. O mesmo cabelo escuro e brilhante, bastante comprido para lhe cobrir os seios. Os mesmos lábios doces e macios que costumavam pertencer apenas a mim e ao meu corpo. Desço um dedo pela sua barriga, sobre a pequena protuberância. Suspiro quando a olho. Sinto mesmo a falta dela. Odeio-a, mas sinto a falta dela.

— Olha para mim, Sloan.

Ela fá-lo, lentamente. Abre os olhos cheios de lágrimas e inclina a cabeça apenas o suficiente para estabelecer contacto visual comigo.

— Sinto a tua falta, querida. — Passo a mão pela sua barriga enquanto falo com ela. Tento parecer amoroso. Talvez, se ela se lembrar de como éramos bons juntos, possamos de alguma forma recuperar isso. — Sabes como a nossa casa está solitária, Sloan? Está solitária sem ti. *Detesto*.

Ela fecha novamente os olhos. Dou-lhe um beijo suave nos lábios.

— Pensei que te tinha esquecido — digo, pensando no dia de ontem. A fúria raivosa com Jesus na tábu. — Detestei-te, Sloan. Mas não gosto de te detestar, amor.

Ela inala uma longa golfada de ar, e a minha boca está tão perto da dela que me rouba alguma respiração. Dou-lhe mais. Encosto a boca à dela e beijo-a, enchendo-a com a minha língua. Ela recusa-se a corresponder ao beijo.

— Sloan — sussurro, arrastando os lábios pelos dela. — Querida, preciso que correspondas ao meu beijo. Preciso de saber se ainda signifique alguma coisa para ti. — Mantenho-me paciente, ainda a tocá-la, observando-a. Ela abre finalmente os olhos.

E então lembra-se. Levanta a cabeça, entreabrindo os lábios para mim.

Lembra-se de quanto fiz por ela.

Lembra-se de quanto a amei. Com que *intensidade* a amei. Quando a língua dela desliza de encontro à minha, tenho vontade de chorar.

— Querida, tive tantas saudades tuas — digo-lhe. Mas depois calo-me, porque ela está a beijar-me como beijava antes de ser corrompida. Está a beijar-me como me beijou naquela primeira noite no beco, quando a minha boca foi a primeira a apresentá-la a um beijo.

Agora está a mover-se, a erguer os braços, a esfregar-me o pescoço com as mãos. Precisava tanto disto. Valeu a pena o risco de remover o dispositivo do tornozelo. Valeu *tanto* a pena. Sei que vim aqui com intenções diferentes, mas isso foi porque estava zangado. O Luke faz-me sentir tanto ódio que confundo o que sinto por ele com o que sinto pela Sloan. Faz-me pensar que ela é má, mas não é.

Ela é uma vítima.

É simplesmente vítima do Luke e precisava que eu a lembrasse de como é diferente ser abraçada por mim. Precisava de me sentir dentro dela para se lembrar de que está a ser manipulada para me esquecer. Mas ela não me esqueceu.

Ela lembra-se.

— Asa — sussurra, dizendo o meu nome com desejo. — Asa, desculpa.

Recuo, chocado por ainda conseguir proferir palavras quando preciso tanto dela que nem consigo respirar.

— Está tudo bem — digo, afastando-lhe os cabelos da cara. — Está tudo bem. Vamos ultrapassar isto. Ele fez-te odiar-me, e por um momento fez-me odiar-te. Mas isso não somos nós, Sloan. Tu não me odeias.

Ela abana a cabeça.

— Não, Asa. Não te odeio.

Posso ver um pedido de desculpa em todo o seu rosto. Sinto o arrependimento nas suas palavras e nas lágrimas que continuam a cair. Ela força um sorriso, mas tem dificuldade, por isto ser tão intenso. Estar novamente junto dela, perceber o quanto ela sente a minha falta, é a sensação mais intensa que já tive. Quase faz com que os últimos meses tenham valido a pena.

Isto é o céu. Isto é o pedido de desculpa de Deus.

— Eu perdoo-te — sussurro, e não tenho a certeza se estou a perdoar a Sloan ou se estou a perdoar Deus. Talvez esteja a perdoar ambos, porque isto vale todo o perdão do mundo. Fazer as pazes com ela sabe tão bem, que talvez até pondere perdoar o Luke.

Bem, isso não é verdade. Nunca perdoo aquele pedaço de merda. Mas preocupar-me-ei com ele mais tarde. Neste momento, estou preocupado com o amor da minha vida.

— Não voltes a deixar-me, Sloan — digo, segurando-a de encontro a mim. Nem sequer consigo descrever isto. Pensei que a amava antes, mas nem se compara com este momento, com a intensidade que me percorre as veias. O meu coração bate por ela. Ela é a única razão de o meu coração bater, e não sei se o tinha percebido tanto como percebo agora. — Nunca mais te atrevas a deixar-me. Se quebrares a tua promessa, não sei se voltarei a ser tão indulgente.

Talvez isto pareça tão diferente porque agora não amo só a Sloan. Amo o que está a crescer dentro dela. O nosso filho está a crescer dentro dela, o que significa que há muito mais para amar. Há ela e há aquele minúsculo pedacinho do céu que criámos juntos, a crescer dentro do seu corpo. E que se *foda* o Luke. O Luke não seria capaz de

criar vida que vai nascer no raio do *dia* de Natal!

Sei que concebi este bebé com ela porque não me sentiria assim se fosse o filho do Luke. Esta sensação é Deus a deixar-me saber que uma parte de mim está dentro da Sloan e que eu preciso de fazer o que puder para proteger ambos do Luke.

Movo-me até encostar a face à barriga da Sloan. Coloco a palma da mão aberta na sua pele e fecho os olhos, mas mesmo assim as lágrimas saem. Nem acredito que estou a chorar neste momento. *Que raio?* Será que o facto de saberem que vão ser pais transforma os homens instantaneamente em meninas?

Aperto-a com força e beijo o meu bebé. Beijo-a muitas vezes. A barriga dela é tão bonita, e sei que a vida que criámos juntos será linda, como a Sloan. Ela passa a mão pelo meu cabelo.

— Vais ser um papá, Asa.

As palavras que ela acabou de dizer ficam incrustadas na minha alma. Rio-me e continuo a chorar, e depois estou outra vez em cima dela, a beijá-la. Não consigo ter o suficiente dela.

— Estás tão linda, querida, tão linda. Se eu soubesse como a gravidez te faria bonita, tinha sabotado os teus contraceptivos há mais tempo.

Sinto-a gelar por um segundo e isso faz-me rir. Recuo e olho-a, mas ela dirige-me um sorriso débil.

— O quê? — diz. A sua voz falha um pouco.

Rio-me e beijo-a outra vez.

— Não podes ficar zangada comigo, Sloan. — Ponho-lhe novamente uma mão na barriga e olho-a de cima. — Fiz isto por nós. Para não me deixares. — Não sei porquê, ela está a chorar. Mas eu também. São só lágrimas boas. — Passámos pelo inferno, mas olha para nós. Vamos ter um bebé. — Beijo-a e deixo os meus lábios levemente encostados aos dela. — Não me vais deixar novamente, Sloan. Não o farás com o meu bebé dentro de ti. Pois não?

Ela abana imediatamente a cabeça.

— Não, Asa. Prometo. Nunca te deixarei.

— Diz outra vez.

— Nunca te deixarei.

— Outra vez.

— Juro. Nunca te deixarei.

SLOAN

Houve um momento. Foi uma fração de segundo, quase demasiado rápida para notar. Foi exatamente quando o Asa me olhou, suplicando-me que correspondesse ao beijo. Foi um momento de desespero. *Aproveitei-o.*

Digo-lhe o que ele precisa de ouvir. Toco-lhe como precisa de ser tocado. Imito os sons que pratiquei para usar com ele. Digo-lhe as mentiras que me treinei a dizer.

Fingi que o amava durante dois anos. *O que é mais um dia?* Vou combater o Asa com a única arma mais forte do que ele. *Com amor.*

Repito as minhas palavras mais uma vez:

— Prometo que nunca te deixarei, Asa.

Estas palavras parecem confortá-lo, mas não quero que ele se sinta confortável neste quarto a ponto de me forçar outra vez. Preciso de o distrair com conversa, por isso digo:

— E agora? — Acaricio-lhe o rosto com os dedos que, não sei como, convenci a deixarem de tremer. — Como é que saímos desta trapalhada? Não te posso perder outra vez.

Ele pega-me na mão e beija-a.

— Vestimo-nos e saímos pela porta da frente, Sloan. É tão simples quanto isso. E depois vamos para qualquer sítio... não importa. Vamos para longe daqui.

Assinto com a cabeça, digerindo tudo o que ele disse.

O Asa é estúpido como uma porta, mas, curiosamente, é também uma das pessoas mais inteligentes que já conheci. Tinha de me esforçar sempre para estar um passo à frente dele. Agora não é diferente. Tudo o que ele fizer daqui em diante é um teste. Disseco as suas palavras e analiso-as na minha mente.

Ele sabe que não podemos sair pela porta da frente. Sabe da vigilância. Por isso é que entrou pela janela. Está a testar a minha lealdade.

Abano a cabeça.

— Asa, não podes sair pela porta da frente — digo, forçando-me a soar preocupada com ele. — O Luke mantém-me vigiada. Se a pessoa que está lá fora me vir contigo, liga ao Luke.

O Asa sorri.

Era um teste.

Inclina-se para a frente e beija-me na testa.

— Então saímos pela janela.

— Preciso de fazer uma mala primeiro. — Começo a levantar-me, mas ele puxa-me para baixo.

— Eu faço — diz ele. — Não te levantes desta maldita cama.

Ele levanta-se e olha em volta do quarto. Posso ver as veias do seu pescoço a latejarem quando vê todas as coisas do Luke. Tento distraí-lo da sua própria raiva.

— Há um saco de viagem em cima do armário. — Aponto para o *closet* e vejo os olhos dele a avaliar a distância da cama até à sala. Encaminha-se para o *closet* e fecha a porta do quarto ao passar. É a sua forma de me mostrar que é melhor que não tente fugir.

Reparo na minha posição na cama, que dá ideia de que estou a postos para saltar a qualquer momento. Não estou a ser suficientemente convincente.

Recosto-me na almofada e tento parecer relaxada. Ele sai do *closet* e examina-me, sorrindo. Agrada-lhe que eu não tente fugir. Está a baixar as suas defesas.

— Tão linda, amor — diz ele, atirando o saco para cima da cama. — O que é que queres levar? — Olha em redor do quarto. Os seus olhos detêm-se na cómoda, na minha fotografia com o Luke. Imprimi-a há uma semana e emoldurei-a. Posso vê-lo a engolir em seco.

— Desculpa-me por um segundo — diz ele, dirigindo-se à porta do

quarto.

— Onde vais? — pergunto, sentando-me na cama.

Ele abre a porta e vai para a sala.

— Deixei o Jesus na tábua junto da janela. Preciso d'Ele.

Que raio? Ele volta antes de eu poder processar o que disse e traz algo na mão.

— Isso é um crucifixo?

Que raio?

Ele sorri e confirma, depois ergue o crucifixo acima da cabeça com as duas mãos e baixa-o com rapidez, exatamente em cima da fotografia emoldurada pousada na cómoda. Estremeço com o primeiro golpe, mas ele bate com a cruz na moldura repetidas vezes, até ficar desfeita numa dúzia de pequenos cacos.

Estou *absolutamente* aterrorizada. Mas forço-me a rir. Não sei como. Cada parte de mim tem vontade de gritar de terror, mas sei que é a última coisa que devo fazer. Estou a representar um papel, e essa personagem precisa de se rir pelo Asa, porque ele precisa de saber que não sinto nada por aquela moldura.

Ele olha para mim e agrada-lhe o sorriso no meu rosto. Sorri de orelha a orelha, por isso aponto para a mesa de cabeceira.

— Está outra ali.

O seu olhar detém-se na outra moldura e ele atravessa a sala. Gira o crucifixo como se fosse um taco, atirando a moldura de cima da mesa de cabeceira contra a parede. Mesmo sabendo que isto ia acontecer, estremeço. Estremeço pela quantidade de ódio que ele tem pelo Luke.

Durante todo este tempo, tenho rezado em silêncio para que o Luke, por milagre, regresse mais cedo. Mas agora rezo para ele não vir, porque não tenho a certeza de que algum homem possa imobilizar a pessoa que o Asa é neste momento. Está completamente irracional. Destituído de compaixão, de empatia. Está enlouquecido. Perigoso. E prefiro tirar o Asa desta casa e ser obrigada a acompanhá-lo, em vez de o ter aqui quando o Luke regressar.

O Asa olha em torno da sala. Quando não vê mais nada que lhe dê sede de vingança, atira o crucifixo para cima da cama.

— A que horas é que o Luke volta para casa?

Ele sabe a que horas o Luke volta para casa.

Podia mentir e dizer que ele pode voltar a qualquer momento, mas se o Asa descobriu a nossa morada, o mais provável é que esteja informado de todos os nossos movimentos. Sabe que o Luke chega todos os dias às seis.

— Às seis — respondo.

Ele assente com a cabeça. Tira o telemóvel do bolso e vê as horas.

— É uma longa espera — diz. — O que é que queres fazer nas próximas horas?

Esperar... o quê?

— Vamos *esperar* por ele?

Ele tomba na cama ao meu lado.

— Claro que sim, Sloan. Não fiz este caminho para recuperar a minha miúda e ir-me embora sem me vingar do canalha que me roubou.

Não sei como consegue dizer isto tudo com um sorriso no rosto.

Mais uma vez, engulo o medo.

— Podíamos comer lasanha. Se não a tirar do forno nos próximos dois minutos, não ficará comestível.

O Asa inclina-se para mim e dá-me um beijo na boca, estalando sonoramente os lábios quando os desencosta.

— És um génio, querida. — Salta da cama e puxa-me. — Estou cheio de fome.

Solta-me as mãos e dirige-se à casa de banho. Deixa a porta aberta e vigia-me durante o tempo todo que está na sanita. Volto a vestir-me, tentando que as minhas mãos não tremam tão visivelmente. Ele puxa o autoclismo e atravessa o quarto em direção à sala.

— Estava a brincar antes — diz. — Não odeio a tua lasanha. Sinto-me mesmo mal por te ter dito isso, era só para te chatear.

— Eu sei, querido. Todos dizemos coisas que não queríamos dizer quando estamos zangados. — Entro na cozinha. A lasanha está no forno há muito mais tempo do que eu tencionava, mas julgo que ainda não está queimada. Só não dará fotografias muito boas para o meu livro de cozinha.

Rio-me assim que tenho esse pensamento.

A sério? A minha vida está em perigo, e estou a pensar num estúpido livro?

Entro na cozinha, e o Asa não vem muito atrás de mim. Tenho a

certeza de que me segue tão de perto porque não está convencido de que eu não pegue numa faca. É esperto, porque se ele não estivesse um passo atrás de mim, era mesmo isso que eu faria. Pego nas caixas de ingredientes vazias espalhadas na bancada e atiro-as para o caixote do lixo, mas assim que o faço percebo que o caixote não está forrado com um saco.

É porque eu tirei o saco do caixote.

Olho para o saco do lixo atado, ao lado do caixote.

Olho para o caixote vazio.

A minha pulsação começa a disparar, e faço tudo o que posso para o disfarçar.

Esqueci-me de pôr a merda do lixo lá fora!

Acalma-te, acalma-te, acalma-te. Pego numa luva e abro o forno. Ponho o tabuleiro da lasanha em cima do fogão. O Asa vem por cima do meu ombro e abre um armário para tirar dois pratos. De caminho, beija-me o cimo da cabeça. Pega numa espátula e corta a lasanha, recusando-se a colocar uma faca na equação. Durante todo o tempo que ele corta a lasanha, fico a olhar para o caixote do lixo vazio.

Não pus o lixo lá fora!

Luke

Olho outra vez para o relógio.

— Não estás a ouvir — diz o Ryan, fazendo a minha atenção regressar a ele.

— Estou a ouvir. — Pouso o telefone na mesa, virado para cima. Olho para ele e finjo que estou a ouvir o Ryan, mas ele tem razão. Não estou.

— Que raio, Luke! — Estala os dedos. — Que se passa contigo? Abano a cabeça.

— Nada. É só que... — Nem quero dizer isto em voz alta, porque vou parecer um idiota. As medidas que eu e a Sloan adotámos para estarmos seguros são ridículas, até pelos meus padrões. — Já passam cinco.

O Ryan recosta-se no assento e dá um gole na sua bebida. Estamos num restaurante de piza apenas a alguns quilómetros do meu apartamento, discutindo o que discutimos sempre que nos encontramos: o caso do Asa. Ele vai a julgamento dentro de poucos meses, e diabos me levem se não fizermos tudo o que pudermos para tornar isto o mais eficaz possível. Quanto mais tempo ele apanhar e de quantos mais crimes for acusado, melhor para a Sloan.

— Passam cinco de quê? — pergunta o Ryan.

— Do meio-dia. Seis, agora. — Olho para o telemóvel. — É meio-dia e seis e a Sloan ainda não deitou o lixo fora.

O Ryan inclina-se para a frente.

— Por favor, explica, porque estás a começar a irritar-me com a tua *ausência* na nossa conversa.

— Aquele tipo que faz a vigilância durante o dia... o Thomas... manda-me sempre uma mensagem ao meio-dia para eu saber que a Sloan pôs o lixo cá fora. Ela põe-no junto da porta todos os dias ao meio-dia, para eu saber que está tudo bem.

Pego no telemóvel e começo a escrever uma mensagem para o Thomas.

— Porque é que não lhe telefonas e vês como está? — sugere o Ryan, como se essa fosse a resposta mais óbvia.

— Isto é uma proteção extra. Se acontecer alguma coisa e estiver alguém com ela, podem obrigá-la a atender o telefone e dizer que está tudo bem. Fazemos outras coisas além de telefonemas, para segurança suplementar.

O Ryan olha-me por um momento depois de eu enviar a mensagem. Sei que ele acha que estou a ser excessivamente paranoico, mas decerto não pode censurar-me. O Asa é completamente psicótico e imprevisível. Não sei se alguém pode alguma vez estar seguro em relação a ele.

— Isso é de génio — diz o Ryan.

— Eu sei — respondo, preparando-me para marcar o número da Sloan. — A ideia foi dela. E, até agora, não falhou um único dia. Põe o lixo cá fora com precisão. — Levo o telemóvel ao ouvido e aguardo enquanto toca. Nunca aconteceu ela não atender o telefone.

Espero.

Ela não atende. Exatamente quando vai para o *voicemail*, recebo uma mensagem do tipo da vigilância.

Thomas: Ainda aguardo. O lixo não foi posto cá fora.

O meu coração cai diretamente para o chão. O Ryan vê. Levanta-se ao mesmo tempo que eu.

— Vou chamar reforços — diz, atirando dinheiro para cima da mesa.

Atravessei a porta ainda antes de poder responder. Estou dentro do carro. A amaldiçoar o trânsito e a buzinar e a fazer tudo o que posso para chegar lá.

Quatro minutos.

Quatro malditos e excruciantes minutos.

É do que preciso para chegar lá.

Marco um número no telefone.

— Sim? — diz ele.

— Ela já pôs o lixo fora? — Tento permanecer calmo, mas não consigo.

— Ainda não, meu.

Bato com o punho no volante.

— Alguém entrou pela porta da frente hoje? — Estou a gritar, não importa o quanto tente manter-me calmo.

— Não. Desde que saíste, esta manhã.

— Dá a volta por trás! — grito. — Verifica as janelas!

Ele não diz nada.

— Agora! Vai verificar as janelas enquanto estou ao telefone contigo.

Ele pigarreia.

— Contrataste-me para fazer vigilância. Nem sequer tenho uma arma, meu. Nem pensar que vou lá atrás, se isso te preocupa assim tanto.

Seguro o telefone com mais força e grito-lhe:

— *Estás a gozar comigo, caralho?*

Ele desliga.

— Maldito cabrão! — Acelero e passo um vermelho. Estou a dois quarteirões. Estou quase a chegar ao cruzamento quando acontece. Todo o meu corpo estremece com o impacto. Vejo o camião de dezoito rodas pelo canto do olho, e depois deixo de ver. O *airbag* dispara. O carro começa a girar. Sei que está a acontecer mais depressa do que alguém que o testemunhe pode compreender, mas a colisão dá-se em câmara lenta para mim.

Arrasta-se e arrasta-se durante muito tempo.

Quando o meu carro se imobiliza, o sangue já me escorre para o olho. Ouço buzinas e gritos de pessoas. Tento tirar o cinto de segurança, mas não consigo mexer o braço direito. Está partido.

Desafivelo o cinto com o braço esquerdo. Encosto o ombro à porta e abro-a. Limpo o sangue da testa.

— Senhor! — grita um homem atrás de mim. — Tem de ficar

dentro do carro!

Alguém me segura o ombro e tenta travar-me.

— Larga-me! — Tento orientar-me tempo suficiente para ver em que direção estou virado. Avisto a loja de conveniência à minha direita. Viro à esquerda e empurro a multidão que está a juntar-se em volta do meu carro. As pessoas gritam-me que pare de correr, mas corro o mais depressa que posso.

Dois quarteirões. Consigo fazer isso em menos de um minuto.

Durante todo o tempo em que corro para o meu apartamento, tento arranjar desculpas para ela não ter atendido o telefone. Rezo para estar errado, para estar a exagerar. Mas conheço a Sloan. Algo está errado. Ela não deixaria de atender o telefone.

Não deixaria de pôr o lixo fora exatamente ao meio-dia.

Algo está errado.

Chego por fim ao complexo, mas, como não estou dentro de um veículo, o sensor do maldito portão não me abre a porta. Olho em volta, procurando uma porta por onde possa entrar a pé, mas está trancada. Dou vários passos atrás e depois corro para o portão, conseguindo passar por cima dele com a ajuda do braço bom. Não aterro de pé. Aterro em cima da porcaria do ombro direito e a dor percorre-me como um choque elétrico. Deixa-me sem ar. Sou forçado a esperar um segundo até conseguir voltar a respirar. Depois ponho-me de pé.

Vejo o Thomas, o tipo da vigilância, fora do carro. Quando me vê, arregala os olhos e depois põe as mãos no ar.

— Desculpa, meu. Ia agora mesmo ver como ela está. — Ele recua e não resisto. Dou-lhe um murro no meio da garganta com o braço bom. Continuo a andar enquanto ele cai de encontro à porta do carro.

— Cabrão estúpido! — grito por cima do ombro. Corro para o apartamento, passo pela porta da frente e dou a volta pelo lado do edifício onde ficam as janelas da sala e do nosso quarto. Corro para a janela da sala e preciso de todas as minhas forças para não gritar o nome dela quando vejo a tranca do lado de dentro da janela.

Está aberta.

Sei instantaneamente como é que aconteceu. O tipo da manutenção. A culpa é minha, porra. Devia ter estado um passo à frente do Asa. Não me dou tempo para pensar nisto. Encosto-me à

parede ao lado da janela e tento escutar.

Procuro no flanco e empunho a arma. Fecho os olhos e inspiro.

Ouçó vozes.

Ouçó a voz da Sloan. Quero chorar desalmadamente por saber que não cheguei demasiado tarde, mas chorarei mais tarde. Neste momento, aproximo-me um centímetro da janela e tento espreitar para dentro. Não vejo quase nada por causa dos cortinados.

Foda-se.

A minha pulsação é um batuque. Ouçó sirenes à distância, mas não sei se vêm para aqui porque o Ryan os chamou ou se vão para o acidente que acabei de causar no cruzamento. Seja como for, se não fizer alguma coisa nos próximos cinco segundos, quem quer que esteja dentro deste apartamento irá ouvi-los. E será forçado a agir.

Ajoelho-me e empunho a arma na mão esquerda enquanto abro um pouco mais a janela com a direita. Espreito lá para dentro e vejo a Sloan. Vejo também outra pessoa. Está de costas para a janela. Ri-se.

O cabrão ri-se, e sei imediatamente que é ele. Está ali com a Sloan. Ainda não lhe fez mal. Ela está de pé na cozinha. Se ele ouvir as sirenes, *vai* fazer-lhe mal. Entrará em pânico e fará algo estúpido. Não sei como é que ela o mantém tão calmo, mas não me surpreende. A Sloan é esperta à brava.

Levanto a janela mais um centímetro. Por meio segundo, a Sloan faz contacto visual comigo.

Meio segundo.

Um relance.

Ela deixa cair o garfo e sei que faz de propósito. No segundo em que o faz, diz:

— Merda!

Baixa-se para o apanhar. Levanto um pouco mais a janela enquanto o Asa se levanta do banco. Está a andar em volta da mesa, não sei para quê. Para garantir que ela não vai tentar alguma coisa? Levanto a arma, quase incapaz de premir o gatilho com a mão direita.

Ele tira-lhe o garfo da mão, atira-o para o lava-loiça e depois dá-lhe um limpo. Assim que o agarra, ela cai ao chão e grita:

— Agora!

Antes de o Asa poder compreender o que está a acontecer, aperto o gatilho. Nem espero para ver onde é que lhe acerto. Abro

completamente a janela e salto lá para dentro, correndo através da nossa sala de estar para junto dela. Ela arrasta-se em volta da ilha, em direção a mim.

— Outra vez! — grita em desespero. — Dispara outra vez!

O Asa está estendido no chão com a mão no pescoço. O sangue escorre-lhe pelos dedos e espalha-se no braço. O seu peito sobe e desce enquanto luta para respirar. Aponto-lhe a arma. Os seus olhos estão esbugalhados e ele olha em volta, procurando a Sloan.

Agora ela está atrás de mim, segurando as costas da minha camisa, cheia de medo. Os olhos dele detêm-se nela.

— Maldita puta — consegue murmurar. — Menti. Odeio a tua lasanha.

Puxo o gatilho.

A Sloan grita e enterra a cara nas minhas costas.

Viro-me e encosto-a a mim. Está a chorar, agarrada a mim com toda a força que tem.

Não aguento mais.

Seguro-me à bancada e baixo-nos a ambos para o chão. Puxo-a para o meu colo e ela enrola-se, encostada a mim. Tento ignorar a dor no braço enquanto a seguro. Encosto a cara ao cabelo dela, e inspiro.

— Estás bem?

Ela está a soluçar, mas consegue confirmar com a cabeça.

— Estás ferida? — Tento inspecioná-la, mas parece bem. Ponho a mão na barriga dela, fecho os olhos e expiro. — Lamento tanto, Sloan. Lamento tanto. — Sinto que lhe falhei. Fiz tudo o que podia para a proteger e, mesmo assim, ele conseguiu chegar a ela.

Ela enrola os braços com força no meu pescoço e sinto-a abanar a cabeça.

— Obrigada. — Aperta-me com toda a força que pode. — Obrigada, obrigada, obrigada, Luke.

As sirenes agora estão lá fora.

Alguém bate à porta.

O Ryan entra pela janela e avalia a situação, depois dirige-se à porta da frente e destranca-a. Vários agentes de uniforme entram em fila, gritando ordens uns aos outros. Um deles tenta dirigir-se a mim e à Sloan, mas o Ryan puxa-o de lado.

— Dá-lhes um minuto. Raios!

Eles dão. Dão-nos vários. Abraço-a até os paramédicos chegarem. Abraço-a até eles verificarem o pulso do Asa. Ainda estou a abraçá-la quando um deles anuncia a hora do óbito.

E ainda estou a abraçá-la quando o Ryan se senta no chão ao pé de nós.

— Vi o teu carro — diz ele, referindo-se ao acidente. — Estás bem?

Assinto com a cabeça.

— Alguém se magoou?

Ele abana a cabeça.

— Só tu, ao que parece.

A Sloan recua e olha-me atentamente, reparando pela primeira vez nos meus ferimentos.

— Oh, meu Deus, Luke. — Encosta a palma da mão à minha cabeça. — Ele está ferido! Alguém o ajude!

Gatinha para fora do meu colo e um paramédico aparece. Olha para a minha cabeça por um segundo.

— Precisamos de o levar ao hospital.

O Ryan ajuda-o a levantar-me do chão. Pego na mão da Sloan quando passo por ela, e ela segura a minha com as duas. Está diante de mim agora, caminhando de costas enquanto me olha, frenética.

— Estás bem? Que aconteceu?

Pisco-lhe o olho.

— Só chapa amolgada. Não te podes afogar em água da nascente se o navio de cruzeiro estiver cheio de sandes de salmão.

A Sloan sorri e aperta-me a mão.

O Ryan resmunga e olha para um dos paramédicos.

— Têm de verificar se teve uma concussão. Teve uma da última vez que foi ferido. Começou a dizer disparates sem sentido nenhum.

Quando me põem na parte de trás da ambulância ainda estou agarrado à mão da Sloan, por isso ela sobe e senta-se ao meu lado. Vejo a preocupação nos seus olhos, mas também vejo um alívio que nunca esteve presente nela. Aperto-lhe a mão.

— Acabou, Sloan. Ele nunca mais te pode fazer mal.

EPÍLOGO

Passaram sete meses desde que o Asa morreu, mas a Sloan ainda não fala do que se passou entre os dois quando ficou presa com ele naquele apartamento. Por mais que deseje que ela consiga abrir-se e um dia me conte, não a pressiono. Sei do que o Asa era capaz e nem gosto de pensar no que ela pode ter suportado. Ela tem feito terapia e parece mesmo estar a ajudá-la, e não posso pedir-lhe mais do que isso. Só quero que continue a fazer o que puder para se ajudar a ultrapassar a situação, ao ritmo que precisar.

No dia em que tive alta do hospital, foi o enterro do Asa. Eu e a Sloan estávamos no apartamento nessa manhã a empacotar algumas coisas quando o Ryan ligou para me informar disso. Transmiti-lhe a informação, mas sabia que ela não queria ir ao funeral depois do que ele a fizera sofrer.

Mais tarde, nessa manhã, a Sloan disse-me que queria ir ao funeral. Naturalmente, tentei dissuadi-la. Fiquei até um pouco chateado por ela querer sujeitar-se a isso, mas tive de me recordar de que ela o conhecia melhor do que ninguém. Apesar de ter terror dele, era uma das poucas pessoas que significaram algo para ele. Por mais anormal que fosse a maneira de ele o demonstrar.

Quando chegámos, éramos as únicas pessoas presentes.

Tentei imaginar como isto teria sido para ele. Não ter família nenhuma e os amigos que tinha não serem verdadeiros amigos. Nem sequer tivera ninguém para organizar o funeral, pelo que a cerimónia foi mínima. Não havia ali mais ninguém do passado do Asa. Só um

pregador da agência funerária, eu, a Sloan e outro funcionário da agência. Nem sei se teriam dito uma oração se nós não estivéssemos lá.

Não quero dizer que isso me ajudou a compreendê-lo melhor, porque ele foi a razão de não aparecer ninguém no seu funeral. Porém, tive mais pena dele nesse momento do que alguma vez tivera. Mas ele fez mal a toda a gente no seu caminho por esta vida e não se pode realmente culpar ninguém disso, tirando ele.

A Sloan não chorou durante o funeral. Foi apenas um enterro que durou cerca de dez minutos. O pregador proferiu um sermão rápido e disse uma oração, depois perguntou se algum de nós queria dizer alguma coisa. Abanei a cabeça porque, honestamente, só estava ali por causa da Sloan. Mas a Sloan assentiu. Ficou ao meu lado, a sua mão na minha, e baixou os olhos para o caixão. Exalou uma respiração cuidadosa antes de começar.

— Asa... — diz. — Tu tinhas muito potencial. Mas passaste todos os dias da tua vida à espera de que o mundo te compensasse por alguns anos realmente maus que tiveste em criança. Foi aí que erraste. O mundo não nos deve nada. Aceitamos o que nos é dado e tiramos o máximo proveito disso. Mas tu pegaste no que te foi dado e cagaste-lhe em cima e ficaste à espera de mais.

Não havia flores, portanto ela baixou-se e colheu um dente-de-leão, pousando-o em cima do caixão. Depois, num sussurro baixo, disse:

— Todas as crianças merecem amor, Asa. Lamento que nunca tenhas sido amado. Por isso, perdoo-te. Perdoamos-te ambos.

Ficou calada por alguns minutos. Não sei se estava a dizer uma oração por ele ou se fazia uma despedida silenciosa, mas aguardei pacientemente até ela estar pronta. Então pegou-me na mão, virou-se, e caminhou comigo ao seu lado.

Nesse momento, fiquei feliz por termos decidido vir. Acho que ela precisava de estar aqui mais do que eu julgara.

Desde esse dia, há sete meses, tenho pensado muito nesse momento. Pensei que compreendia o que ela tinha dito no funeral do Asa. Mas, neste momento, ao lado do berço do meu filho, olhando-o enquanto

dorme pacificamente, penso que acabo de perceber o que ela queria dizer com: *Perdoo-te. Perdoamos-te ambos*.

Nesse momento, pensei que ela se referia a *nós* os dois. Ela e eu. Que ambos perdoávamos o Asa pelo que nos tinha feito passar. Pensando nisso agora, não tenho tanta certeza de que se referisse a mim. Referia-se ao nosso filho. Quando disse *ambos*, era ela e o nosso filho.

Estava a dizer ao Asa que o perdoavam porque, embora tivesse poucos meses de gravidez, julgo que soube sempre que o Asa é muito provavelmente o pai biológico do nosso filho. Creio que seja essa a razão pela qual precisava de ir ao funeral. Ela não precisava de encerrar o capítulo para si mesma. Precisava de o fazer pelo filho que o Asa nunca conheceria.

Só falámos uma vez acerca de o nosso filho, o Dalton, poder não ser biologicamente meu. Foi duas semanas depois de ele nascer. A Sloan tinha comprado um teste de paternidade porque temia estar a incomodar-me não saber se o Dalton era meu filho ou do Asa. Tinha medo de que não ter a certeza me corroesse, e não queria estar entre mim e a verdade.

O teste de paternidade está no nosso armário da casa de banho desde esse dia. Ainda não o abri. Ela não perguntou por ele. E, neste momento, olhando o meu menino adormecido, sinto que já sei a resposta.

Não importa quem é o pai deste bebé, porque a Sloan é a mãe.

Houve um momento, uma vez. No dia em que o Asa me apresentou à Sloan. Ela estava na cozinha, a menear-se, lavando a loiça. Julgava que estava sozinha e foi absolutamente hipnotizante. Tinha no rosto uma paz que eu não tardaria a perceber ser muito rara.

Vejo a mesma paz no Dalton quando dorme. Parece-se com ela, os mesmos olhos, o mesmo cabelo. E tem o seu espírito. É tudo o que me importa. Gostava que ela acreditasse nisso. Gostava que soubesse que, quer aquele teste provasse que este bebé é biologicamente parte de mim, quer fosse parte do Asa, isso não muda nada. Não amo tanto esta criança por ter uma responsabilidade biológica de a amar. Amo esta criança porque sou humano e não posso evitá-lo. Amo-o porque a Sloan ajudou a concebê-lo. Amo-o porque sou o seu pai.

Inclino-me sobre o berço e faço-lhe uma festa na cabeça.

— Que estás a fazer?

Viro-me e a Sloan está na ombreira da porta do quarto, com a cabeça encostada à madeira, e sorri-me.

Puxo o cobertor do Dalton um pouco mais para cima, depois viro-me e vou ter com ela. Pego-lhe na mão e encosto a porta do quarto. A Sloan entrelaça os dedos nos meus e segue-me quando entro no nosso quarto e vou à casa de banho.

Ainda está atrás de mim, a segurar-me a mão, quando abro o armário e tiro o teste de paternidade. Quando a olho, vejo um medo silencioso no seu olhar. Beijo-a para eliminar esse medo, depois atiro o teste de paternidade — ainda dentro da embalagem — para o caixote do lixo.

Há lágrimas nos olhos dela e, por mais que tente escondê-lo, há um sorriso nos cantos dos seus lábios. Abraço-a e, por vários segundos, apenas nos fitamos. Ela está a olhar para mim e eu para ela, e, nesse momento, ambos sabemos tudo o que é preciso saber.

Não importa como é que os membros da minha família chegaram até mim. O que importa é que esta é a minha família. Eu e ela e o nosso filho.

AGRADECIMENTOS

Passaram-se anos desde que publiquei pela primeira vez este livro, por isso desculpem-me por ceder ao meu medo de me esquecer de mencionar alguém e fazer, por essa razão, um agradecimento mais geral. Mas foram muitos dias e muitos livros escritos depois deste, por isso OBRIGADA a todos os que me incentivaram ao longo do caminho de escrita de *Tarde Demais*.

Não faço ideia porque é que não houve inicialmente uma página de agradecimentos. Que estúpida fui por não ter escrito uma assim que terminei o livro, mas, na verdade, se fizeram parte do grupo inicial de leitores, sabem que nunca houve realmente um fim oficial. Depois de cerca de vinte e sete epílogos, devo ter desistido de chegar a um ponto final e agradecer às pessoas que me tinham acompanhado.

Porém, aqui estamos, tantos anos depois, e apesar de não me lembrar de cada um de vocês pelo nome, lembro-me do grupo no qual este livro ganhou vida, e foi TÃO divertido! Sem dúvida, uma das minhas maiores experiências de escrita. A expectativa de um novo capítulo, a alegria quando vocês recebiam as notificações, a zanga depois de o terem lido — foi uma viagem muito divertida. Vocês, o grupo de *Too Late*, estão aqui praticamente desde o início da minha carreira na escrita. Aplaudiram comigo e choraram comigo e regozijaram-se comigo e apoiaram-me e nunca poderei agradecer-vos o suficiente.

A todos os membros do grupo de Facebook Colleen Hoover CoHorts, novos e antigos, obrigada por adorarem ler. Por causa do

vosso passatempo, eu tenho uma carreira. Por vossa causa, sou feliz.

Às minhas agentes, Jane Dystel, Lauren Abramo, Miriam Goderich e ao resto da equipa DG&B, obrigada por tudo o que fazem.

À Karen Kosztolnyik e à Rachael Kelly, obrigada pela vossa paciência enquanto eu tentava rever este manuscrito, e obrigada ao resto da equipa da Grand Central Publishing pela pressão para pôr este livro nas mãos dos leitores e nas prateleiras das livrarias pela primeira vez!

À minha fantástica equipa, Hoover Ink, Stephanie Cohen, Erika Ramirez e Claudia Lemieux, obrigada do fundo do coração por porem sempre a minha felicidade em primeiro lugar.

Obrigada à Susan Rossman por tudo o que faz pelo Book Bonanza.

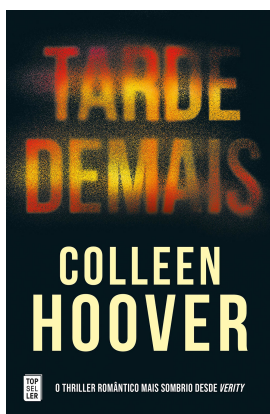
Um ENORME obrigada à minha mãe, ao meu marido, aos meus filhos e irmãs IRMÃOS (AGORA TENHO UM IRMÃO) por serem os meus melhores amigos.

E a vocês, queridíssimos leitores, obrigada pelo vosso apoio interminável. Espero sinceramente que tenham desfrutado deste livro e estou ansiosa por vos dar mais! Estou-vos mais grata do que julgam.

Com afeto,
Colleen Hoover

SOBRE ESTE LIVRO

**UMA PERIGOSA TEIA DE AMOR OBSESSIVO DA QUAL É
PRECISO ESCAPAR ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS**



Decidida a fazer de tudo para proteger aqueles que ama, Sloan encontrou em Asa Jackson o apoio financeiro para ajudar a família e a estabilidade de que tanto necessitava. Mas o facto de Asa ser um reconhecido traficante de droga fez com que Sloan se visse obrigada a pôr em causa os seus princípios morais demasiadas vezes.

Com Sloan cada vez mais dependente dele, Asa começou a desenvolver por ela uma verdadeira obsessão, levando-a a recriar esta perturbadora relação, cada dia mais tóxica e perigosa e sem saída à vista.

Quando o misterioso Carter entra em cena, Sloan sente que algo está prestes a mudar, mas nada lhe garante que ele não seja apenas mais um dos cúmplices de Asa. Poderá Sloan confiar nele e enfrentar Asa, sabendo os riscos que corre? Ou estará ela já demasiado enredada em toda esta teia?

SOBRE COLLEEN HOOVER

Colleen Hoover é uma autora norte-americana bestseller do *New York Times* que tem vindo a comover milhares de leitores em todo o mundo com os seus fantásticos romances, já traduzidos para cerca de 30 línguas. Na sua vasta lista de obras incluem-se *Um Caso Perdido*, *Uma Nova Esperança*, *Amor Cruel*, *Confesso*, *9 de Novembro*, *Isto Acaba Aqui*, *A Ilusão de Merit*, *Verity*, *Sempre Tu*, *Layla*, *Se Fosse Perfeito*, *Corações Feridos*, *Isto Começa Aqui*, *Tudo Me Lembra de Ti*, *Talvez Um Dia*, *Nunca Jamais* (em coautoria com Tarryn Fisher), *Talvez Agora* e *Tarde Demais*, publicados em Portugal pela Topseller.

Colleen cresceu numa quinta, no Texas, casou-se quando tinha 20 anos e tirou uma licenciatura em Serviço Social. Trabalhou nos Serviços de Proteção de Menores, antes de voltar aos estudos para concluir a sua formação em Educação Especial e Nutrição Infantil.

Vive com o marido e os três filhos no Texas. Em 2015, criou The Bookworm Box, um clube de subscrição de livros autografados pelos respetivos autores e cujos fundos se destinam a instituições de solidariedade social.

Saiba mais sobre a autora:

www.colleenhoover.com

TikTok: [@colleenhoover](https://www.tiktok.com/@colleenhoover)

Instagram: [@colleenhoover](https://www.instagram.com/colleenhoover)